

**Maria Cristina Soares Paniago
(org.)**

**Mészáros
e trotskistas
europeus**

Debate crítico sobre
a transição ao
socialismo

MÉSZÁROS E TROTSKISTAS EUROPEUS

DEBATE CRÍTICO SOBRE
A TRANSIÇÃO AO SOCIALISMO

UMA COMPILAÇÃO DE TERRY BROTHERSTONE

MÉSZÁROS E TROTSKISTAS EUROPEUS

DEBATE CRÍTICO SOBRE
A TRANSIÇÃO AO SOCIALISMO

UMA COMPILAÇÃO DE TERRY BROTHERSTONE

*Maria Cristina Soares Paniago
(Organizadora)*

1ª Edição
Fevereiro de 2025



Tradução: Rafael G. Barbieri

Revisão da tradução: Frederico Lambertucci e Mariana Ensina

Revisão de português: Daniele Faria

Pesquisa das notas de rodapé (edição em português): Cecília Espasandin e Maria Echeverriorda

Edição e preparação: Roberto Kroupa e Maria Cristina Soares Paniago

Pesquisa e localização dos textos: Terry Brotherstone

Diagramação: Coletivo Veredas

Organizadora: Maria Cristina Soares Paniago

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mészáros e Trotskistas Europeus: debate crítico sobre a transição ao socialismo / Maria Cristina Soares Paniago (organizadora); uma compilação de Terry Brotherstone; [tradução Rafael G. Barbieri]. — 1. ed. — Maceió, AL : Coletivo Veredas, 2025.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-88704-42-4

1. Mészáros. 2. Trotskismo. 3. Marxismo. 4. Classe revolucionária. 5. Transição ao socialismo. I. Maria Cristina Soares Paniago, org.

25-250605

CDD-320

Índices para catálogo sistemático:

1. *Ciência política* 320

Bibliotecária responsável: Eliete Marques da Silva - CRB-8/9380

Os direitos do texto *A Tribute to István Mészáros (1930–2017)* (Um tributo a István Mészáros (1930–2017)), da autoria de Terry Brotherstone, são protegidos por lei, sendo vetada sua cópia (total ou parcial), reprodução e distribuição fora desta coletânea. *A Tribute to István Mészáros (1930–2017)*, Brotherstone Terry, Critique: Journal of Socialist Theory, copyright © 2018 Critique, reprinted by permission of Informa UK Limited, trading as Taylor & Francis Group, www.tandfonline.com on behalf of 2018 Critique. Version 1.10

Os demais textos estão licenciados sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>. Esta licença permite cópia (total ou parcial), distribuição, e ainda, que outros remixem, adaptem, e criem a partir deste trabalho, desde que atribuam o devido crédito ao autor(a) pela criação original.

Coletivo Veredas
www.coletivoveredas.com.br

SUMÁRIO

Apresentação	7
<i>Maria Cristina Soares Paniago</i>	
Prefácio – Discussões com István Mészáros: Um Prefácio Pessoal	15
<i>Terry Brotherstone</i>	
1. Um tributo a István Mészáros (1930–2017)	39
<i>Terry Brotherstone</i>	
2. Para Além do Capital, consciência de classe e estratégia política – 1992/1997.....	63
<i>István Mészáros</i>	
3. Cliff Slaughter (1928-2021): uma vida para a revolução e seu legado desafiador.....	89
<i>Terry Brotherstone</i>	
4. Pensando sobre o futuro do Marxismo – 1999.....	117
<i>Terry Brotherstone (coordenação)</i>	
5. Grupo de debate sobre o agente social revolucionário na transição socialista – 2012	157
<i>Terry Brotherstone (coordenação)</i>	

APRESENTAÇÃO

Por uma mera casualidade, motivados pelo permanente interesse em estudar e divulgar o pensamento de István Mészáros, “caiu” em nossas mãos alguns textos em que se pôde conhecer a significativa e influente participação de Mészáros no debate sobre a transição ao socialismo com intelectuais e militantes trotskistas, na Grã-Bretanha, na virada para o século XXI.

Ao ler em três notas de rodapé, no Prefácio (de John Bellamy Foster) do último livro publicado de Mészáros – *Para Além do Leviatã - Crítica do Estado* (Boitempo, 2021) –, referências a uma homenagem, após o seu falecimento, publicada por Terry Brotherstone, na Inglaterra, em 2018, entramos em contato com o autor.

A partir de março de 2023, nos foram fornecidos alguns textos por Brotherstone, os quais passaram a constituir os cinco capítulos desta coletânea. Textos que revelavam uma trajetória de Mészáros de intervenção política pessoal num campo marxista mais amplo, interagindo com trotskistas históricos, que desenvolviam uma crítica profunda, desde os anos 1990, à sua longa história partidária no movimento dos trabalhadores na Grã-Bretanha.

O título da coletânea – *Mészáros e trotskistas europeus - debate crítico sobre a transição ao socialismo - uma compilação de Terry Brotherstone* –, cabe ressaltar, considera esse conjunto de militantes e intelectuais trotskistas, em sua enorme maioria da Grã-Bretanha, mencionados, por vezes, em mais de um capítulo, mas não só, pois a temática da transição socialista envolveu indivíduos da França, Grécia e Espanha, ou que estavam envolvidos com a luta da classe trabalhadora em outros países da Europa.

A escolha do título se deu por essa razão, e também para marcar as presumíveis diferenças entre a história e a trajetória do trotskismo nos demais continentes.

Não se tratam de textos teóricos originais de Mészáros, nem de ideias desconhecidas, mas de uma objetivação vívida do que contém sua obra mestra – *Para Além do Capital – rumo a uma teoria da transição* (*Beyond Capital – towards a theory of transition*, no original em inglês) –, ao entrar num debate sobre os problemas prático-teóricos da transição socialista, vista por outras correntes marxistas e por experiências militantes do movimento internacional da classe trabalhadora. Declaradamente cada um a seu modo, como se verá nos capítulos da coletânea, mas tendo em comum o interesse em superar a crise do marxismo e em tornar possível a superação revolucionária do domínio planetário do capital.

Esse material documental tem seus limites, na medida em que dois dos maiores capítulos são transcrições de falas dos participantes, num debate informal, todavia, centrado em seus objetivos e temas de enorme relevância, previamente acordados. Certamente, podem provocar insatisfação e dúvida quanto às ideias defendidas, carentes de maior clareza e aprofundamento, algumas controversas, marcadas pelas características de cada evento (os debates de 1999 e 2012), do formato definido nos tributos póstumos (de Mészáros e Slaughter), e, em menor grau, das palestras de Mészáros, proferidas em Londres (1992) e Edimburgo (1997).

Nada, no entanto, diminui a importância da coletânea e a possibilidade de trazer ao nosso conhecimento, no Brasil, tais acontecimentos, pois podem elucidar de modo mais ilustrativo a trajetória e a importância de Mészáros no debate marxista contemporâneo. Como também demonstrar a preocupação compartilhada, ainda que com avaliações e conclusões divergentes, com o futuro da luta revolucionária dos trabalhadores por outras correntes do marxismo que, no geral, atuam de forma excludente na luta de classe no mundo.

Algumas anotações editoriais necessárias.

A finalidade desta publicação é ampliar seu alcance a um leitor que ultrapasse os meios acadêmicos, e interessar àqueles que estejam envolvidos diretamente, ou indiretamente, nos

mais diversos espaços de luta contra a exploração do trabalho e a alienação pelo capital.

Com esse objetivo, acrescentamos inúmeras notas de rodapé (onde se vê: N. E.), com a intenção de possibilitar ao leitor recordar as referências históricas mencionadas na coletânea, como também obter maiores informações sobre instituições, personalidades e obras citadas. Excepcionalmente, para alguns poucos participantes dos debates, a informação é insuficiente por escassez de fontes de busca. As notas de rodapé incluídas por Terry Brotherstone aparecem como (T. B.).

Por se tratar de tradução do inglês de textos (nem todos dominam o idioma), que se reportam à situação da luta política referenciada à Grã-Bretanha, optamos por traduzir para o português o nome das obras mencionadas no corpo do texto, colocando-as entre parênteses, e nas notas de rodapé indicamos as referências de obras já publicadas em português.

Pelos mesmos motivos, flexibilizamos algumas normas exigidas para textos acadêmicos (ex. o uso de itálicos, ou a bibliografia no final...), sempre com o intuito de tornar os capítulos formalmente mais fluidos, facilitando a melhor compreensão de temas tão densos e ricamente indicativos quanto à natureza dos enormes problemas atuais que enfrentamos na luta contra o capital, e em defesa de um socialismo que historicamente ainda não alcançamos realizar.

Procuramos preservar, o mais fielmente possível, o estilo e a terminologia utilizada no original em inglês, bem como o modo como estão estruturados, em sua diversidade, os capítulos da coletânea. Em respeito à natureza dos textos, os quais dificultam, dada sua procedência, uma recomendável uniformização editorial.

Sobre Terry Brotherstone - sem o qual essa coletânea não seria possível.

Pode-se observar que um trabalho de registro e de documentação de eventos, aparentemente de utilidade apenas local e momentânea, projeta-se para o futuro, o que só se torna possível

na visão de quem vive mirando o que ainda está por vir – a revolução socialista. O trabalho de transcrição dos eventos referidos e dos textos publicados na coletânea, sob a coordenação editorial ou autoria de Brotherstone, revelam uma preocupação imanente em semear o futuro com a crítica do passado, pois do contrário se começaria tudo novamente, de maneira circular, repetindo-se os mesmos descaminhos na luta pela emancipação do trabalho.

Isso não quer dizer que o registro histórico crítico do passado projete as respostas positivas e imediatas que necessitamos, mas sem o compromisso com um futuro emancipador, que se consolida no decorrer da vida, muitas vezes assolada por tragédias e desvios político-teóricos de enormes consequências históricas, mesmo isso estaria perdido no tempo. Vemos assim a relevante contribuição de Brotherstone e seus registros editoriais, desde os anos 1990, que agora divulgamos.

O próprio Brotherstone reconhece que aqueles teóricos e militantes não são os mesmos hoje, como vistos nos anos 1990. Ao contrário de outros, muitos buscaram alternativas, a unificação e a ampliação dos debates críticos, o questionamento das concepções de organização e de luta revolucionária ossificadas pelas derrotas do passado. Com esta perspectiva, a aproximação teórica de parte desses militantes trotskistas com Mészáros, que se dedicou a investigar criticamente a crise do marxismo, ganha um sentido verdadeiro, como se pode ver nesta coletânea.

Uma nova teoria da transição, em tempos de crise estrutural, foi o maior objetivo de Mészáros, e nesta coletânea é percebida sua contribuição indelével se espalhar em diversas direções, conjugar-se com um setor significativo do trotskismo europeu ao ouvir e ser ouvido entre camaradas, ainda que de origens teóricas nitidamente distintas e de futuro comum incerto.

O último capítulo da coletânea termina com a expectativa de que se dê continuidade às discussões.

O que nos moveu a oferecer essa simples coletânea, sem termos qualquer especialidade em atividades editoriais, foi se-

guir a proposição de divulgar e provocar, de todo modo possível, mais debates sobre as grandes questões da transição ao socialismo. Entendemos que não há tempo a perder!

Notas biográficas de Terry Brotherstone.

Terry Brotherstone é um pesquisador emérito da Universidade de Aberdeen, no nordeste da Escócia, onde, de 1968 a 2008, lecionou história moderna e contemporânea das Ilhas Britânicas e teoria histórica. Publicou artigos, entre outros, sobre história trabalhista escocesa (notavelmente sobre o revolucionário marxista da Primeira Guerra Mundial, John Maclean e “Red Clydeside”), sobre o Partido Comunista Britânico, sobre a indústria offshore do Mar do Norte, sobre a importância do movimento de independência escocês, e sobre marxismo e história cultural. Editou ou coeditou e contribuiu para livros e edições de periódicos sobre as tradições radicais escocesas e irlandesas, reavaliando Trotsky, estudos sobre marxismo e, historiografia, norte da Escócia e a indústria do petróleo, e história de gênero.

Foi um sindicalista ativo, que atuou como presidente do University and College Union Scotland, de 2007 a 2009, e no Conselho Geral do Scottish Trades Union Council, em 2009-10.

Foi atraído para o movimento trotskista após os eventos em Paris e a repressão à “Primavera de Praga”, em 1968, no período de militância da classe trabalhadora britânica, que culminou com a queda, em 1974, do governo conservador de Edward Heath, sob a pressão da ação industrial do Sindicato Nacional dos Mineiros.

Juntou-se à Socialist Labour League, em 1970, que se tornou o Workers Revolutionary Party (WRP) três anos depois, contribuindo para seus jornais diários, *Workers Press* e *NewsLine*, e os periódicos *Fourth International* e *Labour Review*. Posteriormente, Brotherstone também se juntou ao conselho editorial, e contribuiu para a principal revista marxista anti-stalinista de língua inglesa, *Critique*.

Com a implosão e descrédito do WRP, em 1985, e o colapso efetivo do stalinismo, em 1989-91, participou de discussões com socialistas críticos da antiga União Soviética, e em iniciativas de solidariedade internacionalistas como a Workers Aid for Bosnia (mais tarde para Kosovo).

Como outros, apoiou Cliff Slaughter em seu repensar o marxismo e a prática revolucionária, após o descrédito e o fracasso da “construção partidária” sectária do final do século XX, particularmente quando o projeto de Slaughter começou a se basear em *Beyond Capital*, de István Mészáros, e outros trabalhos.

Entre as publicações mais recentes de Brotherstone, além dos tributos obituários a István Mészáros e Cliff Slaughter, reproduzidos em tradução nesta coletânea, estão “In the Shadow of Fascism and War”: A Village Dominie’s Son and His Part in Twentieth-century Historical Memory”, em Stuart Hood: Twentieth-century Partisan, eds. D. Hutchison e D. Johnson (Newcastle upon Tyne, Cambridge Scholars Publications, brochura, 2023); “Rumo à extinção... ou esperança?”, um artigo de revisão sobre Crude Britannia: How Oil Shaped a Nation, de James Marriott e Terry Macalister (The Ecologist online, 27 de agosto de 2021); e “John Maclean no século XXI” em John Maclean: the Speech from the Dock, eds. E. Gibbs e R. Scothorne (Glasgow, Scottish Labour History Society, 2018).

Agradecimentos

Sendo esta uma publicação autofinanciada, agradeço a todos que colaboraram, coletivamente, com seu trabalho militante no processo de preparação e revisão da coletânea. Como também a todos os profissionais que se dispuseram a tornar financeiramente possível a contratação de suas especialidades, e por nos apoiarem de forma dedicada e solidária.

Ao Terry Brotherstone, por nos confiar o material a ser publicado, já que não nos conhecíamos, e passamos a nos co-

municar, nesses dois anos, apenas por email; e pelo constante e gentil apoio a todas as nossas insistentes demandas por informações adicionais.

Ao Coletivo Veredas por possibilitar, com base em um trabalho coletivo, esta publicação.

Maria Cristina Soares Paniago

PREFÁCIO

DISCUSSÕES COM ISTVÁN MÉSZÁROS: UM PREFÁCIO PESSOAL

TERRY BROTHERSTONE

Esta coletânea – direcionada a socialistas que desejam aprofundar seu engajamento com as ideias e o trabalho teórico do filósofo político marxista húngaro István Mészáros – apresenta aos leitores de língua portuguesa duas diferentes categorias de textos. A primeira – textos 1 e 3 – é composta por minhas homenagens póstumas, publicadas anteriormente em inglês na revista socialista *Critique*, tanto para Mészáros (1930-2017) quanto para o teórico e ativista marxista britânico Cliff Slaughter (1928-2021)¹. A relação intelectual e pessoal entre Mészáros e Slaughter se desenvolveu no período seguinte ao colapso final do sistema stalinista e da própria União Soviética, em 1989-91. O segundo grupo de textos – 2, 4 e 5 – são transcrições parciais derivadas de reuniões políticas e palestras das quais Mészáros participou, que foram organizadas por apoiadores de um grupo de camaradas de Slaughter, durante a década de 1990 e os primeiros anos do século XXI. Esses documentos estavam anteriormente disponíveis apenas em revistas efêmeras de pequena

¹BROTHERSTONE, Terry. A Tribute to István Mészáros (1930-2017), in: *Critique: Journal of Socialist Theory*, 46 (2), 2018, pp. 327-337; e SLAUGHTER, Cliff. 1928-2021, in: *Critique: Journal of Socialist Theory*, 50 (1), 2022, pp. 251-266. (T. B.)

circulação, ou através de listas de e-mail personalizadas². O fato de terem atraído interesse intercontinental entre pensadores e ativistas socialistas é muito bem-vindo: isso exige alguma contextualização, alguma explicação das circunstâncias em que estes documentos foram produzidos.

A ideia que espero dar coerência a esta coletânea é a de que o envolvimento com o trabalho de Mészáros possui, para dizer o mínimo, um importante papel a ser desempenhado no desenvolvimento do marxismo no século XXI. E, portanto, um papel, da mesma forma, importante na teorização prática de como a consciência da classe trabalhadora deve se desenvolver internacionalmente, se quisermos realizar a transição historicamente necessária “para além do capital” – isto é, a mudança radical sistêmica, sociometabólica (para usar o termo de Mészáros) – da qual depende o futuro socialista da humanidade. Não é por acaso, portanto, que foi na América Latina, continente no qual Mészáros teve relações estreitas e depositou grandes esperanças – e no Brasil, em particular (país em que ele legou sua biblioteca para a Universidade Estadual de Campinas) – que a relevância, dessas discussões, além do mundo de língua inglesa e além da Europa, foi reconhecida. O fato de que Mészáros é aqui capturado de maneira informal, explicando algumas de suas principais ideias de maneira sucinta para pequenos grupos, pode ajudar, oferecendo uma maior clareza para os leitores que desejam se aprofundar em suas principais obras – obras que, às vezes, podem parecer difíceis e que geralmente são escritas do modo que ele considerava indispensável, mas que para outros pode parecer intimidador.

² Workers International Press, vol. 2 (1-2), Edimburgo, 1997-8, ed. Terry Brotherstone, pp. 41-7; Work in Progress: a Bulletin to Promote Discussion about the Future of Socialism, no. 1, Edimburgo, 2001, ed. Terry Brotherstone, pp. 17-28; The October 27 Agency Group’: transcript of a meeting at Birkbeck College, University of London, on 27 October 2012, disponível com Terry Brotherstone (t.brotherstone@abdn.ac.uk). (T.B.)

Um aspecto mais específico é que os públicos a que Mészáros se dirigia nestas reuniões [referidas acima, no segundo grupo de textos - N. E.] era composto por grupos de camaradas cujas experiências, nos anos anteriores ao cruzarem seus caminhos políticos com o dele, haviam sido muito diferentes. Esse ponto pode talvez ser melhor ilustrado ao comparar as trajetórias seguidas por Mészáros e por Slaughter, entre meados da década de 1950 e meados da década de 1990. Em 1956, após a brutal repressão da Revolução Húngara antistalinista³ – na qual ele desempenhou um papel ativo como membro do oposicionista Círculo Petőfi⁴ (o foco do que ele posteriormente escreveu como “a revolta dos intelectuais”⁵) – Mészáros teve que deixar sua terra natal, eventualmente se estabelecendo na Escócia, no início dos anos 1960 e, depois, na Inglaterra. Mais ou menos na mesma época, Slaughter, um professor de antropologia social em uma universidade no norte da Inglaterra, respondeu às notícias do “discurso secreto” de Nikita Khrushchev no 20º congresso do Partido Comunista da União Soviética⁶, que expôs parcialmente os crimes de Stalin, e aos eventos hún-

³ Revolução Húngara, 1956. A Revolução Húngara foi uma revolta popular contra as políticas impostas pelo governo da República Popular da Hungria e pela União Soviética, que durou de 23 de outubro até 10 de novembro de 1956. O levantamento foi duramente reprimido pelas tropas soviéticas. (N. E.)

⁴ Os chamados círculos Petőfi eram uma série de fóruns intelectuais em que estudantes, escritores e jornalistas se reuniam para discutir os problemas enfrentados pela Hungria no período que antecedeu a revolta de 1956. Seu nome é uma homenagem ao poeta revolucionário húngaro Sándor Petőfi (1823-1849). (N. E.)

⁵ MÉSZÁROS, István. *La rivolta degli intellettuali in Ungheria*, Turin: Giulio Einaudi Editore, 1958. Edição em português: *A revolta dos intelectuais na Hungria*, São Paulo: Boitempo, 2018. (T. B.)

⁶ Nikita Khrushchev (Kalinovka, 1894 – Moscou, 1971). Político soviético. Foi Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética de 1953 a 1964 e presidente do Conselho de Ministros, de 1958 a 1964. Em 25 de fevereiro de 1956, no XX Congresso do Partido, ele proferiu o “Discurso Secreto” ou Relatório Krushchev, no qual denunciou o culto de personalidade e os expurgos de Josef Stalin. (N. E.)

garos, rompendo com o Partido Comunista da Grã-Bretanha (CPGB)⁷, e juntando-se ao grupo trotskista britânico que mais tarde se tornaria a Liga Socialista dos Trabalhadores e, em 1973, o Partido Revolucionário dos Trabalhadores (WRP)⁸.

Avançando quarenta anos, Mészáros finalmente pôde, em 1995, concluir e publicar sua obra-chave, *Beyond Capital: Towards a Theory of Transition* (Para Além do Capital: Em Direção a uma Teoria da Transição)⁹; e, no ano seguinte, foi lançado o livro de Slaughter *A New Party For Socialism – Why? How? When? By Whom? On what programme?* (Um Novo Partido para o Socialismo – Por quê? Como? Quando? Por quem? Com que programa?)¹⁰. A diferença entre os dois títulos reflete as diferentes experiências práticas dos dois autores, que durante todo o período – cada um à sua maneira, e de forma bastante independente um do outro – dedicaram-se à luta contínua pelo socialismo.

Por um lado, há o ousado convite de Mészáros para participar de uma nova abordagem que foi o produto de um

⁷ Partido Comunista da Grã-Bretanha (Communist Party of Great Britain, CPGB). Foi fundado em 1920 e dissolvido em 1991. (N. E.)

⁸ Partido Revolucionário dos Trabalhadores (Workers Revolutionary Party, WRP). Organização trotskista britânica criada em 1973. Começou, em 1947, como uma facção do Partido Comunista Revolucionário (Revolutionary Communist Party, RCP), conhecida como O Clube (The Club), sob a liderança de Gerry Healy, que propôs ao grupo trabalhar dentro do Partido Trabalhista (Labour Party). O Clube era uma das maiores seções do Comitê Internacional da Quarta Internacional (International Committee of the Fourth International, ICFI). Em 1959, tornou-se a Liga Socialista do Trabalho (Socialist Labour League) até a fundação do Partido Revolucionário dos Trabalhadores, em 1973. Em 1985, Healy foi expulso do partido, que passou a ser liderado por Cliff Slaughter. (N. E.)

⁹ MÉSZÁROS, István. *Beyond Capital: Toward a Theory of Transition*, Londres: Merlin Press, 1995. Edição em português: *Para Além do Capital: Rumo a uma teoria da transição*, São Paulo: Boitempo, 2002. (N. E.)

¹⁰ SLAUGHTER, Cliff. *A New Party For Socialism – Why? How? When? By Whom? On what programme?* London: Workers Revolutionary Party, Workers Press, 1996. (N. E.)

quarto de século, ou mais, de um focado trabalho teórico, enquanto ele lidava com as lições do esmagamento da “muito promissora” Revolução Húngara, e com as implicações para o marxismo do que ele passou a ver como as limitações teóricas de seu mentor, camarada e amigo, György Lukács¹¹. Por outro lado, está a insistência de Slaughter na necessidade de fazer perguntas criticamente inflexíveis – em um livro que agora parece ser o caminho a um processo de repensar, que ele havia começado durante a implosão do WRP em 1985 – sobre as conclusões a serem tiradas de várias décadas de dedicação à construção de um partido, que foi, em última análise, infrutífera. Mészáros, é claro, teve muitos interlocutores enquanto participava, especialmente na América Latina, do discurso político e teórico internacional. Mas o que talvez, possa ser particularmente derivado de suas trocas com o que, para simplificar (e ainda que de maneira débil), chamarei de “o grupo de Slaughter”, é a importância de suas ideias para os socialistas, cuja devoção ao trotskismo havia se tornado uma barreira para escapar do sectarismo que caracterizou grande parte da atividade revolucionária pretendida no período.

No período da Guerra Civil Espanhola¹² e dos Julgamentos

¹¹ Ver, especialmente: MÉSZÁROS, István. *Beyond Capital: Toward a Theory of Transition*, Londres: Merlin Press, 1995, pp. 281-422; para a crítica menos empática de Cliff Slaughter a Lukács, ver o seu *Marxism. Ideology and Literature*, Londres e Basingstoke: Macmillan, 1980, pp. 114-49. (T. B.) Georg Lukács (Budapeste, 1885 - 1971). Filósofo e crítico literário. Membro do Partido Comunista da Hungria (Magyar Kommunista Párt - KMP) a partir de 1918. Comissário do Povo para a Educação e Cultura da República Soviética da Hungria, em 1919. Professor de Estética na Universidade de Budapeste e Membro da Academia de Ciências Húngara, desde 1945. Foi professor, mestre e amigo de Mészáros, o qual estudou com Lukács na Universidade de Budapeste. (N. E.)

¹² Guerra Civil de Espanha. Decorreu entre 1936 e 1939. Desencadeada pela tentativa de golpe de Estado de parte do exército liderado por Francisco Franco contra o governo eleito da Segunda República (1931-1939), composto pela Frente Popular. Após o triunfo do lado sublevado em 1939, o Estado espanhol viveu sob a ditadura de Franco até à sua morte em 1975. (N.E)

de Moscou¹³, passando pela Segunda Guerra Mundial¹⁴ e nos anos pós-guerra, o stalinismo, por meio de repressão violenta e dominação ideológica, conseguiu confinar, em grande parte, o trotskismo a pequenos grupos de revolucionários, isolados da consciência dominante na classe trabalhadora. No entanto, com as rachaduras surgindo no monólito stalinista na Alemanha Oriental, Polônia e Hungria, nos anos 1950, e, especialmente, na Tchecoslováquia, em 1968, muitos jovens – radicalizados pelo movimento antiapartheid¹⁵, pela oposição à guerra estadunidense no Vietnã¹⁶, e desiludidos com os fracassos da social-democracia – foram capazes de reconhecer a realidade da União Soviética e encontrar inspiração política na história de Trotsky¹⁷, a partir de sua análise política convincente e de

¹³ Julgamentos de Moscou. Foram uma série de julgamentos dos opositores de Josef Stalin ocorridos entre 1936 e 1938 na União Soviética, durante a violenta campanha de repressão política (o Grande Expurgo). Os processos culminaram com a execução de vários membros do Partido Comunista da União Soviética, que foram figuras importantes durante a Revolução de Outubro de 1917. (N.E)

¹⁴ Segunda Guerra Mundial. Decorreu entre 1939 e 1945. Os oponentes eram as potências do Eixo, lideradas pela Alemanha, Itália e Japão, contra os Aliados, liderados pelo Reino Unido, França, Estados Unidos, União Soviética e China. (N. E.)

¹⁵ Apartheid. Sistema de segregação racial ocorrido entre 1948 e início da década de 1990, na África do Sul e na Namíbia. Na década de 1950, a intensificação da discriminação levou o Congresso Nacional Africano (ANC) a desenvolver um movimento de resistência que incluía desobediência pública e marchas de protesto. (N. E.)

¹⁶ Guerra do Vietnã. Guerra travada entre 1955 e 1975, que opôs o governo comunista do Vietnã do Norte e os seus aliados no Vietnã do Sul (Frente Nacional de Libertação do Vietnã, conhecida como Viet Cong), apoiados pela China e pela União Soviética, ao governo do Vietnã do Sul e ao seu principal aliado, os Estados Unidos. Resultou na vitória dos vietcongs, na expulsão dos americanos e na unificação do Vietnã, em 1976. (N. E.)

¹⁷ Leon Trotsky (Ivanovka, 1879 – Coyoacán, 1940). Escritor, político e revolucionário soviético. Presidente do Soviete de Petrogrado (outubro – novembro de 1917), organizador do Exército Vermelho e Ministro de assuntos Navais e de Defesa da União Soviética (1918-1925), Membro do Politburo

suas obras vigorosamente escritas. Os grupos trotskistas rivais – ainda de muitas maneiras caracterizados por suas existências sectárias – encontraram-se com novos grupos de recrutas. Na Grã-Bretanha, o que se tornaria o WRP, medido por suas realizações organizacionais – um jornal diário, livrarias, centros juvenis, publicações substanciais (ao menos algumas delas de real valor), muitas campanhas e comícios impressionantes – poderia plausivelmente ser considerado como o mais bem-sucedido desses grupos sectários, embora sua alegação de ser um partido revolucionário se preparando para o poder, como agora se pode ver, fosse ilusória.

Embora houvessem momentos e situações particulares em que os membros do partido tinham posições respeitadas e alguma influência no movimento operário, as realizações do WRP dependiam em grande medida do ativismo ininterrupto e permanente dos seus membros. A visibilidade do grupo dependia desse ativismo, e não de uma relação orgânica e prática com a classe trabalhadora e sua consciência. A partir de 1969, o grupo sobreviveu através da publicação de análise política e econômica no jornal diário, que se centrava inexoravelmente nos indícios da crise crescente do capitalismo¹⁸. O colapso, em 1971, do Sistema de Bretton Woods, iniciado em 1944, que

do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Afastado do controle do partido por Josef Stalin, Trotsky foi expulso deste e exilado da União Soviética, refugiando-se no México, onde veio a ser assassinado por um agente da polícia stalinista. Suas ideias políticas deram origem ao trotskismo, organizado internacionalmente em torno da Quarta Internacional. (N. E.)

¹⁸ Workers Press, 1969-76; The NewsLine, 1976-85. Após a cisão de 1985, o grupo politicamente liderado por Slaughter, que havia expulsado Healy, reativou o Workers Press como um semanário (sobrevivendo em diferentes formatos até 1996). Confusamente, esse grupo, relutante em ceder legitimidade aos seus oponentes, continuou, até meados da década de 1990, a usar a designação 'WRP': era o WRP (Workers Press) em oposição ao WRP (NewsLine). Mas, ao contrário deste último, havia abandonado a ilusão de ser "o partido revolucionário". O NewsLine continua a defender a política sectária do ainda existente, mas bastante diminuído, WRP. (T. B.)

havia sustentado os acordos comerciais mundiais com base na conversibilidade do dólar americano em ouro¹⁹, o aumento desestabilizador dos preços do petróleo após a Guerra do Yom Kippur, de 1973²⁰, e a percepção da iminente derrota do imperialismo dos EUA no Vietnã foram eventos preeminentes em uma série de desenvolvimentos sem precedentes que pareciam apoiar a ideia de que a crise não era apenas grave, mas sistematicamente terminal. A aceitação das formulações de 1938 de Trotsky, de que a crise da humanidade estava centrada na crise da liderança da classe trabalhadora, e de que o Programa de Transição da Quarta Internacional²¹ mostrava o caminho para a revolução socialista, impôs aos revolucionários aspirantes a obrigação de organizar partidos da Quarta Internacional. As crescentes lutas de classes e algumas vitórias significativas da classe trabalhadora na Grã-Bretanha, culminando na queda, em 1974, de um governo de um Partido de direita diante de ações industriais dos mineiros de carvão, deram certa credibilidade à

¹⁹ Acordos de Bretton Woods. Referem-se ao conjunto de medidas definidas na Conferência Monetária e Financeira das Nações Unidas, realizada em 1944, com o objetivo de regular o sistema monetário e a ordem financeira mundial. Foi decidida a criação do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional e a utilização do dólar americano como moeda de referência internacional. Estes acordos também estabeleceram o padrão-ouro, um sistema monetário que fixava o valor do dólar em termos de uma determinada quantidade de ouro. (N. E.)

²⁰ Guerra do Yom Kippur. Foi um conflito que ocorreu em outubro de 1973 entre uma coalizão de estados árabes, liderada pelo Egito e pela Síria, contra Israel. A guerra fez parte do conflito árabe-israelense que começou após a formação do Estado de Israel em 1948. No feriado judaico do Yom Kippur, as forças egípcias e sírias cruzaram as linhas de cessar-fogo no Sinai e nas Colinas de Golá, territórios que haviam sido capturados por Israel em 1967, durante a Guerra dos Seis Dias. Uma das consequências dessa guerra foi a crise do petróleo, já que os estados árabes, membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo, boicotaram a distribuição para os Estados Unidos e os países europeus em retaliação ao seu apoio a Israel. (N. E.)

²¹ TROTSKY, Leon. Programa de Transição: a agonia mortal do capitalismo e as tarefas da IV Internacional, Conferência de fundação da Quarta Internacional, setembro de 1938. (N. E.)

ideia de que o país que, no século XVII, havia tido a primeira revolução burguesa e, no século XIX, havia sido pioneiro no capitalismo industrial, poderia agora estar assumindo a liderança na regeneração da revolução socialista, que havia começado na Rússia em 1917, mas havia sido retrocedida pelo stalinismo.

Slaughter era pessoalmente crítico em relação ao discurso do WRP sobre a “revolução britânica iminente”²². Porém, focado em seu incansável trabalho internacional, fundamentado em algumas reais relações de camaradagem na França, Grécia e outros lugares, ele se viu incapaz de impedir que sua autoridade teórica, baseada em um domínio inegável da obra de Marx, fosse usada pelo líder autoritário do Partido, Gerry Healy²³, e seu grupo central de liderança, para apoiar seus métodos, cada vez

²² Conhecimento pessoal derivado de discussões com alguns dos camaradas mais próximos de Slaughter. Outros membros do Comitê Central, autoridades intelectuais menores que Slaughter, expressaram críticas, mas Healy, apoiado por um grupo de liderança que, no final da década de 1970, incluía algumas figuras proeminentes, embora muitas vezes teoricamente ingênuas, como a atriz Vanessa Redgrave, conseguiu manter qualquer debate desse tipo longe do partido mais amplo. Para entender a atmosfera dentro do WRP e como o Partido foi encerrado, veja, especialmente: COWEN, Clare. *My Search for Revolution & How We Brought Down an Abusive Leader*, California: Matador, 2019; e a homenagem de obituário a Slaughter abaixo. *The Party Is Always Right*, de Aidan Beatty, Londres: Pluto Press (a ser publicado, possivelmente, em 2024) é uma tentativa (a primeira) de uma história acadêmica do WRP, que também é, creio, destinada a servir como um aviso para os socialistas americanos contra uma tendência política nos EUA que perpetua a tradição do “Comitê Internacional” do WRP. O livro de Brady, enquanto escrevo este prefácio, ainda não foi publicado. (T. B.)

²³ Gerard Thomas Healy, conhecido como Gerry Healy (Ballybane, 1913 - Londres, 1989). Ativista político irlandês, militante na Grã-Bretanha. Líder do chamado “O Clube” (The Club), facção do Partido Comunista Revolucionário (Revolutionary Communist Party, RCP), em 1947. Líder da Liga Socialista do Trabalho (Socialist Labour League), em 1959, e do Partido Revolucionário dos Trabalhadores (Workers Revolutionary Party, WRP), em 1973. Durante os anos após a Segunda Guerra, permaneceu na Europa como um homem de ligação entre o partido trotskista americano, o Partido Socialista dos Trabalhadores (Socialist Worker Party, SWP) e do Secretariado Internacional da Quarta Internacional (SIQI). Healy foi expulso do WRP em 1985. (N. E.)

mais sem princípios, de construção partidária e a alegação de que sua versão particular da Quarta Internacional (o chamado “Comitê Internacional”, ou ICFI²⁴) representava o verdadeiro herdeiro da organização que o próprio Trotsky, com certeza de forma excessivamente otimista, havia anunciado em 1938.

Mais tarde, Slaughter amargamente se arrependeria de sua incapacidade de escapar da órbita organizacional de Healy, de tomar uma posição aberta contra seu método de liderança frequentemente brutal e intimidador, e do oportunismo político crescente e sua versão excêntrica (mas vigorosamente articulada) da dialética. No entanto, foi somente quando – no rescaldo do fracasso do WRP em ter qualquer impacto significativo na histórica greve dos mineiros de 1984-85, cuja derrota desacreditou decisivamente a ideia de uma revolução britânica iminente – um grupo de trabalhadores do Partido rompeu com a liderança e expôs Healy como um predador sexual, que Slaughter colocou sua autoridade intelectual e política endossando os críticos, ajudando a garantir o sucesso deles em expulsar o fundador e líder de fato do WRP; e, efetivamente, provocando a dissolução do “Partido”.

Repito isto aqui um pouco mais detalhadamente para enfatizar a situação em que o “grupo Slaughter” se encontrava nos anos entre o fim, em 1985, do arrogante WRP trotskista, ao estilo dos anos 1970, e o colapso do sistema soviético em 1989-91, quando o papel do trotskismo na história como defensor do marxismo revolucionário contra o stalinismo se tornou, como

²⁴ Comitê Internacional da Quarta Internacional (International Committee of the Fourth International, ICFI). Foi criado como resultado de uma cisão com a Quarta Internacional. Em 1953, o comitê nacional do Partido Socialista dos Trabalhadores (SWP) dos Estados Unidos publicou uma Carta Aberta aos “Trotskistas de Todo o Mundo” e organizou a formação do Comitê Internacional da Quarta Internacional. Essa divisão incluía inicialmente, além do SWP, o The Club, liderado por Gerry Healy, o Partido Comunista Internacionalista Francês, liderado por Lambert, o Partido Socialista dos Trabalhadores da Argentina, sob a liderança de Nahuel Moreno, e as seções austríaca e chinesa da Quarta Internacional. (N. E.)

guia prático, substancialmente redundante. Contra o pano de fundo dos “anos Thatcher” no Reino Unido²⁵, com seus ataques aos direitos dos trabalhadores e o pacto social que dependia do Estado de Bem-estar Social pós-Segunda Guerra Mundial, camaradas que haviam se dedicado tanto à “construção do partido” para uma revolução antecipada tiveram que se confrontar com seus destroços e a corrupção política e moral que a haviam provocado. Os detalhes das divisões organizacionais e da confusão política que se seguiram não são relevantes aqui. No entanto, do ponto de vista de como Slaughter e aqueles que continuaram a trabalhar com ele puderam, alguns anos depois, beneficiar-se do engajamento com Mészáros – no momento em que a reconfiguração radical do marxismo e seu papel na luta pelo futuro “verdadeiramente humano” de Marx estava a dar frutos – acho que vale a pena enfatizar que, em contraste com outros grupos dentro do WRP e do ICFI, que ajudaram a desacreditar Healy, o “grupo Slaughter” insistiu em uma abordagem holística para entender o que havia acontecido.

Isto é, o colapso do WRP tinha que ser analisado em todos os seus aspectos – moral (com particular atenção às relações de gênero corrompidas, cujas revelações estavam no cerne da crise do partido), cultural e teórico – e não meramente como o produto de uma análise equivocada e de um erro político. A corrupção que destruiu o WRP significava que o partido, que havia sido visto como um instrumento essencial na luta contra o capitalismo e sua corrupção dos valores humanos – isto é, lutando para trazer à existência a sociedade “verdadeiramente humana” imanente, mas ainda a ser realizada – acabou refletindo essa corrupção. Era necessária uma nova forma de pensar radical sobre o que constitui a prática revolucionária. E isso era necessário em circunstâncias em que a ideia de que o domínio do capital global poderia ser superado pela

²⁵ Margaret Hilda Thatcher (Grantham, 1925; Londres, 2013). Política britânica. Líder do Partido Conservador (Conservative Party) de 1975 a 1990. Primeira-ministra do Reino Unido, de 1979 a 1990. (N. E.)

derrubada política do capitalismo por uma classe trabalhadora informada com consciência socialista – e liderada – por um partido de vanguarda tinha que ser criticada como, na melhor das hipóteses, historicamente ultrapassada.

Embora o reconhecimento e, quando apropriado, o pedido de desculpas por cumplicidade em práticas oportunistas e politicamente corruptas tenham seguido à implosão do WRP, em meados da década de 1980, para Slaughter e seus apoiadores a questão central era o que acabou sendo um longo e contínuo processo de repensar o significado prático do marxismo à medida que a era da Revolução de Outubro passava para a história, e um novo século e um novo milênio, aproximavam-se. Para muitos na esquerda, o colapso do sistema stalinista na Europa levou ao pessimismo e à lamentação no fim do chamado “socialismo realmente existente”, como um antípoda ao imperialismo ocidental. Recém-saídos da eliminação do seu próprio ditador mesquinho e do seu “partido” corrupto, Slaughter e os seus camaradas - incluindo agora vários socialistas revolucionários que viram a expulsão de Healy como a oportunidade de regressar a um discurso do qual tinham sido afastados muitos anos antes - tinham-se preparado, de certa forma, para enfrentar, de uma forma relativamente imparcial, os desafios históricos da década de 1990²⁶.

²⁶ Aqueles que retornaram ao discurso pós-Healy incluíam Peter Fryer, o historiador da presença negra na Grã-Bretanha – veja seu *Staying Power*, Londres: Pluto, 1984 – e do “patrimônio musical africano no Brasil” – veja seu *Rhythms of Resistance*, Londres: Pluto, 2000; e o premiado tradutor e historiador, Brian Pearce. Em 1956, Fryer havia sido o repórter do *Daily Worker* do Partido Comunista Britânico que foi enviado à Hungria e rompeu com o partido stalinista quando, em Budapeste, decidiu apoiar os revolucionários. Veja Terry Brotherstone, Peter Fryer, 1927-2006, in: *Critique: Journal of Socialist Theory*, 35 (2), 2007, pp. 297-302; o meu Brian Pearce (8 de maio de 1915-25 de novembro de 2008) in *Revolutionary Russia*, 22 (1), 2009, pp. 79-92. Ver também meu capítulo em Terry Brotherstone e Geoff Pilling (eds.), *History, Economic History and the Future of Marxism*, Londres: Porcupine Press, 1996. (T. B.)

Alinhados com o desenvolvimento teórico que acompanhou sua busca por novas práticas revolucionárias, eles puderam acolher a desintegração do sistema soviético, e particularmente da própria União Soviética, que havia fornecido ao stalinismo a verdadeira base a partir da qual, afirmando estar construindo “socialismo em um único país”, atuou como um obstáculo aparentemente irremovível ao internacionalismo socialista da classe trabalhadora²⁷.

Foi durante encontros da esquerda em Londres para debater os eventos de 1989-91 que alguns dos camaradas de Slaughter iniciaram as discussões com Mészáros (ele mesmo, é claro, um refugiado do stalinismo), para quem “o que aconteceu no sistema soviético... e por que teve que terminar como terminou” e como, no futuro, “é possível para nós evitarmos... as armadilhas e contradições que caracterizavam essa experiência pós-capitalista”, eram duas das questões-chave para seu projeto teórico, que adquiriu maior e imediata relevância na nova situação política²⁸.

O “grupo Slaughter” ainda estava ligado aos conceitos básicos da Quarta Internacional e estava trabalhando como parte do que havia sido lançado no final da década de 1980 como a “Workers International to Rebuild the Fourth International” [Internacional dos Trabalhadores para reconstruir a Quarta Internacional] (WIRFI), mas estava olhando para fora de sua existência sectária²⁹; e foi em nome do WIRFI que uma reunião

²⁷ O impacto ideológico do stalinismo, é claro, sobrevive como um sério impedimento à reconstrução do internacionalismo socialista; mas sua base material, na terra da revolução que Trotsky se esforçou para defender e reviver, desapareceu com o colapso do sistema soviético. (T. B.)

²⁸ Referências à maioria das citações que não estão documentadas aqui podem ser encontradas nos artigos a seguir.

²⁹ Para um exemplo da minha própria tentativa, na época, de repensar, mas não transcender, o “trotskismo”, veja BROTHERSTONE, Terry e DUKES, Paul (eds.), *The Trotsky Reappraisal*, Edimburgo: Edinburgh University Press, 1990. (T. B.)

aberta foi convocada em Londres em 1992, com Mészáros e o editor fundador da *Critique*, Hillel Ticktin, como palestrantes principais. (*Critique* era a revista de língua inglesa mais significativa – uma que Mészáros apoiou e contribuiu – que, desde sua inauguração em 1973, foi consistente em oferecer uma crítica teórica de esquerda ao stalinismo.) É desta reunião que deriva meu texto [texto 3 da coletânea] – introduzido por um breve trecho sobre as origens de *Beyond Capital* (Para Além do Capital), transcrito de uma reunião em Edimburgo cinco anos depois.

A lógica de apresentar esses textos dessa forma é pessoal. Eu não estava entre os instigadores das discussões, entre os ex-membros do WRP e Mészáros. Mas meu próprio contato – e mais tarde amizade – com ele e sua copensadora e maravilhosamente hospitaleira esposa Donatella Morisi (que infelizmente faleceu muito prematuramente em 2007) começou nesse período e levou às reuniões que possibilitaram essas transcrições. No início da década de 1990, Geoff Pilling³⁰, o economista político que havia sido um dos intelectuais do WRP e estava entre os primeiros a entrar em contato com Mészáros, convidou-me para coeditar um volume de ensaios dedicados a outro sobrevivente do movimento de Healy, o respeitado historiador econômico Tom Kemp (1921-93)³¹. Um dos primeiros indícios

³⁰ Geoff Pilling (Ashton-under-Lyne, 1940 - Londres, 1997). Economista político, professor das Universidades de Leeds, Sheffield e Bradford e da Middlesex Polytechnic. Membro da Liga Socialista do Trabalho (Socialist Labour League, SLL) e do Partido Revolucionário dos Trabalhadores (Workers' Revolutionary Party, WRP).(N.E)

³¹ A doença terminal de Kemp, de que tínhamos conhecimento, progrediu mais rapidamente do que o previsto, transformando o livro de uma *Festschrift* [documento comemorativo] num volume memorial. (T. B.)

Tom Kemp (Londres, 1921 - Londres, 1993). Historiador econômico, professor do Departamento de História Econômica da Universidade de Hull. Colaborador das revistas marxistas *Labor Review* e *International Socialist Review*. Membro do Partido Comunista da Grã-Bretanha (Communist Party of Great Britain, CPGB) até sua saída em 1956, na época da invasão soviética da Hungria. Em seguida, juntou-se ao O Clube (The Club), um grupo trotskista liderado por Gerry Healy. Posteriormente, juntou-se à Liga

de que Mészáros, que conhecia e apreciava o trabalho de Kemp, acolheria a colaboração com camaradas que, independentemente de seu histórico, estavam abertos a novos pensamentos, veio quando ele concordou em contribuir com um capítulo para esse volume, que foi publicado em 1994 como *History, Economic History and the Future of Marxism* (História, História Econômica e o Futuro do Marxismo)³².

Foi essa colaboração em particular que, em 1997, levou-me a convidar Mészáros para falar na Universidade de Aberdeen, onde eu lecionava no departamento de História; e aproveitar a oportunidade para organizar uma reunião política com alguns camaradas em Edimburgo. O seminário de Aberdeen, infelizmente, não foi gravado, mas seu conteúdo essencial havia sido bem abordado por Mészáros na reunião da WIRFI. Então meu texto [texto 2 da coletânea] utiliza isso como uma introdução a alguns dos conceitos-chave de *Beyond Capital* (Para Além do Capital). Quando ele os apresentou ao grupo político em Edimburgo, ele prefaciou, como refletido neste texto, com uma explicação de como e por que a tarefa teórica que ele havia se proposto, no final da década de 1960, levou muito mais tempo do que o previsto para ser realizada. Para as questões centrais de nossa época – por que o capitalismo sobreviveu tanto tempo e por que o experimento soviético se revelou tão desastroso – não poderia haver respostas simplistas, especialmente se o objetivo é garantir que os erros do passado não sejam repetidos.

Socialista do Trabalho (Socialist Labour League, SLL) e, até sua morte, ao Partido Revolucionário dos Trabalhadores (Workers' Revolutionary Party, WRP. (N. E.)

³² O capítulo de Mészáros em BROTHERSTONE, Terry e PILLING, Geoffrey (ed.). *History, Economic History and the Future of Marxism: Essays in Honour of Tom Kemp (1921-1993)*, London: Porcupine, 1996, titulado *The Rise and Fall of Historical Temporality*, mais tarde, tornou-se o capítulo cinco de seu *Social Structure and Forms of Consciousness, The Social Determination of Method*. Vol. 1, Nova York: Monthly Review Press, 2010. (T. B.) Edição em português: *Estrutura social e formas de consciência: a determinação social do método*, São Paulo: Boitempo, 2009. (N. E.)

Foi também o fato de eu ter trabalhado com ele em *History, Economic History and the Future of Marxism* (História, História Econômica e o Futuro do Marxismo) que levou ao meu convite a Mészáros para participar da discussão que é substancialmente reproduzida no texto 4 [da coletânea]. Pilling e eu esperávamos que o livro reunisse uma diversidade de acadêmicos socialistas que encontraram uma causa comum ao celebrar Tom Kemp – um camarada que conseguiu, apesar das restrições sectárias do WRP, manter um amplo círculo de contatos intelectuais – para continuar o trabalho sobre “o futuro do marxismo”. Na prática, pouco resultou disso, e o próprio Pilling faleceu muito prematuramente em 1997; mas, em 1999, minhas responsabilidades universitárias me levaram a organizar uma conferência sobre movimentos radicais na Irlanda e na Escócia, entre a rebelião irlandesa de 1798³³ e o fim do movimento cartista³⁴, na Escócia e na Inglaterra, em 1848³⁵. Entre os participantes estava o historiador marxista americano, Theodore (Ted) Koditschek³⁶, um especialista em história social e intelectual britânica do século XIX, que havia contribuído com um ensaio sobre a historiografia marxista britânica para o volume dedicado a Kemp; e isso possibilitou que três dos autores contribuintes desse livro

³³ Rebelião Irlandesa de 1798. Foi uma revolta nacionalista ocorrida contra o domínio britânico na Irlanda. A principal força por trás da organização da rebelião foi a Sociedade dos Irlandeses Unidos (Society of United Irishmen), um grupo revolucionário com orientação republicana, influenciado pelas ideias das revoluções americana e francesa. (N. E.)

³⁴ Cartismo (Chartism). Foi um movimento popular radical, típico do estágio inicial do movimento trabalhista, que ocorreu no Reino Unido entre 1838 e 1848. Seu nome deriva da Carta do Povo (People's Charter), um documento enviado ao Parlamento do Reino Unido, em 1838, descrevendo uma série de exigências, incluindo o sufrágio universal masculino e a abolição do requisito de propriedade para ser membro do Parlamento. (N. E.)

³⁵ BROTHERTON, Terry; CLARK, Anna e WHELAN, Kevin, *These Fissured Isles: Ireland, Scotland and British History 1798-1848*, Edimburgo: John Donald, 2005. (T. B.)

³⁶ Theodore (Ted) Koditschek. Professor de História na Universidade de Missouri, Columbia, EUA. (N. E.)

– Mészáros, Koditschek e eu – nos encontrássemos em Londres, onde fomos acompanhados por Slaughter.

A discussão inevitavelmente envolveu referências a eventos que, na época, tinham pouca relevância duradoura. Mas temas importantes surgiram. Um deles, derivado da reflexão sobre a importância do volume dedicado a Kemp, é o estado da escrita histórica marxista – e a necessidade de uma crítica a Eric Hobsbawm, o influente historiador marxista britânico internacionalmente conhecido³⁷. Outro, particularmente relevante para o desenvolvimento da relação entre Mészáros e Slaughter, é a questão da agência social revolucionária³⁸ e a maneira pela qual as concepções de Marx precedem, e não dependem, da existência do tipo de classe trabalhadora industrial que – em muitos países ocidentais, no final do século XIX e grande parte do século XX – parecia ter o futuro em suas mãos; e o aparente desaparecimento dessa classe que estava causando tanta confusão teórica e pessimismo nos círculos socialistas.

³⁷ Para essa designação dos historiadores influentes que, antes de 1956, colaboraram no Grupo de Historiadores do Partido Comunista da Grã-Bretanha, veja KAYE, Harvey J. *The British Marxist Historians*. Portland, Oregon: Zero Books, 2022 (2ª edição). Para Hobsbawm, veja EVANS, Richard J. *Eric Hobsbawm: a Life in History*. Londres: Abacus, 2019; curiosamente resenhado por Guido Franzinetti em *Storia della Storiografia* 75 (1) 2019, pp. 107-26. Desde nossa reunião em Londres, Koditschek escreveu sobre Hobsbawm em um ensaio de revisão, *How to Change History* – veja *History and Theory* 52, outubro de 2013, pp. 433-50; assim como eu, de maneira mais específica, em *Eric Hobsbawm (1917–2012): Some Questions from a Never-completed Conversation About History*, *Critique: Journal of Socialist Theory*, 41 (2), 2013, pp. 269-86. (T. B.)

Eric Hobsbawm (Alexandria, 1917 - Londres, 2012). Historiador britânico. Professor do Birkbeck College, da Universidade de Londres, da Universidade de Stanford e da The New School for Social Research. Em 1936, filiou-se ao Partido Comunista da Grã-Bretanha (Communist Party of Great Britain, CPGB). Em 1978, foi admitido na Academia Britânica. (N. E.)

³⁸ No original em inglês, “revolutionary social agency”, o conceito de “agency” se refere ao poder dos indivíduos ou classes sociais de agir (ou atividade ou atuação humanas) de forma consciente e de tomar decisões autonomamente. (N. E.)

Como indico em minha homenagem póstuma, novos e cada vez mais radicais desenvolvimentos na reavaliação de Slaughter sobre sua própria abordagem ao marxismo, tornaram-se possíveis devido à sua aceitação da insistência de Mészáros de que o capitalismo, sempre sujeito a crises cíclicas, havia entrado em sua crise histórica, sua crise “estrutural”, por volta do final da década de 1960, e que isso deve ser compreendido como a manifestação da chegada ao limite histórico do sistema do capital como um todo, dominante por muitos séculos, do qual o capitalismo em si tem sido apenas uma fase. Antropólogo social por profissão, Slaughter buscou explorar mais a fundo as ideias de Marx sobre as origens da sociedade humana – a primeira “revolução humana” e a maneira como o surgimento da propriedade privada e da sociedade de classes envolveu o que Friedrich Engels chamou de “a derrota histórica mundial do sexo feminino” – e a perspectiva que isso oferece sobre a atual necessidade de concretizar, não apenas repetir as revoluções políticas do século XX, mas nada menos do que a segunda “revolução humana”.

Uma tarefa semelhante a escalar “muitos Himalaias”, como Mészáros havia dito. Mas reconhecê-la como tal é incutir realismo em vez de desespero. E, em discussão com aqueles camaradas que, embora sua experiência no WRP tivesse deixado marcas doloridas, de forma alguma haviam perdido a esperança e buscavam diferentes maneiras práticas de expressar sua convicção em um futuro socialista, Slaughter estava cada vez mais preocupado com como – em uma época em que a classe trabalhadora industrial ocidental havia mudado tão radicalmente – a questão da agência revolucionária para realizar essa tarefa montanhosa pode ser abordada de forma concreta.

Foi a convergência dessas questões que, quando a jornalista teórica autocrítica de Slaughter continuou com seu *Bonfire of the Certainties* (A Fogueira das Certezas) – subtítulo *The*

Second Human Revolution (A Segunda Revolução Humana)³⁹, e com capítulos finais que começavam com “Agência revolucionária: a estrutura teórica” – levou à reunião sobre a “Agência” [Agency] em Londres, em 2012, (na qual o livro foi lançado); e, portanto, ao texto 5 abaixo. A discussão na reunião abrangeu uma ampla gama de tópicos, refletindo o fato de que os presentes camaradas internacionais, unidos pelo interesse no trabalho de Slaughter, e seu compromisso político contínuo, estavam então perseguindo esse compromisso de maneiras diversas. A contribuição relativamente longa de Mészáros foi, como disse um participante, “inspiradora”. Sua decisão de participar, além disso – quando sua atenção estava voltada para usar o tempo que lhe restava para levar seu projeto multivolume, pós-Lukacsiano, o mais próximo possível da conclusão com sua “Crítica do Estado” (planejada como uma obra em três volumes, sua estrutura básica é preservada em um livro publicado postumamente em 2022 sob o título pretendido de toda a obra, *Beyond Leviathan* [Para Além de Leviatã]⁴⁰) – mostrou a importância que ele atribuía à discussão com um grupo, cuja prática nos anos entre a Revolução Húngara de 1956 e o colapso do sistema stalinista, havia se tornado tão, como ele mesmo disse, “problemática”. Como ele disse sobre “meu amigo, Cliff Slaughter”, seu foco contínuo e seu compromisso inabalável com a revolução, em um período em que muitos tomaram outras direções, era a questão chave – o princípio que merecia um discurso colaborativo.

³⁹ SLAUGHTER, Cliff. *Bonfire of the Certainties: the second human revolution*, Morrisville: Lulu Press, 2012. (N. E.)

⁴⁰ Mészáros insistiu que *Beyond Leviathan: Critique of State* (New York: Monthly Review Press, 2022) deveria ser publicado primeiro em português, tendo sido publicado pela Boitempo em 2020, com um prefácio instrutivo de Ricardo Antunes. Na edição em inglês da Monthly Review Press, de março de 2022, apareceu uma extensa Introdução de John Bellamy Foster e um Prefácio de Mészáros – datado em 18 de março de 2017, 9 meses antes de seu falecimento. (T. B.)

Um último ponto introdutório. Como meu tributo abaixo indica, Slaughter, nos anos que se seguiram à reunião de 2012, continuou a buscar novas percepções, tanto acompanhando de perto o trabalho em andamento de Mészáros sobre o Estado, quanto perseguindo suas próprias ideias sobre a necessidade de tornar mais profundo e prático o repensar, a “refundação” do marxismo para o mundo pós-stalinista — e agora necessariamente pós-sectário — da ação revolucionária. Seu volume editado, *Against Capital: Experiences of Class Struggle and Rethinking Revolutionary Agency* (Contra o Capital: Experiências de Luta de Classes e Repensando a Agência Revolucionária) (2016)⁴¹, desenvolveu-se a partir das discussões e dependeu das contribuições de alguns dos participantes da conferência de Londres, de 2012. No entanto, este não foi o fim de sua jornada teórica. Baseando-se nas concepções de Mészáros sobre a época e suas tarefas, seu repensar da própria prática passada levou-o à conclusão de que os marxistas precisavam enfrentar a necessidade de um novo começo radical. Essa foi a mensagem de *More Than a Theory: “a guide to action!”* (“Mais do que uma Teoria: “um guia para a ação!”), *Theses on Marx* (on read Ernst Bloch, *The Principle of Hope*) (Teses sobre Marx, ao ler Ernst Bloch, *O Princípio da Esperança*)⁴², seu último artigo publicado, e mencionado na segunda parte do título do meu tributo a Slaughter como “seu legado desafiador”. Um reexame da forma como as ideias de Marx se desenvolveu na década de 1840, na época das primeiras manifestações tanto dos limites históricos do capitalismo quanto do papel revolucionário imanente do trabalho, antagonista estrutural do capital, é, argumentou Slaughter, urgentemente necessária.

Slaughter confrontou novamente a verdade que havia enunciado de maneira “brutal” em seu *Not Without a Storm:*

⁴¹ SLAUGHTER, Cliff. (ed.), *Against Capital: Experiences of Class Struggle and Rethinking Revolutionary Agency*, Hampshire: Zero Books, 2016.

⁴² SLAUGHTER, Cliff. *More Than a Theory: “a guide to action!” Theses on Marx* (on reading Ernst Bloch, *The Principle of Hope*), in: *Critique: Journal of Socialist Theory*, 48 (4), 2020, pp. 549-562. (T. B.)

Towards a Communist Manifesto for the Twenty-first Century (Não Sem Uma Tempestade: Rumo a um Manifesto Comunista para o Século XXI), em 2006: para todo o trabalho daqueles “de nós que, por boa parte do século XX, tentaram atuar como marxistas no movimento operário”, o “grande fato desolador” no início do novo milênio era que “os trabalhadores do mundo continuam... à mercê de um sistema capitalista que... os confronta com ameaças maiores do que nunca”⁴³. Revigorado pela leitura que o crítico George Steiner descreveu como o “visionário... Leviatã”, de Ernst Bloch (publicado em três volumes como *Das Prinzip Hoffnung*, no final da década de 1950) (O Princípio da Esperança)⁴⁴ – um espetáculo literário de filosofia, ideias políticas e “utopismo lírico”, que Mészáros, embora o citasse apenas ocasionalmente em seus escritos, perto do final de sua vida (como aqueles de nós que compareceram a seu funeral ouviram ser confirmado por sua filha mais velha em sua homenagem), estava recomendando-o regularmente como leitura essencial – Slaughter propôs uma reexame radical do materialismo de Marx. Slaughter buscou compreender de forma mais profunda como ele em si mesmo se diferencia de toda a filosofia materialista anterior, sendo “dialético e histórico” – baseado na compreensão do “papel decisivo do proletariado como ‘agente da prática revolucionária’” – em vez de, nas palavras de Bloch, basear-se em “um conhecimento meramente contemplativo [que] necessariamente se refere ao que é fechado e, portanto, é passado, [e] ... é sem esperança em relação ao que é presente e cego para o futuro”⁴⁵. O ponto de partida para

⁴³ SLAUGHTER, Cliff. *Not Without a Storm: Towards a Communist Manifesto for the Twenty-first Century*, London: Index Books, 2006. (T. B.)

⁴⁴ BLOCH, Ernst. *Das Prinzip Hoffnung*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1959. Edição em português: *O Princípio da Esperança* (The Principle of Hope), Rio de Janeiro: Contraponto, 2007. (N. E.)

⁴⁵ BLOCH, Ernst. *The Principle of Hope*, vol. I, p. 198, citado por Slaughter em *More Than a Theory: “a guide to action!” Theses on Marx (on reading Ernst Bloch, The Principle of Hope)*, in: *Critique: Journal of Socialist Theory*, 48 (4), 2020, p. 558. (T. B.)

entender as implicações práticas disso, insistiu Slaughter, deve ser uma nova leitura das “Teses sobre Feuerbach” de 1845⁴⁶.

Os leitores dos textos aqui reproduzidos tirarão, naturalmente, suas próprias conclusões. Contudo, minha própria motivação em acolher seu reaparecimento reside na convicção de que o “legado desafiador” de Slaughter é um legado ao qual os marxistas revolucionários, particularmente aqueles que veem a necessidade de um reexame crítico das práticas fracassadas da segunda metade do século XX, poderiam, com vantagem, responder. Voltar, como Slaughter defende, ao ponto em que Marx começou, não é, penso eu, adicionar a um gênero de escrita que já foi popular e que poderia ser chamado de “o que Marx realmente quis dizer”, o qual geralmente produzia trabalhos que pretendiam mostrar que as ideias de Marx coincidiam, ou poderiam ser modificadas para dar autoridade às ideias do próprio autor. Eric Hobsbawm, por exemplo, como é mencionado no texto 4, afirmou que, enquanto a análise do Manifesto Comunista estava, no final do século XX, cada vez mais sendo validada, a única coisa sobre a qual Marx estava errado era o papel exclusivamente revolucionário da classe trabalhadora – precisamente a descoberta que tornou possível um materialismo que vai além do “mero conhecimento contemplativo” para abraçar a “educação” dos “educadores” no presente e a transcendência do papel dos filósofos em “explicar o mundo” para um papel de mudança do seu futuro⁴⁷.

Reexaminar de forma renovada como Marx chegou ao materialismo que deu forma ao restante de sua obra, é claro, não significa deixar de reconhecer os vastos avanços no conhecimento científico que caracterizaram as décadas desde meados do século

⁴⁶ MARX, K. (1845) Thesen über Feuerbach, in: F. Engels (ed.) Ludwig Feuerbach und der Ausgang der klassischen deutschen Philosophie, Stuttgart: J. H. W. Dietz, 1888. Edição em português: Teses sobre Feuerbach, Lisboa: Editorial “Avante!”, 1982. (N. E.)

⁴⁷ Para a visão de Hobsbawm, veja sua introdução ao The Communist Manifesto, in: Karl Marx and Frederick Engels, The Communist manifesto: a modern edition. London: Verso, 1998, pp. 1- 30. (T. B.)

XIX. Em vez disso, é, sem dúvida, uma questão, em primeiro lugar, de superar a distorção das ideias de Marx gerada – e explorada pelos ideólogos do capital – por grande parte do que foi feito politicamente em seu nome. E, em segundo lugar, de lutar para garantir que os desenvolvimentos exponencialmente rápidos na ciência (particularmente na era digital) – que são produtos da criatividade e do trabalho humanos – tornem-se ganhos reais para a sociedade; e sejam utilizados de maneiras que promovam uma trajetória política em direção ao “intercâmbio universal”, à cooperação global e à “segunda revolução” da humanidade – a sociedade “verdadeiramente humana”, na qual mulheres e homens possam viver juntos “de acordo com sua natureza”.

É essa «esperança» muito concreta – não uma vaga aspiração consoladora, mas aquela que atua como um «guia para a ação» teoricamente criativo – que, acredito, precisa informar a maneira como confrontamos o desafio fundamental de Mészáros: como a transição «para além do capital» pode ser realizada, e o que significa estar comprometido com a revolução da qual depende a sobrevivência da humanidade. Como as ações coletivas contra a destruição social infligida pela contínua hegemonia do capital – expressas, à medida que a crise global se aprofunda, em erupções opositivas cada vez mais frequentes em diferentes partes do mundo – podem se desenvolver em um movimento de massas global sustentado, informado pela consciência revolucionária?

E como os socialistas inspirados pelo trabalho de István Mészáros podem repensar suas ideias sobre o marxismo de maneiras que os ajudem a desempenhar seu papel na garantia de um resultado positivo na luta entre as alternativas que a humanidade enfrenta, definidas por Rosa Luxemburgo, no início do século XX, e hoje mais relevantes do que nunca: socialismo ou barbárie? À qual Mészáros costumava acrescentar: “barbárie se tivermos sorte!”. Espero que a republicação desses textos possa contribuir para uma discussão internacional mais aprofundada sobre essas questões vitais.

1. UM TRIBUTO A ISTVÁN MÉSZÁROS (1930–2017)¹

TERRY BROTHERSTONE

O filósofo político marxista István Mészáros, nascido em 1930 na Hungria, morreu no Reino Unido, em 1º de outubro de 2017. Ele viveu na Inglaterra ou na Escócia a maior parte do tempo, desde que deixou Budapeste, após a brutal repressão da revolução antistalinista, em 1956. Após um derrame em setembro, ele estava sendo cuidado em Margate, no condado de Kent, perto da casa em Ramsgate para onde, alguns anos antes, havia se mudado com seus livros da casa na cidade de Rochester, tão amada por Charles Dickens, que ele compartilhava — até sua morte prematura em 2007 — com sua companheira e copensadora de quase toda a vida, Donatella Morisi. Como escreveu Hillel Ticktin², a morte de Mészáros é “uma perda para a esquer-

¹ Publicado originalmente por Terry Brotherstone, “A Tribute to István Mészáros (1930-2017), in: Critique 81, 46:2 (May 2018), pp. 327–337. (N. E.)

² Hillel Ticktin (África do Sul, 1937). Economista marxista. Professor na Universidade de Glasgow. Co-fundador da revista Critique: Journal of Socialist Theory. (N. E.)

da e para a humanidade” de um homem dedicado a “esclarecer as pessoas sobre a natureza do movimento para o socialismo”. O marxismo perdeu um dos pensadores mais criativamente originais e apaixonados da segunda metade do século XX, e do início do século XXI.

Uma avaliação importante das possibilidades seminais das muitas publicações de Mészáros, muitas vezes formidavelmente extensas, será, na minha opinião, mais produtiva se resultar de uma análise e debate coletivos. A *Critique* – uma revista da qual ele foi um dos primeiros apoiadores, na qual publicou alguns de seus artigos e em cujo conselho editorial ele permaneceu – seria uma arena para tal empreendimento crítico essencial; outra certamente será a *Monthly Review*, a revista em que – e a marca sob a qual – seus ensaios e livros mais recentes apareceram, e na qual vários artigos sobre seu trabalho foram publicados. No entanto, elaborar sobre a história pessoal de Mészáros também deve fazer parte da discussão que agora certamente é necessária, especialmente nas partes da Europa, incluindo a Grã-Bretanha, onde a atenção ao seu trabalho tem sido surpreendentemente limitada; e essa história pode fornecer um contexto essencial para a exploração de suas ideias nos anos turbulentos que virão. A importância geral do pensamento de Mészáros será mais atrativa se as experiências que o moldaram e formaram sua personalidade calorosa e acolhedora, mas intelectualmente inflexível, forem melhor compreendidas.

O filósofo escocês iluminista do século XVIII, David Hume³, acreditava viver na “era histórica” e na “nação histórica”: em um momento e lugar, ou seja, quando as circunstâncias exigiam e tornavam possível novos pensamentos e novas percepções sobre o funcionamento de um mundo em mudança histórica. O sentido distintivamente profundo de István Mészáros do que

³ David Hume (Edimburgo, 1711 - 1776). Filósofo, historiador e ensaísta escocês. Considerado uma das figuras mais importantes da filosofia ocidental moderna e do Iluminismo escocês. (N. E.)

ele chamava de “temporalidade histórica” talvez devesse muito a uma percepção semelhante de viver em um momento, e no meio de eventos, quando, em um lugar particular, um novo mundo estava lutando para nascer. Os eventos da derrotada revolução húngara contra o stalinismo foram dramáticos em si mesmos, mas para Mészáros era a necessidade de entender suas raízes na crise emergente da humanidade do século XX que iria instruir o resto de sua vida. As possibilidades imanentes na Hungria pós-Segunda Guerra Mundial apontavam para a atualização do socialismo, e o significado da repressão soviética precisava ser entendido como muito mais do que simplesmente um retrocesso político: o desafio teórico que isso colocava era muito mais profundo do que aquele que poderia ser enfrentado ao reafirmar os princípios originais da Revolução de Outubro e lutar — por mais corretamente que fosse no sentido formal e corajosamente — contra o stalinismo. As ideias mais básicas de Marx precisavam ser revisitadas e retrabalhadas de maneiras que liberassem seu método e os fundamentos de seu pensamento das suas determinações do século XIX, e preparassem para as lutas que, sem corresponder a nenhum cronograma previsível, ocorreriam cada vez mais no contexto do que Mészáros entendia como a crise histórica e estrutural não simplesmente do capitalismo, mas do próprio sistema do capital, de muito mais longa duração.

No final dos anos 1990, logo após a publicação de sua obra-chave, *Beyond Capital: Towards a Theory of Transition* (Para Além do Capital: Rumo a uma Teoria da Transição)⁴ (1995), Mészáros me prometeu que consideraria fazer uma entrevista aprofundada, uma “história de vida” – mas ele não a priorizaria até que os blocos de sua construção teórica estivessem todos no lugar. Tivesse ele vivido para completar seu último projeto de três volumes, *Beyond Leviathan: Critique of the State* (Para Além do Leviatã: Crítica do Estado)⁵, tal entrevista poderia ter

⁴ Ver nota 9 no Prefácio. (N. E.)

⁵ Ver nota 40 no Prefácio. (N. E.)

sido realizada. Infelizmente, morreu com apenas um volume em um estágio quase publicável - embora o seu *modus operandi* extraordinariamente disciplinado signifique que as notas de seu trabalho deveriam tornar possível a outros completá-las de uma forma significativa, embora inevitavelmente imperfeita. No entanto, agora, a entrevista nunca acontecerá.

O que posso escrever, em vez disso, é inevitavelmente limitado e espero que outros o complementem. István Mészáros viveu e morreu como um socialista inflexível, que cedo se empenhou na luta contra a injustiça, e por aquilo a que mais tarde chamaria de um “metabolismo social” baseado na “igualdade substantiva” – uma sociedade, nos termos de Marx, em que os seres humanos viveriam e trabalhariam em relações “dignas e apropriadas à sua natureza humana”. Com o início - no último terço do século XX - da crise estrutural do capital, o trabalho de Mészáros se centrou intransigentemente na natureza histórica do período atual, em que a própria existência da humanidade e do planeta está ameaçada; e no desenvolvimento da “atualidade da ofensiva socialista”, a única que pode responder de forma positiva à pergunta que Rosa Luxemburgo⁶ fez há mais de um século: “socialismo ou barbárie?” — uma dicotomia à qual Mészáros às vezes acrescentava: “ou barbárie se tivermos sorte!”

A Hungria em que István Mészáros nasceu, filho de pais da classe trabalhadora, na data de 19 de dezembro de 1930, era

⁶ Rosa Luxemburgo (Zamość, 1871 - Berlim, 1919). Membro do Partido Social-Democrata Alemão (Sozialdemokratische Partei Deutschlands, SPD) e do Partido Social-Democrata do Reino da Polônia e Lituânia (Socjaldemokracja Królestwa Polskiego i Litwy, SDKPiL). Fundou, junto com Clara Zetkin (Wiederau, 1857 - Arkhangelskoye, 1933) e Karl Liebknecht (Leipzig, 1871 - Berlim, 1919), entre outros, o grupo de oposição “Grupo Internacional”, a base da posterior Liga Espartaquista (Spartakusbund). Participou da fundação do Partido Comunista da Alemanha (Kommunistische Partei Deutschlands, KPD). Foi assassinada, juntamente com Karl Liebknecht, em 15 de janeiro de 1919, por grupos paramilitares durante a República de Weimar, na qual a social-democracia fazia parte do governo (N. E.)

governada pelo ditador, Almirante Miklós Horthy⁷, que se auto-intitulava “Sua Alteza Sereníssima, o Regente do Reino”, e que tinha chegado ao poder em 1920, quando – na sequência do colapso da curta república soviética de Béla Kun⁸, no ano anterior, e de um período caótico de “Terror Branco” – os aliados vitoriosos da Primeira Guerra Mundial se recusaram a aceitar o regresso da monarquia. O jovem István foi criado por sua avó materna e pela sua mãe, empregada de uma fábrica de motores de aviões, durante anos de repressão política e pobreza. Aos 12 anos de idade, alegando ser quatro anos mais velho - e com a Hungria agora em guerra, em uma aliança um tanto relutante com Hitler⁹ – decidiu complementar a renda familiar e foi trabalhar na fábrica de sua mãe. Gostava de recordar uma ocasião em que parte do seu salário consistia num pedaço de cabeça de porco gelatinosa que se revelou cheia de pelos de animais: e disse que no momento em que vomitou na neve, foi quando decidiu dedicar a sua vida à luta contra a desigualdade e a injustiça. No entanto, parece também que, apesar de pequeno, o seu salário de base – supostamente de 16 anos, pois era considerado um adulto do sexo masculino – era mais elevado do que o de sua mãe, que trabalhava há muito tempo, e assim nasceu o seu compromisso com a igualdade de gênero.

⁷ Miklós Horthy (Kenderes, 1868 - Estoril, 1957). Nobre, militar e político húngaro. Regente do Reino da Hungria desde 1º de março de 1920 até 15 de outubro de 1944. Líder do movimento contrarrevolucionário que derrubou o governo de Béla Kun, da República Soviética Húngara. (N. E.)

⁸ Bela Kun (Szilágycseh, Áustria-Hungria, 1886 - prisão de Butyrka, URSS, 1939). Fundador do Partido Comunista Húngaro. Liderou a breve República Soviética Húngara (21 de março a 1º de agosto de 1919). Lutou durante a Guerra Civil Russa. (N. E.)

⁹ Adolf Hitler (Braunau am Inn, 1889 - Berlim, 1945). Político, militar e ditador nascido na Áustria. Chanceler, a partir de 1933, e líder (*Führer*) da Alemanha, de 1934, até sua morte, em 1945. Estabeleceu um regime totalitário conhecido como Terceiro Reich ou Alemanha Nazista, durante o qual entre 15 e 22 milhões de pessoas foram exterminadas, entre comunistas, judeus, homossexuais, prisioneiros de guerra e demais civis. (N. E.)

Mészáros era um rapaz naturalmente talentoso – intelectualmente, certamente, mas talentoso também de outras maneiras. Antes de se decidir por uma carreira acadêmica, fez uma audição na Ópera Nacional Húngara e foi aconselhado a treinar para cantar profissionalmente pelo famoso maestro judeu-alemão Otto Klemperer, que foi diretor musical da Ópera Nacional Húngara, de 1947 a 1950. Em uma ocasião (uma história que lamento não ter aprofundado com ele, mas era difícil interrompê-lo quando estava em plena atividade e o trem de Aberdeen se aproximava do nosso destino em Edimburgo), ele jogou futebol com Ferenc Puskás, o melhor artilheiro da Europa, em 1948, e um lendário atacante da equipe nacional dos “Poderosos Magiares” do pós-guerra até 1956, e mais tarde da Espanha.

Quando era adolescente, Mészáros contou, em 1992, para Chris Arthur e Joseph McCarney, da *Radical Philosophy* (Filosofia Radical)¹⁰, que pegou panfletos como O 18 de Brumário de Luís Bonaparte¹¹ e o Manifesto Comunista¹², de Marx, numa livraria de Budapeste, passando depois para o Anti-Dühring de Engels¹³ e outras obras marxistas. Em seguida, foi atraído por um estudo sobre a literatura húngara, de György Lukács¹⁴, e depressa começou a vender bens preciosos para poder comprar

¹⁰ MCCARNEY, Joseph and ARTHUR, Chris. István Mészáros: Marxism Today, in: *Radical Philosophy*, 62, outono de 1992, pp. 27-34. Edição em português: Mészáros, István. O marxismo hoje, in: *Crítica Marxista*, São Paulo, Brasiliense, vol. 1, nº 2, 1995, p.129-137. Entrevista concedida a Chris Arthur e Joseph McCarney. (N. E.)

¹¹ MARX, Karl. Der 18te Brumaire des Louis Napoleon, in: *Die Revolution*, Nueva York, 1852. Edição em português: MARX, Karl. O 18 de brumário de Luís Bonaparte, São Paulo: Boitempo, 2011. (N. E.)

¹² MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifest der Kommunistischen Partei, London: Workers' Educational Society, 1848. Edição em português: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. O Manifesto do Partido Comunista, São Paulo: Penguin-Companhia, 2012. (N. E.)

¹³ ENGELS, Friedrich. Herr Eugen Dührings Umwälzung der Wissenschaft, Leipzig, 1878. Edição em português: ENGELS, Friedrich. Anti-Dühring, São Paulo: Boitempo, 2017. (N. E.)

¹⁴ Ver nota 11 no Prefácio. (N. E.)

mais livros do autor. Em meados da adolescência, decidiu que queria estudar com Lukács, que era professor de Estética na Universidade Eötvös, de Budapeste, e – nas novas circunstâncias políticas – conseguiu ganhar uma bolsa de estudo para ir para lá, matriculando-se, então com 18 anos, em setembro de 1949.

Os “ataques contra Lukács começaram em julho”, disse Mészáros, “e eram ataques muito selvagens. Quase fui expulso da universidade pelo fato de frequentar os seus seminários”. Os estudantes sentiram a atmosfera tão ameaçadora, ele acrescentou, que o Instituto de Estética “ficou quase completamente deserto” e o seminário era “muito pequeno”. Lukács – tendo e não tendo prestígio nos círculos stalinistas do pré-guerra a nível internacional – tinha desempenhado o seu papel na criação do regime “comunista” do pós-guerra, a República Popular Húngara¹⁵, mas era contra as tentativas autoritárias de impor a cultura e a estética socialistas. Foi a sua posição a favor de uma medida de tolerância cultural e de debate que esteve na origem do chamado “expurgo de Lukács”, liderado pelo secretário do partido stalinista húngaro Mátyás Rákosi¹⁶ – proponente de “*salamis tactics*” contra seus oponentes – e quando os ataques ecoaram na União Soviética, os alunos de Lukács temiam que ele fosse preso e deviam estar preocupados com possíveis consequências para si mesmos.

O jovem Mészáros defendeu também a causa do Teatro Nacional Húngaro, que havia montado uma produção do poema dramático clássico *Csongor és Tünde*, escrito em 1830, pelo escritor nacionalista Mihály Vörösmarty¹⁷, mas só encenado décadas

¹⁵ República Popular da Hungria. República socialista de 1949 a 1989 sob a influência da União Soviética. (N. E.)

¹⁶ Mátyás Rákosi (Ada, 1892 – Gorki, 1971). Político húngaro. Líder da Hungria de 1947 a 1956. Secretário-geral do Partido Comunista da Hungria (1945-1948) e do Partido Húngaro dos Trabalhadores (1948-1956). (N. E.)

¹⁷ Mihály Vörösmarty (Kápolnásnyék, 1800 – Budapeste, 1855). Poeta e dramaturgo, considerado um dos máximos representantes do Romantismo em seu país. Participou da Revolução Húngara de 1848. (N. E.)

mais tarde. A proibição imperial original foi repetida pelo novo regime stalinista, porque – tendo algumas semelhanças temáticas com *A Midsummer Night's Dream* (Sonho de uma Noite de verão), de Shakespeare¹⁸, mas cética quanto à possibilidade de felicidade terrena – a peça foi considerada demasiado pessimista. Após a crítica de Mészáros à decisão e da defesa da obra num artigo de duas partes publicado numa importante revista cultural, a peça foi reintroduzida, Mészáros recebeu o prestigiado Prêmio Attila József (o que certamente lhe deu um prazer especial, pois József, o grande poeta húngaro do início do século XX, era um herói) e Lukács o nomeou seu assistente no seu Instituto.

O descongelamento parcial que se seguiu à morte de Stalin, em 1953, e à reintegração de Imre Nagy¹⁹, em situação de desprestígio desde 1949, no governo húngaro – como Presidente do Conselho de Ministros, promovendo o seu “Novo Rumo” político – terminou por iniciativa do Politburo soviético, em abril de 1955. A camarilha de Rákosi regressou. No entanto, os debates iniciados na Magyar Írószövetség, a Associação de Escritores Húngaros, durante o período de Nagy, continuaram constituindo um desafio crescente ao regime. À medida que o ano crítico de 1956 se desenrolava – com o “Discurso Secreto” de Khrushchev²⁰ ao Partido Soviético sobre os crimes de Stalin, em fevereiro – um grupo de intelectuais que, com o apoio da Associação de Escritores, tinha formado o Círculo Petőfi, com o nome do poeta nacional e combatente pela liberdade de 1848,

¹⁸ William Shakespeare (Stratford-upon-Avon, 1564 - 1616). Dramaturgo, poeta e ator inglês. Considerado um dos mais célebres escritores da literatura inglesa e mundial. (N. E.)

¹⁹ Imre Nagy (Kaposvár, 1896 - Budapeste, 1958). Político comunista húngaro. Em 1919, participou no governo da efêmera República Soviética Húngara (21 de março - 1 de agosto de 1919). Em 1956, tornou-se primeiro-ministro durante a revolução e concordou com as medidas antissoviéticas. Após a ocupação pelas tropas soviéticas, foi executado e enterrado secretamente em 1958. (N. E.)

²⁰ Ver nota 6 no Prefácio. (N. E.)

Sandor Petőfi, começou a constituir um fórum de debates regulares. Logo passaram a atrair milhares de pessoas, e a revista do Círculo circulou cada vez mais entre os trabalhadores. As questões históricas e filosóficas eram disputadas com paixão, sendo particularmente célebre o debate sobre o 71º aniversário da reintegração de Lukács (o “grande decano do Círculo Petőfi”, segundo um dos seus historiadores). Mészáros participou com entusiasmo e o seu ensaio sobre “O carácter nacional da arte e da literatura”²¹ foi selecionado para liderar uma das reuniões de discussão regulares do Círculo.

Em novembro de 1956, a supressão da revolta operária pelo Exército Vermelho, para cuja origem o Círculo de Petőfi tinha contribuído significativamente, obrigou Mészáros a refletir sobre o seu futuro. No início deste ano, casou-se com Donatella, uma italiana que conhecera em Paris. Também tinha sido nomeado por Lukács para lhe suceder como professor de estética. No entanto, tal nomeação seria agora impossível e, de qualquer modo, Mészáros estava bem ciente das dificuldades que Lukács tinha suportado – e dos compromissos intelectuais que tinha feito – para sobreviver ao stalinismo. (Lukács sobreviveu ao stalinismo, insistiu Mészáros mais tarde, mas “não estava de todo reconciliado” com ele). A decisão de partir para o exílio tinha de ser tomada rapidamente, e Lukács – com quem Mészáros, apesar das diferenças teóricas substanciais (Lukács tinha os seus “limites históricos”, comentou Mészáros), mantinha relações amigáveis, embora na maior parte do tempo à distância – não se opôs. Donatella e ele juntaram alguns bens – incluindo, disse-me ele, apenas dois livros, uma obra sua sobre estética e uma cópia do Fausto de Goethe – e partiram para a Itália.

Quando partiram, Mészáros recordou mais tarde, “Lukács tinha sido preso, mas eu tinha [decidido partir] um pouco antes disso, na altura da segunda intervenção russa”. Ele havia se “convencido de que não havia mais esperança para uma trans-

²¹ Ensaio não publicado em português. (N. E.)

formação socialista na Hungria”. O que tinha sido “um levante muito promissor para iniciar algo novo” – de modo algum “contrarrevolucionário” ou prevendo a restauração capitalista e quando “em pouco tempo se formaram conselhos de trabalhadores por todo o país” – tinha sido suprimido. A luta pelo socialismo teria, pelo menos por enquanto, que ser buscada em outro lugar, e ele havia aprendido a lição de que isso exigiria um repensar estratégico de longo prazo.

O casal exilado, agora com uma filha pequena, viveu no norte de Itália antes de passar dois anos, de 1959 a 1961, em Londres, onde Mészáros continuou a editar uma revista para os intelectuais oposicionistas da Hungria. Teve também um curto período de ensino na Universidade de Turim, e na instituição feminina da Universidade de Londres, o Bedford College. Surgiu então uma oportunidade na Universidade de St. Andrews – a mais antiga da Escócia, criada em meados do século XV. Uma estância costeira tranquila e algo isolada entre as pitorescas vilas pesqueiras do “East Neuk” de Fife, a sua atmosfera deve ter constituído um forte contraste com a Budapeste stalinista. O atrativo era um Departamento de Filosofia num país com uma tradição filosófica diferenciada, menos presa à lógica linguística do que a prevalecente ao sul da fronteira, e numa universidade com um Reitor (Vice-Chanceler) que era, internacionalmente, um destacado estudioso de Hegel. T. M. Knox – embora ele próprio fosse um homem conservador “não contaminado pelo marxismo”, como Mészáros comentou – estava mais do que disposto a acolher um colega de Lukács, cujo *The Young Hegel* (O Jovem Hegel)²², confessou, tinha-lhe ensinado mais sobre o assunto do que qualquer outro livro. Alguns dos colegas de Mészáros, no entanto, não estavam tão preocupados com as credenciais intelectuais do novo colega, causando-lhe alguma confusão inicial

²² LUKÁCS, Georg. *Der Junge Hegel und die Probleme der kapitalistischen Gesellschaft*, Berlin: Aufbau Verlag, 1948. Edição em português: *O jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista*, São Paulo: Boitempo, 2018. (N. E.)

ao perguntarem sobre sua desvantagem. Percebendo que não tinham detectado uma inaptidão, da qual ele não tinha conhecimento, Mészáros percebeu que havia chegado à terra do golfe e do seu organismo internacional, o Royal and Ancient, e que jogar seria uma condição *sine qua non* de convivência. Ele aprendeu, e logo estava se destacando nos famosos campos de golfe da Escócia.

Mészáros recordava com afeto os seus anos na Escócia e, quando a questão da independência escocesa entrou na ordem do dia, com um referendo em 2014, instou-me – apesar do seu pensamento sobre os limites históricos do Estado-nação – a ultrapassar as minhas dúvidas e a tratar a votação como uma expressão do direito das pequenas nações à autodeterminação, um direito que tinha sido negado à Hungria pelo stalinismo, em 1956. O relativo afastamento da universidade dos centros metropolitanos foi, sem dúvida, menos problemático para ele do que poderia ter sido para outros intelectuais politicamente engajados, uma vez que ele já tinha decidido que os problemas do nosso tempo não podem ser resolvidos de forma fragmentada ou simplesmente através de campanhas e protestos propagandistas. Sem “uma visão estratégica, não há soluções para o dia a dia”, como disse a alguns militantes socialistas há alguns anos; tinha compreendido, através da sua experiência na Hungria, que a tarefa a que se devia dedicar implicava uma análise sistemática e não – por mais forte que fosse a tentação – escrever artigos que tratassem “apenas do que está acontecendo no momento em que se escreve”. Ao longo da sua vida, afirmou, procurou trabalhar “numa perspectiva histórica”, publicando o máximo possível sua “modesta... contribuição para a mudança”. No entanto, quando surgiu a oportunidade de se mudar para uma cátedra de filosofia na recém-criada Universidade de Sussex, em Brighton, na costa sul da Inglaterra, agarrou-a, mudando-se para lá, em 1966, com sua jovem família que incluía agora duas filhas e um filho. (Ainda vivos, assim como dois netos.)

Permaneceu em Sussex até 1991 – momento em que se aposentou, antecipadamente, como professor emérito, para se concentrar em seus escritos - com exceção de três anos sabáticos, no início da década de 1970, quando ocupou uma cadeira na Universidade de York, em Toronto. O episódio canadense foi notável pelas tentativas do Governo canadense de fazer com que Mészáros fosse deportado como estrangeiro subversivo - o que levou a protestos de muitos intelectuais públicos, como Isaiah Berlin²³, e eventualmente à demissão do Ministro das Relações Exteriores. O fato de estes acontecimentos não terem intimidado Mészáros é demonstrado pela história de que, na véspera do Ano Novo, durante a crise do Watergate²⁴, ele e alguns amigos que estavam celebrando a ocasião da forma tradicionalmente alegre, tentaram telefonar a Richard Nixon, que se encontrava em apuros. Conseguiram falar com um assessor da Casa Branca, mas o próprio Presidente foi poupado às suas saudações de Hogmanay²⁵, acompanhadas da esperança de que o ano seguinte lhe trouxesse tudo o que merecia!

A mudança para o sul de Inglaterra levou Mészáros de volta aos centros da luta política e da militância estudantil em particular, mas não permitiu que os acontecimentos dramáticos do final da década de 1960 e de 1970 o desviassem dos seus objetivos estratégicos. Outros terão muitas lembranças dos cerca de vinte e cinco anos de Mészáros e Donatella em Sussex, onde ele tinha a reputação de ser um bom colega e uma figura de autoridade na defesa dos valores acadêmicos, independentemente das

²³ Isaiah Berlin (Riga, 1909 - Oxford, 1997). Teórico social, filósofo e historiador das ideias. Professor da Universidade de Oxford. (N. E.)

²⁴ Crise de Watergate. Escândalo político ocorrido nos Estados Unidos no início dos anos 70, na sequência do roubo de documentos do complexo de gabinetes de Watergate, em Washington D. C., sede do Comitê Nacional Democrata dos EUA. O escândalo revelou múltiplos abusos de poder por parte da administração Nixon pelo que este renunciou à presidência em 1974. (N. E.)

²⁵ Hogmanay. Festa de Ano Novo em Edimburgo, capital da Escócia, que dura três dias, juntamente com um festival de arte e música Hogmanay (N. E.).

diferenças de perspectiva política. Procurou estabelecer contatos com acadêmicos marxistas, organizando uma série de seminários que mais tarde publicou sob o título *Aspects of History and Class Consciousness* (Aspectos da História e da Consciência de Classe) (1971)²⁶. Centrado no desenvolvimento de um discurso marxista em si mesmo, chegou mesmo a incluir na coletânea o já célebre historiador Eric Hobsbawm²⁷ – que mais tarde se tornaria o “marxista” oficialmente aceito pelo *establishment* britânico – que, ao contrário da maioria dos intelectuais do Partido Comunista da Grã-Bretanha, tinha permanecido membro após as revelações de 1956, e tinha efetivamente apoiado a invasão soviética da Hungria, embora, como escreveu à época, “com o coração pesado”.

As publicações de Mészáros antes de assumir a cadeira em Sussex incluíam *Satire and Reality*, publicado em Budapeste em 1955²⁸, *La rivolta degli intellettuali in Ungheria* (A revolta dos intelectuais na Hungria) (1958)²⁹ e *Attila József e l'arte moderna* (Attila József e a arte moderna) (1964)³⁰. O reconhecimento mais amplo veio com seu primeiro livro importante em inglês, *Marx's Theory of Alienation* (A Teoria da Alienação em Marx) (1970)³¹, que ganhou o Prêmio Memorial Isaac Deutscher, em 1971, dando a Mészáros a oportunidade de proferir uma conferência na qual foram antecipadas algumas das ideias-chave que

²⁶ MÉSZÁROS, István. *Aspects of History and Class Consciousness*, London: Merlin Press, 1971. Edição em português: *Consciência de classe necessária e consciência de classe contingente*, in: *Filosofia, ideologia e ciência social*: São Paulo, Boitempo, 2008. (N. E.)

²⁷ Ver nota 37 no Prefácio. (N. E.)

²⁸ MÉSZÁROS, István. *Szatíra és valóság*, Budapest: Szépirodalmi Könyvkiadó, 1955. Sem tradução para o português. (N. E.)

²⁹ Ver nota 5 no Prefácio. (N. E.)

³⁰ MÉSZÁROS, István. *Attila Jozsef e l'arte moderna*, Milano: Lerici, 1964. Sem tradução para o português. (N. E.)

³¹ MÉSZÁROS, István. *Marx's Theory of Alienation*, Londres: Merlin Press, 1970. Edição em português: *A teoria da Alienação em Marx*, São Paulo: Boitempo, 2006. (N. E.)

viria a desenvolver durante o resto da sua vida: foi publicada como *The Necessity of Social Control* (A Necessidade do Controle Social)³². A sua editora, Merlin, anunciou que *Beyond Capital* (Para Além do Capital) seria publicado em 1973 ou 1974. Esta era uma previsão “insensata”, disse Mészáros - que tinha efetivamente começado a trabalhar no livro em maio de 1969 – numa reunião de esquerdistas de Edimburgo em 1997: “foram precisos mais 21 anos!” No entanto, acrescentou, havia “muitas boas razões para isso [pois] tinha de responder, para minha própria satisfação, a três questões muito importantes”.

A primeira foi a mais desafiadora: “como foi possível que o capitalismo sobrevivesse apesar de todas as antecipações iniciais e apesar da prolongada crise do sistema?” Depois - e “igualmente importante” - “o que aconteceu no sistema soviético, por que passou pelas transformações que passou e por que teve que terminar como terminou?” E “a terceira questão”, que estava “positivamente relacionada com as duas anteriores”, era

como é possível para nós evitar no futuro as armadilhas e contradições que caracterizam essa experiência pós-capitalista? Como um socialista convicto, digo que temos que contemplar a experiência do passado, as lições do passado, com vistas ao futuro.

A discussão sobre até que ponto Mészáros respondeu a estas questões, e de fato desenvolveu seu escopo à luz da crescente ameaça de destruição social e ambiental no século XXI — e o fez com efeito prático — será central no discurso, acredito, que deveria ser agora a resposta ao seu legado intelectual. No entanto, a dimensão formidável de sua realização dificilmente pode ser questionada: está refletida em uma bibliografia que inclui publicações regulares - e geralmente muito substanciais – ao

³² MÉSZÁROS, István. *The Necessity of Social Control*, London: Merlin Press, 1971. Edições em português: *A necessidade do controle social*, São Paulo: Editora Ensaio, 1987; e in: *Para além do capital*, São Paulo: Boitempo, 2011, pp. 983-1011. (N. E.)

longo das últimas três décadas do século XX e a primeira década e meia do século XXI. As principais obras destes anos foram: *Lukács Concept of the Dialectic* (Lukács Conceito da Dialética) (1972)³³; um volume editado sobre *Neo-Colonial Identity and Counter-Consciousness: the Work of Renato Constantino* (Identidade Neocolonial e Contraconsciência: a Obra de Renato Constantino) (1978)³⁴; *The Work of Sartre: Search for Freedom* (1979); edição ampliada com novo subtítulo, *The work of Sartre: search for freedom and the challenge of history* (2012)³⁵ (A Obra de Sartre – busca da liberdade e desafio da história); *Philosophy, Ideology and Social Science* (Filosofia, Ideologia e Ciência social) (1986)³⁶; *The Power of Ideology* (O Poder da Ideologia) (1989)³⁷; *Beyond Capital: Towards a Theory of Transition* (Para Além do Capital: Rumo a uma Teoria da Transição) (1995)³⁸; *L'alternativa alla società del capitale: Socialismo o barbarie* (2000)³⁹; *Socialism or Barbarism: From the 'American Century' to the Crossroads*

³³ MÉSZÁROS, István. Lukács' Concept of Dialectic, Londres: Merlin Press, 1972. Edição em português: O conceito de Dialética em Lukács, São Paulo: Boitempo, 2013. (N. E.)

³⁴ MÉSZÁROS, István. Neo-colonial identity and counter-consciousness, in: *Journal of Contemporary Asia*, 30 (3), 2000, pp. 308–321. Sem tradução para o português. (N. E.)

³⁵ MÉSZÁROS, Istvá. The Work of Sartre. Search for Freedom and the Challenge of History, New York: Monthly Review Press, 2012. Edição em português: A Obra de Sartre. Busca da liberdade e Desafio da História, São Paulo: Boitempo, 2012. (N. E.)

³⁶ MÉSZÁROS, István. Philosophy, Ideology and Social Science: Essays in Negation and Affirmation, London: St. Martin's Press, 1986. Edição em português: Filosofia, Ideologia e Ciência Social: Ensaios de Negação e Afirmção, São Paulo: Boitempo, 2008. (N. E.)

³⁷ MÉSZÁROS, István. The Power of Ideology, New York: New York University Press, 1989. Edição em português: O Poder da Ideologia, São Paulo: Boitempo, 2012. (N. E.)

³⁸ Ver nota 9 no Prefácio.

³⁹ MÉSZÁROS, István. L'alternativa alla società del capitale. Dal «Secolo americano» al bivio socialismo o barbarie, Milano: Edizioni Punto Rosso, 2000. Edição em português: O Século XXI: Socialismo ou Bárbarie?, São Paulo: Boitempo, 2003. (N. E.)

(Socialismo ou Barbárie: Do 'Século Americano' à Encruzilhada) (2001)⁴⁰; *Education Beyond Capital* (A educação para além do capital) (2005)⁴¹; *The Challenge and Burden of Historical Time* I e II (O Desafio e o Fardo do Tempo Histórico I e II) (2007, 2008)⁴²; *The Structural Crisis of Capital* (A Crise Estrutural do Capital) (2009)⁴³; *Social Structure and Forms of Consciousness: Vol. 1, The Social Determination of Method and Vol. 2, The Dialectic of Structure and History* (Estrutura Social e Formas de Consciência: vol. 1, a Determinação Social do Método e Vol. 2, A Dialética da Estrutura e da História) (2010, 2011)⁴⁴; *The Necessity of Social Control* (A Necessidade do Controle Social) (2015).

Recuperado de um câncer no outono passado, uma das últimas esperanças de Mészáros - até ao acidente vascular cerebral fatal que teve pouco depois - era poder ver as edições latino-americana e inglesa do primeiro volume de *Beyond Leviathan: Critique of the State* (Para Além de Leviatã - crítica do Estado), e mais dois volumes autônomos com mais de 200 páginas cada.

⁴⁰ Edição em inglês do título da nota anterior. (N. E.)

⁴¹ MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital, São Paulo, Boitempo: 2008. O texto foi escrito em inglês, mas a primeira publicação é em português, pois Mészáros escreveu para a conferência de abertura do Fórum Mundial da Educação, sediado em Porto Alegre em 2004. (N. E.)

⁴² MÉSZÁROS, István. *The Challenge and Burden of Historical Time: Socialism in the Twenty-First Century*, New York: Monthly Review Press, 2008. Edição em português: O desafio e o fardo do tempo histórico, São Paulo: Boitempo, 2007. (N. E.)

⁴³ MÉSZÁROS, István. *The Structural Crisis of Capital*, New York: Monthly Review Press, 2009. Edição em português: A crise estrutural do capital, São Paulo: Boitempo, 2009. (N. E.)

⁴⁴ MÉSZÁROS, István. *Social structure and forms of consciousness. The Social Determination of Method*, New York: Monthly Review Press, 2010. Edição em português: Estrutura social e formas de consciência I: A determinação social do Método, São Paulo: Boitempo, 2009. MÉSZÁROS, István. *Social structure and forms of consciousness. The Dialectic of Structure and History*, New York: Monthly Review Press, 2011. Edição em português: Estrutura social e formas de consciência II: A dialética da estrutura e da história, São Paulo: Boitempo, 2011. (N. E.)

Partes do primeiro capítulo foram publicadas na *Monthly Review* em setembro de 2016 e - sob o título “*Capital’s Historic Circle Is Closing: The Challenge to Secure Exit*” (“O Círculo Histórico do Capital Está se Fechando: O Desafio de Garantir a Saída”) - em dezembro de 2017, estando prometida uma nova edição. Numa introdução a este último artigo, John Bellamy Foster escreve que a *Monthly Review Press* está empenhada em garantir que “*Beyond Leviathan* (Para Além de Leviatã – crítica do Estado) será eventualmente disponibilizado numa forma tão próxima quanto possível das intenções de Mészáros”, e comenta ainda que as seções que Mészáros “selecionou para publicação prévia” devem, entretanto, contribuir para “o pensamento crítico sobre aquilo que ele chamou ‘o desafio e o fardo do [nosso] tempo histórico’” - uma proposta a que espero que os colaboradores da *Critique* também respondam.

Concentrado no seu grande projeto teórico, Mészáros evitou o envolvimento ativo em grupos políticos de esquerda, mas foi um orador regular em festivais marxistas, conferências e outras reuniões socialistas e do movimento operário em muitas partes do mundo. Participou – quando a sua saúde o permitia - do Fórum Social Mundial, que se realiza anualmente desde 2001 em Porto Alegre, Brasil, e suscitou controvérsia ao oferecer o seu apoio – embora crítico – à Venezuela de Hugo Chávez⁴⁵, onde, em 2008, foi-lhe atribuído o Prémio Libertador para o Pensamento Crítico. Os conselheiros econômicos da “Revolução Bolivariana” basearam-se em seu trabalho, que, segundo o seu líder, “ilumina o caminho a seguir... em direção ao socialismo”. O seu apoio crítico a Chávez - cuja resistência determinada ao imperialismo ele admirava – levantou, compreensivelmente, algumas sobranceiras entre alguns membros

⁴⁵ Hugo Rafael Chávez Frías (Sabaneta, 1954 - Caracas, 2013). Político, militar e Presidente da Venezuela de 1999 até sua morte, em 2013. Líder da Revolução Bolivariana, advogava o que denominava de Socialismo do século XXI. (N. E.)

da esquerda antistalinista na Europa, mas a ênfase de Mészáros permaneceu no que ele via como a audácia corajosa da luta anti-imperialista dos venezuelanos.

Apesar de ser mais homenageado na América Latina do que na sua própria pátria adotiva e de ter um estilo de prosa que pode constituir um desafio para os leitores habituados a aplicar padrões de simplicidade orwellianos, Mészáros sentia-se à vontade num ambiente britânico - “inglês e escocês”. No seu debate de 1992 com a *Radical Philosophy*, descreveu a sua admiração de longa data pela cultura anglófona – anterior à sua partida da Hungria. Desde cedo se envolveu com uma “linha de pensamento que vai de Hobbes às grandes figuras do Iluminismo inglês e escocês”: estas “significavam muito” para ele, “tinham uma grande mensagem para o futuro” e tinham sido “parte integrante” do seu próprio trabalho. Era também um amante da “poesia inglesa e escocesa desde Shakespeare até à atualidade”. E “igualmente importante” era o fato de ter sempre “pensado na Inglaterra como o país da Revolução Industrial...[de] uma classe trabalhadora com raízes tremendamente profundas, e que permanece apesar de tudo”. Era importante, insistia ele, “relacionar-se com alguma coisa; o compromisso político e social não pode se dar... no vácuo”. O seu compromisso era “com a classe trabalhadora”, e era assim que ele pensava “no futuro intelectualmente... “Lá e aqui” não pode haver transformação social sem uma agência e a única agência concebível nas condições atuais para nos tirar desta confusão é o trabalho”. No entanto, “temos de redescobrir” o trabalho “no sentido em que Marx falava dele”, “para nós próprios, nas nossas condições atuais”.

Se o trabalho de Mészáros frustra alguns ativistas de esquerda, cujo socialismo — até mesmo seu senso de identidade política — tornou-se vinculado a um compromisso com certas fórmulas teóricas (frequentemente seguidas sem qualquer teste contínuo da realidade empírica), é talvez porque, como sugeri,

as experiências de vida definidoras dele eram tais que focaram sua mente de forma determinada nas questões mais essenciais da época.

À medida que o sistema stalinista se aproximava finalmente do seu colapso, na década de 1980, alguns de nós – que, ao longo dos anos em que o projeto teórico de Mészáros amadureceu, tínhamos nos dedicado à política ativista das várias facções trotskistas – começamos a explorar horizontes teóricos mais amplos. Mészáros era um interlocutor generoso e sem preconceitos. Em 2012, participou num debate sobre a agência revolucionária com antigos trotskistas e outros, que aconteceu à luz da publicação do livro de Cliff Slaughter, antigo membro do Partido Revolucionário dos Trabalhadores (WRP)⁴⁶, intitulado apropriadamente *Bonfire of the Certainties* (e subtulado *The Second Human Revolution*) (A Fogueira das Certezas - A segunda Revolução Humana). Influenciado por Mészáros, é um dos vários livros em que Slaughter confronta a concepção limitada e muitas vezes errônea do marxismo que tinha informado a prática (entre outros grupos) do WRP - fundado em 1973 com base em um conceito impressionista e teoricamente infundado de que uma situação revolucionária era iminente, exigindo a liderança de um ‘partido revolucionário’ para realizá-la — e defende uma reavaliação radical e sem concessões.

Nessa reunião [em 2012], Mészáros concentrou-se na questão principal:

Eu acho, ele disse, “todos nós concordamos [sobre] os tremendos problemas que enfrentam o movimento trabalhista, o movimento da classe trabalhadora. Tantas coisas se revelaram extremamente graves, e o grande problema para o futuro é compreender a natureza da crise que enfrentamos.”⁴⁷

⁴⁶ Ver nota 8 no Prefácio. (N. E.)

⁴⁷ As citações a seguir (páginas 15 a 17), com respeito às análises de Mészáros, referem-se ao debate realizado no encontro sobre a agência revolucionária, em Londres, em 2012, publicado no capítulo 5 deste livro. (N. E.)

Os obstáculos no caminho da transformação socialista, como ele o expressou noutro lugar, são “Himalaias”: de fato, “a montanha a ser escalada” é como “muitos Himalaias uns em cima dos outros” que têm de ser ultrapassados sem ser possível explorar “Sherpas nativos para o trabalho duro”. Pelo contrário, “temos de ser nós a fazê-lo, e só o podemos fazer se estivermos dispostos a enfrentar os verdadeiros desafios e os verdadeiros obstáculos”.⁴⁸ “Foi desse ponto de vista, eu acho, que ele acolheu uma discussão com camaradas dispostos a considerar uma conflagração de antigos dogmas. “Eu... presto homenagem a... Cliff Slaughter”, disse ele, porque ele “permaneceu firmemente numa orientação revolucionária mesmo que a organização a que estava ligado fosse... extremamente problemática”. Na sua contribuição para essa discussão, Mészáros abordou uma série de questões-chave de uma forma historicamente concreta. Estas incluíam o significado do poder do Estado, a inadequação da ideia de alcançar o socialismo com a tomada do poder, e a concepção “extremamente problemática” de que a “consciência comunista” pode ser levada “de fora” para a classe trabalhadora. “Após a Revolução Russa”, disse ele, “o que é que é “de fora” quando o Estado se torna o partido, o partido de Lênin? Já não é “de fora”, já não é “do exterior: é de cima”. Esclarecer isto foi crucial para desconstruir a “noção trotskista do ‘Estado operário deformado’”, à qual, disse Mészáros, sua reação foi

Em que planeta isso aconteceu? Aparentemente, deveria haver este “Estado operário deformado” na União Soviética - do qual eu não vi absolutamente nenhum sinal em lugar algum. Mas por muito tempo vocês [no WRP] estavam considerando construir um partido revolucionário com base nesse tipo de concepção; e então vocês também falaram sobre um “Estado operário deformado” nas ‘Democracias Populares’.

Bem, eu nasci e fui criado em uma delas, na Hungria!

⁴⁸ MÉSZÁROS, István. *The Necessity of Social Control*, London: Merlin Press, 1971, p. 297. (N. E.)

No entanto, reconhece Mészáros, é mais fácil “dizer contra o que... [devemos] ser, dizer o que tem de ser demolido ou abolido” do que “dizer o que deve ser posto no seu lugar”. “Não pode haver resposta a esta questão sem uma avaliação adequada da “natureza da atual crise histórica”.

A humanidade nunca enfrentou uma crise sequer remotamente comparável à que temos atualmente. No capitalismo, a crise é a normalidade. É uma renovação regular e periódica de crises, de crises cíclicas. Mas eu sempre insisto que, nos últimos quarenta ou cinquenta anos, a crise que temos enfrentado, e enfrentamos hoje, é absolutamente diferente. A crise de hoje é a crise estrutural de todo o sistema, não apenas do sistema capitalista, mas de todo o sistema do capital — porque o capitalismo não caiu do céu. Ele surgiu sobre as bases de um processo histórico muito longo, precedido por milhares de anos de uma forma ou outra de capital. E o problema do futuro, quando o contemplamos, é que todos os partidos, até mesmo os partidos revolucionários, estão sempre tentando se encaixar no quadro institucional existente.

O problema das diversas internacionais socialistas, desde que Marx — reconhecendo que havia alcançado seu limite histórico — moveu a Primeira Internacional para longe da Europa, foi que elas não foram capazes de transcender essa limitação. Nessa situação, muitas teorias foram apresentadas para obscurecer as concepções mais fundamentais de Marx. “[E]xtremamente problemático”, por exemplo, é o conceito de “as assim chamadas sociedades capitalistas avançadas”. O que isso significa:

A sociedade capitalista é uma sociedade putrefata... Uma sociedade capitalista avançada é avançada apenas no sentido em que é capitalisticamente avançada. Mas o avanço capitalista é em direção a se tornar cada vez mais destrutivo — e chegou a um ponto em seu próprio desenvolvimento em que a destruição da humanidade está na agenda desta grande “sociedade capitalista avançada”.

Ao confrontar o futuro, é necessário ultrapassar todas as “ramificações e divisões sociológicas” que são introduzidas na literatura para mistificar a categoria “trabalho”, ou “classe

trabalhadora”: esta é deliberadamente “reduzida à classe trabalhadora industrial” para ofuscar a preocupação de Marx com a sua “categoria fundamental” que era “o confronto histórico entre capital e trabalho”. Com base nisso, Mészáros insistiu que não acreditava em “nenhuma estratégia para a transformação futura” que não fosse “uma transformação revolucionária”. Os esforços da maioria dos partidos operários do passado para “se enquadrarem na estrutura do sistema parlamentar... [que desde as suas origens] nunca foi destinado para a classe trabalhadora”, e mostram-se ser tragicamente mal orientados: a “classe trabalhadora nem sequer estava na agenda quando o sistema parlamentar foi estabelecido. A certa altura... [ela] foi permitida integrar-se nele, como “movimento operário” ou “movimento social-democrata”. No entanto, desde o início, Marx — como mostram seus comentários ao criticar o Programa de Gotha⁴⁹ — estava “profundamente infeliz... com esse tipo de desenvolvimento... o tipo de avanço que estava dentro desse tipo de estrutura”. Mesmo o WRP havia participado do processo parlamentar, desviando a atenção “da realidade da situação”, que deve estar:

na necessidade de tomar controle da base material da sociedade; porque, sem isso, falar de qualquer aspecto da política não leva a nada... [Se] vocês falam sobre tomar o poder sem tentar... [tomar] controle de outros aspectos da vida — se vocês não se dirigirem à natureza fundamental do poder material em nossa sociedade — vocês não chegarão a lugar algum.

⁴⁹ MARX, Karl. Kritik des Gothaer Programms (1875). Edição em português: Crítica dos Programas Socialistas de Gotha e Erfurt, Porto: Tipografia Nunes, 1974. Crítica escrita por Marx em 1875 ao programa do Partido Socialista dos Trabalhadores da Alemanha (que em 1890 assumiu formalmente o nome de Partido Social Democrata Alemão), fundado a partir da fusão da Associação Geral dos Trabalhadores Alemães (criada por Ferdinand Lassalle, em 1863) com o Partido Social-Democrata dos Trabalhadores da Alemanha de inspiração marxista (fundado pelos líderes próximos de Marx, August Bebel, Wilhelm Liebknecht e Wilhelm Bracke, em 1869). A crítica ao programa de Gotha foi publicada por Engels em 1891. (N. E.)

Este debate, ele conclui, deveria ser “um empreendimento contínuo, um empreendimento de análise das coisas sem qualquer receio de ofender algo do passado”.

Estamos todos aqui comprometidos com uma transformação socialista radical — sem a qual não há futuro, não há humanidade — no sentido bastante literal de que a humanidade sobreviva no futuro previsível. E a concepção marxiana de uma alternativa histórica — isso é o que deve estar no centro de tudo. Que tipo de ordem social pode ser historicamente viável para o futuro? Este deve ser o enfoque agora, porque a total falência de todos os países capitalistas é um fenômeno muito novo — é pós-Segunda Guerra Mundial — e o país mais desastrosamente falido deste mundo é os Estados Unidos da América, que é considerado o grande motor deste sistema capitalista “avançado”. Um sistema totalmente falido é incapaz de operar para o futuro com uma perspectiva histórica de longo prazo. E, na minha opinião, a única maneira de examinarmos seriamente esses problemas, que são inevitáveis para todos nós, é enfrentarmos essa grande dificuldade e desejo a todos nós sucesso nesse sentido.

Esse comentário final, que poderia ter sido dirigido a qualquer reunião de militantes socialistas, poderia, penso eu, servir como a despedida de István Mészáros. No entanto, uma última palavra deveria ser registrada. No seu funeral em Rochester — onde, numa reunião de familiares e amigos íntimos, foi sepultado junto a Donatella, cuja morte o tinha devastado, mas cuja memória dedicou a obra que quase completou — sua filha mais velha recordou uma fonte de inspiração à qual ele raramente se referia diretamente nos seus escritos.

Apesar de o seu pai não ser religioso, diz ela, ele inspirou-se num livro que veio a desempenhar um papel nos diálogos entre cristãos e marxistas, *Das Prinzip Hoffnung* (O Princípio da Esperança) (1954-1959) de Ernst Bloch⁵⁰. Trata-se de um comentário sobre o marxismo, pouco ortodoxo e eclético, em três volumes, — que, independentemente das suas dificuldades, abre a porta a um materialismo cheio de vida, de alegrias e de possibilidades — por parte de um pensador que havia sido próximo de

⁵⁰ Ver nota 44 no Prefácio. (N. E.)

Lukács, mas que, nos anos 1930, desenvolveu sérias divergências com ele. Uma passagem no final do primeiro volume inclui a afirmação de que o “inimigo mais obstinado do socialismo não é apenas... o grande capital, mas igualmente o peso da indiferença, [de] desesperança”. Sem isso, “o grande capital ficaria” exposto e, apesar de “todos os erros de propaganda... não teria havido... [tais] atrasos até que o socialismo se acendesse na grande maioria cujos interesses lhe pertencem, embora ainda não o saibam”. Bloch critica a “paralisia” gerada pelo “pessimismo” e vê “mesmo o otimismo mais apodrecido” como uma “estupefação” da qual existe pelo menos a possibilidade de um necessário “despertar” para a “verdade libertadora” - que é o reconhecimento de “uma humanidade que é final e socialmente possível”.

Para István Mészáros, sugeriu sua filha, “o princípio da esperança” estava incorporado em uma “perspectiva de afirmação da vida... crucial para qualquer tipo de progresso”, a graça salvadora para alguém cuja vida tinha sido vivida entre os desastres e os perigos contínuos que a abertura da caixa de Pandora do século XX tinha libertado. É um princípio que talvez devesse estar na base do discurso crítico que espero que o legado de Mészáros inspire.

2. PARA ALÉM DO CAPITAL, CONSCIÊNCIA DE CLASSE E ESTRATÉGIA POLÍTICA¹

ISTVÁN MÉSZÁROS

Introdução

Workers International Press

Beyond Capital (Para Além do Capital), (Merlin Press, 1995 e Boitempo 2002), de István Mészáros, é amplamente considerado o livro mais importante sobre marxismo publicado em inglês, desde a queda do Muro de Berlim. Leitura essencial para todos os interessados no futuro do marxismo e na reconstrução do movimento da classe trabalhadora, é, no entanto, muito longa. E alguns alegaram a falta de interesse

¹ Publicado pela Workers International Press, vol. 2 (1-2), Edimburgo, inverno de 1997-8 e primavera de 1998. Parte do conteúdo deste artigo pode ser encontrado na obra *Para Além do Capital: rumo a uma teoria da transição*, de István Mészáros, publicado pela Boitempo Editorial em 2002. (N. E.)

em questões de organização política em Mészáros. Ambos os trechos a seguir explicam como o livro foi escrito e, por implicação, porque as perguntas que ele aborda precisavam de respostas longas; e refutam qualquer impressão de que o autor de *Beyond Capital* (Para Além do Capital) não esteja preocupado com a estratégia política.

O primeiro trecho é baseado em uma transcrição da introdução de uma palestra que Mészáros deu em um fórum do Movimento pelo Socialismo em Edimburgo, em maio de 1997. O segundo é uma versão abreviada e reeditada da transcrição de uma palestra proferida em um seminário aberto da Workers International, em Londres, em abril de 1992 (publicada pela primeira vez em *The International* n°. 10, dezembro de 1992).

István Mészáros foi um dos principais membros do Círculo Petöfi na época da revolução húngara de 1956. Após a invasão soviética, ele teve que deixar Budapeste. Desde então, ele lecionou filosofia na Universidade de St. Andrews, na Escócia; na Universidade de York, em Toronto, Canadá, e na Universidade de Sussex, na Inglaterra, onde é Professor Emérito. Ele também atuou como professor visitante em vários países europeus e latino-americanos, e escreveu muitos livros sobre marxismo, incluindo a *Marx's Theory of Alienation* (Teoria da Alienação de Marx) (1970); *The Work of Sartre: search for freedom* (A Obra de Sartre: busca da liberdade) (1979); *Philosophy, Ideology and Social Science* (Filosofia, Ideologia e Ciências Sociais) (1986), e *The Power of Ideology* (O Poder da Ideologia) (1989).

Edimburgo, 1997

O título do meu livro *Beyond Capital* (Para Além do Capital) foi escolhido há muito tempo. Comecei a escrevê-lo em maio de 1969. Meu editor foi imprudente o suficiente para anunciar sua publicação por volta de 1973 ou 1974: levou

mais 21 anos. Mas havia razões muito boas para isso. Eu precisava responder, para minha própria satisfação, a três perguntas muito importantes.

A primeira pergunta, que me desafiou muito fortemente, foi: como foi possível que o capitalismo sobrevivesse apesar de todas as antecipações iniciais e apesar da prolongada crise do sistema? Marx começou sua análise no início da década de 1840. Seus primeiros trabalhos importantes a esse respeito foram os manuscritos de 1844. A crise do sistema era visível de muitas maneiras naquela época; e, no entanto, deve ter havido algumas razões muito boas para que ele não colapsasse. Ele conseguiu resistir a várias grandes crises: isso é algo que nenhum socialista pode evitar.

A segunda pergunta, é igualmente, importante: o que aconteceu no sistema soviético, por que passou pelas transformações que passou e por que teve que terminar como terminou? Comecei a abordar essa questão muito antes do colapso, quando os apologistas do capitalismo ainda diziam que era um sistema indestrutível. Vindo da Hungria, de onde saí em 1956, eu tinha uma perspectiva diferente. Após os anos de esperança e tremenda decepção, em 1955-56, cheguei à conclusão de que o sistema era irreformável; e que era apenas uma questão de tempo até que tivesse que implodir.

Sempre considerei absurda a ideia do (secretário de Estado dos EUA, John Foster) Dulles e companhia de que o sistema soviético seria derrubado de fora, que o Ocidente interviria violentamente para “reverter o comunismo”: isso significaria suicídio para eles mesmos. Mas sempre pensei que esse sistema, precisamente porque não podia se reformar, porque não podia se livrar de suas contradições, apesar das anunciadas intenções de “desestalinização” que não resultaram em nada, estava essencialmente caminhando para sua própria implosão.

E então a terceira pergunta. Está positivamente relacionada às duas anteriores. Como é possível para nós evitar, no futuro,

as armadilhas e contradições que caracterizaram essa experiência pós-capitalista? Como um socialista convicto, digo que temos que contemplar a experiência do passado, as lições do passado, com vistas ao futuro.

Estas foram as três questões fundamentais que eu tive que enfrentar; e, como vocês podem ver, todas têm grande importância. Elas não podem ser resolvidas facilmente porque envolvem análises histórica, teórica, filosófica, econômica e política. Mas eu estava determinado a continuar, não importa quanto tempo levasse. O livro, cujo título — *Beyond Capital: towards a theory of transition* (Para Além do Capital: rumo a uma teoria da transição) — foi decidido em 1971, foi publicado muito próximo ao final de 1995. E esses eram os problemas que ele pretendia enfrentar.

Eu previa que as mudanças não poderiam ocorrer rapidamente; que estávamos lidando com um processo histórico muito complexo; e que os problemas difíceis têm que ser enfrentados no nível em que surgem. Como o título indica, eu já havia concluído que não era possível almejar simplesmente a derrubada do capitalismo, que era, via de regra, como a maioria das pessoas imaginava a transformação socialista. O desafio do socialismo não poderia ser simplesmente livrar-se do capitalismo.

O capitalismo é apenas uma parte do problema, uma parte muito importante, mas apenas uma parte. O que Marx se preocupava não era com o capitalismo, mas sim com o poder do capital. Essas coisas não são sinônimas. O capitalismo é uma formação histórica relativamente recente, abrangendo os últimos 300, no máximo 400 anos de desenvolvimento histórico; e foi precedido por centenas, senão milhares, de anos de preparação do sistema. Refiro-me ao sistema do capital (que é o foco principal das atenções), que surge organicamente dos vários elementos do capital.

Marx, referindo-se ao sistema orgânico, disse que isso deve ser mantido em mente “que as novas forças produtivas e

relações de produção não se desenvolvem do nada, não caem do céu, nem do ventre da ideia auto-postulante.”. (MARX, *Apud* MÉSZÁROS, 1995, p.621/2002, p.725)²

Eles se desenvolvem a partir das coisas como elas vieram a ser e das relações de propriedade herdadas. No “sistema burguês completo, toda relação econômica pressupõe todas as outras em sua forma econômica burguesa, e tudo o que se postula é, portanto, também um pressuposto”. E isso, como Marx explicou, “é o caso de todo sistema orgânico”. Tal sistema, como uma totalidade,

tem seus pressupostos; e o seu desenvolvimento à sua totalidade consiste precisamente em subordinar a si todos os elementos da sociedade, ou em criar a partir dela os órgãos que ainda lhe faltam. É historicamente assim que se torna uma totalidade. (MARX, *Apud* MÉSZÁROS, 1995, p.621/2002, p.725)

Estamos, portanto, falando de um processo histórico complexo que constitui um todo orgânico, no qual os elementos condicionam e sustentam reciprocamente uns aos outros. Isso significa, para os socialistas que pensam no futuro, que a alternativa a este sistema orgânico tem de ser outro sistema orgânico que seja capaz de se sustentar da mesma forma que o sistema do capital se sustenta a si próprio.

Portanto, não basta atacar o capitalismo no nível político, que muitas vezes é como a ideia de transformação é considerada. Você derruba o Estado capitalista – politicamente, é claro – e você instala uma forma de comando através da qual se prossegue, sem fazer essas mudanças, sem transformar os elementos do sistema herdado em algo que possa ser organicamente utilizado conforme você mesmo imaginou.

² As referências MÉSZÁROS, 1995/2002 que constam nas citações neste texto referem-se a: MÉSZÁROS, István. *Beyond Capital: towards a theory of transition*, Londres: Merlin Press, 1995. E a: MÉSZÁROS, István. *Para Além do Capital: Rumo a uma teoria da transição*, São Paulo: Boitempo, 2002. Com suas respectivas páginas.

Isso é exatamente o que aconteceu na União Soviética e no leste europeu, e todo o processo de transformação do que era originalmente, em sua intenção, uma revolução socialista, em um sistema apologetico para a defesa do stalinismo, piorou os problemas. O que Marx estava originalmente visando era um sistema orgânico novo, radicalmente diferente, um sistema socialista, estabelecido através de um longo processo de revolução socialista. E enfatizou que uma transformação socialista não pode ser simplesmente uma revolução política.

Londres, 1992

I. A natureza da crise

Recentemente, muito se falou sobre o “fim da história”, a ideia de que o capitalismo liberal havia triunfado e que, a partir de agora, seguiríamos em frente e viveríamos felizes para sempre no milênio capitalista liberal. Não foi assim que aconteceu. Estou convencido de que vivemos a era da crise estrutural do capital. Esta crise tem implicações muito significativas para um movimento socialista que se leva a sério. O que estamos testemunhando hoje é nada menos do que a necessidade e a atualidade histórica da ofensiva socialista.

Mas isso não significa a defesa de alguma perspectiva agitational e ingenuamente otimista. Muito pelo contrário. Em primeiro lugar, a atualidade histórica do processo de transformação, decorrente das múltiplas, desiguais e conflitantes determinações de uma tendência histórica objetiva, refere-se inteiramente a uma fase histórica definida – com todas as suas complicações e potenciais recaídas. Não estamos falando simplesmente de algum evento repentino que produz um desenvolvimento linear não problemático.

Vale lembrar o que Lênin escreveu:

O capitalismo poderia ter sido declarado, e com plena justiça, como historicamente obsoleto há muitas décadas, mas isso de modo algum elimina a necessidade de uma luta muito longa e persistente sob a base do capitalismo. O parlamentarismo é historicamente obsoleto do ponto de vista da história mundial; isto é, a era do parlamentarismo burguês acabou e a era da ditadura proletária começou. Isso é incontestável.³

Mas a história mundial é contada em décadas, disse Lênin. Poderia acrescentar: “em séculos também”.

A atualidade histórica, no entanto, significa precisamente o que diz: o surgimento e desdobramento da atualização de uma tendência, em toda a sua complexidade histórica, abrangendo toda uma era ou época histórica; a delimitação de seus parâmetros estratégicos (para melhor ou pior, conforme o caso); e a afirmação última da tendência fundamental da época em questão – não obstante todas as flutuações, desníveis e até recaídas. Além disso, só podemos falar sobre a atualidade histórica da ofensiva socialista se compreendermos que grandes mudanças institucionais e organizacionais são necessárias para concretizar essa tendência histórica.

Este último ponto é verdadeiro devido à séria limitação de que os instrumentos e instituições existentes da luta socialista foram constituídos em uma conjuntura histórica qualitativamente diferente da atual. Esses instrumentos e instituições definiram-se, primeiro, em oposição ao capitalismo e não ao capital em si; e, em segundo lugar – em consonância com seu potencial e função original essencialmente negativos — de maneira fundamentalmente defensiva. Assim, a atualidade histórica da ofensiva socialista, diante da nova crise estrutural, afirma-se como a crescente dificuldade, e a impossibilidade última, de continuar defendendo os ganhos passados através das instituições defensivas existentes (como os sindicatos).

³ Trata-se de uma citação utilizada por Mészáros do livro *Esquerdismo: doença infantil do comunismo* de V.I. Lênin, originalmente publicado em 1920. Pode ser encontrada na versão editada pela Expressão Popular, de 2014, p. 93. (N. E.)

Esta nova etapa significa o fim da política de consenso e uma postura muito mais agressiva das forças dominantes do capital em relação ao trabalho.

II. Os limites do capital

Há, pois, uma pressão objetiva para reestruturar radicalmente as instituições existentes da luta socialista, de modo a ser capaz de enfrentar o novo desafio histórico numa base organizacional que se prove adequada para a crescente necessidade de uma ofensiva estratégica. O que está em jogo é a constituição de um quadro organizacional capaz, não só de negar a ordem dominante, mas também de exercer simultaneamente as funções positivas vitais de controle dentro da nova forma necessária de autoatividade e autogestão. Somente assim as forças socialistas podem romper o círculo vicioso do controle social do capital, e da sua própria negativamente dependência defensiva em relação a ele.

A novidade histórica de nossa situação se manifesta na redefinição qualitativa das condições de sucesso até mesmo dos objetivos socioeconômicos mais limitados. No passado, não apenas era possível obter ganhos parciais significativos do capital por meio das instituições defensivas existentes — tanto que as classes trabalhadoras dos países capitalistas dominantes hoje têm incomparavelmente mais a perder do que “suas correntes”. Também era o caso de que tais ganhos eram um componente necessário e positivo da dinâmica interna da própria expansão do capital. Isso significa que o capital nunca teve que pagar um único centavo pelas concessões que fez.

Em nítido contraste, nas atuais condições históricas da crise estrutural do capital, até mesmo a simples manutenção do padrão básico de vida, sem mencionar a aquisição de ganhos adicionais significativos, requer uma grande mudança na estratégia - de acordo com a realidade histórica da ofensiva socialista. O crescente ataque legislativo do capital ao movimento trabalhista

sublinha a necessidade de tal mudança na orientação estratégica de seus adversários. A última década trouxe uma sucessão de medidas legislativas antitrabalhistas severas — e não apenas na Grã-Bretanha.

A atualidade histórica da ofensiva socialista adiciona, em primeira instância, não mais que o desconfortável fato negativo de que, devido à mudança na relação de forças e às novas circunstâncias, algumas formas anteriores de ação — a política de consenso, a estratégia de pleno emprego, a expansão do Estado de bem-estar social, e assim por diante — estão agora objetivamente bloqueadas. Isso exige grandes reajustes na sociedade como um todo.

Não decorre dessa negatividade inicial bruta que os reajustes em questão serão necessariamente positivos, mobilizando as forças socialistas em um esforço consciente para se apresentarem como a ordem social adequada para substituir a sociedade em crise. Longe disso. Como as mudanças necessárias são muito drásticas, a probabilidade é que as pessoas seguirão a linha de menor resistência por um tempo considerável — mesmo que isso signifique sofrer derrotas significativas e impor grandes sacrifícios a si mesmas, em vez de aceitar prontamente o salto para o desconhecido. Somente quando esgotadas todas as opções que a ordem vigente pode oferecer é que se pode esperar uma virada espontânea para uma solução radicalmente diferente. Exemplos históricos passados incluem o colapso completo de uma ordem social no decorrer de uma guerra perdida, levando a convulsões revolucionárias.

As dificuldades com que se defronta a mobilização de uma resposta socialista adequada à mudança da situação histórica colocam em evidência o conflito potencial entre diferentes escalas de temporalidade — entre a situação imediata e o quadro histórico alargado dos desenvolvimentos. Mas essas dificuldades não alteram o caráter da situação em si. É o caráter objetivo das novas condições históricas que, em última instân-

cia, decide a questão, quaisquer que sejam os atrasos e desvios que possam ocorrer.

Há um limite além do qual a acomodação forçada e os sacrifícios impostos se tornam intoleráveis — não apenas subjetivamente para os indivíduos envolvidos, mas também objetivamente para o funcionamento contínuo do ainda dominante quadro socioeconômico. Só nesse sentido, a atualidade histórica da ofensiva socialista — que é sinônimo do fim do sistema de melhorias relativas através da acomodação consensual integradora — inevitavelmente se afirmará a longo prazo nas formas da consciência social necessária e da mediação estratégica instrumental necessária dessa consciência. No entanto, não há garantias contra novas decepções e derrotas no curto prazo.

Mesmo que fosse verdade que os seres humanos têm uma capacidade ilimitada de suportar absolutamente qualquer coisa que lhes seja imposta — e isso é duvidoso — a resiliência do sistema global do capital hoje está longe de ser ilimitada.

III. O perigo de não se criar os instrumentos políticos para a ofensiva socialista

Uma grande contradição surge do que foi dito acima. A ausência de instrumentos políticos adequados para a ofensiva socialista significa que é possível que a crise estrutural do capital atinja seus limites sem que haja uma alternativa compatível com a existência humana. O que piora as coisas é que a autoconsciência das organizações existentes relevantes ainda é dominada por mitologias passadas, por exemplo, o mito de que o partido leninista é a instituição da ofensiva estratégica por excelência.

É certo que todos os instrumentos e organizações do movimento da classe trabalhadora foram criados para superar alguns grandes obstáculos no caminho para a emancipação. Em primeira instância, eles foram o resultado de explosões es-

pontâneas e, como tal, representaram um momento de ataque. Mais tarde, como resultado de esforços conscientes, surgiram estruturas coordenadas, tanto em países específicos quanto em uma escala internacional. Mas nenhuma delas pôde realmente ir além do horizonte de lutar por objetivos específicos e limitados, mesmo que seu objetivo estratégico final fosse uma transformação socialista radical de toda a sociedade.

Não se deve esquecer que, entre fevereiro e outubro de 1917, Lênin definiu de forma brilhante e realista os objetivos dos bolcheviques como assegurar paz, terra e pão, para criar, dessa forma, uma base social viável para a revolução. Mas, mesmo em termos organizacionais básicos, o partido de vanguarda foi constituído de tal maneira que seria capaz de se defender contra os ataques implacáveis de um Estado policial nas piores condições possíveis de ilegalidade e clandestinidade.

Disto inevitavelmente se seguiu a imposição de sigilo absoluto, uma estrutura de comando rígida, centralização, e assim por diante. Se compararmos a estrutura defensivamente fechada deste partido de vanguarda com a ideia original de Marx de produzir “consciência comunista em escala de massas”, com suas implicações necessárias de uma estrutura organizacional totalmente aberta, temos uma medida da diferença fundamental entre uma postura defensiva e uma postura ofensiva. Somente quando as condições objetivas implícitas no objetivo de ‘consciência comunista em massa’ estiverem em processo de desenvolvimento em escala global, pode-se realisticamente vislumbrar a articulação prática dos órgãos necessários para a ofensiva socialista.

Lênin não tinha ilusões a esse respeito, mesmo que algumas interpretações tendam a reescrever seus objetivos à luz de um pensamento retrospectivo desejoso. Ele baseou sua estratégia para romper o elo mais fraco da cadeia na lei do desenvolvimento desigual, insistindo ao mesmo tempo que

as revoluções políticas não podem, em nenhuma circunstância, obscurecer ou enfraquecer a propaganda de uma revolução socialista, que não deve ser considerada como um ato único, mas como um período de turbulentas convulsões políticas e econômicas, a mais intensa luta de classes, guerra civil, revoluções e contrarrevoluções.⁴

Lênin esperava que a revolução política de outubro abrisse um período de revoluções em todo o mundo, até que as condições de uma vitória socialista estivessem firmemente asseguradas.

Quando a onda de revoltas revolucionárias se acalmou sem resultados significativamente positivos em outros lugares, ele observou sobriamente que não se poderia devolver o poder aos czares e prosseguiu com o trabalho de defender o que podia ser defendido naquelas circunstâncias. Originalmente, ele esperava combinar o potencial político do elo mais fraco com as condições economicamente maduras dos países capitalistas avançados. Foi o fracasso da revolução mundial que forçadamente trancou sua estratégia, impondo-lhe as limitações debilitantes de uma defesa desesperada.

Lênin nunca esqueceu a diferença fundamental entre a revolução política e a revolução social (ele a chamava de revolução socialista), mesmo quando foi irrevogavelmente forçado a defender a mera sobrevivência da revolução política como tal. Stalin obliterou esta distinção vital, fingindo que o primeiro passo em direção a uma vitória socialista representava o socialismo em si; e que isso seria simplesmente seguido por uma ascensão ao alto estágio do comunismo em um país cercado.

A verdadeira diferença entre estruturas e desenvolvimentos defensivos e ofensivos desapareceu na apologética, que foi grosseiramente subordinada à defesa do Stalinismo — aclamado como a maior vitória possível para a revolução socialista em geral. Lênin, diante da ausência da revolução mundial, viu a

⁴ A citação utilizada por Mészáros se refere ao texto Sobre a Palavra de Ordem dos Estados Unidos da Europa, de V.I. Lênin, publicado originalmente em 1915. Pode ser encontrada nas Obras Escolhidas de V.I. Lenine. Editora Alfa Omega, vol.1, 1979, p. 569. (N.E.)

tarefa como uma “operação de contenção” em geral (uso sua expressão), a ser reconstruída por desenvolvimentos mundiais favoráveis em seu tempo devido. Stalin fez da miséria uma virtude, transformando a resposta política necessária aos constrangimentos existentes em um ideal social geral — e a partir daí, compulsório. Ele, arbitrária e voluntariamente, super impôs aos processos sociais e econômicos suas práticas de manipulação política onipotente. Assim, ocorreu um desvio em relação às intenções originais, não apenas em termos de objetivos fundamentais, mas também no que diz respeito às formas institucionais e organizativas.

IV. A concepção de Marx

Marx concebeu o objetivo estratégico como a revolução social abrangente, na qual “os homens devem mudar de alto a baixo as condições de sua existência industrial e política, e conseqüentemente todo seu modo de ser”. As formas e instrumentos da luta tinham que corresponder ao caráter essencialmente positivo da empreitada como um todo, em vez de serem bloqueados na fase negativa de uma ação defensiva.

Por isso que Marx, dirigindo-se a um grupo de trabalhadores, lembrou-lhes que não deviam contentar-se com “a negatividade de retardar o movimento descendente quando a tarefa consistia em mudar de direção”; e que não deviam aplicar “paliativos quando o problema era como curar a doença”. E prosseguiu, dizendo que não bastava se engajar negativa e defensivamente nas inevitáveis — mais uma vez, essa era sua expressão — “lutas de guerrilha que surgem continuamente das incessantes invasões do capital ou das mudanças do mercado”.

Mas quando se tratava de detalhar o lado positivo da equação, nas condições então prevalecentes do subdesenvolvimento relativo do capital — ainda distante de suas barreiras reais e da crise estrutural — ele só podia apontar para o fato

de um processo contínuo de desenvolvimentos objetivos, e não para mediações institucionais e estratégicas tangíveis para transformar esse processo em uma vantagem duradoura. Como ele colocou: “Os trabalhadores devem entender que, com todas as misérias que impõe sobre eles, o sistema presente simultaneamente engendra as condições materiais e as formas sociais necessárias para uma reconstrução econômica da sociedade.”

Assim, ele foi capaz de indicar um aliado positivo no amadurecimento das condições materiais da sociedade; mas não podia ir além disso. Ele insistiu mais de uma vez, no seu discurso, que a guerra de guerrilha pode apenas lutar defensivamente contra os efeitos do sistema. Ele só poderia oferecer a metáfora de uma “alavanca” a ser usada para uma mudança fundamental, sem identificar de forma alguma onde e como essa alavanca poderia ser inserida no centro estratégico do sistema negado para poder produzir a transformação radical defendida.

Após as primeiras explosões mais ou menos espontâneas e ataques nascidos do desespero, o movimento socialista se encontrou numa situação de estabelecer metas muito limitadas, no contexto de confrontos nacionais específicos ocorrendo contra o pano de fundo da expansão global e do desenvolvimento dinâmico do capital. A Primeira Internacional (cerca de 1864 a cerca de 1872) logo enfrentou grandes dificuldades, o que levou à sua desintegração. Nenhuma mitologia retrospectiva pode transformar nem mesmo a Comuna de Paris em uma grande ofensiva socialista, não apenas porque foi brutalmente derrotada, mas também porque, como Marx enfatizou, ela não era de modo algum socialista. Os debates sobre o programa de Gotha e a orientação estratégica do movimento da classe trabalhadora alemã estavam muito à sombra das mesmas determinações defensivas.

Na ausência de condições para a ofensiva socialista, as severas limitações das formas organizacionais e estratégias viáveis foram colocadas em evidência. Marx, depois de definir as condições necessárias para uma revolução socialista bem-sucedida,

em termos do desenvolvimento positivo dos meios de produção, declarou já em 1881:

É minha convicção que a conjuntura crítica para uma nova associação internacional de trabalhadores ainda não chegou, e por isso considero que todos os congressos de trabalhadores, particularmente os congressos socialistas, na medida em que não estão relacionados com as condições imediatas dadas nesta ou naquela nação em particular, não são apenas inúteis, mas prejudiciais. Eles sempre se dissiparão em inúmeras banalidades estéreis e generalizadas. (MARX, *Apud* MÉSZÁROS, 1995, p.677/2002, p.792)

A Segunda Internacional não trouxe melhoria nesse aspecto. Pelo contrário, através de seu economicismo, capitulou miseravelmente diante das determinações sociais e econômicas dominantes frente à difícil situação defensiva geral. Substituiu a prática pedestre da mudança gradual pelas exigências de uma estratégia abrangente, ao mesmo tempo em que traduzia diretamente sua visão de capitulação defensiva na estrutura organizacional ossificada de uma democracia social que se corrompeu ao se aliar à manipulação parlamentar capitalista.

Em conformidade com isso, o período de expansão capitalista após a Segunda Guerra Mundial, aclamado por muitos como a solução permanente das contradições do capital e a base para a integração estrutural da classe trabalhadora, encontrou seus porta-vozes e administradores mais entusiastas nesse movimento pseudo-socialista de capitulação social-democrata. O fato de que hoje, em circunstâncias bastante diferentes, a influência ainda persistente dessas forças de mistificação da classe trabalhadora prova que o cadáver pode cultivar sua barba por um bom tempo antes de sua decomposição final.

Ao contrário da Segunda Internacional, que de certa forma ainda existe hoje, o momento da Terceira Internacional foi relativamente breve. A onda revolucionária nos estágios finais da Primeira Guerra Mundial lhe deu um grande impulso inicial, mas, pouco menos de 20 meses após seu congresso fundador,

Lênin teve que admitir que “era evidente que o movimento revolucionário inevitavelmente desaceleraria quando as nações assegurassem a paz”. Significativamente, no mesmo discurso que reconheceu o declínio da onda revolucionária passageira no Ocidente, houve uma forte concentração na questão das concessões econômicas aos países capitalistas, citando com aprovação Keynes sobre a importância das matérias-primas russas para a reconstituição e estabilização da economia global do capital; e conscientemente adotando essa ideia como estratégia para o futuro previsível. No momento em que os estrategistas da Ação de Março Alemã (1921)⁵ embarcaram em sua ofensiva voluntarista, os dados de determinações objetivas estavam fortemente carregados contra uma ofensiva, colocando um selo trágico no destino dos movimentos revolucionários por muito tempo.

O mundo do capital resistiu também à tempestade de sua grande crise de 1929-33 com relativa facilidade, sem ter de enfrentar um grande confronto hegemônico com as forças socialistas, apesar do sofrimento massivo que a crise impôs. Por maior que fosse, essa crise estava longe de ser uma crise estrutural. Deixou amplas opções abertas para a sobrevivência contínua, recuperação e reconstituição do capital em uma base economicamente mais sólida e ampla.

Reconstruções políticas retrospectivas tendem a culpar personalidades e forças organizacionais por essa recuperação, e se referem em particular ao sucesso do fascismo. No entanto, seja qual for o peso relativo desses fatores políticos, não se deve esquecer que eles devem ser avaliados à luz de uma fase histórica essencialmente defensiva. O que realmente importa no estudo de 1929-33 é compreender o fato de que, naquela época,

⁵ Ação de março Alemã (1921). Revolta dos trabalhadores em março de 1921, durante a República de Weimar (1918-1933). Liderada politicamente pelo Partido Comunista da Alemanha (Kommunistische Partei Deutschlands, KPD), pelo Partido Comunista Operário da Alemanha (Kommunistischen Arbeiter-Partei Deutschlands, KAPD) e por outras organizações de esquerda. A revolta terminou com a derrota dos trabalhadores. (N. E.)

o capital realmente tinha a opção do fascismo e de soluções semelhantes — opções que hoje não mais possui. Objetivamente, isso faz toda a diferença no que diz respeito às possibilidades de ações defensivas e ofensivas.

Dado o modo como foram constituídos como partes integrantes de um quadro institucional complexo, os órgãos da luta socialista poderiam vencer batalhas individuais, mas não a guerra contra o capital em si. Para isso, seria necessária uma reestruturação fundamental dos órgãos de luta socialista, de modo que eles se complementassem e intensificassem a eficácia uns dos outros, em vez de enfraquecê-la através da divisão de trabalho imposta pela institucionalidade circular do capital, dentro da qual se originaram.

V. O “círculo mágico” institucional do capital

Os dois pilares da ação da classe trabalhadora no Ocidente — partidos e sindicatos — estão inseparavelmente ligados a um terceiro membro do quadro institucional geral: o parlamento. Através de seu papel central, o círculo da sociedade civil/Estado político se fecha, tornando-se aquele círculo mágico paralisante do qual parece não haver escapatória. Tratar os sindicatos, como fazem alguns da esquerda, como pertencentes apenas à sociedade civil — segundo o qual supostamente poderiam ser usados contra o estado político para uma transformação socialista profunda — não passa de uma ilusão romântica.

Pois o círculo institucional do capital é, na realidade, composto pelas totalizações recíprocas da sociedade civil/Estado político, que se interpenetram profundamente e se apoiam poderosamente umas nas outras. Portanto, seria necessário muito mais do que derrubar um desses pilares — o parlamento, por exemplo — para produzir a mudança necessária. O lado problemático do quadro institucional prevalecente é captado de forma reveladora por expressões como “consciência sindical”,

“burocracia partidária” e “cretinismo parlamentar”, para nomear uma em cada categoria. O Parlamento, em particular, tem sido alvo de muitas críticas justificadas, mas ainda não há uma teoria socialista satisfatória sobre o que fazer com ele, para além do óbvio apelo à conquista do poder.

Enquanto os fundadores do marxismo lutaram contra a indiferença à política e à defesa igualmente sectária do boicote ao parlamento, eles não previram uma etapa intermediária que poderia, de fato, ser uma fase histórica muito longa — uma etapa que retém pelo menos algumas características importantes do quadro parlamentar herdado, enquanto o longo processo de reestruturação radical é realizado na escala abrangente necessária.

Marx levantou essa possibilidade por implicação, como uma observação à parte em uma discussão sobre o papel da força na mudança revolucionária. Em um discurso pouco conhecido, ele disse:

O trabalhador terá que algum dia conquistar a supremacia política para organizar o trabalho de novas maneiras. Ele terá que derrotar a velha política que apoia instituições antigas. Mas de modo algum afirmamos que esse objetivo será [sempre] alcançado por meios idênticos.

Sabemos das concessões que devemos fazer às instituições, costumes e tradições dos vários países e não negamos que há países como a América, a Inglaterra, e eu adicionaria a Holanda se conhecesse melhor suas instituições, onde o povo trabalhador pode alcançar seu objetivo por meios pacíficos. Se isso for verdade, também devemos reconhecer que na maioria dos países continentais é a força que terá que ser a alavanca das revoluções; é a força a que teremos que recorrer algum dia para estabelecer um regime de trabalho. (MARX, *Apud* MÉSZÁROS, 1995, p.679/2002, p.794)

É discutível se a questão em causa é simplesmente uma questão de «concessões» que devem ser feitas para alguns cons-trangimentos herdados. A importância do parlamento é demasiado grande para ser tratada de passagem, juntamente com os

«costumes e tradições». Compreensivelmente, na concepção de Marx sobre a política como uma negação radical, o parlamento geralmente aparece em sua quase grotesca negatividade, resumida pelo ditado: «Iludir os outros e, ao iludi-los, iludir a si mesmo: esta é a sabedoria parlamentar em poucas palavras.»

“Tanto melhor” que isso seja reconhecido, acrescenta Marx. Mas será mesmo? Como o parlamento afeta profundamente todas as instituições da luta socialista, certamente essa situação é muito pior. Acrescente a consideração, levantada por Marx como uma séria possibilidade histórica, de que a mudança revolucionária pode usar meios pacíficos – ele não diz que isso acontecerá, ele apenas admite como uma possibilidade remota – e o imperativo de reorientar radicalmente a sabedoria parlamentar para a realização de objetivos socialistas parece muito mais premente.

A experiência das sociedades do “socialismo realmente existente” mostra claramente que é impossível demolir apenas um dos três pilares do quadro institucional herdado, pois, de uma forma ou de outra, os dois restantes o acompanham. Isso é bastante óbvio quando pensamos na existência puramente nominal dos sindicatos nessas sociedades. Stalin os chamou de “correias de transmissão” — naturalmente para suas próprias políticas stalinistas. A experiência da Polônia, onde sindicatos amargamente independentes ressurgiram na forma do Solidariedade (Solidarność)⁶ deixa claro que equilibrar a sociedade sobre o pilar restante se torna totalmente insustentável a longo prazo. Foi isso que o sistema stalinista realmente tentou fazer — com resultados que agora conhecemos.

⁶ Sindicato Independente e Autônomo Solidariedade (abreviado em Solidarność). Federação sindical polonesa com raízes cristãs, fundada em 1980. Nasceu de greves de trabalhadores para a formação de sindicatos autônomos em relação ao partido comunista e ao governo. A organização acabou se tornando um partido político e seu líder, Lech Wałęsa, tornou-se presidente do governo polonês (1990-1995), liderando a transição para uma economia de mercado. (N. E.)

Menos óbvio, porém, é o que acontece com o próprio partido após a conquista do poder. Ele pode reter algumas características organizacionais do partido de vanguarda de Lênin, conforme constituído sob as condições de ilegalidade, clandestinidade e luta pela mera sobrevivência contra o Estado policial czarista. Mas, ao se tornar o governante incontestável do novo Estado, ele deixa de ser um partido leninista e se torna, de fato, um partido-Estado, impondo, e também sofrendo todas as consequências que essa mudança necessariamente acarreta.

A questão realmente não é tanto a forma como a consciência é introduzida na classe trabalhadora “de fora”. De certa forma, isso é óbvio: o que foram Marx, Engels, e Lenin, e muitos outros, senão intelectuais burgueses na origem de classe? “O que é importante é o que acontece após a conquista do poder: então não há mais “de fora”. O “de fora” se tornou “de cima”, e isso faz toda a diferença.

Isso é o que caracterizou a situação do partido no poder após a revolução, oprimindo o povo de cima para baixo, suprimindo até mesmo as organizações defensivas da classe trabalhadora que existiam antes. Assim, a transferência de poder de um grupo de indivíduos para outro — uma ocorrência ridiculamente comum no quadro parlamentar — ou mesmo uma mudança parcial de política sob circunstâncias alteradas, torna-se extremamente difícil, senão impossível.

Quaisquer que sejam as boas intenções de desestalinização e democratização, que foram anunciadas no passado, o Estado como tal, incluindo o partido-Estado, não pode desfazer “de nada” por si mesmo — muito menos democratizar-se verdadeiramente. Tudo o que pode fazer é afirmar e salvaguardar os interesses do estado de coisas estabelecido, “fornecer-lhes a garantia política”, na expressão de Marx; e manter a continuidade da sociedade nas bases dadas, juntamente com suas relações de poder predominantes. Pedir ao Estado-partido do partido-Estado que se modifique fundamentalmente é o mesmo que pedir ao Estado que derrube a si mesmo: um absurdo.

Uma vez que a natureza do quadro institucional geral determina também o caráter de suas partes constituintes, e vice-versa, os “microcosmos” particulares de um sistema exibem sempre as características essenciais do “macrocosmo” ao qual pertencem. Nesse sentido, nenhuma mudança pode se tornar outra coisa senão puramente efêmera em qualquer parte particular, a menos que possa reverberar plenamente através de todos os canais do complexo institucional total, iniciando assim as mudanças necessárias em todo o sistema de totalizações recíprocas e interdeterminações.

Vencer as lutas de guerrilha, como insistia Marx, não era suficiente, pois elas poderiam ser neutralizadas, ou mesmo anuladas, pelo poder assimilador e integrador do sistema dominante. O mesmo se aplicava à vitória em batalhas individuais, quando a questão era, em última instância, decidida em termos das condições para vencer a própria guerra. É por isso que a atualidade histórica da ofensiva socialista tem um significado imenso, pois sob as novas condições da crise estrutural do capital, torna-se possível conquistar muito mais do que algumas grandes batalhas – mas no final isoladas, “cercadas” – como as revoluções Russa, Chinesa e Cubana. Ao mesmo tempo, não se pode minimizar o caráter doloroso do processo envolvido. Isso requer grandes ajustes estratégicos e mudanças institucionais e organizacionais radicalmente correspondentes em todas as áreas e em todo o espectro do movimento socialista.

VI. Em conclusão

Gostaria de me referir brevemente a algumas questões que dizem diretamente respeito às perspectivas de mudança organizacional. Diz-se que existem cerca de 33 “partidos de vanguarda”, ou grupos que são candidatos ao papel de partido de vanguarda. Isso me lembra uma expressão italiana que deprecia formações como “*quattro gatti*”, quatro gatos. Trinta e três vezes quatro gatos fazem exatamente 132 gatos, e o problema, a meu

ver, não é como constituir unidade entre os grupos e formações pequenas existentes. O problema qualitativo é como fazer uma conexão entre os grupos que aspiram ao status de partido de vanguarda e as massas exploradas do povo.

Durante um longo período histórico, os partidos social-democratas reivindicaram ser os porta-bandeiras das massas populares. No entanto, nunca ultrapassaram os limites da manipulação parlamentar. Acabaram por privar a classe trabalhadora de seus direitos, tornando-se, ironicamente, politicamente supérfluos. A este respeito, devemos lembrar-nos de que a social-democracia está ela própria morta. Certamente, a social-democracia ainda possui partidos bastante grandes em praticamente todos os países capitalistas avançados; e isso é significativo porque, por muitas décadas, o movimento trabalhista encontrou sua manifestação eleitoral votando nesses partidos. Eles prometeram o socialismo no futuro. Mas o futuro sempre foi adiado; e agora foi completamente abandonado.

Quase todos esses partidos social-democratas abandonaram a pretensão de instituir o socialismo. Na melhor das hipóteses, eles mantêm apenas o nome. Mas observar esse fato não resolve o problema, que é: o movimento trabalhista em si não pode obter os resultados aos quais devem aspirar sem se tornar um movimento de massas. Essa é também a questão crucial para os grupos de vanguarda. Mesmo que todos os 33 grupos pudessem, por algum milagre, ter uma reunião na qual pudessem encontrar um denominador comum e publicar um maravilhoso manifesto geral em que concordassem sobre tudo, isso não alteraria a situação nem um pouco. A questão ainda permaneceria: como chegar aos milhões de trabalhadores que precisam de um movimento socialista para a transformação estrutural necessária.

A menos que seja um movimento de massas, a esquerda socialista não tem chance alguma. Uma questão-chave para o futuro é: como constituir um movimento socialista radical que preencha as condições definidas. A primeira condição é que

esse movimento, desenvolvido como um movimento de massas, deve ser extraparlamentar em sua natureza. O modo como o parlamento se transformou em uma espécie de espetáculo grotesco significa que ele não toma quaisquer decisões. Funciona como dois portões pelos quais as ovelhas passam, uma indo na direção do “não”, a outra na direção do “sim”.

Isto não significa que o parlamento não tenha de figurar de forma importante nas nossas considerações. O parlamento é de vital importância, mas em conjunto com movimentos extraparlamentares, como por exemplo a luta contra o poll tax⁷, que tinha um carácter inteiramente extraparlamentar. O capital é, por definição, uma força extraparlamentar, e o movimento trabalhista que tenta lutar contra essa força extraparlamentar obtendo concessões através do parlamento está lutando de mãos atadas nas costas. É como bater de cabeça contra lanças de aço.

A segunda consideração igualmente importante é o internacionalismo. Existem disputas sobre se deve ser a quarta, ou a quinta, ou apenas uma internacional; mas nenhum socialista sério negaria que o movimento precisa ser internacional. Desde o seu início, durante a vida de Marx, o movimento operário da classe trabalhadora já aspirava a ser internacional. Novamente, é importante lembrar que o capital é internacional. Ele pode se reposicionar, realocar fundos, enviá-los à velocidade da luz de um país para outro, se houver um ataque concertado da classe trabalhadora contra ele. Por isso, o internacionalismo do movimento trabalhista é uma necessidade absoluta.

Assim, nossa avaliação das perspectivas para o futuro deve considerar esses dois elementos axiomáticos: a natureza extraparlamentar do movimento requerido e seu necessário inter-

⁷ O poll tax foi um sistema de tributação local introduzido pelo governo de Margaret Thatcher, pelo qual cada contribuinte era tributado com o mesmo montante fixo (o montante exato era definido por cada autoridade local). Ele substituiu as taxas domésticas na Escócia, a partir de 1989. A abolição do poll tax foi anunciada em 1991 e substituída, em 1993, pelo atual sistema de Council Tax. (N. E.)

nacionalismo. O movimento extraparlamentar prosseguirá em conjunto com a radicalização das forças parlamentares – isto é, uma luta para produzir uma transformação em que decisões que se supõem serem democráticas não sejam feitas por pequenos comitês governamentais. A ação extraparlamentar é uma forma necessária de radicalizar o braço político parlamentar do movimento operário da classe trabalhadora.

No que diz respeito ao internacionalismo, precisamos pensar seriamente sobre por que todos os esforços do movimento trabalhista para criar um quadro organizacional internacional de fato falharam. A primeira, a segunda, a terceira, a quarta, a quarta e meia, não importa quantas internacionais você mencione: todas elas falharam. Se você quiser alterar essa situação, deve-se enfrentar isso. Por que até agora a classe trabalhadora não conseguiu se articular com sucesso como um movimento internacional?

Os problemas e as tarefas para o futuro podem ser resumidos da seguinte forma:

Primeiro, precisamos de uma boa estratégia e de uma teoria correspondente, e muito precisa ser feito nesse sentido. Precisamos de um exame crítico não só do passado, mas da nossa própria realidade contemporânea.

Segundo, a organização – no sentido tanto do núcleo das formas organizacionais (e alguns gostariam de continuar a chamá-lo partido de vanguarda; não importa como você o chame), quanto da organização de massas que só pode ser articulada em torno desse núcleo.

Terceiro, a educação política. Lembre-se que o movimento operário da classe trabalhadora surgiu em toda parte como um grande empreendimento de educação política. Até mesmo o Partido Trabalhista, no início, levou muito a sério a tarefa da educação política. Mas fracassou, e sem sua reconstituição, o movimento socialista não pode funcionar de forma alguma. É verdade que a classe trabalhadora não pode ter sua própria

cultura independente. A cultura é condicionada pela ideologia dominante; e, como dizia Marx, a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante. Mas pode haver uma rede alternativa se os movimentos políticos a constituírem; empreendem-se a educação política como uma parte importante – se não a parte central – de sua tarefa.

Quarto, quando falamos sobre o desenvolvimento da consciência de classe, o desenvolvimento da consciência socialista – que Marx definiu como o desenvolvimento da consciência de massa comunista – não é simplesmente uma questão de teoria, ou de dirigir-se a grupos de pessoas, mesmo com a melhor teoria e a melhor estratégia. É também uma questão de ação. É a ação que é a melhor professora e o melhor desenvolvedor da consciência. A ação se classifica com os outros três fatores, pelo menos em importância igual. A ação de massas, por meio da qual tudo o que é previsto também é tentado como algo a ser implementado – seja bem-sucedida ou não em seu objetivo imediato – é parte vital e prática do processo de transformação social.

3. CLIFF SLAUGHTER, 1928-2021: UMA VIDA PARA A REVOLUÇÃO E SEU LEGADO DESAFIADOR¹

TERRY BROTHERSTONE

Resumo

A vida de Cliff Slaughter (1928-2021) foi dedicada ao internacionalismo da classe trabalhadora e à revolução socialista. Bolsista em Cambridge no pós-Segunda Guerra Mundial, ele se tornou um professor universitário em sua terra natal, Yorkshire, Inglaterra, realizando um importante trabalho em antropologia social. No entanto, foram a teoria e a prática do marxismo que o guiaram. Após deixar o Partido Comunista na época da crise stalinista de 1956, ele se juntou ao grupo trotskista liderado por Gerry Healy e trabalhou incansavelmente para a (Socialist Labour League) Liga Socialista do Trabalho, para o (WRP - Workers Revolutionary Party) Partido Revolucionário dos

¹ BROTHERSTONE, Terry. Cliff Slaughter, 1928-2021: a life for revolution and its challenging legacy. in: Critique - Journal of Socialist Theory 50:1, 251-266. Publicado pela Taylor & Francis. London, UK.

Trabalhadores e para o (International Committee of the Fourth International) Comitê Internacional da Quarta Internacional². Cada vez mais em desacordo com os prognósticos políticos de Healy, sua prática pragmática e sua filosofia subjetivista, Slaughter finalmente rompeu com ele em 1985, quando sua exploração moralmente corrupta, e abusiva, de jovens camaradas idealistas foi exposta. Slaughter desempenhou um papel fundamental ao encerrar o, então, politicamente falido WRP, mas permaneceu ativamente comprometido com a luta internacional da classe trabalhadora e a revolução socialista. O último período de sua vida foi dedicado a confrontar a brutal realidade na qual, apesar do trabalho de todos os que, durante grande parte do século XX, trabalharam como marxistas no movimento da classe trabalhadora, os trabalhadores do mundo continuam sujeitos a um sistema do capital que coloca, mais do que nunca, maiores ameaças à humanidade. Concluindo que o que faltava era a “refundação” do movimento operário e do internacionalismo e, portanto, também do marxismo, ele produziu vários livros cada vez mais radicais em sua crítica. Teoricamente reenergizado pelo colapso do sistema stalinista em 1989-91, ele baseou-se em discussões com István Mészáros, cujo *Beyond Capital* (Para Além do Capital) apareceu em 1995; e em *The Principle of Hope* (O Princípio da Esperança), de Ernst Bloch³, que ele adotou como a melhor exposição do século XX sobre o materialismo de Marx. O ponto de partida para a reflexão sobre o legado desafiador de Slaughter é seu último artigo publicado, que apareceu na *Critique*, em 2020.

Cliff Slaughter, cuja vida foi dedicada ao internacionalismo revolucionário da classe trabalhadora e à crítica marxista, morreu em sua casa em Leeds, onde morava com Vivien Mitchell, sua companheira e esposa por 55 anos, em 3 de maio de 2021, aos 92 anos. Seu último artigo – um apelo ao repen-

² Ver nota 8 no Prefácio. (N. E.)

³ Ver nota 44 no Prefácio. (N. E.)

sar radical de como o materialismo de Marx deve ser praticado hoje – apareceu na *Critique*, no final de 2020. Este ensaio agora parece uma “última cartada”, um desafio póstumo para socialistas sérios a engajarem-se sem preconceito no trabalho teórico como parte indispensável da prática revolucionária. Merece ser revisitado à luz das duas correções na nota de rodapé abaixo⁴.

I

Clifford Slaughter, um garoto da classe trabalhadora de Yorkshire, nasceu na cidade industrial de Doncaster, em 18 de setembro de 1928 e foi criado - durante a década de 1930 em circunstâncias muito precárias devido à Grande Depressão - em Leeds, a cinquenta quilômetros a noroeste, lugar onde ele viveria a maior parte de sua vida. Ingressando na Liga dos Jovens Comunistas (YCL – Young Communist League) em 1947 e, mais tarde, no Partido Comunista da Grã-Bretanha (CPGB – Communist Party of Great Britain), ele escolheu trabalhar como mineiro de carvão em vez de prestar o serviço militar nacional, antes de, em 1949, obter uma bolsa de estudos no Downing College, na Universidade de Cambridge. Lá ele era um entre os estudantes da classe trabalhadora que, na época, ganharam vagas nas universidades de elite da Inglaterra, e que frequentemente sofriam com a ridicularização e com o bullying da classe alta. Em uma ocasião, Slaughter teve que suportar que seus livros fossem removidos de seu quarto e queimados no pá-

⁴ SLAUGHTER, Cliff, More Than a Theory: “a guide to action!” Theses on Marx (on reading Ernst Bloch, The Principle of Hope), in: *Critique: Journal of Socialist Theory*, 48 (4), 2020, pp. 549-562. É assim, e não como foi publicado, que o título deve aparecer (p. 549) - deixando claro que a referência é ao livro de três volumes de Bloch, publicado pela primeira vez na década de 1950. A correção mais importante é que os últimos seis parágrafos do artigo (nas pp. 561-562), que aparecem identificados como se fossem uma citação, são na realidade, a conclusão de Slaughter e deveriam estar em texto simples. (T. B.)

tio, um crime que ele foi convidado a considerar, pelo membro sênior da faculdade a quem ele reclamou, como um aspecto compreensível da cultura da “escola pública” inglesa.

Não impressionado com o currículo conservador de História, Slaughter decidiu estudar antropologia social, matéria que dava mais espaço para a imaginação de quem, sob a tutela de seu reverenciado pai (ex-mineiro de Durham, leigo pregador metodista, e recruta em tempo de guerra do CPGB, em 1943)⁵, já estava bem versado nas obras disponíveis do marxismo, bem como na literatura criativa - notadamente os romances de Stendhal⁶, cujas citações continuaram a enriquecer alguns de seus últimos escritos políticos. Graduando-se com honrarias, Slaughter voltou para Yorkshire para uma cátedra na Universidade de Leeds. (Mais tarde, ele se mudou para Bradford onde lecionou até a aposentadoria⁷.)

A crise de 1956 no movimento comunista internacional mudou o rumo da vida de Slaughter. Ele foi o último sobrevivente proeminente de um pequeno grupo de comunistas ingleses que - ao romper com, ou serem expulsos do, PCGB, no rescaldo das revelações de Khrushchev sobre Stalin; no vigésimo congresso do Partido Comunista da União Soviética na primavera de 1956⁸, e da brutal repressão da Revolução Húngara pelo

⁵ Se os leitores acharam o seu estilo repetitivo, escreveu Slaughter no prefácio do seu livro de 2006, *Not Without a Storm* (referência na nota 43 do prefácio), ele não pediu desculpas. Seu pai, Fred, um “célebre... pregador metodista nas aldeias mineiras de County Durham”, que se tornou um agitador e propagandista ateu militante e comunista tinha transmitido “o seu segredo: primeiro diz-lhes o que lhes vais dizer. Então, diz-lhes. Então, diz-lhes o que lhes disseste”. Estou grato a Bridget Fowler por me ter recordado esta citação. (T. B.)

⁶ Henri-Marie Beyle, mais conhecido como Stendhal (Grenoble, 1783 - Paris, 1842). Escritor. Um dos grandes romancistas franceses do século XIX. Pioneiro do realismo literário. Autor de *O Vermelho e o Negro* (1830) e *A Cartuxa de Parma* (1839). (N. E.)

⁷ Entre as suas nomeações em Leeds e Bradford, teve um período em que trabalhou integralmente para o movimento trotskista. (T. B.)

⁸ Ver nota 6 no Prefácio. (N. E.)

Exército Vermelho naquele outono⁹ - juntou-se ao combativamente enérgico TG ('Gerry') Healy em seu "Clube" trotskista, que, naquela época de amarga desilusão, oferecia uma nova perspectiva aos socialistas de princípios revolucionários¹⁰. Entre eles – e entre aqueles mais próximos de Slaughter, apesar de décadas em que a política sectária de Healy tornou difíceis as relações contínuas com camaradas não partidários – são eles: Brian Pearce (1915-2008) e Peter Fryer (1927-2006)¹¹. Pearce, linguista e formado em história, insistiu sobre a importância política do exame rigoroso da história do stalinismo, contra a indiferença dos historiadores profissionais mais conhecidos do CPGB: ele se tornou um prolífico e premiado tradutor acadêmico de russo e francês. Ele também era um grande escritor de cartas, e Slaughter frequentemente o consultou ao longo dos anos até sua morte, principalmente sobre questões históricas. Fryer era o jornalista do *Daily Worker*, o qual, depois que suas honestas reportagens sobre Budapeste foram reprimidas pelos líderes do CPGB, publicou sua crítica apaixonada do stalinismo, *Tragédia Húngara* (1956) e foi expulso do Partido: mais tarde ele escreveria o seminal *Staying Power: the History of Black People in Britain* (Poder de Permanência: A História dos Negros na Grã-Bretanha) (1984), pelo qual ele ainda é celebrado como um pioneiro da história negra britânica¹². O envolvimento de Fryer

⁹ Ver nota 3 no Prefácio. (N. E.)

¹⁰ De outros importantes recrutas do CPGB que foram para o grupo de Healy, apenas o historiador econômico Tom Kemp (1921-1993), juntamente com Slaughter, não o abandonaram no espaço de poucos anos. Ver Terry Brotherstone, "1956: Tom Kemp and others", em BROTHERSTONE, Terry e PILLING, Geoff (orgs.), *History, Economic History and the Future of Marxism: Essays in Memory of Tom Kemp (1921-1993)*, Londres: Porcupine Press, 1996, pp. 293-349. (T. B.)

Sobre o "Clube", veja nota 8 no Prefácio. (N. E.)

¹¹ Ver nota 26 no Prefácio. (N. E.)

¹² FRYER, Peter. *Hungarian Tragedy*, Londres: Denis Dobson, 1956 (1ª ed.); *Staying Power: the History of Black People in Britain*, Londres: Pluto Press, 1984 (1ª ed.). A edição mais recente deste último, com um prefácio de Gary Younge e uma introdução de Paul Gilroy, foi publicada em

e Pearce no que, em 1959, viria a se tornar a Socialist Labour League (SLL) e – muito depois de terem sido alienados pelas violentas crises de autoritarismo de Healy e deixado a organização – o Partido Revolucionário dos Trabalhadores (WRP) foi de relativa curta duração. Contudo, a participação de camaradas desse calibre no final dos anos 1950, ajudou a tornar possíveis duas importantes publicações socialistas nas quais Slaughter passou a desempenhar um papel importante: a expandida e transformada (de seu primeiro volume no início dos anos 1950) *Labor Review* (vols. 2-7, 1957-1963), inicialmente editada por John Daniels e Bob Shaw; e um jornal semanal estabelecido por Fryer, *The Newsletter* (1957-1969 - neste período publicado duas vezes por semana¹³). Hoje, ambos merecem atenção renovada dos socialistas historicamente conscientes.

Tenho certeza de que o potencial político não concretizado daquele período desempenhou um papel significativo em parte do pensamento de Slaughter, quando ele refletiu sobre isso após o colapso do WRP de Healy, em 1985. Foi uma época em que foi possível desenvolver conversações políticas reais com trabalhadores militantes de diversas indústrias – mineiros de carvão, com quem Slaughter tinha relacionamentos particularmente próximos, estivadores e outros trabalhadores. Mas a priorização de Healy da “construção partidária” de cima para baixo, baseada em ideias extraídas de forma mecânica e a-histórica do Manifesto Comunista, de 1848¹⁴, e do panfleto de

2018. Para uma discussão em que Pearce e Fryer recordaram esses anos, ver BROTHERSTONE, Terry. The 1956-57 Crisis in the Communist Party of Great Britain: Four Witnesses, in: Critique: Journal of Socialist Theory 35 (2), agosto de 2007, pp. 189-210. Um obituário de Fryer, citando Slaughter, encontra-se na mesma edição, nas pp. 297-302. (T. B.)

¹³ A *Labor Review* está disponível em <https://www.marxists.org/history/etol/newspape/lr/index.html>. The Newsletter em <https://www.marxists.org/history/etol/newspape/newsletter/index.htm>. Ambos acessados em 12 de janeiro de 2022. (T. B.)

¹⁴ Ver nota 12 no capítulo 1. (N. E.)

Lenin, O que fazer?, de 1902¹⁵ – que a consciência socialista deve ser entregue aos trabalhadores “de fora” por intelectuais teoricamente versados e profissionais do partido – viciou e, muitas vezes, abortou tais desenvolvimentos orgânicos. A partir de um relato, Slaughter escreveu, em 2000, sobre o funeral de um velho camarada, Jim Allen (o ex-marinheiro e mineiro, virou roteirista e colaborador do radical cineasta Ken Loach), no entanto, podemos ter uma noção do tipo de força política que Slaughter esperava que a SLL pudesse se tornar, motivo pelo qual ele permaneceu, por tanto tempo, comprometido em lutar dentro de uma organização, apesar de estar cada vez mais em desacordo com sua liderança.

No final dos anos 1950, como membro da SLL, mas independentemente de qualquer “decisão partidária”, Slaughter escreveu¹⁶, Allen:

foi a força motriz por trás de um novo jornal, *The Miner*... [que] rapidamente ganhou leitores nas minas de carvão de Lancashire e Yorkshire... [e conquistou apelo porque] contava a verdade sobre a vida e o trabalho dos mineiros, sobre seu empregador (o National Coal Board) e sobre sua liderança sindical. Milhares de mineiros reconheceram como sua própria situação e... organizaram-se em torno dele.

E em uma “nota pessoal”, Slaughter acrescentou:

Posso dizer honestamente que os anos... no campo de carvão de Yorkshire com este jornal foram alguns dos mais gratificantes e agradáveis da minha vida... [Aqui] havia um jornal que os trabalhadores aceitaram como seu. Não tinha um traço de sectarismo... escrito por mineiros para mineiros... com fogo e com humor. As vendas... não eram uma tarefa, mas um prazer... O jornal era realmente um “organizador”. Foram os trabalhadores conquistados

¹⁵ LÊNIN, Vladimir. Que fazer? Questões candentes de nosso movimento. Edição em português: Lisboa, Editorial Avante, 1977.

¹⁶ As três citações a seguir encontram-se em: SLAUGHTER, Cliff. Jim Allen: an Appreciation, in: Work in Progress: a Bulletin to Promote Discussion about the Future of Socialism, nº 1, 2001, pp. 55 a 57. Cópia disponível na British Library ou em t.brotherstone@abdn.ac.uk. (T. B.)

pelo The Miner que formaram e lideraram as filiais da SLL no campo de carvão de Yorkshire... O grupo de mineiros em torno de Jim... era uma equipe capaz de estabelecer relações imediatas com os mineiros de todas as localidades, e... a liderança sindical e o NCB não podiam fazer nada a respeito.

“Um dos poucos elogios” que ele se lembra de ter recebido “em uma longa vida política”, ele continuou, foi de um dos camaradas mineiros de Allen, que, ao presidir uma reunião apresentou-o (um não minerador) como “um cabeça-de-ovo”, mas um “com seus pés no chão”.

Relacionamentos feitos nessa época certamente estavam na mente de Slaughter quando, devido a problemas de saúde que o impediram de comparecer, ele enviou uma mensagem sincera a uma reunião memorial para Peter Fryer, em Londres, em 1919, na qual ele escreveu sobre como, após a crise de 1956, “Peter nunca vacilou em [sua] convicção comunista, lutando e escrevendo até o dia da sua morte pelos oprimidos e explorados [com] obras como *Staying Power* ...”. Forçado a sair da SLL, Fryer encontrou outras maneiras de desempenhar um papel no desenvolvimento da consciência socialista e Slaughter reconheceu que sua ruptura com Healy, por causa de seu regime político manipuladoramente desumano, estava de acordo com suas convicções comunistas. Sua “experiência o ensinou”, escreveu Slaughter, “como ser um bom comunista, seguindo os passos do jovem Marx [que escreveu sobre o] homem apaixonado [que] sente que ele próprio é um ser humano e que os outros são seres humanos, mas que, na sua maioria, são tratados como cachorros...”. Fryer, depois de ser, como ele uma vez disse, “mordido duas vezes” (por Stalin e depois por Healy), decidiu que precisava de tempo para refletir. E isso, reconheceu Slaughter, que permaneceu na organização de Healy nas três décadas seguintes, lutando arduamente com ele em muitas questões, mas sempre se sentindo constrangido pela lealdade à disciplina partidária, permitiu que ele visse – “muito antes de mim” – que a ideia de

Healy de “construir a liderança revolucionária à custa de todas as necessidades e talentos pessoais”, e seu rebaixamento efetivo “da ação independente da classe trabalhadora como mera ‘espontaneidade’”, estava fundamentalmente errado¹⁷.

Após a derrota dos mineiros britânicos na grande greve de 1984-5, que expôs a vacuidade das previsões do WRP de uma revolução incipiente juntamente às reivindicações de liderança revolucionária, levou Healy a previsões históricas de que o fascismo estava próximo; um grupo-chave de membros do WRP finalmente se rebelou e expôs seu líder como um predador sexual. Slaughter imediatamente se aliou aos rebeldes e, tendo desempenhado um papel fundamental para pôr fim à organização de Healy, trabalhou para reparar, onde era possível, o dano que seu sectarismo havia causado a valiosas relações políticas. Em sua mensagem para a reunião memorial de Fryer, ele observou com retrospectivo deleite que “Peter ficou muito feliz [com a expulsão de Healy] e... aceitou com entusiasmo nosso convite para se juntar a nós e escrever no [jornal que então publicamos] *Workers Press*”¹⁸. Pearce também se tornou um colaborador regular.

¹⁷ Slaughter tinha conhecido Fryer em Yorkshire quando este estava no YCL, no final da década de 1940. O seu tributo foi lido na reunião memorial, que estava repleta e que foi motivada pela publicação de uma nova edição de *Staying Power*. Os oradores na tribuna da reunião, realizada no University College, em Londres, na quinta-feira, 3 de outubro de 2019, foram o historiador e radialista David Olusoga, o jornalista e acadêmico Gary Younge e, na ausência de Slaughter, eu próprio. Uma apreciação que sublinha a interligação entre o apoio comunista de Fryer à Revolução Húngara e o seu trabalho sobre história negra é FRASER, Peter; FRYER, Peter (1927-2006): An Appreciation, in: *Immigrants & Minorities*, 27 (1), 2009, pp. 123-128: <https://doi.org/10.1080/02619280902896304>. Acessado em 19/12/2021. (T. B.)

¹⁸ O *Workers Press* foi lançada como um jornal diário da Liga Socialista do Trabalho (Socialist Labour League, SLL) em 1969, e grande parte da sua circulação está disponível em <https://www.marxists.org/history/etol/newspaper/workers-press-uk/index.htm> (acessado em 11 de janeiro de 2022). O jornal funcionou até 1976, altura em que foi substituído, após um hiato, pelo The NewsLine. O grupo que, após a expulsão de Healy, assumiu a liderança teó-

Embora muito respeitado na universidade como estudioso e professor – alguém com um conhecimento enciclopédico dos escritos de Marx – Slaughter sempre evitou o potencial conforto relativo de uma vida acadêmica socialmente distanciada. Apesar da sua distância crescente dos métodos autoritários e das previsões políticas subjetivas de Healy, ele foi incansável na realização de um trabalho político e educacional sério, não apenas entre os trabalhadores britânicos, mas também internacionalmente. Na qualidade de secretário da versão da Quarta Internacional liderada por Healy – o Comitê Internacional (ICFI) – ele fez muitos relacionamentos valiosos, principalmente entre camaradas da OCI – Organization Communiste Internationaliste (Organização Francesa Comunista Internacionalista), com o muito respeitado, militante independente, “Raoul”, lembrado por seu camarada, o historiador e biógrafo de Trotsky, Pierre Broué, em uma longa e perspicaz homenagem na revista *Cahiers Leon Trotsky*¹⁹.

O sectarismo divisionista dos “partidos” trotskistas desse período buscaram se conectar com o movimento da classe trabalhadora, no entanto, isso significava que as amizades e camaradagens eram constantemente desfeitas. Um dos focos do trabalho de Slaughter nos anos difíceis e ainda propensos a conflitos que se seguiram ao fim do WRP de Healy, foi restaurar essas amizades sempre que possível. Com a queda do Muro de Berlim e depois, em 1991, o colapso da União Soviética, tornou-se finalmente possível esclarecer muitas diferenças políticas subjacentes com base no entendimento

rica de Slaughter, reapropriou-se do nome original para a sua publicação semanal (sempre que possível). O Workers Press – acessado em 10 de janeiro de 2022 – está arquivado em <https://www.marxists.org/history/etol/newspape/workers-press-last-uk/index.htm>. (T. B.)

¹⁹ Raoul era o nome de partido de Claude Bernard (21 de dezembro de 1921 - 7 de maio de 1994), um militante trotskista respeitado e independente: ver BROUÉ, Pierre. Raoul, militant trotskyste, in: *Cahiers Leon Trotsky*, 56 (Número especial), julho de 1995, pp. 3-133. (T. B.)

de que o stalinismo não tinha mais a base material que o tornara o inimigo ideológico – e às vezes muito real e violento – do marxismo revolucionário e de seus adeptos. As amargas disputas sobre qual grupo ou seita era o verdadeiro portador do legado de Trotsky, às quais Slaughter teve que dedicar muita energia, perderam sua racionalidade política, senão mesmo histórica. Foi um tempo para novas ideias, o que para Slaughter incluía reconhecer a realidade que, como uma expressão prática do internacionalismo da classe trabalhadora, o ICFI havia sido – como ele disse anos depois a um entrevistador – “virtualmente uma ficção”, consistindo em pequenos grupos, apenas alguns deles tendo alguma influência real dentro da organização²⁰.

II

Em seu trabalho acadêmico, Slaughter nunca se sentiu constrangido a esconder seu compromisso de classe sob uma fachada acadêmica. Ele pesquisou e publicou, em conjunto com Norman Denis e Fernando Henriques, o estudo seminal de uma comunidade mineradora de Yorkshire, “*Coal Is Our Life*” (“Carvão é a Nossa Vida”) (1956)²¹, que foi reimpresso diversas vezes. Um artigo associado sobre relações de gênero foi publicado no principal jornal profissional, *The Sociological Review*, no qual Slaughter continuou a publicar uma série de resenhas especializadas, sempre de um ponto de vista expli-

²⁰ SLAUGHTER, Cliff. A Life for Socialism, in: The Red Flag (Austrália), Número especial, nº 56, julho de 1995, pp. 3-133. Disponível em <https://splitandfusions.wordpress.com/2020/08/29/cliff-slaughter-a-life-for-socialism/>, acessado 19 de dezembro de 2021. Esta foi uma resposta talvez ligeiramente impaciente numa entrevista, que é uma fonte pouco satisfatória, com Slaughter a dar respostas concisas e, por vezes, não totalmente ponderadas. (T. B.)

²¹ DENNIS, Norman; HENRIQUES, Fernando; SLAUGHTER, Clifford. *Coal is Our Life: an Analysis of a Yorkshire Mining Community*, London: Eyre & Spottiswoode, 1956 (1ª ed.). (T. B.)

citamente marxista²². No final dos anos 1970 e início dos anos 1980, ele participou em um grande projeto destinado a enfrentar a crise da arqueologia grega, a Cambridge/Bradford Boeotian Expedition²³. Este interesse levou a um importante artigo de revisão sobre o estudo marxista altamente original de Geoffrey de Ste Croix sobre a luta de classes na Grécia antiga²⁴. Mas para Slaughter também havia um motivo político: este foi um período de grande volatilidade, quando as eleições gregas de 1981 ocasionaram uma grande reforma administrativa no Movimento Socialista Pan-helênico social-democrata de esquerda, PASOK, liderado por Andreas Papandreou. Os relacionamentos que Slaughter fez com ativistas e intelectuais de esquerda perduraram e seriam valiosos três décadas depois, ao informar sua resposta ao governo Syriza e ao desafiador referendo “OXI” (ou “Não!”), em 2015, contra as medidas de austeridade impostas pela União Europeia. Este foi um

²² SLAUGHTER, Cliff. Modern Marriage and the Role of the Sexes, in: *The Sociological Review*, 4 (2), 1956, pp. 213-221. Os livros resenhados por Slaughter nos anos seguintes incluem: FRIEDMANN, George. *The Anatomy of Work* (1960); KERR, Clark et al., *Industrialism and Industrial Man* (1964); STURMHAL, A. *A Study of Workplace Organisation on Both Sides of the Iron Curtain* (1964); BRUS, Włodzimierz. *Socialist Ownership and Political Systems* (1975); RENFREW, Colin e WAGSTAFF, Michael. (orgs.) *An Island Policy: the archaeology of exploitation in Melos* (1982); e HERMAN, Gabriel. *Ritualised Friendship and the Greek City* (1987). Estou grato a Anna Girling por me ter facilitado o acesso a este conjunto de obras. (T. B.)

²³ Ver SLAUGHTER, Cliff e KASIMIS, Charalambos. Some Socio-Anthropological Aspects of Boeotian Rural Society: a Field Report, in: *Byzantine and Modern Greek Studies*, 10, 1986, pp. 103-160. E BINTLIFE, J. L. e SNODGRASS, A. M. *The Cambridge/Bradford Boeotian Expedition: the First Four Years*, in: *Journal of Field Archaeology*, 12 (2), verão de 1985, pp. 123-161. Slaughter disse-me uma vez que uma das coisas que retirou deste trabalho foi uma maior admiração pelo trabalho sobre a sociedade antiga realizado, no século XIX, por Friedrich Engels e Lewis H. Morgan. (T. B.)

²⁴ SLAUGHTER, Cliff. Extended Review of G. E. M. de Ste Croix, *The Class Struggle in the Ancient Greek World: from the Arabic Age to the Arab Conquests*, in: *The Sociological Review*, 30 (4), 1982, pp. 719-727, London: Duckworth, 1981.

momento que Slaughter saudou por seu potencial – real, embora não realizado – para agir como “um sinal para as massas populares de toda a Europa de que é necessário e possível rejeitar e se opor às demandas do grande capital”²⁵.

Em 1980, saiu seu livro de ensaios críticos, *Marxism, Ideology and Literature* (Marxismo, Ideologia e Literatura), apresentado por Slaughter como um “confronto” muito necessário “entre o marxismo e a sociologia da literatura”, e reconhecido nos círculos marxistas como um significativo estudo anti-althusseriano²⁶. (As opiniões de Slaughter sobre Louis Althusser foram elaboradas no jornal *Labour Review* do WRP)²⁷. Um livro

²⁵ SLAUGHTER, Cliff. First... A Last Word, in: Cliff Slaughter (ed.), *Against Capital: Experiences of Class Struggle and Rethinking Revolutionary Agency*, Hampshire: Zero Books, 2016. (T. B.)

²⁶ SLAUGHTER, Cliff. *Marxism, Ideology and Literature*. Londres e Basingstoke: Macmillan, 1980, p. 1. Sobre a influência anti-humanista da obra de Althusser na crítica literária marxista contemporânea, ver especialmente as pp. 200 e seguintes. (T. B.)

²⁷ SLAUGHTER, Cliff. *The Poverty of Althusser's Theory*, in: *Labour Review* (nova série), III (1), junho de 1979, pp. 5-13. Slaughter subscreveu o ataque do historiador E. P. Thompson a Althusser em *The Poverty of Theory and Other Essays*, Londres: Merlin Press, 1978; mas continuou a argumentar que contrapor meramente a “experiência” ao “dogmatismo stalinista, incluindo a variedade racionalista althusseriana”, era perpetuar “uma fonte de confusão, porque (...) relega para segundo plano a grande questão do que é essencial na coisa experienciada”. Esta série da *Labour Review*, publicada mensalmente entre junho de 1977 e março de 1982, com Slaughter no conselho editorial, tentou recuperar algo do empenho teórico que tinha caracterizado o seu antecessor homônimo no final da década de 1950 e revigorar o interesse intelectual mais vasto pelo seu grupo que Healy havia criado, em particular entre os radicais dos meios criativos, na década de 1960 e durante as agudas lutas de classes do início da década de 1970 na Grã-Bretanha. Stuart Hood, o antigo diretor de televisão da BBC, conhecido pelas suas memórias sobre a sua participação em tempo de guerra nas lutas antifascistas dos “partigiani” italianos (*Pebbles From My Skull*, Manchester: Carcanet, 1960), foi persuadido a contribuir, mas o sucesso foi limitado e de curta duração: sobre Hood, ver HUTCHISON, David e JOHNSTON, David. (eds.) *Stuart Hood, Twentieth-Century Partisan*, Newcastle: Cambridge Scholars Press, 2020, especialmente os capítulos I (pp. 10-34 de Terry Brotherstone) e V

introdutório sobre *Marx and Marxism* (Marx e o Marxismo) apareceu em 1985; uma crítica do trabalho em moda na época, de Jon Elster, o qual argumentava que Marx poderia ser lido de alguma forma como um funcionalista, contribuiu para um simpósio de investigação no ano seguinte; e escreveu um ensaio sobre *Engels and Class Consciousness* (Engels e a Consciência de Classe), escrito para o 150º aniversário de publicação da *Condition of the Working Class in England* (1845) (Condição da classe trabalhadora na Inglaterra), de Engels, o qual foi publicado, um pouco tardiamente, em 1996²⁸.

Durante os anos 1960 e 1970 e nos anos 1980, no entanto, grande parte do tempo de Slaughter foi gasto na produção de volumosas contribuições para a literatura “partidária”, na Grã-Bretanha e para a Internacional. Ele se viu cada vez mais em desacordo com a política crescentemente oportunista e com a excêntrica filosofia de Healy, mas chegou a reconhecer que o seu trabalho (e o de outros “intelectuais” do partido) serviu, pelo menos, aos olhos de ativistas leais e politicamente explorados, para dar a Healy, por associação, um não merecido prestígio e respeitabilidade teórica. Ele fez uma autoavaliação de seu papel naqueles anos quando falou em um encontro de apoiadores internacionais em 2012:

Recentemente, li o livro de Jean-Paul Sartre sobre sua infância. Sua criação em uma casa de professores, repleta de livros, levou-o a colocar palavras e frases à frente da realidade. Ele passou a vida tentando se livrar dessa bobagem. Isso me fez repensar toda a nossa conversa sobre trabalho teórico, o papel dos intelectuais, e assim por

(pp. 88-100 de Tony Garnett). A Labour Review foi substituída no início da década de 1980 pela Fourth International, mais pragmática, ao estilo de uma revista, destinada a ativistas políticos e não a intelectuais marxistas. (T. B.)

²⁸ SLAUGHTER, Cliff. *Marx and Marxism: an Introduction*, Harlow: Longman, 1985; Making Sense of Elster, in: Symposium: Jon Elster's Making Sense of Marx, *Inquiry*, 29: 1-4 (1986), pp. 45-56; e Engels and Class Consciousness in: LEA, John e PILLING, Geoff (eds.). *The Condition of Britain; Essays on Frederick Engels*, Londres: Pluto Press, 1996, pp. 110-127. (T. B.)

diante. Falando por mim, eu não estava realmente fazendo qualquer trabalho ou análise teórica real. A maior parte – se você olhar os boletins e jornais internos – consistia essencialmente em encontrar as citações certas para cada ocasião: algo em Lênin ou Trotsky ou Marx que explicaria o que estava acontecendo. Isso não é pesquisa real ou teoria real.²⁹

Na década de 1970, Slaughter se opôs a Healy na natureza “pré-revolucionária” do período e em outras questões³⁰. Mas ele não conseguiu ultrapassar as manobras da direção as quais garantiam que suas discordâncias fossem sempre postas de lado e afastadas dos membros ativos. Adquirir os recursos para criar o aparato partidário – instalações de impressão para um jornal diário, escritórios partidários, livrarias, centros de treinamento para atrair o esperado movimento juvenil de massa e assim por diante – o qual Healy pensou que sua perspectiva exigia, acompanhou a degeneração de uma política em que, nomeadamente, tinha o internacionalismo como princípio e, na qual, o apoio condicional aos movimentos de libertação nacional eram cada vez mais substituídos por relações oportunistas com regimes nacionalistas, frequentemente corruptos, abertos à troca de recursos materiais por propaganda de apoio. Isso deixou o grupo,

²⁹ Ver fala completa de Slaughter no capítulo 5. (N. E.)

³⁰ Sou grato a Vivien Slaughter pela informação provida por correspondência, com pormenores, sobre estes assuntos, que espero que sobreviva e que com o tempo, venha a ser incluída em arquivos. A minha própria amizade com os Slaughters é posterior a 1985. Durante os anos do WRP, embora durante um período no Comitê Central, eu era essencialmente um soldado Healyite, com pouca visão da formação política, e certamente não era um confidente de Slaughter. Para uma breve avaliação de Slaughter sobre a história e a degeneração política de Healy, ver SLAUGHTER, Cliff, SLAUGHTER, Vivien e MATHER, Yasmine. *Women and the Social Revolution*, Peterborough: Spiderwize, 2018, pp. 69-70. Para mais sobre Healy, ver MCILROY, John e GERARD, Thomas (Gerry) Healy (1913-1989): Trotskyist Leader, in: GILDART, Keith e HOWELL, David (eds.). *Dictionary of Labour Biography*, vol. 12, Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005. Acessado em 31/01/2022 no <https://www.marxists.org/history/etol/writers/mcilroy/gerry-healy.htm> (T. B.)

liderado por Slaughter, que buscou recuperar uma orientação marxista crítica com muito para reavaliar, após o término do partido de Healy. O foco de Slaughter era servir o futuro em vez de lamentar o passado, mas ele reconheceu a necessidade de corrigir erros, entre os quais o mais prejudicial foi o apoio essencialmente acrítico que o WRP deu, em 1979, à revolução islâmica no Irã³¹. Yassamine Mather, ativista socialista iraniana e estudiosa, agora baseada em Oxford e presidente do Hands Off the People of Iran, lembra-se de ter conhecido Slaughter em meados da década de 1980:

Ele foi o primeiro ativista de esquerda britânico que conheci que se desculpou pelo apoio de sua antiga organização a Khomeini. Ele foi inflexível ao afirmar que a classe trabalhadora britânica deveria mostrar solidariedade com os trabalhadores iranianos, e [que] as propagandas de um governo antiocidental (em oposição a um governo anti-imperialista) não deveriam confundir a esquerda. Ele permaneceu um sólido aliado da classe trabalhadora iraniana até os últimos dias de sua vida.³²

III

Na excitação dos anos pós-soviéticos, embora ainda – trabalhando com alguns camaradas altamente comprometidos que lutavam para resgatar um legado positivo da experiência do WRP – lutando com a ideia de construção de um partido como um elemento-chave na prática revolucionária contemporânea, Slaughter estendeu cada vez mais sua rejeição do “Healyism” para uma crítica mais completa dos fundamentos

³¹ Revolução Iraniana, também conhecida como Revolução Islâmica ou Revolução de 1979. Processo de mobilização no Irã que levou à deposição do Xá Mohammad Reza Pahlevi e à derrubada da dinastia Pahlevi (no poder desde 1925, com apoio ocidental). A revolução, liderada pelo aiatolá Khomeini, levou ao estabelecimento da atual república islâmica. O governo substituiu todas as leis seculares por leis islâmicas, e pratica frequentes expurgos ou outros meios de repressão contra os oponentes. (N. E.)

³² Correio eletrônico com cópia para o autor, de 28 de dezembro de 2021, de Yassamine Mather. (T. B.)

do “trotskismo” que se baseava no *‘Programa de Transição’*, de 1938, o documento que lançou a Quarta Internacional³³. O significado vital da corajosa luta de Trotsky contra o stalinismo permaneceu inalterado. Mas a proposição de que “a situação política mundial como um todo é caracterizada principalmente por uma crise histórica da liderança do proletariado” porque o “pré-requisito econômico para a revolução proletária já, em geral, tivera alcançado o ponto mais alto de fruição que pode ser alcançado sob o capitalismo” foi simplesmente provado que estava errado³⁴. A definição de imperialismo de Lênin como “o estágio mais elevado [ou final] do capitalismo”, independentemente de quanto o gênio organizacional da Revolução de Outubro estivesse correto, havia sido enganoso ao promover a ideia de que o capital agora carecia de resiliência inerente e da capacidade de superar crises cíclicas, mesmo as extremas. Cada recuperação – incluindo o longo “boom” do pós-guerra no Ocidente – por mais reais que tenham sido seus avanços tecnológicos, trouxe consigo as sementes de uma destrutividade ainda maior. Mas a implicação de que a chegada do socialismo (“sociedade verdadeiramente humana”) foi frustrada simplesmente pelo fracasso – principalmente através das (embora muito reais) “traições” da social-democracia e do stalinismo – para criar uma liderança revolucionária na classe trabalhadora, tornou-se um grande obstáculo no desenvolvimento criativo do marxismo como teoria revolucionária prática. A verdade tinha de ser aceita, concluiu Slaughter, que muitas vezes foi um flagelo eficaz do “revisionismo”, de que certos princípios da teoria estabelecida, em face da realidade empírica, precisam ser revistos.

³³ Ver nota 21 no Prefácio.

³⁴ The Objective Prerequisites for a Socialist Revolution (Os Pré-requisitos Objetivos para uma Revolução Socialista), na primeira parte de The Death Agony of Capitalism and the Tasks of the Fourth International. The Transitional Program (1938) (A Agonia Mortal do Capitalismo e as Tarefas da Quarta Internacional. O Programa Internacional - 1938) Acessado em 06/01/2022 no <https://www.marxists.org/archive/trotsky/1938/tp/tp-text.htm> (T. B.)

Um diálogo com o filósofo político marxista, István Mészáros, então prestes a publicar sua obra-prima, *Beyond Capital: Towards a Theory of Transition* (Para Além do Capital: Rumo a uma Teoria da Transição), alimentou produtivamente o novo pensamento de Slaughter³⁵. Tudo começou quando, no início dos anos 1990, eles se encontraram entre uma minoria da esquerda revolucionária que acolheu de todo o coração o chamado “colapso do comunismo”. Quando muitos outros lamentaram a morte do “socialismo realmente existente”, eles reconheceram que o fim do stalinismo como força material havia removido um obstáculo de décadas para a revolução socialista e enfraqueceu severamente uma importante fonte de confusão ideológica. O momento era propício para o livro de Mészáros, o qual foi fruto de sua experiência na Revolução Húngara de 1956, e do subsequente exílio, e de mais de duas décadas de repensar três questões fundamentais: como é que o capitalismo sobreviveu tanto tempo desde o primeiro reconhecimento da sua transitoriedade histórica na década de 1840?; o que deu errado com a experiência soviética?; e como a teoria de Marx poderia ser recuperada como um guia prático para a transformação revolucionária necessária e sua realização de uma forma que evite os erros e decepções do século XX?

Tudo isso fez verter mais grãos no moinho de Slaughter. Em *Not Without a Storm* (Não Sem Uma Tempestade), publicado em 2006, ele abordou a necessidade de ser “brutal” sobre a realidade de que, apesar de todos os esforços daqueles “de nós que durante boa parte do século XX tentamos trabalhar como marxistas no movimento operário”, os “trabalhadores do mundo permanecem, no novo milênio, à mercê de um sistema do capital que sobreviveu a todas as suas lutas e os confronta com ameaças

³⁵ Sobre Mészáros ver Terry Brotherstone, ‘A Tribute to István Mészáros (1930-2017)’, in: *Critique* 81, 46:2 (May 2018), pp. 327–337 (capítulo 1 do presente livro - N. E.). A *Monthly Review* publicou muitos dos artigos de Mészáros, e também publicou uma apreciação obituária: ver *Monthly Review*, 69 (7), dezembro de 2017: https://monthlyreview.org/2017/12/01/mr-069-07-2017-11_0/. Acessado em 17/12/2021. (T. B.)

maiores do que nunca.” Vital para sua tentativa de resolver esse “fato importante e preocupante”, reconheceu, “foi o trabalho de István Mészáros”; e mais importante é a sua demonstração de que foi com o que estava sendo chamado de “globalização” que “o sistema do capital [tinha] encontrado o seu limite histórico, a sua crise estrutural”³⁶.

O abrangente repensar do marxismo de Mészáros – prefigurado já em 1970 em sua Marx’s *Theory of Alienation* (Teoria da Alienação de Marx) e sua palestra no Memorial Isaac Deutscher sobre “*The Necessity of Social Control*” (“A Necessidade de Controle Social”), no ano seguinte, continuando com, entre outros trabalhos, *The Power of Ideology* (1989) (O Poder da Ideologia), e alcançando seu ápice com *Beyond Capital* (Para Além do Capital) – desenvolveu-se em uma obra multivolume, projeto ainda incompleto quando ele morreu em 2017³⁷. A tarefa do tamanho do “Himalaia” perante a humanidade, em seu confronto do século XXI com a escolha secular de “socialismo ou barbárie” de Rosa de Luxemburgo, ele argumentou, tinha de ser entendida como envolvendo muito mais do que a vitória política da classe trabalhadora sobre o capitalismo. O que é necessário é antes a transição sociometabólica – no que Slaughter articulou, em 2013, no subtítulo de sua *Bonfire of Certainties* (Fogueira das Certezas), como “a segunda revolução humana” – além do próprio capital, o poder que dominou diferentes formas de sociedade ao longo

³⁶ SLAUGHTER, Cliff. *Not Without a Storm: Towards a Communist Manifesto for the Age of Globalisation*, Londres: Index Books, 2006, p. 3. O desenvolvimento radical do pensamento de Slaughter, nesta altura, pode ser visto comparando *Not Without a Storm* com o seu libreto anterior, *A New Party for Socialism - Why? How? When? By Whom? On What Programme? Answers to some burning questions and some new questions*, Londres: Workers Press, 1996. (T. B.)

³⁷ O primeiro volume, do que foi projetado como três volumes, de *Beyond Leviathan: Critique of the State* (Além de Leviatã: Crítica do Estado) foi publicado postumamente pela Monthly Review Press no início de 2022. (T. B.) Para outros volumes do projeto de Mészáros, ver *Tributo a Mészáros* de Brotherstone no capítulo 1. (N. E.)

de muitos séculos. O trabalho do próprio Slaughter, construído com base nos fundamentos lançados por Mészáros e que o impulsionou a ir além – particularmente em repensar o problema da agência transicional. O seu livro seguinte, *Against Capital* (Contra o Capital), de 2016, era, portanto, um estudo coletivo de “experiências práticas contemporâneas de luta de classes” e de se “repensar a agência revolucionária”³⁸. Numa ricamente engajada Revista *Critique*, Bridget Fowler o recomendou pela sua penetrante análise global e sociopolítica; pela sua rejeição “oportuna” do fatalismo dos “banqueiros” e dos ideólogos do “fim da história”; e, particularmente, pelo seu confronto “escrupulosamente honesto” com o erro reconhecido, “não sobre o marxismo em si – que, com razão, continua a ser um recurso precioso - mas, antes, sobre a imposição doutrinária do ‘centralismo democrático’ “. ³⁹

O trabalho teórico de Slaughter continuou até pouco antes de sua morte; e seu artigo final publicado na *Critique* foi projetado para sinalizar um novo começo ainda mais radical. Como disse Mészáros, ao homenageá-lo na reunião de lançamento da *Bonfire of Certainties* (Fogueira das Certezas) em 2012:

...meu amigo Cliff Slaughter... sempre permaneceu firme em uma orientação revolucionária, mesmo que a organização à qual ele estava vinculado [o WRP] fosse extremamente problemática. Ele [sempre] manteve essa posição determinada de pensar em termos de uma perspectiva revolucionária.⁴⁰

E foi o compromisso com essa perspectiva que levou Slaughter a desempenhar um papel indispensável na dissolução

³⁸ Os principais trabalhos recentes de Slaughter são: *Not Without a Storm*, op. cit.; *Bonfire of the Certainties: the Second Human Revolution*, (Morrisville, NC.: Lulu, 2013); o volume editado, *Against Capital: Experiences of Class Struggle and Rethinking Revolutionary Agency*, (Winchester, UK and Washington, USA: Zero Books, 2016); e com Vivien Slaughter and Yassamine Mather, *Women and the Social Revolution*, op. cit. (T. B.)

³⁹ FOWLER, Bridget. *Against Capital: Experiences of Class Struggle and Rethinking Revolutionary Agency*, in: *Critique* 77, 45:1-2 (fevereiro de 2017), pp. 205–215. (T. B.)

⁴⁰ Mészáros estava falando sobre a Fogueira das Certezas, na reunião de 2012 (...). (T. B.) Ver o capítulo 5. (N. E.)

do WRP em 1985, quando Healy foi finalmente denunciado, dentro das fileiras de sua própria organização, como um oportunista político com uma predileção covarde pela disciplina imposta pela intimidação em vez de argumento e persuasão; e indiscutivelmente - a acusação decisiva que levou à sua expulsão - um predador sexual, explorando o idealismo de jovens camaras das mulheres para gratificação pessoal.

Andrew Burgin, agora Diretor Internacional da Unidade de Esquerda de Ken Loach⁴¹, que era um membro do WRP na época da crise de 1985, falou por muitos quando, ao ouvir sobre a morte de Slaughter, ele postou nas redes sociais seu relato sobre o “papel importante” que desempenhou em sua própria educação política; e de como, quando a corrupção de Healy foi revelada e a organizadora nacional do WRP, Sheila Torrance, defendeu-o com o argumento “de que [seu] papel como um socialista revolucionário era uma consideração mais importante do que as alegações de abuso sexual” (um argumento repetido por “celebridades” aliadas de Healy, Corin e Vanessa Redgrave), Slaughter liderou, e deu direção para, a oposição. Ele:

dissecou o seu [de Sheila Torrance] argumento e, num discurso extremamente poderoso, defendeu uma moral revolucionária e relacionou o abuso diretamente com a política de Healy. Concluiu que o abuso em si exprimia a degeneração da política de Healy e daqueles que agora procuravam defendê-lo... [Slaughter] era uma das figuras centrais ...que procurou reparar os danos e pôr a organização de pé politicamente. Em todos os momentos [ele]... tentou elevar o nível da discussão e ultrapassar os abusos do passado ... Lamentava profundamente o papel que tinha desempenhado em sustentar o regime de Healy, mas tentou ultrapassar esse fato através da construção de uma tendência política saudável no período pós-divisão...⁴²

⁴¹ A Left Unity (Unidade de Esquerda) foi fundada no Reino Unido em 2013, quando mais de 10.000 pessoas responderam a um apelo do realizador de cinema radical de Ken Loach para a criação de um novo partido que se opusesse ao consenso do establishment britânico, o qual apoia o programa de “austeridade” do governo conservador/liberal-democrata. O partido é filiado ao European Left Party (Partido da Esquerda Europeia). (T.B.)

⁴² O post de Burgin no Facebook deixou claro que apenas uma minoria de membros do WRP apoiou Healy na reunião conjunta de Londres em que

O compromisso internacionalista de Slaughter permaneceu firme, apesar de seu reconhecimento de que o WRP havia se corrompido profundamente. Ele acreditava que essa corrupção havia, para todos os efeitos práticos, matado o ICFI. Para além da sua determinação para corrigir os erros oportunistas do passado do WRP - e a revolução iraniana previamente referida foi apenas uma questão entre muitas - manifestou-se particularmente no seu apoio entusiástico à Ajuda aos Trabalhadores da Bósnia⁴³ (e mais tarde para o Kosovo), que na década de 1990 organizou comboios de ajuda da classe trabalhadora a mineiros e outros sindicalistas que lutavam pela libertação nacional da ditadura de Milosevic, na antiga Iugoslávia⁴⁴; e também no seu trabalho de solidariedade na África Austral, onde se deslocou com o antropólogo social marxista Frank Girling (1917-2004) - outro antigo membro do CPGB que tinha aderido brevemente a Healy depois de 1956 - para apoiar os combatentes

Slaughter falou - e era uma minoria ainda menor na organização em geral. O post terminava com a “saudação” de Burgin a Slaughter, “um camarada que dedicou a sua longa vida à luta...”. Agradeço a Andrew Burgin a autorização para citar os seus comentários. Há relatos de testemunhas oculares do discurso de Slaughter em COWEN, Clare. *My Search for Revolution & How we brought down an abusive leader*, (Kibworth Beauchamp: Matador, 2019), pp. 308-13 (informado por notas contemporâneas); e em HARDING, Norman. *Staying Red: Why I Remain a Socialist*, Londres: Index Books, 2005, pp. 250 e segs. (T. B.)

⁴³ Ajuda aos Trabalhadores da Bósnia (Workers Aid for Bosnia). Organização de solidariedade com os povos da ex-Jugoslávia que defendiam uma Bósnia-Herzegovina unida e multiétnica, fundada em 1993. Apoiada pelo Workers Revolutionary Party (WRP) e pelo International Socialist Group (USFI). (N. E.)

⁴⁴ Slobodan Milošević (Požarevac, Sérvia, 1941 - Haia, Holanda, 2006). Político sérvio. Foi presidente da Sérvia, de 1989 a 1997 e da República Federal da Iugoslávia, de 1997 a 2000. Também foi o principal líder do Partido Socialista da Sérvia desde a sua fundação, em 1990. Foi preso pelo Tribunal Penal Internacional para a antiga Iugoslávia (TPII), um comitê das Nações Unidas, sob a acusação de crimes contra a humanidade, de violar as leis e costumes de guerra, violações graves às Convenções de Genebra e genocídio, por seu papel durante as guerras na Croácia, Bósnia e Herzegovina e Kosovo. (N. E.)

antistalinistas dos movimentos de libertação desse país⁴⁵. Ele era particularmente inspirado pelas corajosas irmãs gêmeas da Namíbia, Panduleni e Ndamona Kali, que lutaram – à custa de grande sofrimento pessoal – tanto contra o apartheid quanto contra o regime interno brutal e desumanizador da ala militar da SWAPO, a Organização do Povo do Sudoeste Africano, que reproduzia o Congresso Nacional Africano, seu aliado próximo. Apropriadamente, uma imagem destas duas mulheres foi a capa do último livro publicado por Slaughter, *Women and the Social Revolution* (Mulheres e a Revolução Social), em coautoria com Vivien Slaughter e Yassamine Mather: foi dedicado (sem dúvida, tendo parcialmente em mente as relações de gênero reacionárias e burguesas que prevaleceram no WRP) à memória da libertária americana Maria Turner e ao seu apelo - quando da rebelião de escravos de Southampton, na Virgínia, em 1831 - em nome das “belas filhas da África”, para que não fossem mais “obrigadas a enterrar as suas mentes e talentos debaixo de painéis e chaleiras de ferro” ou a tolerar que os frutos do seu trabalho fossem desfrutados por homens exploradores.⁴⁶

Também na África, Slaughter se reuniu com estudantes militantes, um dos quais, Jade McClune – agora um lutador comprometido pela justiça social, ativista pelos direitos à terra na Namíbia, e eloquente polemista contra o neoliberalismo - escreveu que se lembra Slaughter como “talvez o homem mais civilizado que já conheci”, um julgamento baseado em “não tanto [sobre] a perspicácia teórica de Cliff, mas sim pelo seu comportamento e caráter não burguês.” McClune relembra:

⁴⁵ Sobre Girling, ver o meu (com a minha contribuição) obituário em *The Scotsman*, 4 de abril de 2004, em: <https://www.scotsman.com/news/obituaries/frank-girling-246919> [Acessado em 19/12/2021] e ALLEN, Tim. Introduction: Colonial Encounters in Acholiland and Oxford: the Anthropology of Frank Girling and Okot p'Bitek, in: Girling and p'Bitek, Lawino's People: the Acholi of Uganda, Wien: Verlag GmbH & Co., 2019, pp. 7-47. (T. B.)

⁴⁶ SLAUGHTER et al., *Women and the Social Revolution*, Peterborough: Spiderwize, 2018. A história inspiradora de Panduleni e Ndamona Kali encontra-se nas pp. 57-62. (T. B.)

Assisti a uma palestra em Windhoek onde ele veio vestido de jeans e apresentou uma análise destruidora de mitos – que teve um impacto tão profundo em mim como estudante e em minha visão de mundo, e de meu lugar nele, que de alguma forma alterou o curso e a trajetória de minha vida.

Embora ele claramente não tivesse muito tempo para amenidades, ele sempre nos tratou com genuíno... respeito. Como pessoas que cresceram sob o solado das botas do racismo, destruidor de almas, sua abordagem humana e inteligente para nós como socialistas marrons certamente teve um efeito profundo em nosso senso de auto-estima, na medida em que, desde então, me descobri incapaz de tolerar ser tratado por qualquer padrão menor de camaradagem e respeito do que o professor Cliff Slaughter nos mostrou. Mesmo quando éramos jovens e tolos, ele nos tratou com total dignidade e respeito como seres pensantes, agentes necessários de mudança...⁴⁷

IV

A partir do momento em que desempenhou seu papel fundamental na destruição tardia do Healyite do WRP, e começou a trabalhar para superar seu legado sectário, Slaughter, auxiliado primeiro pelo seu diálogo com Mészáros e depois por sua nova leitura de Ernst Bloch (cujo *The Principle of Hope* (O Princípio da Esperança) ele veio a pensar como “a exposição mais completa” no século XX do materialismo ativo e humanista de Marx), dedicou-se à crítica radical da teoria e prática marxistas existentes, incluindo muito do pensamento que guiou sua própria vida. Isso culminou no Ensaio Crítico de 2020 “*More Than a Theory...*”

⁴⁷ Mensagem de correio eletrônico de Jade McClune para o autor, 13 de outubro de 2021. Agradeço a sua autorização para o citar. McClune, licenciado em estudos africanos pela Universidade da Cidade do Cabo, é autor, entre outros, de *Water Privatisation in Namibia: Creating a New Apartheid*, Windhoek: Labour Resource and Research Institute (LaRRI), 2004; e (como Jade Lennon), *The Trouble with Water Rights in Namibia and the Revenge of the Neoliberal*, 2021; disponível em <https://jade-lennon.medium.com/the-fight-for-water-rights-in-namibia-and-the-revenge-of-the-neoliberals-33fd3c0cb8e4>. Acessado em 9/01/2022. É colaborador frequente do jornal *The Namibian* e faz campanha pelo Movimento dos Sem Terra da Namíbia. (T. B.)

(“Mais que uma Teoria...”), escrito na crença apaixonada de que ativismo político, por mais corajoso e determinado que seja, se não for informado pelo desenvolvimento teórico marxista, não pode guiar a transição “para além do capital”, da qual depende o futuro da sociedade humana. Para Slaughter, a máxima de Marx de que “a emancipação da classe trabalhadora” – e através disso a emancipação da humanidade como um todo – deve ser a tarefa “da própria classe trabalhadora”, permaneceu um princípio básico, embora, na prática, tenha sido amplamente esquecido no WRP⁴⁸. Mas o que ele às vezes descreveu como a “refundação” da teoria marxista, argumentou ele, significa começar de novo a partir de um reexame de suas origens, com as “*Teses de Feuerbach*”, de 1845; e reconhecendo, argumentou Slaughter, que “o materialismo de Marx não foi compreendido pelos marxistas [ele próprio se incluía], e que, sem uma reorientação radical, [o] novo começo – essencial hoje – é impossível”⁴⁹.

Seguir-se-iam certamente outros trabalhos sobre o desafio lançado. Mas agora cabe a outros decidir aceitar o desafio que Slaughter lançou. Acho que ele encontrou inspiração no

⁴⁸ The International Workingmen’s Association General Rules, October 1864, publicadas pela primeira vez no jornal The Bee-Hive, em 12 de Novembro de 1864: <https://www.marxists.org/history/international/iwma/documents/1864/rules.htm>. Acessado em 12/01/2022. O fato de o pensamento de Slaughter ter permanecido enraizado na classe trabalhadora e nas suas lutas se refletiu em uma de suas últimas trocas de impressões, a partir de uma cama de hospital, com Dave Temple, o antigo mineiro de Durham e membro do WRP que agora trabalha para garantir que a festa anual dos mineiros de Durham sobreviva como uma encarnação viva da classe trabalhadora inglesa, da cultura de oposição e da aspiração a uma política de classe independente. Slaughter ficou encantado com a notícia de que, apesar da obliteração das minas de carvão do condado, que desempenharam um papel importante na história da sua própria família, estavam sendo feitos planos para que a festa ressurgisse com força a partir da sua suspensão temporária devido à pandemia de Covid-19. Agradeço a Dave Temple por esta e outras informações. (T. B.)

⁴⁹ SLAUGHTER, Cliff. More Than a Theory: “a guide to action!” Theses on Marx (on reading Ernst Bloch, The Principle of Hope), in: Critique: Journal of Socialist Theory, 48 (4), 2020, pp. 549, 550, 553–555.

empolgante e diversificado *The Principle of Hope* (O Princípio da Esperança) de Bloch: aqui uma abordagem à filosofia marxista que abraçava toda a prática humana – a realização humana – incluindo o trabalho artístico e científico; e elaborou uma forma materialista de confrontar o futuro, o “ainda não” que é imanente, mas que ainda está por ser realizado no “aqui e agora”. Bloch recupera para o materialismo o “lado ativo”, que o materialismo mecânico e contemplativo deixa em aberto ao idealismo e à prática política subjetivamente determinada. Como as massas oprimidas e exploradas são cada vez mais forçadas a lutar pela sobrevivência e a tomar consciência de que é o sistema hegemônico como um todo que é o obstáculo a um mundo de cooperação social e de relações humanas reais (e, de fato, à sobrevivência planetária), os marxistas, participando onde podem, têm um papel vital a desempenhar na orientação de tais ações – que muitas vezes parecem chegar a um crescente, mas depois desvanecem-se – numa trajetória sustentável em direção ao objetivo essencial, a transição socialmetabólica radical “para além do capital”.

Em fevereiro de 2018, Slaughter, que não acreditava no valor de autobiografias, fez circular aquilo a que chamou de “uma espécie de profissão de fé”, um documento intitulado “Algumas coisas que aprendi – algumas delas aprendi mais tarde do que deveria – no caminho rochoso”⁵⁰. Consistia em aforismos, alguns tirados de Bloch, incluindo a afirmação de Hegel de que “Nada de grande foi alcançado sem paixão”⁵¹; e – um favorito

⁵⁰ SLAUGHTER, Cliff. Some things I have learnt, e-mail, 18 de fevereiro de 2018, para participantes no Movement for Socialism, um grupo criado em meados da década de 1990 que se tornou, na prática, um fórum on line, para o qual Slaughter contribuiu regularmente, e que, a partir de 1985, levou muito a sério a responsabilidade de participar em debates com antigos membros do WRP, os quais, embora feridos pela experiência de Healy, continuaram a ser socialistas empenhados.

⁵¹ HEGEL, G. W. F. Lectures on the Philosophy of History, 1832, vol. I, citado por Bloch, *Principle of Hope*, vol.1, p. 73. (T. B.)

que ele usou nas passagens sobre estética em seus livros recentes – “A beleza é a verdade, a verdade é a beleza”, de John Keats⁵². Do livro *The Female Eunuch* (A Mulher Eunuco), de Germaine Greer, ele escolheu: “O guia mais seguro para a correção do caminho que as mulheres seguem é a alegria na luta. A revolução é a festa dos oprimidos”; ao que acrescentou que este vale para os homens também, com a implicação de que os homens devem aprender com as mulheres⁵³. Em um momento de aparente sentimentalismo que pode ter parecido incomum para muitos que o conheceram apenas por meio da política, ele incluiu o título de uma canção popular, “*Love is a many splendored thing*” (O amor é uma coisa de muitos esplendores)⁵⁴.

Para um epitáfio (“se algum dia eu precisar de um”), voltou-se novamente para Hegel: “A melhor aposta é manter os olhos no avanço do gigante”⁵⁵. E, dos princípios que ele achava que deveriam atuar como um guia para uma vida no século XXI, “[o] maior”, afirmou ele, “... é a Esperança!” - ter esperança “informada, inspirada e sustentada pela determinação de enten-

⁵² “Quando a velhice desta geração se esvair, / Tu permanecerás, no meio de outros infortúnios/ Do que os nossos, um amigo do homem, a quem dizes, / ‘A beleza é verdade, a verdade é beleza, - isso é tudo/ Que sabes na terra, e tudo o que precisas de saber’”. KEATS, John. “Ode to a Grecian Urn” (Ode a uma Urna Grega), 1819. (T. B.)

⁵³ GREER, Germaine. *The Female Eunuch*, London: MacGibbon & Kee, 1970, p. 330. (T. B.)

⁵⁴ Outras “lições” refletiam o seu prazer com o humor perspicaz da classe trabalhadora, como a versão linguisticamente híbrida da etiqueta latina “*Nil desperandum*”, utilizada no “lema dos engenheiros, ‘*Nil desperandum carborundum*’ (não deixes que os patifes te esmaguem)”. (T. B.)

⁵⁵ A frase conclui uma passagem em que Hegel afirma que “o espírito do mundo” ordenou o avanço e que essa ordem é obedecida por uma “entidade [que] avança irresistivelmente como uma falange blindada e bem fechada, com o mesmo movimento indiscernível com que o sol se move, para o que der e vier...” Embora o movimento seja inconsciente para a maioria das “inúmeras tropas ligeiras... organizadas à sua volta, a favor ou contra”, o melhor conselho é “manter um olho no gigante que avança”. G. W. F. Hegel, *Carta a Niethammer*, 1816; citado por Bloch, *Principle of Hope*, vol. I, p. 195. (T. B.)

der e lutar para produzir os rebentos (até agora obscurecidos e suprimidos pelo domínio do capital) do florescimento da futura comunidade de indivíduos livres e iguais.” Foi com esse princípio em mente, acredito, que ele escreveu o que veio a ser seu artigo de despedida na Critique.

Reconhecimento

Meus agradecimentos àqueles que leram os rascunhos anteriores, muitas vezes fazendo correções e, ou, sugestões valiosas, ou que responderam a pedidos de informação. Erros restantes são de minha responsabilidade, e estou ciente de muitas lacunas no fundo da história referenciada. Essa apreciação é pessoal e pode apenas arranhar a superfície de uma vida política rica, ricamente contraditória e, às vezes, amargamente contestada. Espero que outros a complementem. O meu principal objetivo é chamar a atenção para o legado teórico aberto de Cliff Slaughter e para o seu apelo a uma reavaliação radical e prospectiva do modo como o materialismo de Marx foi entendido e praticado no século XX.

Declaração de divulgação

Nenhum potencial conflito de interesse foi relatado pelo(s) autor(es).

4. PENSANDO NO FUTURO DO MARXISMO¹

É o relatório de um debate em julho de 1999 organizado com o objetivo de reunir colaboradores de *History, Economic History and the Future of Marxism: Essays in Memory of Tom Kemp* (História, História Econômica e o Futuro do Marxismo: ensaios em memória de Tom Kemp²), livro organizado por Terry Brotherstone e Geoff Pilling (Londres, Porcupine, 1996)³. Três dos ensaístas puderam participar: Terry Brotherstone, Ted Koditschek⁴ e István Mészáros⁵. Cliff Slaughter⁶ também esteve presente.

Terry Brotherstone: Quando produzimos *History, Economic History and the Future of Marxism* (História, História Econômica e o Futuro do Marxismo), tínhamos certeza de que era um livro importante, mas que seria de difícil divulgação... (temo que) ele não tenha sido amplamente lido. Houve apenas duas resenhas que conheço: a de John Lea reproduzida

¹ Transcrição do debate realizada sob a coordenação de Terry Brotherstone. (N. E.)

² Ver nota 31 no Prefácio. (N. E.)

³ BROTHERSTONE, Terry e PILLING, Geoffrey (org.). *History, Economic History and the Future of Marxism: Essays in Honour of Tom Kemp (1921-1993)*, London: Porcupine, 1996. (N. E.)

⁴ Ver nota 36 no Prefácio. (N. E.)

⁵ Ver, especialmente, sobre István Mészáros, os capítulos 1 e 2. (N. E.)

⁶ Ver, especialmente, sobre Cliff Slaughter, o capítulo 3. (N. E.)

em *Workers International Press* (Imprensa Internacional dos Trabalhadores) e uma curta de Chris Arthur em *Common Sense*. Ambas foram muito solidárias e interessantes...

Esta é a primeira oportunidade que tivemos de começar a discussão sobre o livro entre alguns dos colaboradores... (Meu colega editor Geoff Pilling⁷, é claro, morreu tragicamente em 1997); e infelizmente não se provou uma boa época do ano para todos, e há pedidos de desculpas dos ex-colegas de Tom (na Universidade de) Hull, de Richard Farneti⁸ em Paris e de Cyril Smith⁹ que (não está bem) ... Mas é importante ter Ted (Koditschek) junto com István (Mészáros); e fico feliz que Cliff (Slaughter) tenha podido vir como um observador ativo.

Para mim, uma das peças-chave sobre *History, Economic History and the Future of Marxism* (História, História Econômica e o Futuro do Marxismo) foi a justaposição dentro das mesmas capas dos ensaios de Ted e do de István. De certa forma, isso foi um acaso porque István nunca conheceu Tom, então poderia muito bem não ter se envolvido no livro. A forma como o livro se juntou foi a seguinte. Quando soubemos que Tom estava doente, Geoff foi lembrado com urgência de que ele havia pensado em uma publicação comemorativa há algum tempo. Não sabíamos, àquela altura, que a doença de Tom se desenvolveria tão rapidamente e que teria que ser um volume memorial. Perguntamos a Tom quem ele gostaria que contribuísse, e havia vários companheiros com conexões através do Partido Revolucionário dos Trabalhadores¹⁰ e, claro, seus colegas

7 Ver nota 30 no Prefácio. (N. E.)

8 Richard Farneti. Professor do Institut d'études européennes (Université Paris VIII). (N. E.)

9 Cyril Smith (1929 - 2008). Professor britânico de estatística na London School of Economics. Membro do Clube (The Club), da Liga Socialista do Trabalho (Socialist Labour League, SLL) e do Partido Revolucionário dos Trabalhadores (Workers' Revolutionary Party, WRP). Membro do Conselho Editorial da Revolutionary History. Colaborador da revista Herramienta. (N. E.)

10 Ver nota 8 no Prefácio. (N.E.)

no Departamento de História Econômica de Hull. (Dos outros que ele mencionou) ... Ted (foi o único que, no final, conseguiu) contribuir. Em seguida, Geoff mencionou o projeto a István e ele ofereceu o texto sobre temporalidade como um tributo a Tom. Portanto, houve uma certa medida de acaso em como o livro aconteceu – embora tenha sido um acaso determinado pelo tipo de pessoa que Tom era, a variedade de pessoas com quem ele discutia e o tipo de pessoas que admiravam particularmente seu trabalho...

(Eu disse àqueles que perguntaram que não haverá uma agenda fixa.) Apenas a ideia de que devemos nos reunir para uma discussão, reconhecendo que foi o livro de Tom Kemp que nos reuniu, mas, de toda maneira, apenas para ver o que emerge da discussão. Somente Geoff e eu tivemos uma visão geral do livro antes do seu lançamento, então será interessante saber o que todos os outros pensaram quando viram o contexto em que seu trabalho apareceu. O livro é mais do que a soma de suas partes? De alguma forma, ele aponta um caminho para o “futuro do marxismo”?

István Mészáros: Acho uma grande pena que não tenha havido mais resenhas, porque é um volume substancial.

Ted Koditschek: Vários artigos nele abordam questões realmente importantes de maneira substancial.

István Mészáros: É uma pena que o estudo acadêmico histórico possa se dar ao luxo de ignorar essas questões.

Ted Koditschek: É um ponto forte que Tom (Kemp) conhecia tantos tipos de pessoas, de modo que você pôde reunir um livro como este que não tem um tema central, mas, no qual, há uma consistência nas partes – ou em muitas delas, pelo menos – que se centra em algum tipo de compromisso com uma agenda marxista, e em aspectos das questões históricas e filosóficas que surgem na sociedade capitalista existente. Hoje

não há muitos livros sendo publicados que façam isso.

Terry Brotherstone: ... Talvez haja a oportunidade de propor mais trabalhos colaborativos para aqueles que contribuam.... (Uma coisa) que tenho em mente é a necessidade de uma avaliação do próprio trabalho de Tom — talvez falaremos um pouco sobre isso esta tarde. Um ponto adicional relevante que certamente me preocupa é entender melhor porque o marxismo é predominantemente uma teoria histórica, e ainda assim a história marxista, que dominou nas gerações anteriores, foi bem-sucedida, sem realmente se engajar com a filosofia marxista.

Ted Koditschek: Houve uma deslegitimação realmente dramática da análise histórica marxista dentro da profissão de historiador. Foi muito rápida e surpreendentemente completa. Havia, e ainda existem, alguns grandes nomes, é claro, que tiveram um grande impacto [nas décadas de 1960 e 1970]. Mas eles não criaram uma presença contínua que pudesse resistir ao renascimento da história conservadora. Muito do que agora é publicado como história é estritamente político, enraizado no contingente. O impacto do pós-modernismo e do pós-estruturalismo resultou em um ataque muito feroz. É muito difícil praticar a profissão de historiador com algo parecido com o paradigma Marxista.

István Mészáros: Encontro a mesma situação na filosofia e na teoria social. Lembro-me que participei, em 1981 ou 1982, de uma revista chamada *Problemi del Socialismo* (Problemas do Socialismo)¹¹, uma revista realmente de esquerda na Itália, que iniciou uma discussão com um tema como “Crise e o Futuro do Marxismo”. No início da década de 1980, ainda estava bastante viva. Mas, desde então, os partidos políticos que se consideravam

¹¹ MÉSZÁROS, István. Il rinnovamento del marxismo e l'attualità storica dell'offensiva socialista, in: *Problemi del socialismo*, nº 23, 4ª série, ano XXIII, janeiro-abril 1982, Fondazione Basso, Milão, pp. 5-142. O tema da revista é “A crise do marxismo como um problema do marxismo (II)”. (N. E.)

marxistas simplesmente se desintegraram. Na Itália, não só o PC (Partido Comunista)¹², mas também o Partido Socialista¹³ de Nenni... Quando você pensa no contraste político entre Nenni¹⁴ e Craxi¹⁵, isso resume a situação que criou tamanha devastação.

Tenho um amigo na Universidade de Bolonha¹⁶. Antes dessa grande mudança, 83% a 95% de seus colegas se consideravam abertamente marxistas. Agora são apenas dois. Todos os outros se afastaram disso, ou até se posicionaram contra. Tudo isso tem a ver com o que você está falando. Mas também tem a ver com a forma como os próprios partidos abandonaram a transformação da sociedade. Veja o desastre em que o antigo PC se tornou.

Quando se pensa em Jean-Paul Sartre¹⁷ e seu papel nos

¹² Partido Comunista Italiano (Partito Comunista d'Italia, PCI). Fundado em 1921. (N. E.)

¹³ Partido Socialista Italiano (Partito Socialista Italiano, PSI). Fundado em 1892. (N. E.)

¹⁴ Pietro Nenni (Faenza, 1891 - Roma, 1980). Jornalista e político, editor-chefe do jornal *Avanti!* e líder do PSI. Durante o fascismo, exilou-se na França e participou da Guerra Civil Espanhola. Em seu retorno à Itália, ocupou vários cargos no governo. (N. E.)

¹⁵ Bettino Craxi (Milão, 1934 - Hammamet, 2000). Secretário do Partido Socialista Italiano (Partito Socialista Italiano, PSI), de 1976 a 1993. Presidente do Conselho de Ministros (Primeiro-Ministro) da Itália entre 1983 e 1987 em um governo de coalizão formado pelo PSI - com a democracia cristã (Democrazia Cristiana, DC), o Partido Socialista Democrático Italiano (Partito Socialista Democrático Italiano, PSDI), o Partido Republicano Italiano (Partito Repubblicano Italiano, PRI) e o Partido Liberal Italiano (Partito Liberale Italiano, PLI). Foi condenado a 27 anos de prisão por seu envolvimento no escândalo de corrupção de Tangentopoli em 1992, renunciou ao cargo de secretário nacional do PSI, em 11 de fevereiro de 1993, e fugiu para a Tunísia em 1994.

¹⁶ Universidade de Bolonha (Unibo, Itália). (N. E.)

¹⁷ Jean-Paul Sartre (Paris, 1905 - Paris, 1980). Filósofo, escritor e ativista. Exponente proeminente do existencialismo. Participou da fundação da revista literária e política *Les Temps modernes*. Próximo ao Partido Comunista Francês, até entrar em conflito com ele por causa da invasão soviética da Hungria, em 1956, e da crise argelina, em 1963. A ruptura completa ocorreu em 1968 com as intensas e generalizadas mobilizações sociais, estudantis e sindicais na França. (N. E.)

PCs e nos partidos de esquerda, a partir de uma posição muito crítica, isso evaporou. Sartre agora também seria ridicularizado. É uma colossal transformação de atitude... Mas minha própria atitude em relação à chamada crise do marxismo é que o marxismo não é um conjunto de ideias desencarnadas. Se você quiser falar sobre uma crise do marxismo, você deve relacioná-la a alguma crise material e estrutural organizacional, que então pode parecer como se fosse uma crise de ideias. Parte da corrente principal da esquerda se considerava abertamente Marxista ou, pelo menos, de orientação Marxista. Quando eles começaram a se desvencilhar, então, é claro, falaram sobre a crise do Marxismo. Mas não são as ideias em si, mas sim as ideias que se relacionam com eventos históricos reais e com corpos sociais. E após meados da década de 1980, digamos, essa mudança ocorreu de maneira significativa. Depois disso, apenas grupos muito pequenos, realmente minúsculos, mantiveram alguma lealdade ao Marxismo como movimentos políticos; e tem sido assim desde então. Ainda estamos nessa situação. Aqueles que se consideram Marxistas, que permanecem Marxistas, estão bastante isolados.

Ted Koditschek: Esse é o ponto crítico, o isolamento. Não fazer parte de nada que seja qualquer tipo de movimento coletivo. É difícil, tanto por razões emocionais, quanto como uma atividade política.

István Mészáros: Sim, e quando você pensa até em pessoas como Eric Hobsbawm,¹⁸ que era considerado, e se considerava Marxista... se você olhar os últimos *cinco ou seis anos* de sua atividade, assim o diria com facilidade. Tornou-se, em muitos aspectos, bastante reacionário. Lembro-me que, no seu octogésimo aniversário, a *BBC*¹⁹ tinha um programa em que havia sempre um “aniversariante”. Então, houve uma pequena

¹⁸ Ver nota 37 no Prefácio. (N. E.)

¹⁹ British Broadcasting Corporation. Serviço público de radiodifusão no Reino Unido. (N. E.)

celebração e uma discussão e, em seguida, uma das pessoas levantou a questão, perguntando a Hobsbawm como era possível que Hitler²⁰, com seu sistema autoritário, não tivesse que ter campos de trabalho, enquanto eles tinham campos de trabalho na Rússia. A resposta do nosso grande historiador e teórico foi: “Hitler tinha carisma. Stalin não tinha nenhum”. Isso... como explicação histórica! Isso, de certa forma, resume o quão desconcertantes e tristes esses eventos são. Também, em relação ao seu próprio passado...

Ted Koditschek: Isso é o que realmente me impressiona. Essas pessoas estão voltando atrás em toda a sua história.

István Mészáros: Sim. Como isso é possível? Esse é o meu problema também. Como você pode fazer isso? Não importa o quanto eles tentem se esquivar disso, continua sendo um fato que deve ser muito repudiado. E por causa de quê? Uma celebração em um programa da *BBC*...

Terry Brotherstone: Você ouviu Hobsbawm sobre o Manifesto Comunista²¹? Ele estava sendo apresentado como alguém que estava dizendo que, com o fato de que 1989-91 não havia provado abrir a Utopia para o capitalismo, “esse cara, Marx”, como ele continuou descrevendo, poderia ser visto como relevante novamente. Mas ele disse que Marx cometeu um grande erro. Você pode ver o quão relevante é o Manifesto apenas se você tirar esse grande erro do caminho – e o erro era sobre a classe trabalhadora. Esse é o erro de Marx...!

Cliff Slaughter: Fiquei impressionado lendo o livro de Will Hutton, *The State We're In* (O Estado em que nos encontramos)²². É um livro muito interessante porque ele é um liberal keynesiano que acha que tudo isso pode ser revivido. Mas a

²⁰ Ver nota 09 no capítulo 1. (N. E.)

²¹ Ver nota 47 no Prefácio. (N. E.)

²² William Hutton (1950). Jornalista britânico. (N. E.)

posição teórica, se é que há uma, é a mesma de Hobsbawm. Ou seja, hoje o problema do capitalismo é que ele perdeu o contato com os fragmentos institucionais que herdou das sociedades anteriores. É demasiado econômico, demasiado “racionalizado”. E Hobsbawm diz a mesma coisa. Não há Marxismo nisso de forma alguma. Para chegar à mesma conclusão que Will Hutton...

István Mészáros: Também na introdução da edição do Manifesto Comunista, à qual Terry se referiu, há dois pontos em que ele traz a teoria para a cena. No primeiro, ele se baseia em Lichtheim²³, um autor com uma posição razoavelmente de direita – e no outro em Leszek Kołakowski²⁴, com uma posição igualmente ou mais de direita. Ele concorda totalmente com isso. É tudo uma confusão de... nem mesmo de ideias, realmente. Está tudo jogado e agitado num chapéu.

Cliff Slaughter: E diz que não se deve fazer nada em relação a Pinochet²⁵ ou isso irá perturbar a democracia no Chile...

Ted Koditschek: Exatamente o que o Departamento de Estado dos EUA²⁶ tem dito.

²³ George Lichtheim (Berlim, 1912 - Londres, 1973). Intelectual especializado na história e na teoria do socialismo e do marxismo. (N. E.)

²⁴ Leszek Kołakowski (Radom, 1927 - Oxford, 2009). Filósofo polonês. Professor de História da Filosofia em Varsóvia, e professor nas Universidades de Berkeley, Yale, Oxford e Chicago. (N. E.)

²⁵ Augusto Pinochet (Valparaíso, 1915 - Santiago, 2006). Comandante e chefe do exército chileno que liderou o golpe de Estado de 11 de setembro de 1973, para derrubar o então presidente Salvador Allende, e o governo da Unidade Popular. A ditadura que comandou, por mais de 16 anos (1973-1990), implementou uma profunda política neoliberal, e caracterizou-se pela dissolução do Congresso Nacional, pela proscrição de partidos políticos, pela repressão à liberdade de organização e pela violação dos direitos humanos. O número total de pessoas oficialmente reconhecidas como desaparecidas ou assassinadas no Chile, entre 1973 e 1990, é de mais de 3.200. Dessas 3.200, cerca de 1.000 são detentos desaparecidos. O número de pessoas presas e torturadas é de aproximadamente 40.000. (N. E.)

²⁶ O Departamento de Estado (DOS) é a agência que gerencia a política

István Mészáros: Sim, exatamente!

Terry Brotherstone: É ainda mais hipócrita do que isso, porque ele disse: “Eu tenho falado com meus amigos no Chile e eles dizem isso...”. Mas esses são, obviamente, os mesmos amigos no Chile que disseram à classe trabalhadora chilena para não fazer nada para defender Allende²⁷.

István Mészáros: Sim, e por aqui, claro, sua posição foi proeminentemente divulgada e ele foi o herói dos conservadores. Lembro-me também do tempo em que David Owen²⁸ ainda era uma figura na política britânica. Foi antes de uma eleição. Hobsbawm deu uma entrevista coletiva dizendo para votar em David Owen. Da esquerda de Robert Owen²⁹ à direita de David Owen: uma trajetória e tanto! Deve ter sido em 1983 ou, mais provavelmente, em 1987.

Terry Brotherstone: A única consistência na vida política de Hobsbawm tem sido seu apoio genuíno à Frente Popular³⁰. E

externa do governo dos Estados Unidos. (N. E.)

²⁷ Salvador Allende (Valparaíso, 1908 - Santiago do Chile, 1973). Fundador do Partido Socialista do Chile (Partido Socialista de Chile, PS). Tornou-se presidente com um programa de transição pacífica para o socialismo nas eleições de 1970, como candidato da coalizão de esquerda: Unidade Popular. Seu governo teve o apoio crítico e condicional do Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR). Seu governo foi violentamente interrompido e Allende morreu em razão do golpe de Estado liderado por Augusto Pinochet, em 1973. (N. E.)

²⁸ David Owen (Plymouth, 1938). Político britânico. Ministro das Relações Exteriores do Reino Unido, de 1977 a 1979. Foi membro do Partido Trabalhista (Labour Party), do qual saiu quando fundou o Partido Social Democrata (Social Democratic Party, SDP), em 1983, e foi eleito líder do partido desde então até 1987. (N. E.)

²⁹ Robert Owen (Newtown, 1771 - Newtown, 1858). Socialista utópico inglês. Líder do movimento trabalhista britânico. É considerado um precursor do cooperativismo. (N. E.)

³⁰ Frente Popular é o nome dado às coalizões de partidos comunistas, socialistas e outros (radicais na França, republicanos na Espanha) para enfrentar a ascensão do fascismo, a partir de 1935, na Europa. (N. E.)

é aqui que ele acabou. O que ele está dizendo agora é, portanto, tão surpreendente? Desde os anos trinta, ele tem a posição de que a única coisa que a classe trabalhadora pode fazer é impedir o fascismo – a Frente Popular está, portanto, viva e bem. E, em segundo lugar, toda a educação no partido stalinista britânico era (não era?) para garantir o alto lugar na profissão em que você estava. E, nesse sentido, pode-se dizer que Hobsbawm foi maravilhosamente bem-sucedido. Suas ideias instruíram uma nova geração. Mas ele não pergunta com que tipo de ideias está instruindo uma nova geração. Nesse sentido, seu CH, *Companion of Honour* (Companheiro de Honra),³¹ era, para ele, a apoteose da Frente Popular – uma Frente Popular com a Rainha.

Ted Koditschek: Mas ele fez muita gente pensar. Ele certamente ajudou a criar minha visão da história Marxista. Apesar de todos os seus problemas – e Terry está certo de que eles são muito antigos, e que talvez haja mais consistência se você olhar abaixo da superfície – apesar de tudo, Hobsbawm fez algum esforço para fundir a teoria com a história, embora, no final das contas, acabou não tendo sucesso... Nesse aspecto, ele é um contraste com alguém como Thompson³², que provavelmente foi mais influente...

István Mészáros: E *assim* permanece....

³¹ A Ordem dos Companheiros de Honra (Order of the Companions of Honour) é uma ordem dos Reinos da Commonwealth (nações unidas sob a monarquia do Reino Unido), fundada em 1917 pelo Rei George V, em reconhecimento a uma contribuição significativa no campo das artes, ciência, medicina ou política. A Ordem é composta pelo rei e por um máximo de 65 membros. (N. E.)

³² Edward Palmer Thompson (Oxford, 1924 - Worcester, 1993). Historiador. Lecionou em várias universidades na Inglaterra, nos Estados Unidos e no Canadá: Universidade de Warwick, Universidade Queen's de Kingston, Universidade de Ontário, Universidade de Manchester, Pittsburgh, Rutgers, Brown e Dartmouth College. Membro do Grupo de Historiadores do Partido Comunista da Grã-Bretanha (GHPCB). Membro do conselho editorial da revista "Past and Present". Membro do Partido Comunista da Grã-Bretanha (Communist Party of Great Britain, CPGB) até romper com ele em 1956, após a invasão soviética da Hungria e as revelações de Khrushchev sobre o período de Stalin. Na década de 1980, envolveu-se em campanhas pelo desarmamento nuclear. (N. E.)

Ted Koditschek: Sim, continua sendo. E ainda assim, a relação de Thompson com o Marxismo é extremamente problemática. A relação entre o tipo de história que a *Making of the English Working Class* (Construção da Classe Trabalhadora Inglesa)³³ – muito menos *Customs in Common* (Costumes em Comum)³⁴ – representa... de que forma é Marxista? Seus esforços para lidar com esse problema em *Poverty of Theory* (Miséria de Teoria)³⁵ apenas complicam o problema, a meu ver. Para mim, de qualquer forma, fui muito influenciado como historiador por Thompson, mas senti muito a necessidade de me envolver com a teoria em um nível diferente, porque ela simplesmente não estava lá em Thompson. Para mim Hobsbawm foi mais... havia pelo menos uma sensação de que ele estava operando a partir de uma base teórica ao escrever sua história. Terry e eu tivemos uma conversa mais cedo e ele disse: “O que é *The Age of Revolution* (A Era da Revolução)³⁶ senão um glossário sobre o Manifesto Comunista?” E eu pensei sobre isso depois e considerei que um glossário do Manifesto não é uma conquista insignificante.

István Mészáros: Sem dúvida, ele teve méritos no passado. É por isso que seus últimos cinco ou seis anos de desenvolvimento – não, é mais do que isso: começou quando Kinnock³⁷ se tornou líder trabalhista...

³³ THOMPSON, Edward Palmer. *The Making of the English Working Class*, London: Victor Gollancz Ltd, 1963. Edição em português: *A formação da classe operária inglesa*, São Paulo: Paz & Terra, 2008. (N. E.)

³⁴ THOMPSON, Edward Palmer. *Customs in Common*. *Studies in Traditional Popular Culture*, New York: The New Press, 1991. Edição em português: *Costumes em comum*, São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (N. E.)

³⁵ THOMPSON, Edward Palmer. *The Poverty of Theory and Other Essays*, London: Merlin Press, 1978. Edição em português: *A miséria da teoria e outros ensaios*, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2021. (N. E.)

³⁶ HOBSBAWM, Eric. *The Age of Revolution*, London: Weidenfeld & Nicolson, 1962. Edição em português: *A Era das Revoluções*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (N. E.)

³⁷ Neil Gordon Kinnock (Tredegar, 1942). Político britânico. Líder do Partido Trabalhista (Labour Party) de 1983 a 1994. (N. E.)

Terry Brotherstone: Ou em 1978 com *The Forward March of Labour Halted* (A Marcha do Trabalho Interrompida)³⁸.

István Mészáros: Sim... e então ele se tornou o guru de Kinnock. Kinnock o chamou de grande inspiração. Cada vez mais se abandona a classe trabalhadora – como Terry mencionou a propósito da edição do Manifesto Comunista – até que esta é completamente abandonada. O que resta? Uma espécie de conversa fiada sobre o progressismo. Mas um progressismo que não pode se referir a nenhuma agência. Qual é o significado do progresso se não há agências históricas à vista? Uma transformação histórica sem uma agência humana tangível faz qualquer um rir... ou chorar. Isso, infelizmente, é o que aconteceu. E eu não vejo grandes perspectivas de melhoria no que diz respeito à profissão de historiador. Os historiadores fazem parte de uma paisagem intelectual que eu caracterizo como cheia de ervas daninhas. Sem qualquer base óbvia para as suas ideias na realidade social do mundo, eles são levados de um lado para o outro pelas mudanças dos ventos. E receio que, a menos que haja alguma melhoria na base social....

Terry Brotherstone: Tenho três pensamentos em paralelo aqui. Até István ter feito essa última observação, eu estava pensando: “Que tipo de estrutura, que âncora teórica, poderíamos ter se estivéssemos falando de um trabalho conjunto buscando superar esse problema em vez de simplesmente descrevê-lo?” E as duas coisas em minha mente, desse ponto de vista, eram (1) a relação entre o trabalho de István e o de Hobsbawm. Se você voltar àquele livro muito interessante, editado por István e publicado, acho que em 1972, chamado *Aspects of History and Class Consciousness* (Aspectos da História e da Consciência de

³⁸ HOBBSBAWM, Eric. The Forward March of Labour Halted? In: *Marxism Today*. Theoretical and Discussion Journal of the Communist Party, vol. 22, nº 9, setembro de 1978, London, pp. 279-286. (N. E.)

Classe)³⁹, que é baseado em análises de Lukács, há ensaios tanto de István quanto de Eric Hobsbawm dentro do mesmo volume. Claramente, eles não estão dizendo a mesma coisa, mesmo neste momento, mas estão entre as mesmas capas e pode ser útil rastrear as trajetórias intelectuais muito divergentes que seguiram desde então, o que fica claro na discussão de hoje. E (2) estou pensando em nosso trabalho no Partido Revolucionário dos Trabalhadores (WRP) e, em particular, em um artigo que Cliff (Slaughter) escreveu. Foi publicado na... *Labour Review* ⁴⁰, e era essencialmente uma defesa condicional de E. I. Thompson contra os althusserianos. Foi um momento em que senti que o WRP estava se conectando com o mundo exterior, e talvez valha a pena voltar a esse trabalho.

Então, a outra coisa (3) é a referência de István à erva daninha e como eu levo isso em relação ao pensamento de Tom Kemp. Em parte, acho que Tom via seu empreendimento intelectual em contraponto ao de Hobsbawm. Algumas pessoas disseram que os principais livros de Tom eram muito úteis e muito bons... mas o que eles tinham a ver com o Marxismo? Geoff costumava dizer que Tom lhe diria que seus livros eram “Marxismo diluído” ou “Marxismo agudo”; e Geoff respondia: “diluído com o quê, Tom?” O que me chamou a atenção ao editar a edição comemorativa, e ao trabalhar em detalhes com as contribuições dos colegas de Tom em história econômica, em Hull, em particular, foi a medida em que eles realmente têm raízes no Marxismo.

Meu ponto é que, enquanto aqueles nas “universidades” que são mais reconhecidos como Marxistas estão sendo jogados de um lado para o outro como ervas daninhas teóricas, há outros menos alardeados – e eles não podem simplesmente ser exemplos isolados – que têm trabalhado seriamente de uma maneira que envolve tentar redescobrir algumas raízes intelectuais reais...

³⁹ Ver nota 26 no capítulo 1. (N. E.)

⁴⁰ Ver nota 27 no capítulo 3. (N. E.)

e onde podem existir tais raízes senão no Marxismo devidamente refundado? A questão pós-modernista pode ser adequada se tudo o que você está interessado é em uma carreira: você só precisa de alguma imaginação e capacidade (nem mesmo isso em alguns casos) para escrever um pouco; e talvez consultar algumas fontes, embora apenas para ilustrar o que você já decidiu dizer. Isso dificilmente cria uma sensação de satisfação intelectual.

Ted Koditschek: Pensando no ensino de graduandos no meio do Missouri, onde é muito conservador. Eles leem o Manifesto Comunista e isso lhes parece relevante. Suas atitudes são como a de Hobsbawm. Eles estão interessados na crítica do capitalismo, mas a classe trabalhadora não lhes interessa. Eles estão interessados na crítica ao capitalismo, mas a classe trabalhadora não ressoa para eles. Mas eles leem com grande interesse, muito mais do que os historiadores profissionais. Gostaria que houvesse uma maneira de canalizar isso...

Mas voltando ao ponto de Terry sobre Tom Kemp. Quando o conheci, as minhas discussões com ele foram muito importantes para mim. Estava claro que Tom era Marxista, mas seu Marxismo se manifestava mais nas discussões do que em seus livros. Ele tinha uma análise Marxista clara e poderosa. Mas eu realmente acho que essa questão da agência — que tem surgido nesta discussão de várias maneiras — é central. E concordo com tudo o que foi dito...

Qual é a agência que podemos atribuir às causas progressistas hoje – e qual é a sua relação com a classe trabalhadora? E como essa relação com a classe trabalhadora vai necessariamente ser diferente da classe trabalhadora que existia (digamos) do final do século XIX até a metade do século XX? Isso é realmente o que está sendo debatido nos EUA, inclusive por muitas pessoas cuja relação com Marx é bastante tangencial – acho que em parte pelo menos porque elas não veem, dentro do Marxismo, qualquer resolução para essa questão. Elas veem que o que você poderia chamar de classe trabalhadora clássica não existe mais, e

não está claro que tipo de classe trabalhadora está emergindo e como ela pode se mobilizar politicamente...

István Mészáros: Um artigo meu, em formato de entrevista, será publicado em breve – em agosto de 1999 – na *Science & Society*⁴¹, que trata desse tipo de questão. Uma das perguntas que me fizeram foi sobre a classe trabalhadora, o papel do trabalho e do proletariado. Uma das coisas que eu estava dizendo é que Marx nunca considerou simplesmente a classe operária manual quando falou sobre transformação social. Ele estava falando sobre o processo de proletarianização, que é algo, como conceito, qualitativamente diferente. Hoje, a proletarianização como processo se aplica à maioria das categorias atuais. Aos trabalhadores manuais, de colarinho azul, etc.; e, cada vez mais, ao trabalho de escritório... Quando você pensa em como o trabalho de escritório é absolutamente dizimado, inclusive nos países capitalistas mais avançados, onde centenas de milhares de pessoas são simplesmente rejeitadas. Para onde elas podem ir? Elas não podem se tornar assistentes de chefs no hotel Ritz. Elas têm que se virar de alguma forma. Essa é a questão crucial... Mas, para mim, a questão realmente central é o início da crise estrutural do sistema de capital como um todo. Aproximadamente desde o início dos anos 1970 – é aí que podemos localizar a crise estrutural, que inclui o fim do keynesianismo, da social-democracia de esquerda e dos partidos comunistas. Se você olhar para os PCs de massa, na França e na Itália principalmente, sua desintegração começou nesse período. Havia a noção de uma nova Frente Popular – o chamado “compromisso histórico” que os italianos muito propagandearam. Tudo o que conseguiram com isso foi se comprometerem totalmente. Não havia outros partidos para o compromisso.

⁴¹ MÉSZÁROS, István. Marxism, the Capital System, and Social Revolution: An Interview with István Mészáros, in: *Science & Society*, 63 (3), 1999, 338–361. Publicada em português na Revista Lutas Sociais, n.6, editada pelo NEILS, da PUC-SP, 1999. (N. E.)

Isso precisava ser explicado em termos da própria crise estrutural. Então começaram a escrever sobre o ciclo longo. Os pequenos ciclos não explicavam nada, então surgiu a teoria do ciclo longo, aparecendo a cada vinte e cinco anos. Mas agora já se passaram os vinte e cinco anos e não há absolutamente nenhuma perspectiva de o sistema capitalista sair dessa crise. Isso precisa ser relacionado à questão da agência.

Outro conceito igualmente importante.... O que eu chamo de equalização descendente da taxa diferencial de exploração. A taxa diferencial diz respeito a como as classes trabalhadoras, nos países capitalisticamente avançados, têm condições e benefícios muito melhores e uma taxa diferencial de exploração muito mais baixa do que em outros lugares... A primeira vez que escrevi sobre isso foi na minha *Palestra Memorial Isaac Deutscher*⁴², escrita em 1970, e proferida na London School of Economics, em janeiro de 1971. Se pensarmos nos trinta anos que se passaram, é absolutamente evidente como a equalização das condições da classe trabalhadora se deteriorou e continua a deteriorar-se. Essa ideia precisa ser refutada, e eu gostaria de ver uma refutação convincente ou um aceite. Assumir que todas essas coisas não farão diferença é muito imprudente.

Do ponto de vista dos intelectuais, a questão muitas vezes não é sobre como eles se relacionam com a classe trabalhadora... a maioria deles não se relaciona diretamente. Alguns indivíduos, como resultado das circunstâncias de sua própria vida, de sua própria história pessoal, podem ter alguma relação direta. Mas, via de regra, é através de alguma organização, um partido, um sindicato talvez. E é isso que se deteriorou muito ao longo deste mesmo período de tempo. A crise estrutural e essa deterioração significam que as organizações de massa da classe trabalhadora tendem a seguir a linha de menor resistência. Em vez de embarcar em uma estratégia diferente e mais radical, elas seguem quaisquer que pareçam ser as tendências

⁴² Ver nota 32 no capítulo 1. (N. E.)

dominantes — a social-democratização dos partidos comunistas, o liberal-aburguesamento dos partidos social-democratas. Tudo isso joga a favor das relações de poder estabelecidas. É fundamental compreender isso. Mas deve chegar a um ponto em que isso mudará. Estou convencido de que devemos ver um renascimento da atividade trabalhista... não nesta ou naquela categoria, mas no movimento trabalhista como um todo. Eu penso que esta é a resposta à questão da agência. É a única agência que eu consigo ver. Claro, isso não significa que as mulheres e outros movimentos não possam fazer parte disso. De fato, eles devem fazer parte disso. Isso é vitalmente importante. Mas tais movimentos por si só não têm uma estratégia totalizante. É o trabalho enquanto o antagonista estrutural do capital — que a tem, ou melhor que a tem potencialmente. Tem essa estratégia dadas as circunstâncias históricas favoráveis. E estou convencido de que as circunstâncias devem se desenvolver no sentido de fornecê-las, de que estamos caminhando para uma crise cada vez mais profunda, com alguns desenvolvimentos bastante horrendos no horizonte, o ressurgimento do imperialismo em sua forma mais agressiva.

E o que pode, então, opor-se a isso? Certamente não alguma força marginal. Tem de ser o antagonista mais elementar do sistema... elementar no sentido de que pode ter um modo alternativo de reprodução social e metabólica em relação ao capital. A alternativa ao capital tem de ser ao nível do controle, do controle global da sociedade.

Cliff Slaughter: Voltando à entrevista da *Science & Society*, em que István fala de proletarização... Eu fiquei impressionado com o que pode parecer um ponto muito simples, mas que penso ser a base para a nossa discussão sobre a agência. Já dissemos algumas coisas sobre isto. O proletariado não coincide simplesmente com o que estamos acostumados a considerar como a classe trabalhadora. A questão essencial em uma discussão de

proletarização é que estamos falando de todos aqueles milhões de pessoas que estão sujeitas ao controle do capital. Elas têm que trabalhar ou não conseguem encontrar trabalho – em todas as sortes de condições impossíveis. Isso amplia o conceito do que é proletarização; e que tipo de movimentos irão alimentá-la politicamente. Este é um ponto muito importante.

István Mészáros: Além disso, quando você pensa nas diferentes categorias de trabalhadores em qualquer área de atuação da vida. No passado, algumas delas tinham pelo menos um mínimo de autonomia. Claro que a esmagadora maioria não tinha nenhuma. O avô de Cliff e o meu eram mineiros. Nem sequer podiam sonhar com autonomia. Mas quando se pensa no capataz de uma fábrica relativamente avançada, eles tinham tradições... Marx escreveu nesses termos. Você tinha o sargento, os oficiais, e assim por diante... claro, com a autonomia relativa sempre concedida com base na autoridade do capital. Mas o que no passado foi alguma autonomia – no setor bancário, nos seguros, nas chefias intermédias, e assim por diante – está agora a ser atirado pela janela, dizimado. Dezenas de milhares dessas pessoas estão perdendo seus empregos. O computador assume todas as áreas que puder, onde antes havia uma autonomia descentralizada.

Cliff Slaughter: Certamente as pessoas que trabalham em bancos são agora apenas auxiliares para o computador.

István Mészáros: Sim. O antigo gerente de agência local se tornou uma piada. Não há mais necessidade de um gerente de banco local no sentido antigo. O que há para uma pessoa dessas gerenciar?

Ted Koditschek: O exemplo mais dramático disso nos EUA, nos últimos cinco anos, foi o dos médicos. Uma vez que o plano nacional de saúde de Clinton⁴³ falhou e ficou claro que

⁴³ William Jefferson Clinton (Hope, 1946). Político estadunidense. Membro

tudo no futuro passaria a ser feito através de seguros privados, as Organizações de Manutenção da Saúde (HMOs)⁴⁴ basicamente assumiram o controle das práticas privadas. A prática privada praticamente desapareceu porque todos recebem seus cuidados de saúde através de seguros que são regulamentados pelas HMOs. Os médicos, em um período muito curto, foram transformados em proletários gerenciados por esses burocratas dos planos de saúde em relação a quais testes eles podem realizar, quais procedimentos eles podem executar... Este é um grupo...

István Mészáros: Isso é muito importante. Agora é tudo atuarial....

Ted Koditschek: Eles podem não ter sido autônomos antes, mas pelo menos pensavam que eram. Agora eles sabem que não são. Eles estão bastante chateados com isso, mas sua reação não parece ser particularmente política.

István Mészáros: Ainda não. Também ouvi dizer que há muitos trabalhadores de escritório associados a esses médicos... Os médicos ditam seus memorandos e assim por diante; e então eles precisam ser transcritos. E como isso é feito? Eles são transmitidos para a Índia. Os escravos-assalariados da informática na Índia os transcrevem e os enviam de volta para a Califórnia, ou onde quer que seja. Todos esses processos de nivelamento tendem para o desaparecimento total da autonomia. Quem é autônomo agora? Em que nível do processo de tomada de decisão você pode identificar a autonomia?

do Partido Democrata (Democratic Party). Presidente dos Estados Unidos de 1993 a 2001. (N. E.)

⁴⁴ Uma Organização de Manutenção da Saúde (HMO) é um tipo de plano de saúde que requer que os membros selecionem um médico de atenção primária (PCP). Este PCP é o responsável pelo gerenciamento de todo o cuidado da pessoa e deve indicar uma referência se o cuidado especializado for necessário. As HMOs possuem uma rede fechada de médicos e hospitais, e geralmente não cobrem o atendimento fora dessa rede, a menos que seja uma emergência. (N. E.)

Terry Brotherstone: Se você olhar para o que está acontecendo na vida acadêmica...

Ted Koditschek: Eu estava me contendo para apontar o óbvio sobre isso, pois é muito pessoal para mim. Mas o outro ponto – o ponto sobre a equalização – é muito importante e se conecta, na minha mente, a esses outros movimentos. Eles parecem estar desviando o foco da classe, mas na prática podem estar possibilitando uma definição mais ampliada de *classe* no futuro. Por exemplo, gênero... Parte do que está acontecendo, particularmente nos EUA, é a feminização do trabalho, ao mesmo tempo em que é proletarizado – e isso está conectado com essa equalização descendente. Uma determinada profissão se torna feminizada e, em seguida, é paga a um nível mais baixo para todos...

Além disso, nos Estados Unidos, há uma obsessão na esquerda com a questão racial, e geralmente assume a forma do multiculturalismo, o que pode ser muito justificável por si só. Mas o que está acontecendo com essa equalização descendente é que agora você tem diferentes grupos que são culturalmente muito separados, muito díspares em termos culturais e políticos... e a linguagem do multiculturalismo não reflete, por si só, uma consciência totalizadora clara. É, eu acho, um prelúdio necessário. Quando você tem essas pessoas que estão acostumadas a certos ganhos, a um certo grau de autonomia, a ocupar certas posições, e elas são confrontadas com uma equalização descendente, isso vai gerar todo tipo de sentimentos reacionários contra aqueles com quem estão sendo igualados... respostas de direita, até mesmo fascistas? Ou serão capazes de avançar numa direção mais positiva? Penso que o multiculturalismo é uma forma de se *envolver* com essas questões: pode não parecer relacionado à classe, mas na verdade talvez abra caminho... O mesmo pode ser verdade para a análise de gênero. É uma forma de forçar os homens a *verem* que sua autonomia relativa no passado foi baseada no privilégio de gênero, que em si é uma forma de, ou

certamente está ligada à opressão de classe... Parece-me que raça e gênero precisam ser considerados, em nossa compreensão, com relação às práticas do passado que sustentavam hierarquias e privilégios. E isso talvez não tenha sido reconhecido na época... e só agora que essas coisas estão sendo desafiadas que podem ser reconhecidas. A crítica a esses privilégios pode, penso eu, ser mais eficazmente perseguida através da análise de gênero. Isso não quer dizer que seja algo que exista fora da classe, e da análise de classe. Mas as questões de classe são mais fáceis de reconhecer primeiro nessas outras esferas, como gênero e raça.

István Mészáros: Sim, de fato. De certa forma, quando dizemos “classe”, precisamos entender que existem diferentes maneiras de identificá-la... E penso também que precisamos reconhecer que as definições sociológicas de classe muitas vezes perdem o aspecto mais essencial. Em um sentido fundamental, existem apenas duas classes na sociedade: aqueles que controlam e aqueles que são controlados. Os controlados – a classe trabalhadora ou qualquer outro nome que se queira dar a ela – têm um bom número de estratificações sociológicas. Isso é um grande problema para o trabalho organizacional e político. Mas o que está vindo à tona – e é aqui que o conceito de proletarianização é tão importante para Marx, porque o que ele tinha em mente eram as duas classes e seu antagonismo que define seu modo de vida – é a tendência para que a divisão entre o pequeno número de controladores, e a massa dos controlados, torne-se mais uma questão de experiência real. Estas são as alternativas quando começamos a pensar nesses termos.

Quando você pensa no movimento da classe trabalhadora no século XIX – o Cartismo⁴⁵ ou qualquer outro – ele sempre foi orientado principalmente para alguns objetivos políticos. E se esses objetivos políticos foram alcançados, muitas vezes somaram muito pouco... ou, porque geralmente não eram alcançados, em nada. Basta pensar na demanda pelo voto para os trabalha-

⁴⁵ Ver nota 34 no Prefácio. (N. E.)

dores – a maioria dos artistas nem sequer exigia o voto para as mulheres, apenas para os trabalhadores homens. E quando o voto foi concedido à maioria dos trabalhadores, incluindo as mulheres, sua importância já havia sido seriamente enfraquecida. Paralelamente ao processo de concessão de direitos políticos, houve um processo de privação de direitos políticos. Isso assume a forma – vocês têm isso nos Estados Unidos há muito mais tempo, mas agora também temos isso na Grã-Bretanha – de haver dois partidos que você não consegue separar de qualquer maneira significativa. Qual a diferença entre o Partido Conservador⁴⁶ e o chamado Novo Trabalhismo⁴⁷? Então você vai acabar com uma eleição em que 23% se dão ao trabalho de comparecer, e os Trabalhistas ficam com 8% e os conservadores com 6% e isso se chama democracia!

Penso que o grande desafio no futuro, em termos de agência social, é que ela não pode ser simplesmente orientada politicamente. Muito mais fundamental é sua orientação social. Ou seja, a alternativa que se oferece é como controlar o processo

⁴⁶ Partido Conservador (Conservative and Unionist Party), também conhecido como Tories (termo que teve origem no século XVII, quando era usado para descrever um grupo político que apoiava a monarquia absoluta e se opunha ao movimento Whig, que defendia o poder do Parlamento). Durante o século XIX, foi um dos dois partidos dominantes, juntamente com o Partido Liberal (Liberal Party). No século XX, continuou sendo um dos principais partidos, juntamente com o Partido Trabalhista britânico (Labour Party). Durante o século XX, os primeiros-ministros conservadores lideraram o governo por 57 anos, incluindo os governos de Winston Churchill (1940-45, 1951-55) e Margaret Thatcher (1979-90). (N. E.)

⁴⁷ Novo Trabalhismo (New Labour) refere-se a um período na história do Partido Trabalhista britânico (Labour Party), de meados da década de 1980 até o início da década de 2010, sob a liderança de Tony Blair e Gordon Brown. O Partido Trabalhista foi fundado em 1900, tendo surgido a partir do movimento sindical e dos partidos socialistas do século XIX. É um partido político social-democrata, que se situa no centro-esquerda do espectro político. O Novo Trabalhismo levou o partido mais para o centro, destacando a necessidade de oportunidades iguais, de cunho liberal, e acreditando no mercado como meio de conciliar eficiência econômica e justiça social. (N. E.)

reprodutivo vital como um todo. Em vez de vermos tudo em termos desses parlamentos ridículos que temos agora nas nossas sociedades... As pessoas pensam em eleições com cinismo... e depois eles começam tudo de novo. Qual a porcentagem que geralmente comparece às urnas nos Estados Unidos?

Ted Koditschek: Uma boa participação em eleições de rotina é de 25%.

István Mészáros: Bem, na Grã-Bretanha, nas eleições europeias tivemos 23%. Na Hungria, onde havia grande entusiasmo após a grande mudança, houve uma participação relativamente alta. Mas em três anos, as pessoas ficaram tão cínicas que houve algumas eleições suplementares em que apenas 2% votaram e tiveram que anular o resultado.

Terry Brotherstone: O único lugar que ainda há interesse é a África do Sul...

István Mészáros: Mas lá havia a questão de tentar revisar a constituição, então ainda havia ilusões... uma vez que revisassem a constituição, tudo ficaria bem...

Ted Koditschek: Nos EUA, a tabloidização da política fez avanços dramáticos na última década. De certa forma, isso é positivo porque torna muito mais claro o que sempre foi verdade, mas agora está totalmente à superfície. A maioria das pessoas não tem interesse na política eleitoral – ou, se tiverem, é apenas no nível de um escândalo. Então, há realmente uma atitude bastante realista — embora seja chamada de cinismo na imprensa americana. Mas esse cinismo, esse realismo, precisa ser mobilizado para outra coisa... e é essa mobilização que está faltando.

István Mészáros: Sim, e quando você pensa que vários grupos de esquerda nos últimos dois ou três anos na Grã-

Bretanha têm gastado energia lutando entre si sobre qual candidato apresentar, ou sobre como se coalizar em alguma forma de unidade eleitoral... para talvez obter um por cento dos votos. Isso se tiverem sorte... pode ser apenas meio por cento. Todo o processo está terrivelmente preso. Eu não acredito que já tenhamos experimentado uma crise política, uma crise de todo o sistema, do modo em que estamos experimentando atualmente. E, como tenho reforçado, a crise da política partidária é apenas uma manifestação da crise geral subjacente e da completa falta de perspectiva para superá-la. Ontem houve um grande encontro dos Trabalhistas...

Terry Brotherstone: A conferência da *Tribune*⁴⁸...

István Mészáros: Tenho certeza de que passou o tempo voltando aos mesmos absurdos. Lutamos por cinquenta anos por uma alternativa à esquerda do Trabalhismo. Ela é destruída, e voltamos aos mesmos absurdos novamente!

Terry Brotherstone: Sim, foi uma conferência que o jornal *Tribune* organizou e obteve bastante apoio – de deputados, entre outros – sob o título *Return to Socialism* (Retorno ao Socialismo) ou algo assim. Então, os agentes de disciplina de Tony Blair⁴⁹ entraram em ação e assim seguiram, e de repente muitos dos deputados disseram que não sabiam o que estavam assinando! Barbara Castle⁵⁰ estava programada para ser a estrela...

István Mészáros: Eu vi um trecho dela na TV. Ela disse que o grande perigo era que a política do Novo Trabalhismo

⁴⁸ Tribuna, revista social-democrata, fundada em 1937, e publicada em Londres. (N. E.)

⁴⁹ Anthony Charles Lynton Blair (Edimburgo, 1953), mais conhecido como Tony Blair. Político britânico. Primeiro-ministro do Reino Unido, de 1997 a 2007, e líder do Partido Trabalhista (Labour Party), de 1994 a 2007.

⁵⁰ Barbara Anne Castle, (Betts; 1910 - 2002). Política do Partido Trabalhista (21, nota). Deputada do Parlamento de 1945 a 1979. Desenvolveu uma estreita parceria política com o Primeiro-Ministro Harold Wilson (1964 – 1970 e 1974 – 1976). Ocupou vários cargos no Governo. (N. E.)

deixaria as pessoas entediadas e que elas não iriam votar. Desde que as pessoas votem – independentemente do que isso consiga – ela acha que isso é ótimo. Mas não votar... meu Deus, que calamidade! Na verdade, seria uma verdadeira conquista se as pessoas não votassem! E não faria muita diferença! Precisamos de uma verdadeira alternativa à qual possamos dar um nome e, nos últimos vinte anos, eu a chamei de ação extraparlamentar. Não uma maneira de reviver essa coisa podre que permitiu às pessoas votar enquanto as privava de seus direitos.

Ted Koditschek: Que tipo de ação extraparlamentar?

István Mészáros: Bem, você não pode dizer “faça isso” ou “faça aquilo”. Mas você pode identificar a direção. Ou seja, é uma ação independente do sistema existente. Ela toma a iniciativa em seu próprio nome. Está abordando questões de controle social crítico, do controle das empresas, e define seus próprios objetivos. O problema com o tipo de estrutura em que os grupos de esquerda operam é que eles são forçados a uma situação em que estão apenas refletindo à distância sobre o que os grandes partidos têm – e aspiram ter as mesmas coisas, proceder da mesma forma, mesmo que se convençam de que serão diferentes. É uma completa ilusão. Ignora a irrelevância essencial do parlamento...

Ted Koditschek: E os Verdes na Alemanha⁵¹ ...?

István Mészáros: Sim, os Verdes... E também, algumas formas de desobediência civil. Isso pode ter o efeito de realizar coisas que o parlamento deveria fazer, mas não faz, se deixado por conta própria. É uma maneira de, por assim dizer, condicionar o parlamento de fora.

⁵¹ Os Verdes (Die Grünen) é um partido político alemão. Foi fundado em 1980, na cidade de Karlsruhe, no sudoeste da Alemanha, sob o pensamento da ecologia política. Em 1993, após a unificação alemã, o movimento Aliança 90 da Alemanha Oriental se fundiu com os Verdes da Alemanha Ocidental, resultando no novo nome do partido Aliança 90/Os Verdes. (N. E.)

Terry Brotherstone: Mas o ponto de Ted Koditschek não era que os Verdes tentaram seguir o caminho parlamentar...?

István Mészáros: Sim, isso também é verdade. Eu estava em uma conferência no ano passado, sobre a semana de trinta e cinco horas, e estavam lá representantes de partidos de esquerda de toda a Europa, alguns dos quais tinham sido, à sua maneira, bastante bem-sucedidos. Uma noite eu jantei com um grupo dessas pessoas e uma mulher do partido sueco estava dizendo: “Vamos fazer grandes avanços na próxima eleição”. Eu disse: “Sim, e quando vocês se tornarem membros do governo, se tornarão gatinhos ronronantes...” Ela entendeu mal e protestou que eles não eram gatinhos. Eu disse: “Não, ainda não”.

Isso invariavelmente acontece. Os Verdes, ao entrarem no governo, mudaram totalmente suas políticas. Para mim, isso diz algo sobre a natureza do governo e, em última análise, sobre as margens cada vez mais estreitas do capital. O capital tem que definir limites cada vez mais estreitos para o que a atividade política é, e pode realizar. Permitam-me que corrija algo que disse anteriormente – que o Novo Trabalhismo é o mesmo que os Tories⁵². Para mim, a característica do Novo Trabalhismo é que eles são piores do que os Tories, porque estão fazendo coisas que os próprios Tories não ousaram fazer...

Ted Koditschek: E esse é exatamente o papel de Clinton. Quando ele foi eleito pela primeira vez, pensei que ele iria mover tudo um pouco para a esquerda, e que a esquerda poderia então ser uma oposição real. Em vez disso, tem sido exatamente o oposto. Clinton legitimou o pior da agenda republicana; e foi responsável pela vitória dos republicanos no Congresso – o que é muito mais importante do que a Casa Branca. Houve uma mudança fundamental na sociedade e na política americana. É muito pior do que Reagan⁵³.

⁵² Os Tories são membros do Partido Conservador. (N. E.)

⁵³ Ronald Reagan (Tampico, 1911 - Los Angeles, 2004). Político dos Estados Unidos. Membro do Partido Republicano. Presidente dos Estados Unidos de 1981 a 1989. (N. E.)

István Mészáros: E na Grã-Bretanha, os Tories não ousaram impor taxas estudantis. Os trabalhistas sim. O Serviço de Saúde piorou. Os Serviços Sociais deterioraram-se muito. E estão trabalhando na privatização dos Serviços Postais — da qual os Tories recuaram. Não há nada de que essas pessoas estejam se esquivando. Eles fazem isso porque as margens cada vez mais estreitas do capital os obrigam. Isto está acontecendo em todos os lugares. A mesma coisa na Alemanha. Pouco antes da eleição, as pessoas estavam falando sobre o que aconteceria... Lafontaine⁵⁴ prevaleceria e moveria tudo para a esquerda? Em vez disso, ele foi expulso em pouco tempo e as coisas mudaram para a direita. E na Itália... o papel que o antigo PC desempenhou é absolutamente inacreditável...

Terry Brotherstone: Tomando essa análise como base, posso voltar à discussão sobre onde podem existir brechas, maneiras de (por assim dizer) entender o potencial para uma mudança real. Em relação ao parlamento... A classe dominante na Grã-Bretanha está brincando com a questão de como governar — por meio de mudanças constitucionais — de maneiras sem precedentes no período recente, o que acho que não podemos ignorar. Há vários pontos de interesse que eu vejo sobre o parlamento escocês estabelecido este ano (1999). Primeiro, ele abriu uma nova discussão sobre Representação Proporcional. Acho que há um reconhecimento de que a aparente semelhança entre os principais partidos pode subverter todo o sistema e eles estão buscando maneiras de incluir todos os tipos de grupos de protesto. Antigamente, isso significaria o PC, mas agora significa outras formações, e a Escócia é onde isso está sendo experimentado. Portanto, eu penso que há uma questão real sobre como,

⁵⁴ Oskar Lafontaine (Sarre, 1943). Político alemão. Líder do Partido Social Democrata (Sozialdemokratische Partei Deutschlands, SPD) até 1999, quando renunciou ao cargo de Ministro das Finanças do governo social-democrata e de presidente do SPD. Candidato do Trabalho e Justiça Social - A Alternativa Eleitoral (Arbeit & Soziale Gerechtigkeit-Die Wahlalternative, WASG) em 2005 e, logo, do grupo parlamentar A Esquerda (Die Linke). (N. E.)

ao organizar e focar as forças de oposição, o trabalho se orienta – ou orientamos nossa compreensão do que está acontecendo – não apenas sobre questões de gênero, raça e assim por diante, mas também sobre mudanças constitucionais.

E isso se relaciona com a forma como podemos ver a oposição real emergir, não apenas especular sobre ela. Quando houve o movimento anti-poll tax⁵⁵ – que foi uma coisa muito grande na Escócia; e, em um sentido real, nacionalmente, para Thatcher⁵⁶ – houve toda uma discussão entre alguns dos envolvidos (que incluía todo tipo de gente de classe média: os sindicatos recuaram e tentaram manter tudo no nível do protesto controlado) sobre como fornecer serviços locais. De certa forma, era uma discussão sobre o socialismo como uma questão prática, porque levantava a pergunta: “Como trocaríamos o trabalho fora das relações capitalistas? O que são serviços locais, senão um trabalhador pegando a lata de lixo de outro trabalhador?” A discussão começava a se afastar de “Como é que os governos e as autoridades que governam em nome do capital aumentam os impostos?”

É claro que não estou sugerindo que essa discussão poderia ter evoluído em uma ação prática naquele momento..., mas a questão é que o que matou a própria discussão foi o controle da atividade dos movimentos da esquerda por aqueles que estavam presos justamente ao tipo de eleitoralismo formalista que estamos discutindo – particularmente a Tendência Militante⁵⁷. Estava então no caminho para se transformar no Partido Socialista Escocês⁵⁸ com o objetivo de levar candidatos e,

⁵⁵ Ver nota 7 no capítulo 2. (N. E.)

⁵⁶ Ver nota 25 no Prefácio. (N. E.)

⁵⁷ Tendência Militante (Militant Tendency). Grupo trotskista dentro do Partido Trabalhista (Labour Party), organizado em torno do jornal *Militant*, lançado em 1964. Em 1991, a Tendência Militante decidiu apoiar a criação do Militante Trabalhista Escocês (Scottish Militant Labour, SML), uma organização independente na Escócia. (N. E.)

⁵⁸ O Partido Socialista Escocês (Scottish Socialist Party, SSP) é um partido

em particular, o supostamente “carismático” Tommy Sheridan⁵⁹ – a qualquer parlamento escocês que pudesse chegar. E, claro, em maio (de 1999), sob o novo sistema eleitoral, Sheridan foi devidamente eleito com grande entusiasmo. Temos que esperar para ver o que isso vai significar... se o leão desenfreado também se transformará em “um gatinho ronronante”. Contudo, se você *vê* como a eliminação da discussão muito mais ampla, que poderia ter surgido do movimento anti-poll tax, isso foi realmente crucial para o aparente sucesso da manobra política que levou à criação do SSP (Partido Socialista Escocês), então começamos a questionar se isso foi um sucesso ou, na realidade, um passo atrás. E penso que as pessoas estão começando a fazer essas conexões. Mas o outro ponto que estou tentando salientar é que a “questão constitucional” é complexa. Cria-se a ilusão de que pode haver respostas “constitucionais” para a crise subjacente de que István, em particular, tem falado – o que é apenas mais uma forma da ilusão de que tudo o que é necessário é outro movimento de mudança política. Mas há também uma percepção real de que coisas no Reino Unido têm sido vistas como fixas e imutáveis – o sistema eleitoral, o parlamento centralizado, a própria existência do chamado Reino Unido – não fazem de fato parte da lei natural: podem ser mudadas.

E posso apenas fazer uma rápida observação sobre Kosovo⁶⁰. Sinto-me fortemente motivado a este respeito, devido

político da Escócia fundado em 1998. É uma divisão do Militante Trabalhista Escocês (Scottish Militant Labour, SML). (N. E.)

⁵⁹ Tommy Sheridan (Glasgow, 1964). Membro da Tendência Militante (Militant Tendency). Expulso do Partido Trabalhista (Labour Party) em 1989, uniu-se ao Militante Trabalhista Escocês (Scottish Militant Labour, SML) e, posteriormente, ao Partido Socialista Escocês (Scottish Socialist Party, SSP). (N. E.)

⁶⁰ Kosovo é um estado localizado na Península dos Balcãs, no sudeste da Europa. Faz fronteira com Montenegro a noroeste, com a Albânia ao sul, com a Macedônia do Norte a sudeste, e com a Sérvia a nordeste. Entre 1998 e 1999, foi palco de conflitos armados nas chamadas Guerras da Iugoslávia ou Guerra dos Balcãs (1991-2001). (N. E.)

à dificuldade que alguns de nós tivemos em ser rotulados pelos grupos de esquerda como “pró-OTAN”, porque priorizamos a causa *dos* kosovares e o seu direito à autodeterminação, em detrimento do tradicional desejo de manifestarmos contra os bombardeamentos, absolutamente cínicos e egoístas, em defesa da causa do capital. A questão sobre o Kosovo, no contexto desta discussão, parece-me, com base numa visita muito curta, na primavera de 1998, é que, vivendo sob a ditadura de Milošević⁶¹, os kosovares foram forçados a fazer a sua própria “crítica” prática à noção *de* autodeterminação. Ao construírem a sua própria “sociedade civil”, limitada e ilegal, estavam na prática determinando por si próprios como viver em comunidade. É um pequeno exemplo e, claro, não garante nada para a trajetória política dos kosovares, mas é um exemplo real de como as pessoas podem ser forçadas a questionar como administrar a sociedade de uma forma humana sob certas condições.

Esses são apenas alguns pontos sobre coisas que realmente aconteceram e que, a meu ver, ajudam-nos, embora apenas de maneira embrionária, a ver como a ofensiva socialista está potencialmente presente, e como ela pode ajudar a determinar o tipo de agenda intelectual. Acho que talvez estejamos sugerindo que temos que trabalhar nessa direção.

István Mészáros: Ted (Koditschek) levantou a possibilidade de o movimento social se tornar algo muito autoritário, de que ressentimentos poderiam ser explorados por tendências muito autoritárias. Esse perigo certamente existe e, a menos que haja um movimento socialista muito sólido para tomar seu lugar, ele pode se tornar um perigo mortal, levando a todos os tipos de aventureirismo. Por outro lado, estou convencido de que isso não resolveria nenhum dos problemas. Na década de 1930, o fascismo não era apenas uma possibilidade; era também uma probabilidade tanto por razões sociais, quanto políticas. Correspondia a um certo estágio do desenvolvimento capitalista.

⁶¹ Ver nota 44 no capítulo 3. (N. E.)

Hoje é um período de uma crise absolutamente horrenda de acumulação... Quando se olha para as raízes econômicas do que se passa, há uma terrível crise de acumulação que se manifesta em todo tipo de aventureirismo nas finanças internacionais. Há uma incapacidade de investir capital de forma lucrativa em empresas industriais confiáveis.

O que temos é a produção *de* figuras fictícias. A última edição da revista *The Economist*⁶² mostra que eles estão preocupados com o que pode acontecer com a economia americana, com as instituições financeiras americanas – o mercado de ações está sobrecarregado, etc., e estão muito assustados com isso. Mas por trás disso está essa terrível crise de acumulação e, a meu ver, medidas autoritárias, tendências autoritárias de desenvolvimento, não abordariam essa dimensão crucial da crise. Elas podem desanimar a oposição e as forças populares de dissidência em uma direção muito negativa, mas apenas levando-as a um beco sem saída, não para algo que duraria nem mesmo tanto quanto o regime de Hitler, e isso, afinal, durou apenas doze anos. Temos que pensar em termos de um período muito mais longo. Isso é o que fundamenta a necessidade de um movimento organizacional e político realmente vital — e, como eu disse, não apenas político, porque não acredito na viabilidade futura de movimentos políticos enquanto tais. Por conta própria, e da maneira como desempenharam seu papel no século XX, especialmente, tais movimentos cumpriram seu papel histórico; seu momento histórico passou.

É necessário ter uma nova forma de movimento, um que não seja apenas parlamentar. Tem que ser um movimento que envolva ação direta... Tudo isso incluirá a tomada de empreendimentos produtivos e sua administração – embora isso exija circunstâncias favoráveis que não são fáceis de prever hoje.

⁶² *The Economist* é uma publicação semanal em inglês com sede em Londres. Foi fundada em 1843 pelo banqueiro e empresário escocês James Wilson, com uma linha editorial que apoia o liberalismo clássico e econômico e é favorável à globalização. (N. E.)

A aparência hoje, como dissemos, é de fragmentação. Eles produzem estatísticas para dizer que o desemprego está diminuindo, mas isso é apenas porque a maioria dos novos empregos são pequenos empregos para trabalhadores temporários, de meio período. De um emprego sério, obtêm-se dois ou três empregos para as estatísticas. A feminização foi mencionada nesse sentido, e isso anda junto com a fragmentação e a fracionalização. Nesse sentido, a situação fica cada vez pior — e em todos os países, não apenas nos países do Terceiro Mundo ou “atrasados”, mas também nos países capitalisticamente mais avançados.

Ted Koditschek: Isso talvez seja algo que conecta o que István e Terry estão dizendo. Uma das características mais importantes das últimas duas décadas é o declínio, e então o fim, do poder do Estado Soviético. As forças capitalistas globais sempre foram globais, mas isso agora está em um nível diferente. No período anterior, ter um partido nacional voltado para um nível nacional fazia sentido porque os Estados soberanos tinham algum poder soberano real, de modo que tal partido poderia ter objetivos razoáveis. Enquanto agora, não é de todo claro que, mesmo nos países imperiais mais poderosos como os EUA, um governo seja capaz de se posicionar contra o capital global. Então, o que eu entendo do que Terry estava dizendo é que você poderia dizer: *OK*, se esse é o caso, faz sentido organizar politicamente em um nível completamente diferente, até mesmo em um nível local, aproveitando os desenvolvimentos que são, eles próprios, reflexos da crise econômica e social subjacente — como mudança constitucional, devolução e assim por diante.

Terry Brotherstone: Penso que o que eu estava dizendo principalmente era que, em um movimento como o anti-poll tax — um movimento extraconstitucional antes de os grupos de esquerda essencialmente conservadores canalizarem as suas lições em uma direção “constitucionalista” — podíamos ver emergindo ideias que, embora imperfeitamente, começaram, a partir

da luta das pessoas comuns com experiências e problemas reais, a refletir o movimento do “antagonista estrutural” do capital. Por isso, o principal é não deixar que os “constitucionalistas” enterrem isso. Mas o segundo ponto foi que, tal é a natureza histórica da crise, que, mesmo quando uma nova forma de constitucionalismo parece chegar ao topo, só pode fazer isso abrindo todo tipo de questões históricas, questionando estruturas históricas antigas, cuja aparente “permanência” tornava muito difícil questionar a permanência do capital.

Essas “lições da Escócia” se tornaram mais concretas para mim quando vários de nós nos reunimos para tentar descobrir se poderíamos tomar alguma iniciativa prática quando a fábrica quase nova da Siemens⁶³ foi subitamente fechada no nordeste da Inglaterra. Nós nos encontramos falando sobre como os trabalhadores poderiam criar um “Conselho do Norte”, algum tipo de arena na qual uma oposição real – que teria que ir muito além de uma resposta automática às demissões da Siemens – poderia encontrar uma voz. Contatamos, então, algumas pessoas que eram especialistas na economia do nordeste, e eram a favor de uma assembleia parlamentar lá, seguindo o exemplo escocês. Tudo isso ainda me parece potencialmente importante, embora ainda não tenhamos conseguido avançar muito. Não se deve optar por sair dessas discussões apenas porque algumas pessoas têm “ilusões” em alguma nova forma parlamentar. Na verdade, muitos daqueles a favor de tal desenvolvimento são muito realistas sobre a maneira como a crise que querem abordar é uma crise de todo o sistema socioeconômico, não simplesmente algo temporário a ser resolvido por algumas novas políticas. Desenvolver esse tipo de pensamento certamente me parece muito mais relevante do que o tipo de resposta dos grupos de esquerda, que muitas vezes não passa de “Quem pode organizar a maior manifestação e fazer mais membros?”...

⁶³ Siemens é um conglomerado alemão que opera em quatro setores principais: indústria, energia, saúde (Siemens Healthineers) e infraestrutura de cidades. (N. E.)

Ted Koditschek: Qual foi a reação do Novo Trabalhismo ao fechamento da Siemens?

Terry Brotherstone: Muitos de seus principais membros têm círculos eleitorais no nordeste da Inglaterra, mas eles não podiam fazer nada além de aceitar isso. Peter Mandelson⁶⁴ disse algo no sentido de que era apenas para atender a tal eventualidade de que eles tinham “políticas em vigor” para aliviar os números do desemprego – o chamado “New Deal”⁶⁵ e assim por diante. Portanto, ele estava realmente aceitando que o papel do governo é reduzido a pegar – ou apelando para pegar – as peças humanas deixadas para trás pelas rápidas mudanças de orientação do capital, pela falta de sua capacidade de fazer investimentos estáveis de que István estava falando.

István Mészáros: E só parecem fazer mesmo isso, porque estão falsificando estatísticas, notadamente as estatísticas de desemprego, o tempo todo. Veja-se também as estatísticas do Serviço de Saúde. Agora, não nos colocam na lista de espera oficial até que nos encontremos com o consultor, dessa forma não contamos estatisticamente – mas continuamos ainda esperando.

Ted Koditschek: Bem, isso se relaciona com outro grande problema nos EUA. A direita controla enormes think tanks, através dos quais emitem todo o tipo de números, que depois chegam à rádio e à televisão, e é assim que se definem as “realidades” que realmente contradizem a verdade.

István Mészáros: Porque não estão resolvendo nada, têm que mentir sobre isso o tempo todo, e agora fazem isso de forma

⁶⁴ Peter Benjamin Mandelson (Londres, 1953). Político britânico. Membro do Partido Trabalhista (Labour Party). Membro do Parlamento Britânico (1992-2004). Ocupou vários cargos políticos durante os governos de Tony Blair e Gordon Brown. (N. E.)

⁶⁵ “New Deal”. Plano desenvolvido nos Estados Unidos, em 1933 e de 1935 a 1938, durante a administração de Franklin Roosevelt (1933 a 1945), do Partido Democrata (Democratic Party), para revitalizar a economia após a crise de 1929. (N. E.)

muito sistemática. As estatísticas são muitas vezes mentiras cínicas. Mas frequentemente, mesmo na TV e no rádio, você ouve as pessoas dizendo isso. Há tanto ressentimento inexplorado que precisa ser canalizado para algo real. Mas tem que ser algo real que nos traga de volta aos problemas políticos que temos discutido, e à necessidade de um pensamento que rompa com os pressupostos tradicionais do movimento trabalhista. Veja o caso de Scargill⁶⁶ – um homem decente, o melhor dos lutadores militantes especialmente na greve de 1984-85⁶⁷ –, mas lança o seu Partido Socialista Trabalhista, um movimento totalmente ilusório.

Terry Brotherstone: Existem maneiras práticas, a partir dessa discussão, fora dessas discussões, que poderiam nos levar a falar sobre como poderíamos, nós mesmos, trabalhar de forma mais coletiva – claro que também envolvendo outros – nos tipos de desenvolvimentos que estamos dizendo serem necessários? Alguns de nós estamos envolvidos no que chamamos de *Movement for Socialism* (Movimento para o Socialismo⁶⁸), e – sem que esteja muito claramente teorizado — penso que ele começou a reunir várias atividades que se relacionam, de diferentes maneiras, com o surgimento da oposição ao capital, que, claro, tem que ser internacional. Estabelecemos uma ligação com um grupo interessante em Perm, na antiga União Soviética; participamos de uma conferência de mineiros em Tuzla, Bósnia-

⁶⁶ Arthur Scargill (Barnsley, 1938). Sindicalista e político britânico. Foi Presidente do Sindicato Nacional dos Mineiros (National Union of Mineworkers, NUM), de 1982 a 2002. Líder da greve dos mineiros britânicos, de 1984-1985. Membro da Liga dos Jovens Comunistas (Young Communist League, YCL - Communist Party of Britain, CPGB) e depois do Partido Trabalhista (Labour Party). Fundou o Partido Trabalhista Socialista (Socialist Labour Party, SLP) em 1996. (N. E.)

⁶⁷ Greve massiva dos mineiros britânicos entre 1984 e 1985, que paralisou em grande parte o setor de carvão do país. (N. E.)

⁶⁸ O Movimento para o Socialismo (Movement for Socialism, MFS) foi criado por membros do Partido Revolucionário dos Trabalhadores (Workers' Revolutionary Party, WRP), após a fragmentação do partido em 1985, vinculado ao órgão Workers Press. (N. E.)

Herzegovina, contra a privatização; estivemos envolvidos em trabalho solidário com os estivadores de Liverpool; e com os professores e mineiros de Kosovo em Prishtina e Mitrovica. Temos aqui o Ted Koditschek dos Estados Unidos. Como poderíamos conectar o tipo de discussão que estamos tendo hoje com os tipos de atividades em que estamos envolvidos, ou com outras pessoas com quem estamos em contato?

Ted Koditschek: Acho que o uso da internet é algo que temos que considerar mais. Estou envolvido em um grupo de internet nos Estados Unidos que está em seus estágios iniciais, mas que espero que contribua para quebrar a sensação de isolamento que certamente sinto.

Cliff Slaughter: Isso é algo que os estivadores de Liverpool, assistidos por Dave Hookes⁶⁹, estão considerando em sua Initiative Factory, que estão desenvolvendo a partir das lições de solidariedade internacional aprendidas em sua disputa que durou mais de dois anos. Eu realmente acho que é uma coisa imediata tentar estabelecer um portal eletrônico central.

István Mészáros: Fiquei gratificado ao ouvir falar dos círculos de leitura nos EUA em torno do meu livro *Beyond Capital* (Para Além do Capital)⁷⁰. E cerca de 2.000 participam da Conferência Anual de Acadêmicos Socialistas⁷¹. É necessária

⁶⁹ Dave Hookes. Após sua aposentadoria, ele se tornou um Pesquisador Sênior Honorário no Departamento de Ciência da Computação da Universidade de Liverpool. Politicamente é membro do Partido Trabalhista e um sindicalista e socialista de longa data. (N. E.)

⁷⁰ Ver nota 9 no Prefácio. (N. E.)

⁷¹ Conferência Anual de Acadêmicos Socialistas (Socialist Scholars Conference) é o antigo nome do Left Forum. Era um encontro anual de fim de semana de proeminentes acadêmicos socialistas em Nova York para debate, diálogo e solidariedade. Foi realizado anualmente de 1983 a 2004, mas foi descontinuado em 2005 devido a divisões internas. Era patrocinado pela City University of New York (CUNY), pelo setor dos Democratic Socialists of America (DSA). (N. E.)

uma ligação orgânica com a classe trabalhadora e o trabalho de algumas pessoas no MFS [Movimento para o Socialismo] com os estivadores de Liverpool, as discussões sobre a situação no Nordeste da Inglaterra, e assim por diante, estão indo nessa direção. Os jornais de esquerda simplesmente não fazem isso. Eles simplesmente fazem propaganda para tentar recrutar membros. Como eles podem desperdiçar sua vida dessa maneira?

Cliff Slaughter: Isso é a vida deles!

István Mészáros: Sim. É triste.

Terry Brotherstone: Amigos ativos nos sindicatos sobre a questão da guerra dos Bálcãs – notadamente Liz Leicester⁷², na UNISON, que também foi a Kosovo pessoalmente – comentou comigo que o tipo de política de protesto em que os grupos de esquerda insistiam nessa altura, e a sua incapacidade até de discutir a necessidade de dar prioridade à questão da solidariedade prática em detrimento de um protesto em grande parte fútil, fizeram-na pensar: Esta é a morte da “esquerda” — pelo menos do que antes se entendia como sendo a “esquerda”. Os grupos demonstram sua completa irrelevância. Mesmo aqueles de nós que, depois de nos livrarmos de Gerry Healy⁷³, pensaram que havíamos rejeitado o sectarismo, mas ainda achavam que havia alguma obrigação de “debater” as posições dos grupos de esquerda, devem entender que isso agora é uma perda de tempo.

Uma vantagem do tipo de contatos de que eu estava falando é que começamos a ver lutas reais surgindo em situações muito mais amplas do que o mundo intelectualmente confortável, mas bastante falido, dos grupos de esquerda britânicos.

⁷² Liz Leicester. Participante ativa do Partido Revolucionário dos Trabalhadores (Workers Revolutionary Party - WRP). É historiadora, tutora de educação de adultos e ativista sindical. (N. E.)

⁷³ Ver nota 23 no Prefácio. (N. E.)

Boris Ikhlov⁷⁴, em Perm, tem nos contado como trabalhadores e estudantes começaram a se preparar para o que se revelou ser o colapso do stalinismo. Em 1983, eles tiveram ilusões com Andropov⁷⁵, que obviamente promoveu Gorbachev⁷⁶. Parece muito surpreendente para aqueles de nós que pensavam que sabiam tudo sobre “a luta contra o stalinismo” sem, na verdade, saber nada sobre o que estava acontecendo, o que as pessoas estavam pensando, na União Soviética. Mas me parece instrutivo entender como as pessoas realmente estavam lutando em direção a uma oposição ao stalinismo e em direção ao que pensavam ser um socialismo real.

Cliff Slaughter: The Workers Political Union (Sindicato Político dos Trabalhadores) em Perm parece interessante para esta discussão. Eles têm uma concepção na qual um sindicato também precisa ser político. Não há divisão entre luta sindical e a luta política.

Ted Koditschek: Tudo isso me lembra algo que Tom Kemp costumava dizer. É que na década de 1930, a política era muito diferente de hoje. Parecia relevante subir no palanque e apresentar a linha do partido. Mas isso não faz mais sentido. A política é mais difícil. É mais difícil mobilizar, identificar os problemas políticos reais. Mas o outro lado disso é que é claro que aquela política de propaganda antiga já cumpriu seu curso.

⁷⁴ Boris Ikhlov (1956, Perm - Russia). Político russo. Um dos fundadores do grupo clandestino marxista Extended Day Group (EDG), em 1983. Líder da União dos Comunistas, na qual o EDG foi transformado. Participou ativamente de comícios e piquetes entre 1988 e 1989. (N. E.)

⁷⁵ Yuri Vladímirovich Andrópov (Stavropol, 1914 - Moscou, 1984). Político soviético. Secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética (CPSU) de 1982 até sua morte. (N. E.)

⁷⁶ Mikhail Gorbachev (Stavropol, 1931 - Moscou, de 2022). Secretário Geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) de 1985 a 1991. Presidente do Presidium do Soviete Supremo de 1988 a 1989, Presidente do Soviete Supremo de 1989 a 1990 e Presidente da União Soviética de 1990 a 1991. De 1986 em diante, ele implementou a Perestroika e a Glasnost: a introdução progressiva do mercado na economia e uma maior liberalização nas instituições políticas. (N. E.)

István Mészáros: Nas condições da década de 1930 era relativamente fácil organizar, mas tornou-se cada vez mais difícil responder à pergunta: “Organizar para quê?” Havia uma história sobre dois velhos amigos hebreus em Israel. Um pergunta ao outro sobre os seus três filhos. Um está em Praga “construindo o socialismo”; outro está em Londres “construindo o socialismo”. E o terceiro? “Ele está aqui em Israel.” E ele está construindo o socialismo? “Você é completamente louco? No seu próprio país!”

A forma como o socialismo era articulado estava em uma esfera muito restritamente política e com uma orientação política estreita. Era essencialmente defensivo – nas margens da expansão do capital. Se o capital pode se expandir relativamente sem perturbações, há uma margem a partir da qual se pode conceder mais e mais à classe trabalhadora. Mas isso acabou. Desapareceu há quase trinta, ou pelo menos vinte e cinco anos. Não houve avanço significativo para a classe trabalhadora. O Estado de Bem-Estar está essencialmente acabado, a questão é apenas saber por quanto tempo a sua agonia continuará. Não há como o capital mantê-lo funcionando. É por isso que acho que a crise da política de que temos falado é tão absolutamente profunda; e é por isso que a crise política tem de ser radicalmente redefinida, de modo a sair do vicioso círculo político.

Algumas das iniciativas que mencionamos – em Liverpool e assim por diante – poderiam servir de base em diferentes partes do país (e em outros países) para desenvolver novos vínculos orgânicos entre as ideias socialistas e a classe trabalhadora. Se olharmos para as atividades socialistas da virada do século passado, muitas delas se concentraram em trabalhadores envolvidos com Rosa Luxemburgo⁷⁷ e outros em discussões muito sérias e exigentes sobre economia marxista, O Capital de Marx⁷⁸, etc. As coisas são muito diferentes agora, e temos falado sobre como

⁷⁷ Ver nota 6 no capítulo 1. (N. E.)

⁷⁸ MARX, Karl. Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie, Hamburg: Otto Meissner, 1867. Edição em português: O Capital. Crítica da Economia Política, São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996. (N. E.)

novas ideias são necessárias, mas pode não ser impossível reviver um pouco daquele espírito, para tentar contrabalançar o tipo de devastação intelectual que ocorreu dentro do que costumava ser considerado o movimento socialista.

Se isso pudesse ser feito, talvez até mesmo algumas das melhores alianças, que ainda são basicamente orientadas eleitoralmente, poderiam ser guiadas na direção de questões sérias. E poderia haver uma agenda internacional desenvolvida que poderia servir de base para as discussões que foram descritas com contatos internacionais como os de Perm⁷⁹ e Prishtina⁸⁰. É também certamente crucial desenvolver esta discussão em conjunto com os socialistas nos EUA.

⁷⁹ Perm é uma cidade na Rússia, capital da província homônima. Localiza-se no nordeste da parte europeia do país. (N. E.)

⁸⁰ Pristina é a capital e maior cidade da República do Kosovo. (N. E.)

5. GRUPO DE DEBATE SOBRE O AGENTE SOCIAL REVOLUCIONÁRIO NA TRANSIÇÃO SOCIALISTA

SEMINÁRIO REALIZADO NO BIRKBECK COLLEGE,
LONDRES, SÁBADO, 27 DE OUTUBRO DE 2012¹

Terry Brotherstone abriu a reunião se referindo à sua carta de convocação, que dizia em parte:

[O] seminário [é] projetado para abordar a questão da “agência”, ou seja, definir a forma como a transição necessária do “metabolismo social” do capital global para uma “sociedade verdadeiramente

¹ A menos que indicado de outra forma, a maioria das contribuições aparece como uma transcrição resumida, nem sempre usando as palavras exatas dos palestrantes e, às vezes, envolvendo um certo grau de interpretação quanto à essência do que foi dito. (...). Qualquer citação além do círculo dos envolvidos nesta discussão deve ser verificada com a pessoa cuja opinião está sendo relatada e não deve parecer que os resumos aqui sejam citações diretas. (T. B.)

² Como vimos no Prefácio, o conceito de “agency”, no original em inglês, refere-se ao poder dos indivíduos ou classes sociais de agir (ou atividade ou atuação humanas) de forma consciente e de tomar decisões autonomamente. O sentido adotado neste texto, concebe tal termo como a ação humana emancipadora e sua capacidade revolucionária de superação do sistema do capital. O debate aqui presente se desenvolve em torno de qual classe (ou classes) exerceria(m) com êxito, no capitalismo contemporâneo, esse papel revolucionário, visando a construção de uma sociedade emancipada (comunista). (N. E.)

humana” deve ocorrer hoje – reconhecendo que estamos agora num período que não é mais caracterizado por (a) um *aparente* antípoda internacional do capitalismo (o sistema soviético); (b) uma classe trabalhadora industrial poderosa e organizada no Ocidente; e (c) ilusões na “construção do partido” para “resolver a crise de liderança” como a panaceia para resolver a crise da humanidade...

Para citar o anúncio do paperback de Cliff Slaughter, *Bonfire of the Certainties: the second human revolution*³... (Fogueira das Certezas: a segunda revolução humana...), 2012 (...): “o sistema social governado pelo capital... entrou... na sua crise estrutural, histórica...” – que é “econômica, política, social e moral, exemplificada especialmente pela crise da família moderna.” E: para Marx, a revolução socialista deve ser “a revolução humana”, reafirmando, “em um nível superior, a humanidade e a cultura alcançadas pela primeira revolução humana (que é o início da própria humanidade)”. **O que, no entanto, o livro pergunta, “podemos... fazer hoje da afirmação de Marx de que a classe trabalhadora é [a] agente” através da qual essa mudança deve acontecer?**

Este trabalho decorre da refundação em vários volumes do marxismo por István Mészáros (*The Power of Ideology* [O Poder da Ideologia] – 1989; *Beyond Capital* [Para Além do Capital] – 1995; *Social Structure and Forms of Consciousness* [Estrutura Social e Formas de Consciência] – 2 vols., 2010, 2011]; etc.). O seminário também poderá ter em conta, entre outras coisas, a pesquisa jornalística de Paul Mason⁴ sobre a “Primavera Árabe”, e a sua relação com os recentes movimentos de protesto em âmbito internacional – *Why Is It Kicking Off Everywhere?* (Por que está começando em todos os lugares?) (2011); e de alguns artigos recentes sobre “sindicatos sociais”, de Shaun May⁵. Há também muito material valioso, alguns

³ SLAUGHTER, Cliff. *Bonfire of the Certainties: the second human revolution* (Lulu, 2012) foi agora editado por Hilary Horrocks para que a versão impressa sob demanda tenha uma aparência mais limpa e amigável ao leitor. Também tem um índice. Não há nenhuma mudança nos argumentos ou outro conteúdo substancial das cópias já circuladas, mas Cliff se ofereceu para substituir aquelas que foram compradas antes dessas mudanças. (T. B.)

⁴ Paul Mason (Inglaterra, 1960). Escritor, jornalista, locutor e cineasta. Autor de *Why It's Kicking Off Everywhere: The New Global Revolutions* (2012). (N. E.)

⁵ Shaun May (Hull, Inglaterra, 1960). Graduado em Bioquímica e Química. Pós-graduado em Educação na Universidade de Hull. Trabalhou como químico orgânico, professor de biologia em cursos de aperfeiçoamento e profes-

deles disponíveis em tradução, na revista francesa *Carré Rouge*...⁶

Esperamos ter contribuições de vários países, principalmente França, Grécia, Itália e Espanha, assim como do Reino Unido... Fico feliz em dizer que tanto István Mészáros quanto Paul Mason manifestaram sua intenção de estar presentes.

Terry Brotherstone, em seguida, saudou os camaradas, especialmente aqueles de Atenas, Barcelona, Paris e Montpellier; e István Mészáros. Paul Mason enviou suas desculpas, e Shaun May havia indicado anteriormente que não compareceria. Terry Brotherstone ressaltou que a discussão de hoje só poderia ser o começo de um esforço coletivo para abordar uma questão muito difícil, mas crucial.

Cliff Slaughter: Falarei apenas brevemente nesta etapa. Terry já disse a maior parte do que eu teria dito. Em particular, que isto só pode ser o início de uma longa discussão. Um dia só nos permitirá definir algumas das questões – e elas são grandes questões. Se começarmos (digamos) do *The Communist Manifesto* (Manifesto Comunista⁷), temos de reconhecer que o mundo mudou muito e que as mudanças precisam ser discutidas – especialmente as mudanças na própria classe trabalhadora, mas também na forma como o capital se propagou, na forma como ele domina e se desenvolveu. Por exemplo, o que Marx disse sobre o capital criar as condições para o *intercâmbio universal*, em uma sociedade futura, parece muito diferente agora. Estou ansioso para ouvir a discussão dessas mudanças com base em experiências, não apenas em reportagens. Mas há também várias questões teóricas e políticas profundas. Precisamos pensar sobre como, no passado, entendíamos as teorias de Marx e o que elas significam politicamente. Dois exemplos: primeiro, a relação entre partido e classe,

sor em escolas públicas em East Yorkshire. Escritor socialista independente. Disponível em: <https://shaupmay.wordpress.com> (N. E.)

⁶ Carré Rouge. Revista marxista francesa publicada entre 1995 e 2013. O seu conselho de redação incluía, entre outros, Yves Bonin e François Chesnais. (N. E.)

⁷ Ver nota 12 no capítulo 1. (N. E.)

a questão da consciência de classe – agora isso parece diferente do que quando pensávamos sobre isso há vinte, até mesmo dez anos. Em segundo lugar, o papel do materialismo histórico e do “fator subjetivo” – para mim, tenho certeza de que isso precisa ser repensado profundamente. E quanto à – por exemplo – “crise da humanidade de Trotsky é reduzida à crise da liderança revolucionária da classe trabalhadora”, isto, penso agora, não só está errado agora, mas estava errado na altura em que foi escrito. Mas isso é para discussão. Essas são coisas que muitos de nós tínhamos em mente no passado e que precisam ser repensadas.

Sean Hefferon⁸: Dadas as condições do final da década de 1930, o que Trotsky poderia ter melhor dito?

Cliff Slaughter: Acho que isso é para discussão. Estas são perguntas para todos.

Jonas Nilsson⁹: Não sei se aquela frase do *Transitional Programme* (Programa de Transição¹⁰) estava errada na época. Certamente não é um conceito viável hoje. Os jovens na Espanha nunca aceitariam isso como um caminho a seguir. Eles procedem de sua própria maneira para estruturar o seu movimento e são muito desconfiados de todos os tipos de autoridade, sobretudo de

⁸ Sean Hefferon, participou do órgão de imprensa Workers Press, vinculado ao Partido Revolucionário dos Trabalhadores (Workers’ Revolutionary Party, WRP). (N. E.)

⁹ Jonas Nilsson, tornou-se politicamente ativo como tipógrafo sueco com 21 anos, em 1972, e continuou ativista quando se mudou para Barcelona, onde vive desde 1983. Após a dissolução do movimento internacional de Healy, ele permaneceu em contato com Slaughter e seus camaradas, participando da reunião da “Agência” de 2012, em Londres, e contribuindo com um ensaio sobre “Experiências Políticas Pessoais” para o capítulo sobre a Espanha, em *Against Capital* (2016), de Slaughter: naquele volume, ele se declarou um “sobrevivente das práticas revolucionárias falhas do último quarto do século XX” e “grato pelo que o marxismo lhe ensinou”, o que “lhe permitiu participar e talvez aprender com as novas formas de resistência” ao domínio do capital. (N. E.)

¹⁰ Ver nota 21 no Prefácio. (N. E.)

pessoas de “partidos” e sindicatos oficiais. Todas as manifestações são organizadas, em primeiro lugar, pelos jovens, pelos indignados¹¹, depois os dirigentes e os partidos operários aparecem no final das manifestações – eles não têm permissão para estar na liderança. Para os jovens, todas as ideias de “vanguarda revolucionária” com uma estrutura vertical estão completamente fora de questão. Eles respeitam as pessoas dessas organizações, mas mantêm distância. Ninguém é expulso de uma manifestação – nem mesmo a polícia quando é descoberta! As manifestações são totalmente abertas.

János Boróvi¹²: Eu concordo que a frase sobre a crise da humanidade se reduzir à crise da liderança revolucionária da classe trabalhadora estava errada mesmo em 1938. Mas há outra frase... no sentido de que “o partido... é a expressão consciente de um movimento inconsciente”. Lênin em *What Is To Be Done?* (O que fazer?¹³), disse que a consciência espontânea da classe trabalhado-

¹¹ O movimento dos indignados foi um movimento de cidadãos, formado como resultado da manifestação de 15 de maio de 2011, na Espanha. Uma série de protestos espontâneos, inicialmente organizados pelas redes sociais, obteve uma convocação em cinquenta e oito cidades espanholas e o apoio de mais de duzentas associações. O slogan principal da manifestação foi: “Democracia real AGORA! Não somos mercadoria nas mãos de políticos e banqueiros”. No decorrer dos protestos, surgiu uma série de reivindicações políticas, econômicas e sociais heterogêneas, refletindo o desejo coletivo de mudanças profundas no modelo político e econômico vigente. (N. E.)

¹² János Boróvi, tem sido politicamente ativo desde que participou da revolução húngara, de 1956, quando adolescente. Ele agora mora em Paris, onde foi por muito tempo um militante no sindicato dos professores, tendo emigrado para a França, em 1962, como refugiado político; e onde participou da revolta de 1968. Ele se juntou ao grupo trotskista húngaro exilado liderado por Balázs Nagy (1927–2015), que, em 1986, junto com o Partido Revolucionário dos Trabalhadores, formou a Internacional dos Trabalhadores para Reconstruir a Quarta Internacional. Ele contribuiu para o volume editado por Slaughter, em 2016, *Against Capital*, no qual se declarou “não mais um trotskista”, mas ainda “um comunista no espírito da Comuna de Paris, lutando pela auto-organização e libertação dos oprimidos”. (N. E.)

¹³ Ver nota 15 no capítulo 3. (N. E.)

ra era a consciência sindical, e que a consciência revolucionária tinha que ser introduzida pelos intelectuais dentro do movimento, e era isso que Trotsky estava repetindo no *Transitional Programme* (Programa de Transição). A consciência revolucionária está fora, *acima* do movimento, e a classe trabalhadora não pode alcançar a consciência revolucionária por conta própria. Nós dissemos que a “agência” que mudaria o mundo é a classe trabalhadora. Mas em nome de *What Is To Be Done?* (O que fazer?) e do que Trotsky disse, tivemos Kronstadt¹⁴ e milhares de trabalhadores mortos. O conceito era que o partido representava a “verdade” e ser contra o partido era não ter a verdade. E não era verdade o que Trotsky disse sobre o isolamento e o perigo de os trabalhadores serem arrastados para a guerra civil contra a revolução. Simon Pirani¹⁵ e outros mostraram que, historicamente, este não era o caso, e que Trotsky e outros, na verdade, opuseram-se às demandas dos trabalhadores porque vinham de fora do partido. Fora do partido não poderia haver verdade e os comitês de trabalhadores – que não eram compostos por membros do partido – não poderiam estar certos. É a mesma

¹⁴ Rebelião de Kronstadt. Foi uma insurreição dos marinheiros da Frota Naval Militar da União Soviética, da cidade portuária de Kronstadt, contra o governo da Rússia Soviética, entre 1º e 18 de março de 1921. Kronstadt servia como base da frota russa do Báltico e da defesa de São Petersburgo (então Petrogrado). Os rebeldes exigiam uma série de reformas, tais como a eleição de novos soviets, inclusão de partidos socialistas e grupos anarquistas nos novos soviets e dissolução dos órgãos burocráticos do governo criados durante a guerra civil. O partido bolchevique conduziu uma campanha de propaganda, afirmando que a revolta era comandada pelo Movimento Branco (comandantes ex-generais czaristas e oponentes da revolução soviética) e não aceitou a proposta de negociações. A revolta foi violentamente derrotada em 17 dias. (N. E.)

¹⁵ Simon Pirani (Londres, 1957). Escritor, historiador e pesquisador britânico de energia. Pesquisador sênior do Instituto Oxford de Estudos Energéticos, de 2007 a 2021. Professor honorário da Escola de Línguas e Culturas Modernas da Universidade de Durham. Membro do Workers Revolutionary Party (WRP). Editor do jornal do sindicato dos mineiros britânicos (1990-95). (N. E.)

questão para a juventude de hoje e para o futuro. Na minha opinião, o mundo em que vivíamos – desenhado desde o início do século XIX – acabou. Estamos em 2012. Na minha opinião, isto significa que todas as velhas tradições, todos os sindicatos de merda, todos os “partidos” estão acabados como ferramentas para o futuro. Qualquer que seja a forma... explosão, crise, barbárie... algo novo surgirá agora. Tem que surgir. No século XIX, a classe trabalhadora construiu os seus comitês, os seus sindicatos, os seus partidos, mas isso tudo acabou. Todos eles olham para o Estado burguês. Não sou pessimista. Temos de ajudar, mas não em nome do “programa”, da “verdade”, do “partido”. Não porque “nós sabemos” e “você não sabem”, mas para tentar dar o que podemos, o que achamos que é bom, mas não com o objetivo de repetir o movimento “do partido”, mas para ajudar a construir um movimento em um mundo que não conhecemos – do qual terá de surgir uma nova forma de sociedade.

Yassamine Mather¹⁶: Para abordar alguns desses pontos: você parece estar dizendo, “Houve um erro. Vamos tentar no vácuo algo completamente novo sobre o qual não temos experiência.” Certamente é melhor aprender com os erros do passado – dos quais, por mais desastrosos que sejam, temos alguma ideia sobre... sobre o que deu errado – e remediá-los, em vez de nos submergirmos num mar que se move em direções incertas, e no qual muitos dos problemas podem ser repetidos. Não há garantia de que este novo movimento fluido e desestruturado não cometerá os erros dos antigos partidos. Podemos ver mesmo agora alguns dos problemas, do tipo Kronstadt, no movimento atual. Quando há divergências, podem surgir personagens não representativos que emergem para assumir todo o movimento.

¹⁶ Yassamine Mather. Engenheira Eletrotécnica e Eletrônica. Nasceu no Irã e exilou-se no Reino Unido. Professora na Universidade de Oxford. Editora da revista Critique: Journal of Socialist Theory. Diretora da campanha Hands Off People of Iran (HOPI). (N. E.)

Isso acontece repetidamente... Sim, a estrutura partidária tem muitos problemas. OK, não vamos falar de *um* partido, vamos falar de democracia dentro desse partido, vamos falar de muitos partidos. Mas acreditar que se pode simplesmente jogar tudo fora, e que a coisa nova não terá os problemas que são inerentes ao desenvolvimento do capitalismo... os problemas que criaram as contradições em Kronstadt, e em outros lugares, existiram porque havia uma luta de classes em curso. Você não se livra das contradições simplesmente dizendo: “Queremos fechar tudo o que fazia parte das antigas estruturas porque foram contaminadas pelo Estado, ou pela burocracia, ou pelo stalinismo ou pelo trotskismo”. Claro que não devemos fechar o livro para as novas aventuras, mas vamos entender que há muito a ser aprendido e as nossas experiências podem contribuir para que não se repitam os mesmos erros – das estruturas partidárias anteriores, do “Eu conheço as soluções” (porque *O que fazer?* me disse o que deve ser feito).

Dave Temple¹⁷: É possível que um movimento se desenvolva reconhecendo o que me parece óbvio, que é o fato de eu nunca ter conhecido uma época em que houvesse um nível tão elevado de consciência, na classe trabalhadora e na classe média, contra os bancos, contra o capitalismo, e que isso não tenha surgido como resultado de um partido que promovesse esse nível de consciência? É porque o capitalismo está numa crise enorme. No passado, falávamos de crise terminal, e é verdade que havia crise. Mas eles ainda poderiam sair dessa situação através da criação de capital fictício, de crédito, e assim por diante. Mas agora, certamente não há outra saída senão mergulhar a classe trabalhadora – e a classe média – numa situação em que elas têm de lutar para sobreviver. O que já está acontecendo, através das cooperativas e das formas de lidar com a crise diária para muitos,

¹⁷ Dave Temple. Mineiro de Durham (nordeste da Inglaterra). Membro da Associação dos Mineiros de Durham. Membro do Workers Revolutionary Party (WRP). (N. E.)

é o surgimento de uma base social, não para a chamada “Grande Sociedade”, de Cameron¹⁸, mas para uma sociedade alternativa.

Durante todo o meu tempo no partido, nunca entendi como iríamos ter uma revolução – dizíamos que se isso acontecesse nos países capitalistas avançados, como na Grã-Bretanha, isso estimularia o Império Britânico... e assim por diante. Mas não conseguia fugir à ideia de que, se o capitalismo se desenvolveu no seio do feudalismo, a classe trabalhadora teria de fazer o mesmo para estabelecer a base para o socialismo. E isso está acontecendo, não como um plano utópico, mas à medida que as pessoas lutam para sobreviver. Durante a greve dos mineiros, tivemos que nos alimentar e desenvolvemos maneiras de fazer isso. Tínhamos cozinhas, reunimos uma comunidade... e dentro dessas estruturas existe a possibilidade de uma nova maneira de viver.

Janos Borovi: Sim, isso mostra de forma prática como funcionaria uma sociedade futura.

Dave Hookes¹⁹: É quase como se Reagan e Thatcher, quando iniciaram o Big Bang²⁰ no mundo financeiro, fossem agentes secretos de algum grupo marxista internacional. Isso gerou enormes quantidades de capital fictício. Dependendo de quem você lê, os números variam entre 500 e 700 trilhões de dólares em derivativos. Isso é vinte vezes a produção total mundial. Está circulando por aí, minando o sistema financeiro

¹⁸ David Cameron (Londres, 1966). Político britânico. Líder do Partido Conservador, de 2005 a 2016, e primeiro ministro do Reino Unido, de 2010 até 2016. A “grande sociedade” (Big Society) foi um conceito socio-político que influenciou o manifesto das eleições gerais de 2010 do Partido Conservador e se referiu à estratégia de delegar poderes para organizações civis e comunidades (localismo, voluntariado...). (N. E.)

¹⁹ Ver nota 69 no capítulo 4. (N. E.)

²⁰ Na cosmologia, o Big Bang é entendido como o início do universo, ou seja, o ponto inicial no qual a matéria, o espaço e o tempo foram formados. Em finanças, o Big Bang se refere à repentina desregulamentação dos mercados financeiros promovida pela primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, em 1986. (N. E.)

global e é por isso que se pede à classe trabalhadora que pague.

Mas voltando à questão da classe trabalhadora se organizar independentemente do capital. No final do século XIX, havia um grande número de cooperativas de produção que foram essencialmente fechadas por elementos Fabianos²¹, membros das classes média e alta do Partido Trabalhista, que não viam nenhum papel para os trabalhadores no controle dos meios de produção. As cooperativas foram confinadas ao varejo. Eu recomendo o livro de um radical americano, Gar Alperovitz, *America beyond Capitalism* (América Para Além do Capitalismo)²². Ele lista todos os exemplos nos EUA de pessoas que organizaram sistemas alternativos de produção. Existem cooperativas de energia solar, de propriedade dos trabalhadores, em guetos urbanos, e assim por diante. É algo em grande escala, mas sem interesse da mídia, que é controlada pela oligarquia corporativa. A ideia de que não há alternativas ao partido hierárquico que toma o poder do Estado é um completo absurdo.

Ritchie Hunter²³: Nós pensamos que este é o estágio final do capitalismo? O capitalismo pode sair desta situação? Se eles conseguirem rebaixar a classe trabalhadora à posição que desejam, podem seguir em frente a partir disso? Ou estamos caindo na ve-

²¹ Sociedade Fabiana. Fundada em 1884, é uma organização reformista, declaradamente não marxista e oposta à revolução. O seu programa é desenvolvido nos Fabian Essays, publicados em 1889. Alguns dos seus principais membros: Bernard Shaw (1856-1950), Emmeline Pankhurst (1858-1928), Charlotte Wilson (1854-1944), H. G. Wells (1866-1946), Sidney Webb (1859-1947) e Beatrice Webb (1858-1943). (N. E.)

²² ALPEROVITZ, Gar. *America Beyond Capitalism: reclaiming our wealth, our liberty, and our democracy*, New Jersey: Wiley and Sons, 2005. (T. B.)

²³ Ritchie Hunter. Ativista de esquerda, sindicalista e ambientalista de Liverpool. Nos últimos anos, ele tem trabalhado para garantir a preservação da memória, da escrita e dos registros políticos de seu pai, o veterano trotskista Bill Hunter (1920-2015) - ver em <http://billhunterweb.org.uk>; e no arquivo "Trotskyist Tradition" da Glasgow Caledonian University: <https://www.gcu.ac.uk/currentstudents/essentials/archives/catalogues/browseby-subject/leftwingpoliticsandtradesunions>, GCATT. (N. E.)

lha armadilha do WRP quando continuávamos dizendo: ‘É isso!’ Outra coisa é a questão do meio ambiente e dos recursos. A importante questão do esgotamento dos recursos, do aquecimento global e assim por diante. E a terceira coisa: estamos falando sobre tudo isso aqui – discutindo a ideia de que não deveriam existir vanguardas, partidos e assim por diante – aqui no Ocidente. Mas será que a situação passou agora do Ocidente para a China e a Ásia? É de lá que virão as lutas e a solução?

Sean Hefferon: Sim, isso é interessante. Bozena²⁴ e eu (em Brighton) temos conversado com dois ou três trabalhadores desde a época da Workers Aid for Bosnia (Ajuda aos Trabalhadores da Bósnia)²⁵, na década de 1990. Uma coisa de que falam constantemente é o partido centralizado; não deveria ser tudo uma questão de iniciativas da classe trabalhadora, criação de bancos alimentares e assim por diante – coisas como aquilo a que Dave Hookes se referia? Nos Estados Unidos, quando a indústria automobilística foi dizimada em Detroit, a população da cidade diminuiu de cerca de dois milhões para menos de um milhão em uma década, mais ou menos. As pessoas se mudaram. Mas houve muitas iniciativas locais entre aqueles que ficaram, especialmente em bairros negros semi-guetizados. As pessoas saíram de suas casas porque não tinham condições de pagar a hipoteca ou o aluguel. Grupos de trabalhadores negros, incluindo ex-presidiários, reuniram-se, demoliram casas e reciclaram os materiais para construir novas casas. Depois usaram a terra onde ficavam as casas antigas para cultivar produtos – chama-se Movimento de Agricultura Urbana, penso eu, e está agora proporcionando a um grande número de pessoas, não só a sua própria alimentação, mas também uma fonte de renda. Isso foi feito sem qualquer partido político, ou mesmo uma organização comunitária local. Eram apenas caras se reunin-

²⁴ Bozena Langley. Secretária da organização Ajuda aos Trabalhadores da Bósnia, em Brighton (Brighton Workers Aid for Bosnia). Membro do Unite Union. (N. E.)

²⁵ Ver nota 43 no capítulo 3. (N. E.)

do. Os trabalhadores de Brighton, que mencionei, têm falado sobre isso, e isso me faz voltar a Kronstadt. Sempre que você fala algo sobre um partido centralizado, eles imediatamente levantam a questão de Kronstadt. E estes dois trabalhadores passaram por quase todos os partidos de esquerda na Grã-Bretanha, até mesmo pelo PC. Quando se interessaram pelo que nós, na década de 1980, e no início da década de 1990, chamávamos de Workers International to Rebuild the Fourth International (Internacional dos Trabalhadores para Reconstruir a Quarta Internacional)²⁶, eles disseram que era a última parada na linha ferroviária. O que eles expressam agora é a ideia de que a classe pode agir: ela não é completamente impotente diante de todas as mudanças.

Hilary Horrocks²⁷: A discussão sobre ocupar espaços é importante e se tornará ainda mais, dado os cortes tremendos no bem-estar social (Welfare State), que criarão massas de desabrigados, de vagabundos, de pessoas nas ruas. Mas ainda estamos falando sobre a classe trabalhadora, os despossuídos, tomando o poder, não estamos? Precisamos ir além das iniciativas espontâneas nas quais, sim, devemos estar envolvidos e talvez sejamos forçados a estar como vítimas. Mas precisamos falar sobre quem tem o poder. Não importa quantos espaços públicos sejam ocupados, ainda existe a grande questão do poder estatal.

Terry Brotherstone: Paul Mason não pôde estar aqui, como eu disse, mas posso intervir com algo que ele poderia ter mencionado neste ponto? Outra noite, ele fez uma entrevista

²⁶ Workers International to Rebuild the Fourth International (Internacional dos Trabalhadores para Reconstruir a Quarta Internacional). Organização trotskista internacional formada no Reino Unido, cujas origens estão ligadas a membros do Workers' Revolutionary Party (WRP). (N. E.)

²⁷ Hilary Horrocks (1944). Delegada do Conselho Sindical de Edimburgo (Edinburgh Trade Union Council, ETUC), que representa as filiais sindicais daquela cidade da Escócia. Diretora da Edinburgh International Festival Society (2007-2013). Participou do órgão de imprensa Workers Press, vinculado ao Workers' Revolutionary Party, WRP. (N. E.)

transmitida pela LSE²⁸, com Manuel Castells²⁹, o acadêmico que escreveu extensivamente sobre “a sociedade em rede”. Em certo momento, Paul disse: “deixe-me levá-lo de volta à pesquisa que você recentemente fez na Catalunha para o livro *Aftermath: Cultures of the Economic Crisis* (Consequências: Culturas da Crise Econômica) (Manuel Castells e outros autores, 2012). Fiquei impressionado – e isso com base em um estudo quantitativo bastante amplo – 97 por cento das pessoas que você pesquisou se envolveram no que você chama de “atividade econômica não-capitalista”. Castells esclareceu: ele descobriu apenas que eles estavam envolvidos em “*alguma*” atividade econômica não-capitalista. “O que é isso?” perguntou Mason. “Bem”, disse Castells, “... são cerca de trinta, quarenta mil pessoas... totalmente engajadas em formas alternativas de vida... E eu diferencio entre pessoas que conscientemente organizam suas vidas em torno de valores alternativos e pessoas que vivem vidas normais, mas, ao mesmo tempo, buscam em muitos, muitos aspectos viver de forma diferente. Por exemplo, durante a crise, um terço das famílias de Barcelona emprestaram dinheiro sem juros a pessoas que não faziam parte de suas famílias.” Jonas (de Barcelona) talvez queira comentar isso em algum momento.

Simon Pirani: A meu ver, entramos no século XXI vinte anos após o declínio dos grandes movimentos sociais e trabalhistas dos quais a maioria de nós – aqueles do WRP – estávamos envolvidos; e estamos agora numa situação completamente nova e diferente. Vimos grandes movimentos, como no Norte da África – essas são revoluções, na minha compreensão. O regi-

²⁸ The London School of Economics and Political Science. (N. E.)

²⁹ Manuel Castells (Hellín, 1942). Sociólogo e professor universitário espanhol. Entre 1967 e 1979 lecionou na Universidade de Paris, primeiro no campus de Nanterre e, em 1970, na Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais (École des Hautes Études en Sciences Sociales). Professor na Universidade de Berkeley, na Universidade Aberta da Catalunha e na Universidade da Califórnia do Sul. Ministro das Universidades do governo espanhol entre 2020 e 2021. (T. B.)

me no Egito caiu, e houve um momento em que o poder estava nas mãos do exército – mas com um sério desafio a isso por parte do povo ocupando o espaço público, na Praça³⁰. Esse é o país mais populoso do Norte da África. Esses foram grandes eventos, ocorrendo completamente independentemente de pessoas como nós, sentadas em salas discutindo sobre isso. E tivemos ecos na Europa – Grécia, Espanha e até aqui, na Grã-Bretanha. Isso para mim levanta a questão da organização. Concordo com Cliff que “a crise da humanidade ser reduzida à crise da liderança revolucionária” estava errada em 1940 – por razões históricas e teóricas que poderíamos abordar – e está certamente mais errada agora. E na minha opinião começar pelo partido e pela vanguarda é começar com tudo de cabeça para baixo.

O que considero ser a lição da Revolução Russa foi escrita por Victor Serge³¹ antes de Kronstadt. Em 1920 – e penso que isto chega ao ponto principal do princípio...

[Mas primeiro] no que diz respeito a Kronstadt, penso que os bolcheviques temiam ser derrubados: foi, como mostram as pesquisas históricas, um mal-entendido, um medo exagerado da extensão da ligação entre os Brancos e os Kronstadters.

³⁰ A crise política no Egito de 2011, conhecida internacionalmente como Revolução Egípcia, foi uma série de manifestações de rua que começaram em 25 de janeiro de 2011 e que se espalhou por todo o Egito, realizado por diversos grupos sociais e inspirado principalmente na Revolução Tunisina. Milhares protestaram no Cairo, com mais de 15 mil pessoas ocupando a Praça Tahrir. As manifestações tiveram origem num protesto contra as leis de emergência do Estado, a repressão policial, a inflação, as elevadas taxas de desemprego, a falta de habitação e alimentação, entre outros. O principal objetivo dos manifestantes era forçar a saída do presidente Hosni Mubarak (nascido na cidade de Kafr-El Meselha, 1928 - faleceu no Cairo, em 2020), que estava no poder há quase 30 anos (1981-2011). 18 dias após o início dos protestos, Mubarak renunciou. (N. E.)

³¹ Victor Lvovich Kibalchich (Bruxelas, 1890 - México, 1947). Conhecido como Victor Serge. Revolucionário e escritor. Participante ativo na revolução russa desde a sua chegada a Petrogrado, em fevereiro de 1919. Crítico do stalinismo, foi obrigado a abandonar a União Soviética. Morreu no exílio mexicano. (N. E.)

Mas o que também é verdade é que eles estavam fazendo tudo o que podiam para calar a boca de qualquer um que levantasse as demandas 100% legítimas dos habitantes de Kronstadt sobre a democratização dos Sovietes e tudo o mais: um grande esforço foi feito para calar as pessoas dentro e fora do partido que levantaram a questão de reviver a democracia soviética de 1917...

O que Serge escreve é que todas as revoluções (seria interessante discutir se isto se aplica agora, mas penso que aconteceu no tempo de Serge) produzem condições que parecem ser inimigas do espírito libertário e democrático. Foi uma revolução feita em condições de escassez: era difícil continuar a fazer as coisas de uma forma libertária e democrática. Mas, diz Serge – um anarquista que então se juntou ao PC – temos de lutar o melhor que pudermos por esses princípios. Foi assim que ele tentou se orientar e para mim esse é um bom princípio. Como parte de uma geração que se organizou durante o período dos chamados partidos revolucionários, não me sinto capaz de dizer muito aos jovens que procuram se envolver na derrubada do capitalismo (pessoas muito mais jovens do que a maioria de nós nesta sala), exceto para dar o conselho de que eles devem seguir o conselho de Serge.

Tudo deve ser feito para democratizar suas formas de organização, porque faz parte da opressão do capitalismo convencer as pessoas da classe trabalhadora de que são demasiado estúpidas para compreender as grandes questões, que têm de ser deixadas para outra pessoa. E esta é uma parte da opressão capitalista que a ideia do partido revolucionário não lida. Formas de organização que abrangem uma grande massa de pessoas – não suponho que serão chamadas de soviets – são aquelas que devemos apoiar. Como pessoas como nós, que lemos muitos livros e pensamos muito, poderiam alimentar essas discussões, eu não sei. Mas concordo com aqueles que disseram que não será através de um partido dito revolucionário, que muitas vezes acaba por não ser revolucionário.

E a outra contribuição que poderíamos dar seria tentar

lidar com algumas das grandes questões teóricas – ainda pendentes, apesar de todos os esforços da nossa geração até agora – como a que Hilary levantou: “Ainda estamos falando sobre a classe trabalhadora tomando o poder do Estado?” Para mim, essa é uma grande questão. Não tenho certeza – certamente não da forma como imaginamos com base na Revolução Russa. Não tenho certeza de que será assim que as futuras revoluções acontecerão. Aguardo qualquer boa razão para continuarmos a abraçar a concepção do “Estado Operário”: ninguém pode me dar uma. Essa concepção está encerrada como resultado da experiência da Rússia e da China. O “Estado do Operário” chinês é agora um dos pilares essenciais do capitalismo.

Uma parte muito importante desta discussão será a questão dos espaços públicos e o trecho que Terry acabou de ler sobre a atividade fora do controle do capitalismo. E antigos trotskistas como nós deveriam prestar mais atenção ao que outras pessoas de outras tradições políticas têm a dizer sobre tudo isto. O livro *Change the World Without Taking Power* (Mudar o Mundo sem tomar o Poder), de John Holloway³² – escrito há quase vinte anos – abordou essas questões de forma muito séria. Não estou convencido com o livro, mas ele levanta questões importantes e Holloway trabalhou com os zapatistas³³, o exemplo mais recente de pessoas que tentam se envolver com a questão, que Hilary levanta, de administrar uma área inteira ao longo do tempo – não

³² John Holloway (Dublin, 1947). Seus livros: *Change the World without Taking Power* (Pluto Press, 2002) (Mudar o Mundo sem tomar o Poder. São Paulo:Boitempo, 2000); *Crack Capitalism* (Pluto Press, 2010) também é mencionado abaixo. Holloway está baseado no México há muitos anos, é bem conhecido na área zapatista e fala regularmente no Reino Unido. Algumas de suas apresentações podem ser acessadas on-line. (T. B.)

³³ O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) é uma organização mexicana que, em janeiro de 1994 e até 2006, era militar, transformando-se, posteriormente, em movimento político. Sua inspiração política combina o zapatismo, o marxismo e o socialismo libertário. Sua composição é majoritariamente indígena. Sua área de influência abarca a Selva Lacandona e as zonas de Los Altos e do norte de Chiapas, no México. (N. E.)

apenas uma cooperativa de crédito em Barcelona, ou seja o que for – mas na escala de uma parte inteira da população. Qual foi o resultado dessa experiência? Outros comunistas sérios de outras tradições discutiram as ideias de Holloway e nós deveríamos participar. Não precisamos fazer tudo isso sozinhos. Há muitas outras pessoas por aí pensando sobre essas coisas e deveríamos prestar mais atenção.

Mike Nelson: Se a crise da humanidade não se reduz à liderança revolucionária, qual é a crise da humanidade? *Não* é simplesmente uma crise capitalista: é econômica, política, social, moral: concordo com Cliff nisso. Trata-se de reafirmar em um nível mais elevado a humanidade alcançada na primeira revolução humana. Não temos tanto a aprender com isso quanto com a Revolução Russa? Se esta é uma crise de todas as relações sociais, voltando àquela primeira revolução humana, o que Marx chamou “toda a sujeira dos tempos” e não apenas dos últimos 300 e poucos anos de capitalismo...

Central na primeira revolução humana estavam as relações entre homens e mulheres, e entre a humanidade e a natureza. E essas serão centrais em nossa revolução: não se trata apenas de adicionar a “questão feminina” e “questões ecológicas” às questões do movimento trabalhista da classe operária industrial, nas quais temos nos focado. Experimentar todos os tipos de diferentes formas de organização social, como estamos discutindo hoje, também foi uma característica da primeira revolução humana. Houve experimentação, não apenas uma maneira natural – quer você a chame ou não de “comunismo primitivo”. Havia diferentes formas, mas sob a restrição da luta pela sobrevivência naqueles tempos. Agora podemos refazer aquela revolução sem limitações semelhantes.

Yassamine Mather: Há uma razão muito boa para o capitalismo conseguir sobreviver aos zapatistas e a todos os exemplos que Holloway dá, mas não tolerará uma única ação semelhante

entre os trabalhadores do petróleo no Irã ou no Iraque. E porque é que, no exemplo que você mencionou, a Praça Tahrir – onde os trabalhadores estavam se organizando – foi derrotada pelas forças combinadas dos militares, dos islamistas e dos EUA. O capitalismo não vai permitir que estes pequenos movimentos cresçam e tomem o poder quando desafiam o seu domínio. Em um ambiente pequeno, em uma cidade europeia limitada, em algum lugar onde não se desafia o sistema, talvez; mas fora disso, não. É por isso que, no final das contas, mesmo que você não acredite no poder da classe trabalhadora, a questão do poder surgirá. E a questão do poder não será resolvida por este modelo diversificado e multifacetado apresentado por Holloway, que não parece ter quaisquer ideias sobre o poder. Eu li o livro de Holloway várias vezes e simplesmente não sei em que direção ele está tentando me levar.

Simon Pirani: Eu li ao mesmo tempo que Hanna Batutu sobre a história do Iraque³⁴. Lembro-me do contraste e concordo com você. Por um lado, a grande ideia de Holloway sobre como tudo isso vai se expandir e, de alguma forma, sem qualquer explicação histórica – ele mal escreve sobre história – esse problema vai ser resolvido. Por outro lado, a história real do que aconteceu com o movimento no Iraque. No entanto, minha conclusão é – isso me leva de volta a Victor Serge – temos que lutar por formas de organização mais amplas e democráticas, que abracem grupos mais amplos de pessoas. O problema que Yassamine levanta não pode ser resolvido por nós, pelo executivo de algum soviete, mas apenas por um número muito maior de pessoas do que o que esteve envolvido no caso da Revolução Russa. Na Revolução Russa, há esse grupo muito pequeno de trabalhadores e intelectuais socialistas tentando se dedicar a esse

³⁴ BATUTU, Hanna. *The Old Social Classes and the Revolutionary Movement in Iraq: A Study of Iraq's Old Landed and Commercial Classes and of Its Communists, Ba'athists, and Free Officers*, Princeton: Princeton University Press, 1978. Última edição: 2004. (T. B.)

problema. E temos que garantir que não haja um partido, no meio de tudo isso, tão convencido de que tem a resposta, que esteja disposto a atirar, ou mandar para a Sibéria, qualquer um que discorde. Acho que agora, no Egito, há muito mais pessoas envolvidas nas discussões do que havia em Petrogrado, em 1917, e isso é um motivo de otimismo. O que grupos como o nosso podem fazer é trazer para essas discussões o que é relevante e legítimo de nossa experiência e entendimento.

János Borovi: Não concordo que a Praça Tahrir tenha falhado. Se você tem a concepção de que o único sucesso é quando o proletariado liderado pelo partido revolucionário toma o poder, isso falhou. Mas quem esmagou a ditadura – que era apoiada pelo imperialismo dos EUA, uma peça-chave da ordem mundial naquela região do mundo? A Praça Tahrir a destruiu, não os soviets. Ela deu a oportunidade para milhares, para milhões, discutirem. Todos os tipos de pessoas...

Yassamine Mather: Mas os militares estão de volta ao poder...

János Borovi: Mas eles esmagaram a ditadura e a situação está melhor agora, tal como está melhor agora na Tunísia, sem Ben Ali³⁵. Os islamistas queriam introduzir uma constituição com as mulheres subordinadas aos homens e com a lei Sharia³⁶ – e isso foi esmagado. Os islamistas estão tentando ser a nova ditadura, e há

³⁵ Ben Ali (Tunísia, 1936 - Arábia Saudita, 2019). Político e militar tunisino. Presidente de 1987 a 2011. Tornou-se presidente através de um golpe de Estado que depôs Habib Bourguiba (que governava o país desde a sua independência de França em 1956), alegando que este tinha problemas de saúde mental. Foi forçado a demitir-se pela rebelião de 14 de janeiro de 2011. (N. E.)

³⁶ A sharia (sharī ah) é o direito islâmico. Em várias sociedades islâmicas, não há separação entre a religião e o direito, sendo todas as leis fundamentadas no Alcorão (ou Corão, a mais importante fonte da jurisprudência), na Suna (obra que narra a vida e os caminhos do profeta Maomé) e nos hādices (hādith, registro escrito de relatos do profeta), e na sua interpretação pelos líderes religiosos muçulmanos. A Sharia constitui um código detalhado da conduta islâmica e governa todos os aspectos da sua vida. (N. E.)

um processo inacabado. Mas há milhões na Tunísia que confiam que podem fazer algo sobre suas próprias vidas. Você não pode ver o problema apenas em termos de quem toma o poder. Sim, o poder foi tomado pelos islamistas, mas é um poder enfraquecido, mais fraco do que antes. Não precisamos ter uma visão unificada da história com a classe trabalhadora, alinhada atrás de uma bandeira, tomando o Palácio de Inverno³⁷. A questão é, em um nível mundial, a nova situação está melhor ou pior?

Patrick Slaughter³⁸: A tomada de espaço mais dramática neste país recentemente foram os distúrbios que começaram em Tottenham³⁹, após o assassinato de um jovem e o protesto sobre a polícia não dizer nada; mas rapidamente se transformaram em distúrbios urbanos caóticos. Um pouco parecido com coisas que já haviam acontecido antes em lugares como Brixton, mas também muito diferente – em termos do que realmente estava acontecendo e como se espalhou. Houve uma cena clássica em uma rua principal onde todas as lojas de eletrônicos e roupas foram saqueadas, e a única loja que permaneceu intacta foi a livraria Waterstone. Mas em termos de recuperação de espaço e contra-ataque ao inimigo foi dramático, e a polícia ficou com o nariz sangrando. Eles foram expulsos das ruas. Mas é preciso olhar para as consequências em termos do que tudo isso significou. No que diz respeito ao espaço urbano e às paisagens

³⁷ Palácio de inverno. Edifício em São Petersburgo - Rússia. Residência oficial dos czares, de 1732 a 1917. A tomada do Palácio de inverno, em 25 e 26 de outubro de 1917 (7 e 8 de novembro no calendário gregoriano), foi um acontecimento fundamental na revolução russa. Com o assalto, o Governo Provisório foi deposto e o poder foi transferido para o Congresso dos Soviotes de toda a Rússia. (N. E.)

³⁸ Patrick Slaughter. Filho de Cliff Slaughter, secretário político do Partido Revolucionário dos Trabalhadores (Workers Revolutionary Party, WRP). Professor de Criminologia na Universidade de Middlesex, Inglaterra. (N. E.)

³⁹ Tottenham. Bairro do norte de Londres onde, em agosto de 2011, teve início uma série de intensos protestos, que mais tarde se estenderam a outros bairros e cidades da Inglaterra. Os protestos foram desencadeados pelo assassinato, cometido pela polícia, do jovem negro Mark Duggan. (N. E.)

urbanas da Grã-Bretanha, houve um aumento na segurança, vigilância em massa e assim por diante.

Após os motins de Brixton⁴⁰ da década de 1980, a resposta do Governo foi nomear um juiz (Lord Scarman⁴¹) para investigar e aconselhar sobre o que o Governo – também o Governo Thatcher – poderia fazer para melhorar a situação. Agora, o que eles fazem? Não há questão de uma grande investigação instaurada por Cameron. A ênfase está nas câmeras de CCTV⁴², em levar os jovens ao tribunal, em colocá-los na prisão. E desde os anos 1980, a população carcerária neste país duplicou.

E há todo tipo de novas formas de segregação do espaço nas cidades: seguranças privados que não deixam crianças com capuzes entrarem em shopping centers; crianças em ASBOs⁴³ (Ordens de Comportamento Anti-Social); toques de recolher, mesmo que você não tenha cometido um crime real; tratamento compulsório de drogas, etc. Isso é, como alguns dizem, sinto-

⁴⁰ Os motins de Brixton foram uma série de confrontos entre jovens negros e a Polícia Metropolitana em Brixton, ao sul de Londres, entre 10 e 12 de abril de 1981. Foi resultado da discriminação racista contra a comunidade negra pela polícia branca, especialmente o aumento dos casos de ser parado e revistado pela polícia na região. As tensões eram contínuas após as mortes de 13 adolescentes e jovens adultos negros, num incêndio em uma casa em New Cross, sudeste de Londres, em janeiro. O principal tumulto, de 11 de abril, resultou em 279 feridos na polícia, e 45 feridos em membros do público, mais de cem veículos queimados e quase 150 prédios danificados. Houve 82 prisões. Sugere-se que até 5.000 pessoas estiveram envolvidas. (N. E.)

⁴¹ Leslie George Scarman, Baron Scarman (1911-2004). Juiz e advogado inglês que atuou como Law Lord até sua aposentadoria em 1986. Law Lord são juízes nomeados para exercer as funções judiciais da Câmara dos Lordes. Ele presidiu o inquérito público sobre as causas dos distúrbios raciais em Brixton, em 1981, o que resultou no Relatório Scarman. (N. E.)

⁴² CCTV. Sistemas de circuito fechado de televisão e de vigilância colocados em espaços públicos. (N. E.)

⁴³ As Ordens de Comportamento Antissocial (Anti-Social Behaviour Orders) foram introduzidas pelo primeiro-ministro britânico Tony Blair, em 1998. As ordens restringiam o comportamento de alguma forma, como proibir o retorno a uma determinada área ou loja; ou restringir comportamentos públicos, como xingamentos ou consumo de álcool. (N. E.)

mático de uma decadência moral na sociedade, de um estrato de classe empobrecido que está indo mal? Claro que existem enormes problemas com drogas. Mas a verdadeira questão é o quão repressivo o Estado está se tornando, à medida que fica mais assustado com o setor de desempregados que criou – de vez em quando, essas pessoas vão reivindicar espaço rapidamente, quebrar vitrines, pegar TVs de plasma, tênis da moda e assim por diante. Esse é o perigo da grande vitória nas ruas, durante os cinco dias de agosto, para os jovens que agora estão cumprindo penas de quatro a seis anos, após terem sido pegos nas câmeras de vigilância. Precisamos olhar as coisas como um todo, observar alguns dos movimentos problemáticos – aqueles que lutam de volta sem ter certeza pelo que estão lutando, do que se trata – assim como os grupos realmente positivos que estão surgindo.

Yves Bonin⁴⁴: Uma coisa é certa. Não vamos liderá-los. Não os representamos... Mas quero dizer principalmente duas coisas. Primeiro: estamos entrando naquilo que os marinheiros britânicos do século XVIII chamavam de “águas desconhecidas” – uma situação nova e complicada na qual poderíamos tentar ver o que continua útil na nossa caixa de ferramentas. O novo livro de Holloway é *Crack Capitalism* (Quebrar o Capitalismo)⁴⁵. Ele está tentando questionar o problema do trabalho, a centralidade do trabalho. Precisamos levar isso em consideração. Segundo: falamos da classe trabalhadora como uma classe revolucionária. Sim... mas somos dominados por imagens dos filmes de Eisenstein⁴⁶ sobre a classe trabalhadora industrial nas ruas, nas cidades, avançando em direção ao poder. Mas uma pergunta sobre a situação dessa classe... Como é uma classe muito forte

⁴⁴ Yves Bonin. Membro do conselho de redação da revista marxista francesa *Carré Rouge*, publicada entre 1995 e 2013. (N. E.)

⁴⁵ HOLLOWAY, John. *Crack Capitalism*, US: Pluto Press, 2010. (N. E.)

⁴⁶ Sergueï Eisenstein (Riga, 1898 – Moscou, 1948). Diretor soviético de cinema e teatro. Um de seus filmes mais notáveis é *O Couraçado Potemkin* (1925). (N. E.)

e potencialmente perigosa, ela foi desconstruída nos mínimos detalhes ao longo dos anos. Até as condições de construção de sua subjetividade foram modificadas.

Isso é o que eu chamo de questionar a caixa de ferramentas para ver o que podemos guardar para o futuro. Os jovens em Barcelona, na França, não esperam nada de nós. Eles talvez estejam interessados no que temos a dizer, mas não querem receitas nossas. Por exemplo, quando o MPA, na França (o Mouvement Pour l'Autodétermination (Movimento para a Autodeterminação), o movimento trotskista) tentou inventar uma versão francesa dos indignados, foi um fracasso total. Porque na França, os jovens, os 99% – um slogan que é muito rico e interessante – não recorrem ao MPA para definir o que devem fazer e como fazer. Nossa tarefa não é tentar resolver os problemas desta geração da classe. Tudo o que podemos fazer é repensar a caixa de ferramentas. Desse ponto de vista, o livro *Crack Capitalism* (Quebrar o Capitalismo), de Holloway, é interessante.

Dave Hookes: Acredito que no grupo intelectual imperialista dos EUA (Wolfowitz⁴⁷ e outros), Project for a New American Century (Projeto para um Novo Século Americano)⁴⁸, eles tinham uma lista de países a serem derrubados. O Egito era um deles – não estavam satisfeitos com Mubarak e queriam uma nova “democracia” controlada pelos EUA e pelos militares. Claro, a Síria e o Irã também estavam na lista. Acho que até a Arábia

⁴⁷ Paul Wolfowitz (Nova York, 1943). Matemático, cientista político e político. Embaixador dos EUA na Indonésia, durante o governo de Ronald Reagan (1986-1989). Vice-secretário do Departamento de Defesa dos EUA (2001-2005). Presidente do Banco Mundial (2005-2007). Membro do Projeto para um Novo Século Americano (Project for a New American Century). (N. E.)

⁴⁸ Projeto para um Novo Século Americano - PNAC (Project for a New American Century). Think tank, fundado em 1997, e extinto em 2006, centrado na política externa dos EUA. A maioria dos seus principais membros pertencia ao Partido Republicano e à Administração do Presidente George W. Bush. O objetivo declarado do PNAC era “promover a liderança global americana”. (N. E.)

Saudita – não é estável, é uma monarquia medieval atrasada. E as elites governantes também entendem o poder das novas mídias, das redes sociais. Procure o site <movements.org>, Alliance for Youth Movements (Aliança para Movimentos Juvenis)⁴⁹. Organiza conferências e é gerida a partir do Departamento de Estado dos EUA. Trazem milhares, dezenas de milhares de jovens de todo o mundo, e os treinam em mídias sociais – para criar movimentos. O primeiro do qual se orgulham foi um movimento contra o grupo revolucionário colombiano, as FARC⁵⁰. Eles avançaram para Chávez⁵¹ na Venezuela...

Simon Pirani: Você não está dizendo que o Departamento de Estado dos EUA derrubou Mubarak...

Dave Hookes: Não, mas eles tiveram um papel...

Simon Pirani: Eles queriam derrubar a URSS, mas não o fizeram...

Dave Hookes: Não. Mas a aliança deles com os militares egípcios – todos treinados nos EUA – desempenhou um papel em dar a Mubarak a ordem de retirada...

János Borovi: Você acha...!

Dave Hookes: Simplesmente acho que vale a pena consi-

⁴⁹ Alliance for Youth Movements (Aliança para Movimentos Juvenis). Organização que se apresenta com o objetivo de “formar positivamente líderes para que possam promover mudanças não violentas no mundo, criando e promovendo a utilização de ferramentas tecnológicas para promover a liberdade, os direitos humanos, a democracia e o desenvolvimento em todo o mundo”. (N. E.)

⁵⁰ As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC-EP) era uma organização guerrilheira insurgente colombiana de extrema esquerda, baseada na ideologia e nos princípios do marxismo-leninismo e do bolívarismo. Foram atuantes no conflito armado interno na Colômbia de 1964 a 2016, quando se desmobilizaram devido aos Acordos de Paz com o governo. Em 2017 formaram o partido Força Alternativa Revolucionária Comum. (N. E.)

⁵¹ Ver nota 44 no capítulo 1. (N. E.)

derar isso como parte da história.

Yassamine Mather: A questão é a seguinte. O movimento islâmico em aliança com os militares é útil para os EUA na região? Sim, é! Os EUA mudaram sua posição em relação à Irmandade Muçulmana⁵²? Sim, mudaram! A Irmandade Muçulmana está no poder no Egito? Sim, está! Quem está atacando o movimento grevista no Egito? A Irmandade Muçulmana! E lembre-se, nos primeiros anos do regime de Khomeini⁵³, no Irã, as mulheres estavam se manifestando por seus direitos nas ruas. Foi depois que o governo islâmico se estabilizou que ele esmagou toda a oposição, incluindo o movimento das mulheres. A ideia de que, de alguma forma, a Irmandade Muçulmana vai seguir um caminho completamente diferente da República Islâmica no Irã é errada. É uma maneira de atacar o povo. Estive bastante no Egito, e muitas pessoas – até mesmo entre a classe trabalhadora – são apoiadoras da Irmandade Muçulmana.

Simon Pirani: Mas nada disso contradiz os pontos de János que, do nosso ponto de vista, nada disso contradiz o fato de que é imensamente melhor que milhões de pessoas tenham passado pela experiência de perceber que podem derrubar governos. Por si só, isso não faz tudo melhorar, mas...

Yassamine Mather: Sim, mas é uma revolução interrompida. Não é, nesse sentido, um *sucesso*.

János Borovi: É um começo...

⁵² A Irmandade Muçulmana é uma organização islâmica radical fundada, em 1928, no Egito, que atua em cerca de 70 países. Luta para estabelecer as leis do islamismo como base dos Estados e das sociedades, rejeitando a influência ocidental. É considerada a precursora do fundamentalismo islâmico contemporâneo. (N. E.)

⁵³ Ruhollah Musavi Khomeini (1902 – 1989). Político e líder religioso iraniano. Primeiro líder supremo do Irã, de 1979 até sua morte, em 1989. Fundador da República Islâmica do Irã e principal líder da Revolução Iraniana. Sobre a Revolução Iraniana, ver nota 30 do capítulo 3. (N. E.)

Yassamine Mather: (em resposta a um tumulto de comentários animados). Não é verdade (como alguém acabara de dizer) que não havia fóruns no Irã, em 1979. Eu estava lá. Posso garantir que havia muitos!

Alguém: Por que eles não duraram?

Yassamine Mather: Porque o Estado os reprimiu, claro! Como fizeram no Egito. Houve grandes reuniões... de todos os tipos de pessoas... de opiniões diferentes.

János Borovi: É verdade, é verdade.

Anton Moctonian⁵⁴: Uma coisa interessante sobre a composição da classe trabalhadora na Grã-Bretanha – e estou a pensar no setor privado – é que os dois maiores empregadores são os supermercados e os bancos. Na Grã-Bretanha, a desindustrialização é um conceito muito importante quando olhamos para a composição das revoltas e dos movimentos de protesto “espontâneos”. Terry mencionou Paul Mason, e num dos seus livros ele relata outro autor falando sobre “a grande duplicação” – da classe trabalhadora internacionalmente. E *Forces of Labor* (Forças do Trabalho), de Beverly Silver⁵⁵, é importante porque argumenta que o capitalismo compensa as suas contradições através da realocação. Transfere a luta de classes para diferentes partes do globo. Há alguns meses – eu trabalho atualmente para

⁵⁴ Anton Moctonian. Ativista sindical britânico. Delegado do Sindicato Nacional dos Funcionários Públicos (National Union of Public Employees, NUPE) e da UNISON (sindicato de funcionários predominantemente de serviços públicos, incluindo governo local, educação, saúde e serviços subcontratados) na filial de Camden, noroeste de Londres. Trabalhou no Departamento de Habitação do Conselho de Camden (Camden Council's Housing Department). Estudou direito trabalhista na Universidade de Keele. (N. E.)

⁵⁵ SILVER, B. J. *Forces of Labor: workers' movements and globalization since 1870* (Cambridge, 2003). Edição em português: Beverly J. Silver, *Forças do trabalho: movimentos de trabalhadores e globalização desde 1870*, São Paulo: Boitempo, 2005. (N. E.)

a Unite Education⁵⁶ – reunimo-nos com delegados sindicais na fábrica de automóveis de Cowley⁵⁷, em Oxford, que queriam discutir a globalização. O taxista que me levou até lá, disse que trabalhava em Cowley quando trinta e três ou trinta e quatro mil trabalhavam lá. Agora são cerca de três mil e quinhentos. Mas agora é uma grande planta industrial para os padrões britânicos, (e Cowley tem uma história industrial, que aqueles envolvidos na Socialist Labour League e no Workers Revolutionary Party [Liga Socialista do Trabalho e Partido Revolucionário dos Trabalhadores] nas décadas de 1960 e 1970, lembrarão-se).

Os administradores queriam saber sobre a China. A grande greve na China foi a greve dos trabalhadores da indústria automobilística da Honda, em 2010. Foi interessante porque não foi apenas um dos pequenos confrontos normais que acontecem o tempo todo, com tentativas de construir organizações da classe trabalhadora. Durou dezessete ou dezoito dias e teve uma liderança identificável. O uso da internet foi incrível. Isso levou a reformas estatais para que as pessoas agora elejam representantes sindicais, porque a estrutura sindical oficial (The All-China Federation of Trade Unions [A Federação Sindical de Toda a China])⁵⁸ está desacreditada e deriva do Partido Comunista Stalinista. Tivemos uma conversa via Skype en-

⁵⁶ Unite é um dos dois maiores sindicatos do Reino Unido, junto com o UNISON. Seus membros são dos setores de construção, manufatura, transporte, logística e outros. Foi formado em 2007. A Unite Education oferece cursos educacionais em cada região do sindicato. (N. E.)

⁵⁷ Cowley. Área residencial e industrial de Oxford, no condado de Oxfordshire, Inglaterra. Importante centro industrial de 1920 a 1960. Conhecido por sua indústria automobilística porque historicamente foi sede da Morris (pioneira na produção em massa, ao estilo Henry Ford, no Reino Unido). A indústria foi então adquirida pela British Leyland e depois pelo Grupo Rover. Desde 2001, a fábrica é propriedade da BMW. As instalações de Morris foram fechadas e demolidas para se tornarem o Oxford Business Park. (N. E.)

⁵⁸ Federação Sindical de Toda a China (All-China Federation of Trade Unions, ACFTU). Central sindical nacional e organização popular da República Popular da China. A ACFTU está dividida em 31 federações regionais e 10 sindicatos industriais nacionais. É o único sindicato com mandato legal do país. (N. E.)

tre um dos organizadores da greve de 2010 e os delegados de Cowley, além de alguns da Rolls Royce. Estes últimos estavam preocupados com uma reviravolta da economia chinesa, porque os chineses compram mais Rolls Royces do que qualquer outro. A questão da realocação é importante para entender como esses movimentos estão se desenvolvendo – o movimento do campo para a cidade em lugares como a China, a maciça privatização (o governo do Reino Unido é amador em comparação com os chineses) e assim por diante.

Precisamos olhar para estas novas forças e, em particular, para a composição da classe trabalhadora internacional. Há muito a aprender com as discussões que estão ocorrendo entre esses trabalhadores. Silver traça a realocação da indústria automobilística... Portanto, concordo que discussões sobre o que Lênin e Trotsky disseram e sobre as vanguardas autoproclamadas que se veem em sucessão apostólica são discussões muito falidas; é um nicho de mercado em retração. Mais importante é a pesquisa, como a de Silver e outros, e em particular, as discussões de trabalhadores que estão passando por experiências e tentando, de maneira muito prática, entender as mudanças que estão acontecendo no capitalismo neste momento.

Terry Brotherstone: Penso que a maioria dos camaradas está, de diferentes maneiras, envolvida nesse tipo de trabalho, e que parte do objetivo desta reunião é trocar ideias e experiências que resultam do que se tem feito. Mas não acho que você esteja sugerindo o contrário.

Anton Moctonian: Exatamente, absolutamente.

Nikos Lymeropolous⁵⁹: Na Grécia, durante três anos, houve uma grande campanha para culpar os sindicalistas e o setor público pela crise. Isso vem do governo e da mídia e é semelhante à campanha de Thatcher aqui há trinta anos – na época da greve

⁵⁹ Nikos Lymeropolous, militante político grego. (N. E.)

dos mineiros e outros eventos. É a mesma propaganda. E eles tentam fazer as pessoas comuns acreditarem que a responsabilidade pela crise recai sobre os sindicalistas do setor público. É um grande problema. Temos muitas greves, mas não tantas assim. E todas as medidas contra a classe trabalhadora foram aprovadas. A classe dominante pode destruir qualquer organização do movimento da classe trabalhadora. No passado, a burocracia muito bem paga manteve o controle. Mas agora eles têm de mudar todas as estruturas e tomar outras medidas contra a classe trabalhadora.

Há um ano, estávamos realizando manifestações todos os dias na Praça Síndagma, em Atenas. Em uma parte da praça havia muitas pessoas com bandeiras nacionais que eram contra todos os partidos. Em outra parte, havia trezentos ou quatrocentos esquerdistas, anarquistas, etc. Eles iam todas as noites, vários partidos e grupos diferentes. Mas a maioria era composta por pessoas com bandeiras nacionais. E, na eleição, essas pessoas trabalharam para o partido fascista⁶⁰, que fez uma aparição séria na Grécia, pela primeira vez, desde a Segunda Guerra Mundial. Eles obtiveram cerca de 7% dos votos e agora têm cerca de 10% de apoio. E a maioria dos apoiadores fascistas é composta por jovens da classe trabalhadora, talvez com 25 anos de idade. A esquerda é mais de classe média. É um grande problema. Ninguém tem uma perspectiva para resolver a crise, e as pessoas pobres buscam uma liderança forte, até mesmo uma ditadura, para encontrar uma solução. E um jornal, há uma ou duas semanas, relatou planos para uma ditadura.

Também é difícil encontrar apoio na classe trabalhadora para defender as conquistas do passado. Acredito que é crucial participar da resistência no movimento sindical, nas praças, en-

⁶⁰ Aurora Dourada é um partido político grego, de ideologia neonazista e fascista, fundado em 1985. Em 2012 entrou no Parlamento pela primeira vez, obtendo 21 deputados e 7% dos votos. Foi proibido em 2020, quando a justiça grega julgou que o partido funcionava como uma organização criminosa que atacava sistematicamente imigrantes e opositores políticos de esquerda. (N. E.)

tre os jovens. Mas é muito difícil organizar.

Outra coisa. Precisamos de uma análise mais completa da revolução árabe, das forças de classe, dos partidos, do papel do imperialismo e da ligação dos partidos com as forças imperialistas. As coisas mudaram no Oriente Médio. Há trinta anos tivemos a revolução iraniana e a classe dominante teve a experiência de mudar de governo. Tive uma experiência ruim em 1981, quando trabalhava em um escritório político, e o presidente enviou uma mensagem sobre o assassinato de Sadat⁶¹, no Egito. Eu gritei: “Vitória para a Revolução Árabe!” – mas as pessoas que mataram Sadat se revelaram extremistas islâmicos.

Precisamos conhecer as melhores vozes nos movimentos árabes. Não compreendo porque é que as pessoas estão se apaixonando pelas forças islâmicas fanáticas nos países árabes.

Terry Brotherstone: Os camaradas falaram sobre a importância de um novo pensamento, de novos movimentos, da importância das ideias que instruem os mais jovens. Penso que todos os detalhes são vitais para esta discussão, mas que o ponto geral agora é senso comum entre nós. Temos que nos engajar com ideias diferentes de uma maneira que não achávamos necessária quando pensávamos que éramos O Partido. Mas eu, trabalhando com outros, achei que valia a pena reunir esta reunião em particular, pelo menos em parte, porque este é um grupo de pessoas que, seja através de experiência direta, ou pelo contato com aqueles que tiveram essa experiência, tiveram que repensar... experiências políticas, até mesmo vidas políticas. É claro que esta não é a única base a partir da qual ideias para o futuro podem ser geradas, mas acredito que fornece uma dessas

⁶¹ Mo amed Anwar al Sadat (1918 - 1981). Político e militar egípcio, presidente do seu país de 1970 a 1981. Membro do Partido União Socialista Árabe, até 1977, e do Partido Nacional Democrático desde 1978. Assassinado em 1981 durante uma parada militar. Cinco outras pessoas também foram mortas nesse ataque e trinta e oito ficaram feridas, incluindo o seu sucessor, Hosni Mubarak. (N. E.)

bases. Talvez eu esteja fazendo um ponto óbvio e desnecessário, mas não acho que devemos perder a identidade da reunião completamente em meio a exortações para acolher outros.

Uma razão para centrar a reunião de hoje na *Bonfire of the Certainties* (Fogueira das Certezas) de Cliff Slaughter é que, para nós que estivemos no WRP, o fato de termos sobrevivido politicamente, desde 1985, e sermos capazes de ter esta reunião em particular e discutir o pensamento sobre novas ideias, deve-se substancialmente ao seu trabalho, e nada, eu acho, inspirou isso mais do que o que, para alguns de nós, foi no final dos anos 1980, um retorno, e para outros a descoberta, do trabalho de István Mészáros – que, tenho o prazer de dizer, está aqui, mas, eu sei, precisa sair na hora do almoço. Então quero perguntar a István se há algo que ele gostaria de dizer.

(A seguinte contribuição é uma transcrição levemente editada, mais ou menos exata e acordada.) (T. B.)

István Mészáros: Para mim, a questão difícil, com a qual acho que todos concordamos, relaciona-se com os enormes problemas enfrentados pelo movimento trabalhista, o movimento da classe trabalhadora. Muitas coisas se mostraram extremamente graves, e o grande problema para o futuro é compreender a natureza da crise que enfrentamos.

Sobre a questão (que surgiu) de assumir o poder do Estado... Qual é o significado desse poder estatal? O que representa um poder estatal? No passado, isso muitas vezes era colocado como uma questão de ‘derrubar o capitalismo’. Agora, minha dificuldade com esse conceito é que o que pode ser derubado também pode ser restaurado. E isso aconteceu. Essa é a gravidade da situação.

Se voltarmos ao passado, à Comuna de Paris, todos os acontecimentos que levaram à mudança no poder estatal foram a consequência, bastante – ou mais ou menos – direta do

colapso do sistema estatal. A Comuna de Paris foi também o resultado de uma grande derrota militar. E como entendemos a revolução russa sem o desastre da Primeira Guerra Mundial? E na Hungria – que eu conheço bem – houve, em 1919, uma espécie de comuna, um sistema comunista, se preferir. E como isso aconteceu? O Presidente da República Húngara, após o colapso da monarquia Austro-Húngara, foi um conde, o esclarecido Conde Károlyi⁶². Quando ele foi pressionado pelas grandes democracias a perseguir os comunistas, decidiu, em vez disso, entregar o poder estatal aos comunistas. Foi assim que aconteceu na Hungria. Portanto, não podemos romantizar, de forma alguma, o significado da troca do poder do Estado.

Quando pensamos na citação, no final do artigo de Cliff Slaughter, *The Miner* – esse negócio de levar a consciência comunista de fora para a classe trabalhadora e como este conceito é extremamente problemático – é um problema absolutamente grave. Porque depois da revolução, depois da Revolução Russa, o que é “de fora” quando o Estado se torna o partido, o partido de Lênin? Já não é mais “fora”, não é mais é “de fora”: é de cima. E esse problema continuou na noção de “Estado operário deformado”.

Lembro-me da minha primeira conversa (no final da década de 1980) com Cyril Smith. Ele trouxe à tona a noção trotskista do “Estado operário deformado”. Minha reação a isso foi: “em que planeta isso aconteceu?” Aparentemente, deveria haver esse “Estado operário deformado” na União Soviética – do qual eu não vi absolutamente nenhum sinal, em nenhum lugar. Mas, por um longo tempo, você estava considerando construir um partido revolucionário com base nesse tipo de concepção; e então você também falou sobre um ‘Estado operário deformado’ nas ‘Democracias Populares’. Bem, eu nasci e cresci em uma

⁶² Conde Mihály Ádám György Miklós Károlyi de Nagykároly (Budapeste, 1875 - Vence, 1955). Primeiro-ministro e, posteriormente, presidente da Hungria, em 1918 e 1919, durante a efêmera República Popular Húngara. (T. B.)

delas, na Hungria!

Mas eu gostaria de prestar uma homenagem ao meu amigo Cliff Slaughter. Por várias décadas, ele se manteve firmemente em uma orientação revolucionária, mesmo que a organização à qual estava ligado estivesse em uma orientação extremamente problemática. Ele manteve essa posição determinada de pensar em termos de uma perspectiva revolucionária. Também posso dizer que nossos dois nomes são quase idênticos. Ele se chama “matador”: em húngaro meu nome significa “um matador”! Isso relaciona nossos dois nomes...; mas em que contexto?

É muito fácil dizer contra o que o partido deve se posicionar, dizer o que deve ser demolido ou abolido. É muito mais difícil dizer o que deve ser colocado em seu lugar. Neste contexto, devo dizer algo sobre o problema da classe média (ao qual voltarei). Se eu tentar encontrar o que Marx diz sobre a classe média, encontro um grande zero. Marx nunca se interessou pela «classe média». O que é a classe média? A orientação marxiana – e acho que isso é muito importante para o nosso futuro, para a revitalização do movimento da classe trabalhadora – é enfatizar a natureza do sistema que deve ser substituído.

E, nesse sentido, a conquista do poder estatal se torna um problema bastante vazio. Uma vez que você fala sobre poder estatal – e me refiro novamente ao Conde Károlyi, que o entregou aos comunistas, a Bela Kun⁶³ e outros – o que acontece é que o poder material da sociedade permanece idêntico. Portanto, a conquista do poder estatal equivale a muito pouco nessas circunstâncias. Lênin expressou isso de uma forma bastante comovente quando as circunstâncias se tornaram muito difíceis na União Soviética, na Rússia. Ele disse: “O que podemos fazer? Não podemos chamar de volta os czares e dizer, ‘Por favor, reassumam o poder’”. E como você separa todo o problema, o problema do partido de vanguarda, do sistema czarista sob o qual foi inaugurado e dentro do qual teve que cumprir certas funções históricas? E

⁶³ Ver nota 8 no capítulo 1. (N. E.)

Lênin estava certo, você não pode dizer, “Romanov⁶⁴, por favor, voltem e continuem matando nosso povo e destruindo tudo”. Mas o poder material – e, naqueles tempos, era um poder material devastado como consequência da Primeira Guerra Mundial – permanecia absolutamente o mesmo.

Para mim, portanto, a questão relativa ao futuro é: como podemos avaliar adequadamente a natureza da crise atual, da crise histórica presente? A humanidade nunca enfrentou uma crise remotamente comparável ao que temos hoje. No capitalismo, a crise é a normalidade. É uma renovação regular e periódica da crise, uma crise cíclica. Mas eu sempre insisto que, nos últimos quarenta ou cinquenta anos, a crise que enfrentamos, e enfrentamos hoje, é absolutamente diferente. A crise atual é a crise estrutural de todo o sistema, não apenas do sistema capitalista, mas de todo o sistema de capital – porque o capitalismo não caiu do céu. Ele surgiu sobre as bases de um processo histórico muito longo, precedido por milhares de anos de uma forma ou outra de capital.

E o problema do futuro, quando o contemplamos, é que todos os partidos, mesmo os partidos revolucionários, estão sempre tentando se encaixar no quadro institucional existente. Cliff, em seu artigo *The Miner*, também citou algo muito interessante e importante da entrevista de Trotsky com Kingsley Martin, o editor do *New Statesman* ⁶⁵, em 1937. Trotsky estava dizendo que, em quatro ou cinco anos, a Quarta Internacional seria uma grande potência. Como você pode ser tão irrealista assim?

E você precisa pensar nos antecedentes da Quarta

⁶⁴ Nikolai Alexandrovich Romanov ou Nicolau II da Rússia (Tsarskoye Selo, 1868 - Ekaterinburg, 1918). Último imperador da Rússia. Durante seu reinado, o Império Russo sofreu um declínio político, social e militar. Ele governou desde a morte de seu pai, Alexandre III, em 1894, até sua abdicação em 1917, como resultado da Revolução Russa. (N. E.)

⁶⁵ Kingsley Martin, “Trotsky in Mexico”, *New Statesman and Nation* (Londres), 10 de abril de 1937. (N. E.)

Internacional – ela foi apenas a quarta. Houve uma Primeira Internacional, que colapsou e Marx, desesperado, tentou salvar o pouco que podia ser salvo, transferindo-a para os Estados Unidos. Sabemos muito bem o que aconteceu com a Segunda Internacional. Ela se tornou uma organização ignominiosa e desastrosa – você conhece bem a degeneração social-democrata que começou há muito tempo e continuou. Você sabe o que aconteceu – ela abandonou oficialmente absolutamente tudo.

E pense na Terceira Internacional. Houve um tempo em que você tinha vários partidos que se autodenominavam partidos revolucionários, alguns deles também muito influentes – e isso também acabou se revelando um desastre absoluto. Pense apenas nos dois mais importantes deles no Ocidente: o Partido Comunista Francês e o Partido Comunista Italiano. Pergunto a você: qual deles é o mais desastroso? Isso nos conta uma história muito triste sobre a Terceira Internacional.

Então chegamos à Quarta: o que aconteceu com ela? Ela alcançou algo do que se propunha a alcançar, algo do que Trotsky disse a Kingsley Martin – que em um curto período ela seria capaz de alcançar grandes coisas? Penso que estas questões têm de ser examinadas no seu contexto histórico porque muita coisa permanece problemática.

Quando li pela primeira vez o livro de (Ernest) Mandel, com o título significativo, *Late Capitalism* (Capitalismo tardio), perguntei-me: “Para que é que o capitalismo se atrasa?” Do que se tratava, o que ele perdeu? O atraso do capitalismo não explica nada. Temos de voltar aos problemas fundamentais da crise de hoje, porque ela é absolutamente tremenda. Não pode mais ser avaliada simplesmente em termos dos banqueiros. Os banqueiros fazem o que fazem. Fala-se muito sobre reformar os banqueiros, mas isso é apenas uma grande ilusão. Mas absolutamente nada será feito a respeito.

Então há pessoas culpando o “Terceiro Mundo”, os

países “subdesenvolvidos”, por como nossas expectativas não foram realizadas...

Mas voltando ao problema real, ao problema estrutural fundamental e à questão das chamadas sociedades capitalistas avançadas... Agora, este é outro conceito que considero extremamente problemático. O que é uma sociedade capitalista avançada? A sociedade capitalista é uma sociedade em putrefação. Quão avançada é uma sociedade em putrefação? Uma sociedade capitalista avançada só é avançada no sentido de que é capitalistamente avançada. Mas o avanço capitalista tem se tornado cada vez mais destrutivo - e tornou-se extremamente destrutivo. Chegou a um ponto em seu próprio desenvolvimento em que a destruição da humanidade está na agenda dessa grande “sociedade capitalista avançada”.

Creio que se nós, como devemos, examinarmos as possibilidades para o futuro – os confrontos que enfrentamos – veremos que Marx não estava interessado na classe média porque a ordem social que ele analisava era a ordem social burguesa. As pessoas falam sobre a classe média – e depois começam a segmentá-la: a classe média baixa, a classe média média e a classe média alta. E estão fazendo o mesmo com o trabalho, com a classe trabalhadora – há todos os tipos de ramificações e divisões sociológicas.

E isso tem um propósito: produzem muita mistificação na literatura sobre o assunto porque a classe trabalhadora é muitas vezes reduzida à classe trabalhadora industrial, e descobrem que ela está diminuindo em algumas partes do mundo. Mas ela está aumentando no mundo como um todo.

Esta é uma questão fundamental. O que interessava a Marx era o confronto histórico entre capital e trabalho. Essa é a categoria fundamental. E qualquer estratégia para a transformação futura tem de ser uma transformação revolucionária: eu não acredito, nem por um momento, em nada menos do que isso.

Uma das tragédias dos partidos dos trabalhadores foi que,

no passado, sempre tentaram se enquadrar no quadro do sistema parlamentar. Ora, o sistema parlamentar, desde o primeiro dia da sua criação, nunca foi concebido para a classe trabalhadora. A classe trabalhadora nem sequer estava na agenda quando o sistema parlamentar foi estabelecido. A certa altura, foi permitido à classe trabalhadora se encaixar nele, como o “movimento operário”, ou o movimento social-democrata. Sabemos, pelos comentários de Marx sobre o Programa de Gotha⁶⁶, o quão desesperadamente infeliz ele estava com este tipo de desenvolvimento que estava ocorrendo, o tipo de avanço que estava dentro desse tipo de estrutura. No entanto, todos os partidos da classe trabalhadora seguiram esse caminho. Mesmo, se não me engano, o Workers’ Revolutionary Party (Partido Revolucionário dos Trabalhadores) (WRP), que, em certa altura, quase faliu completamente ao apresentar os seus candidatos às eleições, e perdeu não sei quantos milhares de libras em depósitos, sem jamais conseguir eleger uma única pessoa.

E quando você pensa sobre isso, a realidade da situação reside na necessidade de tomar controle da base material da sociedade; porque, sem isso, falar sobre qualquer aspecto da política não significa nada. Seja falando sobre tomar o poder sem tentar, ou sobre tomar controle de outros aspectos da vida – se você não se dirigir à natureza fundamental do poder material em nossa sociedade, você não chega a lugar nenhum.

E só para concluir, saúdo Cliff; e desejo muito sucesso para *The Bonfire of the Certainties* (A Fogueira das Certezas)⁶⁷, o livro do qual você partiu para organizar a reunião de hoje. Todos deveríamos começar a discuti-lo e a levar a discussão para diante – porque isso só pode ser um empreendimento contínuo, um exame das coisas sem medo de ofender algo do passado. Estamos todos aqui comprometidos com uma transformação socialista radical – sem a qual não há futuro, não há humanida-

⁶⁶ Ver nota 49 no capítulo 1. (N. E.)

⁶⁷ Ver nota 39 no Prefácio. (N. E.)

de – no sentido bastante literal de a humanidade sobreviver no futuro previsível. E a concepção marxiana de uma alternativa histórica – isso é o que deve estar no centro de tudo. Que tipo de ordem social pode ser historicamente viável para o futuro?

Esta deve ser a abordagem agora, porque a falência total de todos os países capitalistas é um fenômeno muito novo – é pós-Segunda Guerra Mundial – e o país mais desastrosamente falido neste mundo são os Estados Unidos da América, que é considerado como o grande motor deste sistema capitalista “avançado”. Um sistema totalmente falido é incapaz de operar para o futuro, em uma perspectiva histórica de longo prazo. E, na minha opinião, a única forma de examinarmos seriamente esses problemas que são inevitáveis para todos nós é enfrentar essa grande dificuldade, e desejo sucesso a todos nós nesse aspecto.

PAUSA PARA ALMOÇO

Sessão da Tarde

Dave Hookes⁶⁸: O proletariado marxista clássico era essencialmente composto por trabalhadores manuais de fábrica. Quando Marx estava escrevendo eles eram talvez de 60 a 70%, agora são de 10 a 20%. Assim, 70% dos trabalhadores prestam serviços de vários tipos, talvez de 27 a 28% trabalhem na indústria, mas apenas cerca de metade deles são realmente trabalhadores industriais, o resto são trabalhadores de escritório de vá-

⁶⁸ Dave Hookes fez uma apresentação em PowerPoint, às vezes indicando seu argumento através da tela. Resumir é, portanto, particularmente difícil, e este relato deve ser tratado com ainda mais cautela, como um registro preciso do que o restante, que é apenas uma transcrição editada e informal. A apresentação de Dave Hookes, no entanto, foi baseada nos dois documentos que circularam com antecedência – um em cópia impressa e um link virtual, e o outro apenas por meio de link virtual. (T. B.)

rios tipos. E há 2-3% na agricultura. Nas chamadas economias avançadas, como István Mészáros nos lembrou corretamente, talvez 60% estejam envolvidos em algum tipo de informação. Eles variam desde camadas privilegiadas, como professores universitários, até trabalhadores extremamente explorados em call centers. Portanto, os trabalhadores da informação são pelo menos quatro vezes mais numerosos do que os trabalhadores da indústria. Os trabalhadores do conhecimento, um subconjunto dos trabalhadores da informação, são pelo menos duas vezes mais numerosos do que os trabalhadores da indústria.

Isso exige uma reavaliação da estratégia à esquerda. E uma das razões para a persistente fetichização do trabalho manual é o vanguardismo. O proletariado é uma vanguarda que precisa de outra vanguarda que lhe diga o que fazer. Acho que devemos abandonar a fetichização do trabalho manual em detrimento do trabalho intelectual. Mesmo a maioria dos trabalhadores manuais hoje usa principalmente o cérebro em vez dos músculos. Especialmente os trabalhadores especializados. E o proletariado da informação, menos ainda que o proletariado manual, não será um fantoche do “partido revolucionário” e do seu programa “correto”. Os trabalhadores da informação têm maior probabilidade de se envolverem na “sociedade em rede”, a ideia de Manuel Castells mencionada anteriormente.

O trabalho humano, como eu o defino, é o gasto de energia armazenada — armazenada em forma química. A definição com a qual tendemos a pensar tem mais a ver com física. Trabalho mecânico. Na física, diz-se que o trabalho é feito quando uma força se desloca em sua própria direção. É fácil identificar o trabalho manual com essa definição. Mas também envolve o processamento por um órgão controlador, o cérebro. O cérebro faz julgamentos sobre o que a mão, ou geralmente uma ferramenta, fará. A energia química gasta pelo cérebro, mesmo em funções bastante pequenas, é equivalente à usada no trabalho manual. No trabalho não especializado, utilizando

ferramentas mecânicas, a quantidade de trabalho realizada por um trabalhador é uma pequena fração da energia usada pelo cérebro. Somente em trabalhos manuais muito pesados a energia gasta pelos músculos é significativamente maior do que a usada pelo cérebro.

Portanto, a minha definição de classe trabalhadora é: aquele grupo da sociedade que vive principalmente ganhando salários em troca do gasto de sua própria energia, ou seja, pelo trabalho. A energia é armazenada na forma de músculos e neurônios, com as mesmas moléculas envolvidas tanto nos músculos quanto nos neurônios.

Quase todos os conflitos desde a época de Marx não foram as guerras de classes que Marx esperava para acabar com o capitalismo. Foram guerras nacionalistas e imperialistas. E em 2004, 50% de todo o investimento de capital, de ações na Bolsa de Londres, era detido por instituições financeiras, tais como hipotecas, pensões e seguros – que são, em grande parte, as economias dos trabalhadores. Os trabalhadores investem indiretamente no mercado de ações. A participação individual nas ações é de apenas 13%. É claro que a elite tem muitas outras formas de armazenar riqueza – dinheiro em paraísos fiscais, metais preciosos, terras, e assim por diante. A maioria dos trabalhadores possui ou está comprando suas próprias casas. Até certo ponto, isso foi reconhecido pelo “capitalismo popular” de Thatcher. Você vê a diferença em, por exemplo, Liverpool, onde os conjuntos habitacionais, outrora semi-abandonados, foram bastante melhorados. E houve pouca oposição sistemática da classe trabalhadora às privatizações. O enorme roubo de bens públicos não teve uma resposta política. Os trabalhadores compraram ações. Isso teve seu efeito.

Os trabalhadores da informação tendem a trabalhar em pequenos grupos, até mesmo sozinhos. Um homem que vive em uma fazenda nas Terras Altas da Escócia, pode ser responsável pelo movimento do tráfego portuário em Hong Kong. Isso torna a ação coletiva mais difícil. As fábricas são dez vezes me-

nores agora do que eram antes. A filiação sindical caiu por volta de 50% da força de trabalho para pouco mais de um quarto. E assim por diante... Há alguns anos, na França, a filiação sindical era de apenas 9%. Nos EUA é cerca de 12%. Somente nas democracias sociais escandinavas é superior a 50% agora. Na UE, como um todo, é cerca de 20%. Quando eu estava escrevendo meu artigo, havia cerca de 146 milhões de sindicalistas (talvez um pouco mais agora), eles ainda são o maior movimento social secular, mas talvez apenas cerca de 5% de todos aqueles que poderiam ser classificados como trabalhadores.

Também vimos a criação de um proletariado altamente explorado e não organizado, recrutado da agricultura de subsistência, especialmente na China e, em certa medida, na Índia. Alega-se que, na China, isso tirou 400 milhões de pessoas da pobreza absoluta. E prevê-se que este processo continue nas próximas décadas. Eles têm poucos direitos. Eles estão tentando se organizar, mas enfrentam o enorme poder do Estado. Há uma poluição generalizada e muitos problemas de saúde. Muitos dos protestos populares giram em torno dessas questões. Não há uma “sociedade civil” para impedir o despejo de resíduos e coisas do tipo. Energia fóssil barata – petróleo, gás e carvão – é a base para a melhoria dos padrões de vida da classe trabalhadora. Mas o petróleo e o gás começarão a se esgotar em duas ou três décadas.

A crise climática significa que teremos de reduzir o consumo, e poderá haver uma convergência entre os padrões de vida ocidentais e os destes novos setores da classe trabalhadora. Isso dá à esquerda a oportunidade de mostrar o caráter universal do trabalho como uma realidade histórica concreta. Na verdade, estamos todos conectados, no sentido de Marx, como uma classe.

Agora vou falar sobre a revolução tecnológica (TIC)⁶⁹ que está hoje na vanguarda do capitalismo. Deveríamos realmente dizer TIC digital (sempre tivemos alguma forma de TIC). Ela

⁶⁹ Tecnologias da informação e comunicação (TICs) é uma expressão que se refere ao papel da comunicação (seja por fios, cabos, ou sem fio) na moderna tecnologia da informação. (N. E.)

representa uma síntese, na minha opinião, do processamento de informações, comunicação e controle de energia. A tecnologia em nossos laptops é a mesma que aprimora e controla os processos produtivos e, claro, elimina trabalhadores por meio da automação.

(...)⁷⁰.

Esses novos desenvolvimentos tecnológicos nos ajudarão a sobreviver como espécie? Pode-se argumentar, com razão, que as coisas não parecem muito promissoras. As próximas décadas serão cruciais para decidir se a espécie sobreviverá. Podemos substituir o capitalismo por outro sistema baseado na equidade e na mutualidade? Se não pudermos, estaremos em sérios apuros.

(...).

Portanto, para mim, uma seção importante do proletariado hoje são as pessoas envolvidas em conhecimento avançado, especialmente o conhecimento científico. Elas representam uma grande fração da classe trabalhadora atualmente. Nos EUA, os trabalhadores do conhecimento constituem cerca de 40% da classe, provavelmente, um número próximo disso no Reino Unido também. Eles não são todos cientistas, mas são o grupo mais consciente da crise ambiental. Eles também possuem as habilidades e o conhecimento para viabilizar a alter-globalização. Para que isso aconteça, eles precisam formar alianças sociais, e eu discuti em vários artigos como isso pode ocorrer.

(...)

Assim como na teoria quântica, a economia política marxista tem duas unidades contraditórias. Elas são a natureza dual do trabalho, ou seja, o trabalho local e concreto e o trabalho

⁷⁰ A longa exposição de Dave Hookes requereu a exclusão de algumas partes, visando possibilitar um melhor entendimento das intervenções que vieram antes e depois de sua fala. (N. E.)

não-local, abstrato e universal... OK, mais dois minutos... e a natureza dual do valor, o valor de uso que é local e o valor de troca não-local e universal...

(A seguir, há comentários sobre a relação entre o pensamento de Hegel e o de Marx sobre esses assuntos e sobre um diagrama relacionado de um matemático polonês. As pessoas realmente precisam consultar o trabalho de Dave Hookes para entenderem tudo isso.)
(T. B.)

(...)

Terry Brotherstone: Você consegue concluir rapidamente?...

Dave Hookes: Sim. Aqui (apontando para a tela) está meu programa para as crianças aprenderem com base na prática sensível (como Marx a chamou) ... Outro mundo é possível... Termina com isso. Há o exemplo real de como as pessoas colaboram juntas. Você pode produzir um sistema operacional para computadores que é muito mais eficiente do que os sistemas corporativos, baseados no sistema newtoniano, como o Windows. O sistema Linux é muito melhor, mais estável, mais flexível e assim por diante. Quando perguntei a um empresário americano sobre o Linux, ele concordou que era melhor, mas quando perguntei sobre como foi produzido, ele denunciou como “maldito comunismo”. O programa quântico é o caminho para a era quântico-digital e a realização do verdadeiro “ser espécie” como Marx o entendeu...

Aplausos

Terry Brotherstone: Devo parabenizar Dave pela sua coragem. Apresentar-se diante de um grupo de camaradas, muitos dos quais já aprenderam “dialética” com Gerry Healy, e montar todos aqueles gráficos...! (*Risos*)

Pode haver algumas questões específicas, ou podemos

simplesmente continuar a discussão acolhendo a contribuição de Dave.

Dave Temple: Não sei se isso está relacionado, mas vou acrescentar três coisas. Duzentos anos atrás, os mineiros de Durham⁷¹, junto com outros mineiros, alimentaram a Revolução Industrial. Eles viviam em casebres, recebiam salários de subsistência, eram vinculados por lei ao empregador e, quando entravam em greve, eram baleados e até enforcados e empalados. Há um mês, os mineiros na África do Sul viviam em casebres, sem instrução, e quando entraram em greve trinta foram fuzilados. Na China, há dois a três milhões de trabalhadores nas minas, dos quais milhares morrem. Não sei detalhes sobre a Índia. Mas na Sibéria há uma enorme falta de medidas de segurança e a mesma indústria extrativa criou as mesmas condições. Neste país, duzentos anos de luta foram necessários para mudar essas condições. Mas, quando a família de um minerador podia se dar ao luxo de comprar um carro, fecharam as minas.

A próxima coisa é que houve uma greve na costa ocidental dos Estados Unidos há cerca de dez ou quinze anos entre os escriturários que, anteriormente, faziam o registro de importação e exportação em papel. Quando o trabalho foi informatizado, houve uma greve. Devido à forma como a economia global está agora organizada pelo método “just-in-time”, imediatamente os estoques no Japão, e em certa medida, na Austrália e na América, caíram e as fábricas fecharam. Este pequeno grupo de trabalhadores de TI venceu sua disputa. Em algum lugar nisso há uma relação importante.

Por fim, na semana passada, em Middlesborough⁷², uma empresa produziu gasolina a partir do ar fresco. O problema é que foi necessária mais eletricidade para produzi-la do que

⁷¹ Durham é uma cidade e a capital do condado de Durham, localizada no nordeste da Inglaterra. (N. E.)

⁷² Middlesborough. Cidade localizada em North Yorkshire, nordeste da Inglaterra, Reino Unido. (N. E.)

a energia equivalente que ela gerava. Mas isso mostrou o que é possível. Não estou tirando conclusões. Apenas apontando algumas contradições.

Dave Hookes: Você pode converter o dióxido de carbono no ar com o hidrogênio liberado da água pela reação de mudança de água e obter a base da gasolina... Mas é caro.

Dave Temple: Eles fizeram isso na semana passada... Eles estão trabalhando nisso usando eletricidade excedente noturna...

Mais algumas breves discussões sobre isso. (T. B.)

Dave Hookes: Nos Estados Unidos, eles têm unidades sendo movidas diretamente por energia solar, usando um espelho para direcionar a reação diretamente do sol.

Ritchie Hunter: Não entendi boa parte da fala de Hookes, mas uma coisa com a qual não concordo é essa maneira de colocar os seres humanos em um pedestal, tratados como o máximo da vida. Acho que estamos confundindo evolução e mudança cultural. Por cem mil anos, o cérebro humano não mudou. Somos parte desse sistema. O problema de colocar os humanos em um pedestal é que pensamos que somos a última forma de vida na Terra. Vamos desaparecer, e esse é o nosso problema, mas o mundo continuará. As bactérias existem há bilhões de anos. Elas continuarão e gerarão vida, assim como muitas outras formas de vida. Os dinossauros estiveram por aqui por milhões de anos e foram muito mais bem-sucedidos do que nós, e também desapareceram. Claro, nosso problema é que queremos que nossa espécie sobreviva.

Dave Hookes: Espécies destroem outras espécies...

Ritchie Hunter: Isso é inevitável. É assim que a evolução funciona.

Mike Nelson: Você não pode tratar os seres humanos

como separados da natureza. Mesmo no que Dave está dizendo... Ele diz “todos nós precisamos reduzir o consumo”. Por que colocar assim? Ainda é uma oposição entre os humanos e o resto da natureza. Mas os humanos são parte da natureza. A necessidade humana não é oposta à natureza. Elas não precisam ser vistas como opostas. Não vejo que seja, ou que jamais tenha sido, o caso de uma espécie em detrimento de outra. Voltando à «primeira revolução humana», uma das coisas centrais foi negar nossa biologia, negar a forma como outros primatas, chimpanzés, gorilas agem instintivamente, e criar novas formas... novos grupos sociais e novas relações sociais que estavam substituindo essa biologia.

Terry Brotherstone: Os artigos de Dave Hookes, como já disse, foram distribuídos, um em cópia impressa com uma referência de link virtual e o outro apenas por link virtual. Não quero interromper a discussão sobre isso agora, mas se o propósito desta reunião é *iniciar* um processo, podemos retornar a essas ideias e não precisamos, por assim dizer, resolver tudo agora.

E quanto aos comentários de Dave Temple sobre os mineiros sul-africanos, tem havido uma grande quantidade de material circulando online. Parece que as primeiras vítimas foram baleadas pelo sindicato liderado pelos estalinistas, NUMSA⁷³. Parece que foi isso que deu início à violência.

Além disso, espero que não percamos o impacto do que István Mészáros disse esta manhã... Mas a discussão seguirá o seu próprio curso...

János Borovi: Esta discussão é muito interessante. Mas acho que precisamos vinculá-la com a necessidade de dar os primeiros passos para criar novas formas de organização. Isso não acontece no vácuo. Existem obstáculos, e são obstáculos políticos. Na África do Sul, vimos toda a luta contra o apartheid,

⁷³ NUMSA (National Union of Metalworkers of South Africa) é o Sindicato Nacional dos Metalúrgicos da África do Sul. Foi fundado em 1987. (N. E.)

o ANC⁷⁴ e assim por diante; e os líderes sindicais e o Partido Comunista estavam na liderança, e o sistema que emergiu foi baseado no acordo que Mandela⁷⁵ alcançou com a burguesia sul-africana enquanto estava na prisão.

Tive uma conversa com uma garota na França que havia escrito uma tese sobre o ANC, e os campos de concentração que eles administraram. Há toda essa história que podemos ajudar a esclarecer. Toda a história do ANC, do CPSA⁷⁶, e assim por diante... Podemos ajudar nesses pontos.

E há a necessidade de participar em resistências locais e de outros tipos. Trabalhei durante os últimos dez anos numa verdadeira rede de talvez oitocentas ou novecentas pessoas, embora ninguém saiba exatamente quem faz parte dela. É contra a brutalidade policial, a violência policial e os assassinatos por policiais. Existe um jornal mensal chamado *Resist All Together*. É apenas uma folha, facilmente reproduzida e circula nas banlieues⁷⁷, onde as pessoas não aceitariam algo que pareça um jornal. Também pode ser reproduzido em escritórios e fábricas. Na Grã-Bretanha, você tem casas municipais dentro das cidades, mas na França elas são muito separadas. Talvez 10.000 pessoas, 80% imigrantes, 50% desemprego. Elas estão fora de tudo, e seu único contato externo é com a polícia. Não com sindicatos. Todos os dias enfrentam a polícia, provocações, assassinatos e assim por diante.

A rede começou com a compreensão de que a única ma-

⁷⁴ Ver nota 15 no Prefácio. (N. E.)

⁷⁵ Nelson Rolihlahla Mandela (Mvezo, 1918 – Joanesburgo, 2013). Político e líder da luta contra o regime segregacionista do apartheid na África do Sul. Presidente deste país de 1994 a 1999. Esteve preso durante 27 anos, de 1964 a 1982. (N. E.)

⁷⁶ O CPSA, ou Congresso do Partido Socialista da África do Sul, foi uma organização política e sindical que surgiu na África do Sul durante o período do apartheid. Era um partido socialista que se opunha ao regime segregacionista e lutava pelos direitos dos trabalhadores e pela igualdade racial. (N. E.)

⁷⁷ Banlieues refere-se às áreas suburbanas ao redor das grandes cidades na França, frequentemente associadas aos bairros de classe trabalhadora e, em muitos casos, áreas com grandes comunidades de imigrantes. (N. E.)

neira de dialogar com essas pessoas era com base em suas experiências reais – de violência, tortura, assassinatos e assim por diante. Eles rejeitam todos, todos os partidos. E até o partido de extrema esquerda não está interessado. Eles os rejeitam como islamistas, ou revoltosos, ou saqueadores, e assim por diante.

Um exemplo. A nova Frente de Esquerda, formado pelo Partido Comunista e por uma parte da antiga LCR⁷⁸ (os pablistas que formaram o novo MPR⁷⁹), e outro novo partido chamado Partido da Esquerda, espelhando o Die Linke⁸⁰, na Alemanha, e formado por Jean-Luc Mélenchon⁸¹ (ex-OCI⁸²), que obteve 10% na eleição. Essa nova Frente de Esquerda... quando hou-

⁷⁸ A LCR, ou Ligue Communiste Révolutionnaire (Liga Comunista Revolucionária), foi um partido político de extrema esquerda na França, fundado em 1974. Era conhecido por suas posições trotskistas e sua defesa de uma revolução socialista. Em 2009, a LCR se fundiu com a organização “Alternatives” para formar o Novo Partido Anticapitalista (NPA), continuando a lutar por uma alternativa ao capitalismo e ao sistema político existente. (N. E.)

⁷⁹ O MPR, ou Mouvement pour la Révolution Proletarienne (Movimento pela Revolução Proletária), é uma organização política trotskista que surgiu após a divisão da LCR. Os pablistas, seguidores de Pablo (Michel Pablo), um importante teórico trotskista, formaram o MPR. O MPR se caracteriza por sua abordagem específica dentro do trotskismo e sua ênfase na construção de uma alternativa revolucionária ao capitalismo. (N. E.)

⁸⁰ Die Linke (A Esquerda) é um partido político alemão fundado em 16 de junho de 2007, a partir da fusão do Partido do Socialismo Democrático (PDS) – o sucessor do Partido Socialista Unido da Alemanha (SED), que governou a antiga Alemanha Oriental, a República Democrática Alemã – e a Alternativa Eleitoral para o Trabalho e a Justiça Social (WASG). (N. E.)

⁸¹ Jean-Luc Mélenchon (Tânger - Marrocos, 1951). Político francês. Foi membro da Organização Comunista Internacionalista - OCI até 1976, movimento trotskista de tendência lambertista. Foi membro do Partido Socialista Francês de 1976 a 2008. Em 2008 fundou o Gauche Socialiste (Esquerda Socialista). Em 2016, fundou La France insoumise (França Insubmissa). Candidato a presidente da França em diversas ocasiões. (N. E.)

⁸² A OCI, ou Organisation Communiste Internationaliste (Organização Comunista Internacionalista), foi uma organização trotskista na França. Fundada em 1944, a OCI era conhecida por suas posições revolucionárias e por sua ligação com a Quarta Internacional. (N. E.)

ve um grande encontro de inquilinos e a polícia chegou com gás lacrimogêneo e assim por diante... e então, nessa banlieue, houve uma revolta dos jovens que atacaram a polícia com armas e isso continuou por dois dias. Houve prisões... Mas o que foi interessante foi a reação da Frente de Esquerda, que é crítica do governo do Partido Socialista com base eleitoral, mas não faz nada. Mélenchon chamou os jovens que lutaram contra a polícia de “agentes da burguesia”, “provocadores”. Eles isolam a parte mais explorada, a parte “sem correntes” da classe trabalhadora, imigrantes de segunda geração, árabes, pessoas da África Negra e assim por diante. Esse é o proletariado, na minha opinião, que Marx disse que não tinha “nada a perder além de suas correntes”.

A nossa ideia há dez anos era que, se você quisesse discutir política com essas pessoas, tinha que ser muito claro sobre a questão da polícia. Contra a opressão policial. Este jornal, *Resist All Together*, faz parte disso. Ele circula por todo o país denunciando esses assassinatos. A primeira página é um artigo político, baseado na ideia compartilhada pela rede de que o Partido dos Panteras Negras⁸³ nos EUA tinha a única abordagem correta para essa parte da população – nos EUA, os negros – quando se opuseram ao Black Power, que afirmava que todos os negros, incluindo os capitalistas, eram contra os brancos. Os Panteras disseram que havia uma opressão dual – de classe e racial. É a mesma situação para os pobres árabes. A capa discute a situação atual. Insiste que todas essas pessoas fazem parte de La République (A República) – que na França é o que todos os lados, direita e esquerda, afirmam ser. É o que uniu De Gaulle⁸⁴

⁸³ Partido dos Panteras Negras (Black Panther Party). Organização política socialista ativa nos Estados Unidos entre 1966 e 1982. Pertencente ao movimento de defesa do povo negro denominado Black Power. (N. E.)

⁸⁴ Charles de Gaulle (Lille, 1890 - Colombey-les-Deux-Églises, 1970). General, político, presidente e estadista francês. Liderou as Forças Francesas Livres durante a Segunda Guerra Mundial e presidiu o Governo Provisório da República Francesa, de 1944 a 1946. Presidente do Conselho de Ministros (Primeiro Ministro) em 1958 e 1959. Presidente da França de 1959 até sua renúncia, em 1969. (N. E.)

e o Partido Comunista depois da guerra. E se você está fora da República, você é o inimigo. E é assim que a população das banlieues (negros, árabes, etc.) é vista.

Eu não digo que isso é a chave para “resolver a questão da liderança”; não queremos “resolver a questão da liderança”. É apenas uma rede que publica esse pequeno jornal todo mês, e é uma maneira de envolver aqueles que estão “fora da República”, e começar uma discussão fundamental sobre a natureza do estado, do governo, do capitalismo e assim por diante. Para construir uma ponte... Há cópias das duas últimas edições aqui.

Yves Bonin: Voltando ao problema da agência. Esse foi o assunto de hoje, não foi? É realmente importante...

Um exemplo. Na França, produzimos 35% de nossa eletricidade por meio de energia nuclear. A classe trabalhadora clássica nessas usinas nucleares não quer que elas sejam destruídas. Após Fukushima⁸⁵, houve pressão para eliminá-las. A resistência vem dos sindicatos e dos trabalhadores tradicionais. Eles sabem, é claro, que não são eles que fazem o trabalho realmente perigoso – isso é feito por trabalhadores precários. Eles vão de uma usina para outra sem nenhuma proteção. Eles estão em perigo diário. Os trabalhadores tradicionais são cobertos por estatutos... Mas é um triunfo do gênio francês que tenhamos criado essa enorme indústria sem a proteção adequada. O Partido Comunista diz o mesmo. Os sindicatos dizem o mesmo.

O que vemos é que há a possibilidade de desmontar essa indústria, e substituí-la por uma rede de produção na qual cada edifício produza sua própria energia. Mas o que parece um problema técnico é, na verdade, um problema político. Porque a resposta envolve uma organização diferente não apenas da indústria, mas da própria sociedade.

Quando olhamos para o título do livro de Holloway, *How to Change Society Without Taking Power* (Como Mudar a

⁸⁵ Acidente nuclear na usina de Fukushima, localizada no Japão, ocorrido em 2011 após um terremoto. (N. E.)

Sociedade Sem Tomar o Poder). Não era essa a intenção dele quando o escreveu, mas acho que descreve exatamente o que está acontecendo. A solução existe. Requer uma mudança psicológica, mas podemos dizer que, em torno do problema da energia, podemos ver uma sociedade que vai além do capitalismo, além da sociedade atual. Há uma ligação importante aqui com o problema da agência.

Dave Hookes: A razão pela qual as elites dominantes gostam da energia nuclear é, simplesmente, porque elas podem ganhar dinheiro com subsídios estatais. Mas o aparato estatal gosta dela porque requer novos níveis de segurança, o que fortalece o Estado. Ela tem uma função dentro da estrutura política do capitalismo, para fortalecer a segurança do Estado.

Yves Bonin: Na França foi produto de De Gaulle e do PCF.

Dave Hookes: Na Grã-Bretanha, a indústria nuclear é completamente ineficiente, além de perigosa.

Yves Bonin: O WikiLeaks⁸⁶ forneceu informações.

Sean Hefferon: Uma coisa. Sobre os trabalhadores de TI. Tudo o que ouvi sobre trabalhadores manuais na China, por exemplo, é que uma grande parte da força de trabalho não está informatizada. Eles estão produzindo componentes de computador de forma manual porque a indústria chinesa, que é intensiva em mão de obra, é na verdade mais barata. O último dado que vi para a China foi que há 400 milhões de trabalhadores manuais, dos quais dois a três milhões estão na mineração. Portanto, a ideia de que a natureza do proletariado mundial está mudando de trabalho manual para trabalho de

⁸⁶ O WikiLeaks é uma organização transnacional de mídia e publicação sem fins lucrativos, com sede na Suécia, e fundada em 2006 pelo jornalista australiano e ciberativista Julian Assange. O WikiLeaks ficou conhecido por publicar documentos confidenciais de governos e empresas, e outras mídias fornecidas por fontes anônimas. (N. E.)

tipo informático é verdadeira apenas em alguns casos. Ainda há milhões e milhões de trabalhadores manuais que trabalham em condições absolutamente diabólicas. Portanto, não veremos um proletariado informatizado tão cedo. Entendo o que Dave está dizendo em termos de call centers e tudo isso...

E uma questão um pouco diferente. Estávamos falando sobre a indústria automobilística global e seu colapso em Detroit. Isso já passou. A Ford não produz mais nada em Detroit agora e, em breve, não o fará na Inglaterra também. Mas eles abriram grandes novas fábricas na China, em Xangai, uma enorme fábrica. Eles fizeram isso porque estão vendendo muitos Fords na China. A economia lá está produzindo uma classe média substancial que pode pagar carros. Voltando ao que Dave estava dizendo sobre o trabalho de serviços nos países industrializados: o trabalho manual simplesmente foi deslocado do ocidente para o oriente. E, na China, eles têm um sindicato oficial que não faz nada pelos trabalhadores, mas não há sindicatos reais. No entanto, houve greves. A grande greve dos trabalhadores de automóveis, que Anton mencionou há alguns anos, e depois essa outra greve na fábrica da Apple – Foxcomm – onde, sem qualquer organização, eles entraram em greve.

INTERVALO

Sessão de fim de tarde

Terry Brotherstone: Retomou se referindo a algumas discussões passadas, sem as quais poderia não ter havido qualquer continuidade do trabalho político, desde as rupturas do final da década de 1980, e do início até meados da década de 1990 até hoje, particularmente uma registrada numa publicação duplicada *Work in Progress*. Isso foi motivado por reflexões sobre o volume memorial para Tom Kemp, *History, Economic History*

*and the Future of Marxism*⁸⁷ (História, História Econômica e o Futuro do Marxismo), e envolveu, além de Cliff Slaughter e ele mesmo, István Mészáros e o historiador social americano Ted Koditschek, que havia enviado uma mensagem de Missouri para esta reunião, expressando arrependimento por não poder estar presente no lançamento de *Bonfire of the Vanities* (Fogueira das Vaidades).

Terry Brotherstone: Quem quer iniciar a sessão final substantiva, antes de termos algumas ideias sobre para onde, se é que vamos a algum lugar, a partir daqui?

John Davies (JD)⁸⁸: A contribuição de István foi inspiradora. Ele descreveu a história das quatro Internacionais. Só fiquei pensando sobre a questão que ficou pendente. E daí... como devemos nos organizar? Eu estava pensando no meu filho, que é político, mas nunca trabalhou. Ele toca música nas ruas. Sua educação e contato político são inteiramente através da internet. E ele se considera parte de uma discussão geral através do Zeitgeist, uma rede anticapitalista e antiglobalização que não usa a terminologia marxista, evita-a. Como podemos fazer a conexão entre o movimento trabalhista organizado e essa camada que desconfia de pessoas com o nosso tipo de história?

E há desconfiança no sentido contrário. Na Gala de Durham⁸⁹, Hilary conseguiu se comunicar com os mineiros espanhóis em sua própria língua.

É, de certo modo, um problema mais importante. Esse grupo de jovens educados, mas nunca sindicalizados, cresceu. Jovens

⁸⁷ Ver nota 3 no capítulo 4. (N. E.)

⁸⁸ John Davies (1949). Fotógrafo britânico. Cresceu em comunidades de mineração de carvão e de agricultura. É conhecido por seus projetos de exploração do equilíbrio entre a natureza e a indústria. Pesquisador sênior na Art School of University of Wales Cardiff (UWIC - 1995). Foi o primeiro fotógrafo a ser contratado para trabalhar no Museu de Londres em 2002. (N. E.)

⁸⁹ A Durham Miners' Gala, também conhecida como The Big Meeting (A Grande Reunião), é um evento anual realizado em Durham, na Inglaterra, que celebra a história e a cultura da mineração de carvão e da classe trabalhadora. (N. E.)

da classe trabalhadora não estão sindicalizados e muitos não têm educação. Parece-me que fazer essa conexão é importante.

Isto é tangencial, mas sobre como nos organizamos... Em Liverpool, há a questão de como nossos espaços públicos estão sendo privatizados. Em 2008, Liverpool foi Capital Europeia da Cultura. Eles iam construir o quarto “Grace”⁹⁰. Nunca foi construído. Eles iam construir um enorme sistema de bondes para melhorar a infraestrutura. Não fizeram. Mas construíram um enorme shopping center, o Liverpool 1, que tem uma rede de vias e ruas que são inteiramente privadas. Você não pode entrar se não for autorizado. Você não pode distribuir panfletos. Não pode protestar. Não pode fazer marchas. E o Conselho decidiu recentemente que, além daquela área não estar disponível, os jovens não podem tocar nas ruas – e Liverpool tem muitos músicos desempregados que não conseguem encontrar lugares para se apresentar. Houve, então, um protesto em massa bastante instintivo, com muitos ônibus cheios de pessoas se opondo à decisão de proibir apresentações de rua. Conectar-se com pessoas assim e seus métodos de organização... Estou apenas levantando isso como uma questão.

Eu teria gostado de fazer essa pergunta para István. Só estou lançando isso.

Patrick Slaughter: Sobre Liverpool e a Cidade Europeia da Cultura. Você tinha a polícia analisando todas essas novas ordens de exclusão que podiam impor às crianças arbitrariamente, sem nenhuma evidência. Eles tinham uma estratégia para solicitar zonas de exclusão que criavam barreiras entre lugares como Toxteth e outros, para impedir que as crianças acessassem o que estava acontecendo na Cidade da Cultura. E nesses lugares, que basicamente foram deixados para apodrecer, a polícia de Merseyside agora usa drones para vigiar as crianças.

⁹⁰ O “Grace”, mencionado no contexto de Liverpool como “quarto Grace”, refere-se a um projeto arquitetônico ou cultural planejado que não foi concretizado. (N. E.)

Terry Brotherstone: O exemplo de Edimburgo sugere que fizeram bem em não tentar o sistema de trens elétricos [urbanos]. Esse sistema tem sido um dos grandes escândalos de contratos públicos dos últimos tempos.

Mike Nelson: Falando sobre softwares de computador que não funcionam e o desejo, aparentemente, não relacionado por tênis brancos e TVs de alta definição, e outras porcarias do capitalismo, tudo isso é um sinal do que alguns chamam de “a queda da taxa de valor de uso”. É uma citação que encontrei no site da Internacional Situacionista⁹¹. Todos achávamos que algo precisava ter um valor de uso para ser vendido. Mas então descobriram a aparência do valor de uso. As coisas só precisam parecer que satisfazem alguma necessidade humana. O marketing, a publicidade e tudo isso são direcionados para fazer com que as coisas pareçam úteis, mas quando você as adquire, descobre que não são. Computadores que não funcionam e todas as outras coisas que não funcionam corretamente, como anunciado. Os computadores poderiam ser muito mais úteis do que são.

Acho que isso é uma crise de troca. E essa é uma relação social que remonta à primeira parte da revolução humana. Precisamos olhar para isso. Foi isto um ato de troca na primeira divisão do trabalho, entre homens e mulheres, entre caçadores que traziam carne de uma caçada? Pense sobre como, na maioria dos movimentos em que estivemos, o *Capital*, de Marx, era considerado. Uma crítica à economia política. Mas, como disse

⁹¹ A Internacional Situacionista foi um movimento de vanguarda radical que surgiu na Europa na década de 1950, e atuou até a década de 1970. Fundada em 1957, a organização foi formada por artistas, teóricos e ativistas que buscavam uma transformação radical na sociedade e na arte. Os situacionistas eram influenciados pelo pensamento de Marx, pela psicogeografia (o estudo das influências do ambiente urbano sobre o comportamento das pessoas) e pelo dadaísmo. Eles enfatizavam a ideia de “deriva” (um tipo de exploração flaneurística das cidades) e a criação de “situações” (momentos de experiência intensa e subversiva) como formas de contestar e transformar a vida cotidiana. (N. E.)

Marx, em 1851, ele espera terminar em breve a questão econômica, completar a crítica da economia política e “aplicar-me a outro ramo de aprendizagem no Museu”. E o que ele analisou? Bem, os manuscritos matemáticos, por exemplo. Mas há muita coisa nos *Cadernos Etnológicos*. O que ele estava olhando ali? Para ir direto ao assunto. Lamento não poder oferecer muitas respostas sobre a agência, mas deveríamos considerar uma crítica da antropologia, tão importante agora, quanto foi a crítica da economia política. E, em particular, uma crítica à forma como tantas ciências sociais hoje racionalizam as relações sociais existentes por meio da referência à chamada natureza humana, sem evidências do que aconteceu na primeira revolução humana. Isso é o que acho que deveríamos estar fazendo primeiro.

Cliff Slaughter: Só para acrescentar algo sobre esse último ponto... sobre troca no que se costumava chamar de sociedades primitivas – as primeiras sociedades. O melhor exemplo que tem sido estudado é o dos aborígenes australianos, e o ponto que sempre é destacado é que existe uma certa quantidade de comércio entre diferentes comunidades por toda a Austrália, mas o propósito disso não era tanto a troca de bens – às vezes apenas símbolos – mas sim estabelecer e restabelecer as relações sociais necessárias. Era para isso que servia, e deveríamos pensar nisso quando tiramos lições da primeira revolução humana.

Outra coisa. Acho que todos estamos aprendendo com essa discussão. Eu estou. Apenas alguns comentários sobre uma ou duas coisas. István insistiu que não bastava saber contra o que somos. Nunca fizemos muito sobre o que somos a favor. Penso que Dave Hookes abriu a verdadeira discussão sobre isso. A partir disso, podemos obter os pontos de partida para uma ou duas das próximas discussões deste tipo.

Quanto ao que Neil Rothnie disse sobre como podemos nos engajar e contribuir com as organizações da classe trabalhadora em luta, eu só acrescentaria, sim, engajar-se e tentar trazer

qualquer coisa útil que venha de nossas próprias experiências e estudos... e aprender com as coisas nas quais nos envolvemos. Novas coisas estão acontecendo que não faziam parte da nossa mentalidade antes. Será um processo complexo.

A discussão aqui reforça minha recente percepção – Yassamine destacou isso – de que aprender com os erros do movimento no passado, e não apenas descartá-lo como irrelevante, pode ajudar a evitar que esses mesmos erros sejam cometidos novamente por outros, não apenas por nós. Acho que isso significa começar olhando para as próprias fraquezas – e quero dizer as minhas. Recentemente, li o livro de Jean-Paul Sartre sobre sua infância. Sua criação em uma casa de professores, cheia de livros, levou-o a sempre colocar palavras e frases à frente da realidade. Ele passou a vida tentando se livrar desse absurdo. Isso me fez repensar toda a nossa conversa sobre trabalho teórico, o papel dos intelectuais e assim por diante. Falando por mim, eu não estava fazendo nenhum trabalho teórico ou análise real. A maior parte – se você olhar os boletins internos e os artigos – consistia essencialmente em encontrar as citações certas para cada ocasião: algo em Lênin, Trotsky ou Marx que explicasse o que estava acontecendo. Isso não é pesquisa real ou teoria real.

Sobre o papel do Estado. Se um Estado é o instrumento nas mãos de uma classe para a opressão de outra, o Estado stalinista não pode ser considerado um Estado Operário, em nenhum sentido. Certamente que não. Era um instrumento de opressão da classe trabalhadora, não algo que agisse em benefício da classe trabalhadora contra alguma outra classe. Em nenhum momento. Sei que Trotsky argumentou que estava protegendo os meios de produção, para a classe trabalhadora, que haviam sido tomados dos capitalistas em 1917; mas isso não aborda o verdadeiro papel do Estado.

Quanto ao papel do Estado nas sociedades capitalistas, o ponto foi levantado por Anton. Não acredito que o papel do Estado esteja diminuindo de forma alguma. Pelo contrário, se

é que se pode dizer isso. Trabalhando nos interesses do capital – diretamente nos interesses dos grandes monopólios, bancos e afins – o papel do Estado é cada vez mais indispensável para o capital, financiando pesquisas, resgates financeiros – alguns dos bancos nem existiriam se não tivessem controle suficiente sobre o Estado, para pegar dinheiro de nós e entregá-lo a eles. É claro, porém, que há um movimento contínuo para retirar coisas da propriedade pública ou estatal, para privatizar. Até mesmo para privatizar alguns elementos da própria máquina estatal.

Finalmente, que tipo de organização, então? Todos nós continuamos dizendo que a velha forma não é válida. Concordo com János sobre por onde começar... sobre como você pode organizar, como ele fez, com seu boletim. Mas também me lembro de uma carta que Marx escreveu a Engels sobre o declínio da onda revolucionária no século XIX. Marx diz que temos que esperar por alguma mudança no movimento real. Não adianta ficarmos cogitando sobre como gostaríamos de nos organizar: temos que nos agarrar ao que está acontecendo no movimento real lá fora. É uma questão de engajamento e de aprendizado. E Yasmine continua insistindo nas limitações das formas de organização, manifestações e protestos que temos visto, especialmente no Egito, na Tunísia e assim por diante. É verdade, eles ainda não nos levam à questão de derrubar a ordem atual. Teremos apenas que descobrir quais são as limitações e como podem ser superadas. Não sabemos. (O artigo de Jacques Chastaing do *Carré Rouge*, circulado antes da reunião, foi uma contribuição importante a esse respeito.) (T. B.)

Em último lugar. Estou desapontado que Shaun May não esteja aqui. Talvez tenham visto os seus artigos (...) sobre os “sindicatos sociais” como um caminho a seguir. Penso que, mesmo que não concordemos com tudo o que ele diz, ele levanta um ponto importante. Se um grande número, até mesmo a maioria, certamente no setor público, de trabalhadores está envolvido na prestação de serviços às pessoas comuns, qualquer ação de greve

que envolva a restrição desses serviços é prejudicial, pelo menos temporariamente, para as pessoas que precisam desses serviços. Portanto, ele propõe tentar descobrir como pode haver algum tipo de sindicato social que una as pessoas que prestam esses serviços às pessoas que precisam deles. Uma organização baseada na necessidade mútua. Em uma discussão futura, devemos examinar o artigo de Shaun May.

János Boróvi: Há outra citação do *Transitional Programme* (Programa de Transição) à qual quero voltar. É a afirmação de que sob a pressão da luta de classes o aparelho pode ir mais longe do que gostaria. Isto é fundamental, um dos postos-chave. Eu estava hospedado com Raymond⁹², em Montpelier, e ele estava lidando com seus arquivos, incluindo cópias antigas de *Informations Ouvriers* – o jornal diário da OCI, quando estávamos todos juntos no Comitê Internacional da Quarta Internacional. Em 1969, o ponto principal para mim era que estávamos lutando por estados socialistas, unidos na Europa através da revolução social no ocidente, e da revolução política no Leste.

Por acidente, encontrei uma das folhas que Raymond estava jogando fora. Foi incrível para mim. Era do *Informations Ouvriers*, nos anos de 1970, e mostra todo o problema. De um lado, a Polônia – a revolução política – houve uma revolta dos trabalhadores em Gdansk⁹³, com tanques e tudo mais. O *IO* diz que a revolução política começou e critica duramente o PC francês, que era contra os comitês de trabalhadores e a revolução política: isso está de um lado, onde também há um relatório dos trotskistas do leste europeu apoiando os trabalhadores. Do

⁹² Raymond Clavier, militante trotskista.

⁹³ Gdansk é uma cidade no norte da Polônia, localizada no Mar Báltico. É a maior cidade portuária do país. Em dezembro de 1970, Gdańsk foi palco de manifestações contra o regime comunista de Władysław Gomułka, iniciando uma greve no estaleiro de Gdansk. Durante as manifestações, militares e policiais abriram fogo contra os manifestantes, causando várias dezenas de mortes. (N. E.)

outro lado, há uma declaração – organizada por um membro da OCI – feita pelo PC, pelo Partido Socialista, pela CGT, pela Liga dos Direitos Humanos: “Pela Democracia e pela Liberdade Contra a Repressão”. Afirma que todos aqueles que contestam o direito dos sindicatos de negociar com os patrões são provocadores policiais. (E, dois anos depois, fomos expulsos da OCI, como “agentes da KGB e da CIA”.) De um lado, criticamos o PCF; do outro, declaramos que aqueles que contestam o aparelho são provocadores. Isso não era excepcional, era a natureza dual da política.

Ver isso de novo foi um choque para mim, porque pensava que a degeneração havia começado mais tarde. Mas é claro que aqui dizemos que se pode falar da longínqua Polônia, mas a verdadeira questão é, aqui na França, pressionar o aparelho, porque eles podem ser levados a ir mais longe do que desejam, e opor-se a isso é ser um agente policial. Qual é a lição para hoje? A primeira coisa é que devemos realmente, em nossa mente, ser independentes do aparelho. E se não rompemos, se não com todo o passado, pelo menos com essa parte do passado – de que o aparelho pode ir mais longe do que deseja – não conseguiremos reconhecer o que é novo hoje, o esforço da juventude trabalhadora para construir uma nova sociedade, de forma totalmente independente do aparelho. Não podemos ver isso se formos prisioneiros das ideias que costumávamos ter.

Terry Brotherstone: Há duas coisas que eu gostaria de dizer, seguindo alguns dos pontos de Cliff.

Sobre as limitações das revoluções árabes, um dos artigos que circulou foi o artigo de Jacques Chastaing, traduzido do *Carré Rouge*, que me pareceu um relato muito útil do que realmente estava acontecendo, especialmente no Egito e na Tunísia, até maio de 2012, e do que os trabalhadores estavam fazendo – o lado da história que não recebemos da grande mídia. Houve discussão na França, Yves?

O outro ponto foi sobre os sindicatos sociais. Na verdade,

já tivemos discussões sobre o trabalho de Shaun May antes. Mas, ele não está de forma alguma sozinho em levantar essas questões, e eu sei que tanto Anton, quanto Liz, tiveram algumas discussões práticas sobre esse conceito, que, em certo nível, está até se infiltrando em algumas discussões de sindicatos “oficiais”.

De uma forma diferente, surgiu na luta que acabou por se livrar de Thatcher – sobre o poll tax⁹⁴. Na Escócia houve uma discussão considerável – que foi interrompida pelo *Militant* – sobre a troca de trabalho em um nível de conselho local. O que você estava sugerindo para colocar no lugar do poll tax. E se os serviços fossem interrompidos pelo movimento massivo anti-poll tax, pelo não-pagamento e assim por diante, como poderiam os serviços ser mantidos.

Dave Temple: Permitam-me que diga algo sobre os jovens. Norman falou sobre isso. Em Durham, temos aquela que é atualmente a única grande celebração de massas dos trabalhadores, o “Grande Dia”, a Gala, que costumava ser a Gala Anual dos Mineiros. Desde a criança nas costas do pai, temos, por exemplo, atrás da bandeira da minha mina, Murton, 300 ou 400 jovens, adolescentes. No entanto, as pessoas que organizam a Gala ... eu sou um dos mais jovens e estou chegando aos 69. O que é que vai acontecer quando estivermos todos doentes ou morreremos? A Gala vai morrer? É um problema prático real.

Muitos dos slogans nas faixas são do século XIX. Religiosos, assim como radicais e socialistas. Em nosso banner temos “Produção para o Uso, Não para o Lucro”. Temos Marx em algumas bandeiras e Jesus Cristo em outras. Isso reflete a história e o desenvolvimento da consciência. E, realmente, não sabemos como isso se reflete na juventude. Perguntamos. Eles têm seu próprio sentimento de comunidade, um orgulho tanto no condado quanto na sua própria comunidade. Só estou colocando isso.

Acho que precisamos de escolas para a nova geração, nas quais possamos entender o que eles estão pensando. Há todo o tipo de problemas sociais nas vilas com alta taxa de desemprego

⁹⁴ Ver nota 7 no capítulo 2. (N. E.)

agora, que nunca tivemos que enfrentar. Drogas. Este ano tivemos um novo banner – o banner da Recuperação. Foi carregado por aqueles que estavam se recuperando do abuso de drogas. Eles tinham uma banda de jazz maluca (você poderia acreditar que estavam se recuperando das drogas). Os problemas agora são uma mistura de várias coisas diferentes.

Podemos simplesmente recuar e dizer: “Deixe que siga seu curso”. Tem de haver alguma intervenção. Mas o que fazemos? Bem, precisamos fazer parte disso. Estes são problemas sociais da classe trabalhadora e temos que estar envolvidos na busca por soluções. Podemos, é claro, propor direções, mas é fundamental estar envolvido na busca pelo caminho a seguir.

Quando os mineiros espanhóis entraram em greve, devido à comunicação eletrônica entre uma centena ou mais de ex-mineiros em todo o país, pudemos imediatamente perceber o que estava acontecendo. Durante três ou quatro semanas não saiu nada nos jornais. Mas enviamos uma delegação, na primeira semana, e discutimos o que era necessário. Fizemos uma campanha que arrecadou cerca de trinta mil euros em três semanas, com o apoio dos mineiros de Durham, e pelo NUM⁹⁵. Tentamos levar trinta mineiros para a Gala, mas no final conseguimos dois líderes que tiveram um impacto tremendo na Gala. Estabeleceu laços muito fortes entre os mineiros espanhóis e os ex-mineiros da Grã-Bretanha. Portanto, a rapidez na organização e o fato de que (diferente do Grupo Hyland⁹⁶) não lhes dissemos o que fa-

⁹⁵ O NUM – National Union of Mineworkers – é o Sindicato Nacional dos Mineiros do Reino Unido. Foi fundado em 1944 para representar os interesses dos trabalhadores da mineração de carvão na Grã-Bretanha. O NUM desempenhou um papel importante em várias disputas trabalhistas, especialmente durante a greve dos mineiros de 1984-1985, que foi uma das maiores e mais notórias greves no Reino Unido. (N. E.)

⁹⁶ Dave Hyland (1947-2013). Figura de destaque no movimento trotskista britânico. Em 1985-1986, Hyland liderou a facção do Partido Revolucionário dos Trabalhadores (Workers Revolutionary Party, WRP) que declarou seu apoio ao Comitê Internacional da Quarta Internacional, e se opôs à liderança central do partido, Gerry Healy, Cliff Slaughter e Mike Banda. Após a desintegração do WRP, foi secretário nacional do

zer, mas estabelecemos aquela unidade e arrecadamos dinheiro, ajudou a desenvolver o início de um movimento internacional. Esse é o tipo de coisa em que precisamos estar envolvidos.

Quando dissolvemos o Partido, dizíamos, com base no marxismo, que tínhamos de esperar um desenvolvimento do movimento de classe do qual faríamos parte, sem ditar nada sobre organização. Nem todos podem fazer tudo, mas precisamos nos envolver onde pudermos. O que é que está por vir? Haverá a necessidade de todo tipo de organização comunitária e seremos parte disso.

Neil Rothnie⁹⁷: Minha compreensão do marxismo não é muito sofisticada. Mas eu pensei que entendia que o capitalismo surgiu da sociedade feudal... Novos métodos de produção. Os burgueses, a burguesia emergente, existiam dentro da sociedade feudal e consolidaram seu poder através de revoluções que levaram à sociedade capitalista, que agora se desenvolveu na situação exagerada em que estamos hoje. O livro de Cliff, *Bonfire of the Certainties* (Fogueira das Certezas), que eu só consegui ler rapidamente até agora, sem digeri-lo completamente. Isso é o que parece importante para mim. Falamos sobre a decadência da sociedade capitalista, em Detroit, por exemplo. E que isso levou ao surgimento de unidades agrícolas urbanas, à auto-organização e assim por diante. Houve menção ao movimento cooperativo e como o socialismo fabiano o marginalizou. E onde se encaixam as organizações sem fins lucrativos?

Conversando com meu filho, pego-me dizendo que talvez ele precise pensar em montar seu próprio negócio. Não para se tornar um empresário capitalista, outro idiota que inventou o Facebook. Estava pensando que poderíamos conversar um pouco sobre isso. Estou procurando onde posso me encaixar, o que posso fazer. Não se trata apenas de participar de discussões com os jovens — embora eu entenda que vou aprender mais

International Communist Party e de sua organização sucessora, o Socialist Equality Party (Reino Unido). (N. E.)

⁹⁷ Neil Rothnie, militante sindical. (N. E.)

com eles do que posso lhes ensinar. Mas para onde vamos a partir daqui? Devemos começar a pensar sobre como a sociedade futura pode começar a tomar forma dentro do capitalismo decadente. Como eu disse, há um capítulo específico em *Bonfire of the Certainties* (Fogueira das Certezas) que acho que preciso ler novamente, que fala algo sobre isso. Eu ficaria feliz se o Cliff sentisse que poderia dizer algo mais sobre isso.

Liz Leicester⁹⁸: Eu não tenho respostas, apenas perguntas. Apenas para retomar o que Terry disse sobre o trabalho que Anton e eu temos feito. Neste ponto, é mais sindicalismo comunitário do que sindicalismo social. Não se desenvolveu da maneira que ocorreu, por exemplo, na Colômbia ou no México. Mas, curiosamente — embora eu ainda não saiba como avaliar sua importância —, o UNITE, o maior sindicato do Reino Unido, o antigo T&GWU e outros, está pilotando organizadores comunitários que estão recrutando qualquer pessoa que queira se juntar ao sindicato. Acho que isso está bastante desenvolvido na área de Liverpool, por exemplo. Subsídios muito baixos. Pessoas se reunindo para decidir onde colocar suas energias de campanha. Muito mais distante do que Shaun May está falando em seu artigo sobre sindicalismo social. Mas é interessante. Eles acham que precisam fazer algo diferente. Para manter o controle? Ou por melhores razões? Não sei, mas estão investindo dinheiro e energia nisso. Esse é um ponto. Eles estabeleceram cursos de formação para sindicalistas e outros.

Com a Campanha de Ação Comunitária e Sindical, CUAC⁹⁹, alguns anos atrás. De certa forma, estávamos tentando

⁹⁸ Ver nota 72 no capítulo 4. (N. E.)

⁹⁹ A Campanha de Ação Comunitária e Sindical (Community and Union Action Campaign, CUAC) tinha o objetivo de unir os grupos em luta para defender os direitos básicos e a qualidade de vida em um movimento nacional. A primeira conferência da campanha foi realizada em fevereiro de 1993, em Manchester, e reuniu líderes sindicais e pessoas que lutavam em grupos comunitários contra o ataque, cada vez maior, aos serviços e benefícios públicos. (N. E.)

enfrentar o problema de como unir diferentes seções, grupos étnicos, e assim por diante, dentro da classe trabalhadora. Não conseguimos avançar muito na época, em parte porque ainda estávamos, de certa forma, abordando isso como forasteiros com uma mensagem.

Dois outros pontos. Na verdade, são perguntas.

Achei importante a discussão sobre a tomada do poder e o poder do Estado. Gostaria de ver o desenvolvimento desse tema em todas as suas contradições. Algumas das coisas que István falou – o poder que estava nas mãos do conde Károlyi, na Hungria, que ele simplesmente entregou... aos comunistas. O que isso significa? Eu gostaria de ter aprofundado isso... e as questões levantadas por Hilary e Yassamine. A relação do Estado com as multinacionais... Ele está governando em nome delas. Estou tendo dificuldades com tudo isso e acho que precisamos de mais discussão sobre o que pareciam ser visões diferentes sobre o assunto.

E a outra coisa. A pergunta do Ritchie. O capitalismo vai sobreviver? O que significa dizer que é uma crise estrutural. Na organização antiga, vivíamos o tempo todo com a ideia de que estava prestes a acabar. Estava sempre em crise. E, como István disse, está sempre em crise, mas ele está dizendo que essa é diferente. Explorar isso também acho importante. Minha tentativa de resposta foi dizer que sabemos que o capitalismo pode sobreviver, mas às custas de milhões de vidas e até da destruição do planeta. Então, nesse sentido, do ponto de vista da humanidade, não sobreviveria.

Estas são perguntas para as quais não tenho respostas, mas sobre as quais precisamos de mais discussão, se quisermos avançar para outras áreas.

Norman Harding¹⁰⁰: Posso fazer uma pergunta? Na Gala

¹⁰⁰ Norman Harding (1929-2013). Sindicalista inglês e líder da Associação de Inquilinos e Chefes de Família de Cross Gates. Membro do Partido Revolucionário dos Trabalhadores (WRP). Editor do jornal comunitário, o Miner. (N. E.)

dos Mineiros de Durham, os sindicatos presentes – especialmente o UNITE – estavam enfatizando a defesa dos empregos. Certamente, é correto apresentar isso ao público como uma necessidade primordial. Mas existe a possibilidade de a Gala apoiar um contingente com um banner em apoio aos jovens desempregados? A questão não é apenas defender aqueles que têm empregos... E quanto aos que não têm? Isso poderia ser uma boa maneira de estabelecer contato, e também de aumentar a presença na Gala, atraindo pessoas que estavam sob as pontes bebendo cerveja enquanto a manifestação passava... Organizando a unidade entre os dois grupos, uma campanha de trabalho em torno de Durham, encontrando os desempregados, buscando a unidade entre as necessidades dos empregados e dos desempregados.

Liz Leicester: Sim, estou certa de que, em teoria, absolutamente. Valeria a pena discutir isso.

Ritchie Hunter: Achei a discussão muito útil, as coisas práticas. Isso não se refletiu nos artigos divulgados antecipadamente, que eram bastante teóricos. Como se engajar com as comunidades? Uma coisa que poderia ser feita seria registrar essas experiências práticas, para que possamos explorar as questões de uma forma diferente, e conseguir alcançar as pessoas.

A outra coisa que é realmente importante em Liverpool. Sobre sindicatos sociais. Temos essa discussão sobre o fechamento das bibliotecas e outros serviços sociais. Liverpool está muito à frente do que realmente precisa ser feito em termos de cortes. Seus planos estão muito avançados em relação ao que precisam fazer. Estão reduzindo os serviços.

Obviamente, como sindicalistas, queremos defender os empregos. Mas se os empregos acabarem e as bibliotecas e os serviços de apoio, como o Sure Start¹⁰¹, fecharem, como de-

¹⁰¹ Sure Start é um programa do governo do Reino Unido que foi criado em 1998 para apoiar crianças e suas famílias em áreas desfavorecidas. O progra-

vemos agir? Lutamos contra os cortes, é claro, mas se as coisas realmente acontecerem... Esse é um argumento real e importante com aqueles sindicalistas que não conseguem ver além da luta defensiva. Você não pode simplesmente trabalhar em uma biblioteca, fazer o trabalho de um bibliotecário. Não estou dizendo que você deve fazer o trabalho de um bibliotecário. Estou dizendo que precisamos ter essa discussão...

Terry Brotherstone: ...se sobrar alguma biblioteca...

Ritchie Hunter: Sim, claro. Uma das bibliotecas em Londres foi assumida... Barnet?

Liz Leicester: Sim, e centenas de pessoas aderiram e milhares de livros foram doados...

Ritchie Hunter: E conectando com isso... Estamos, na verdade, realizando atividades culturais em diferentes bibliotecas. Para aumentar a conscientização de que não se trata apenas de lutar contra os cortes, mas que esses são recursos que podem ser assumidos... se decidirmos fazer isso. Precisamos analisar essas questões. Conversamos antes sobre como as fábricas de automóveis nos Estados Unidos... Eu vi aquele filme sobre como eles agiram, por assim dizer, após o colapso.

Hilary Horrocks: Isso não está imediatamente relacionado, mas acho que precisamos falar sobre o estado em que se encontra o Estado britânico. O *Le Monde*¹⁰² teve uma manchete: “O Reino Unido: é o fim de uma era?”. A matéria abordava todas as coisas que têm acontecido com os pilares do Estado.

ma oferece uma variedade de serviços, incluindo suporte à educação infantil, saúde, e apoio aos pais. Com o tempo, o programa foi ajustado e alguns serviços foram reduzidos ou modificados devido a cortes orçamentários. (N. E.)

¹⁰² *Le Monde* é um jornal diário francês, fundado por Hubert Beuve-Méry, e continuamente publicado em Paris desde a sua primeira edição, em 19 de dezembro de 1944. (N. E.)

A Investigação Leveson¹⁰³ sobre corrupção na imprensa. O encobrimento sistemático da polícia foi exposto pela reabertura da investigação sobre o desastre do estádio de Hillsborough¹⁰⁴, ocorrido há vinte e três anos. O incrível caso de Jimmy Savile¹⁰⁵ – o abuso de mulheres e crianças no coração de, pelo menos, uma grande instituição. Esses são acontecimentos devastadores na vida do Estado britânico.

Acho que isso se encaixa, de certa forma, com o que István estava dizendo sobre o estágio em que as transições revolucionárias foram feitas. Mas também não estou certo sobre nossa discussão sobre a natureza do Estado, e como isso se relaciona com o que queremos dizer por transição revolucionária.

Liz Leicester: Eu concordo. E precisamos voltar à questão do que estamos a favor, assim como ao que estamos contra. Como respondemos ao que está sendo destruído e desmontado.

Dave Hookes: Com relação às revelações sobre o Estado britânico. Não devemos subestimar o que aconteceu no Quênia, na década de 1950¹⁰⁶. Monbiot, no *The Guardian*, forneceu

¹⁰³ Investigação Leveson. Investigação judicial pública iniciada em 2011 sobre as atividades da imprensa britânica na sequência de escutas telefônicas e uso de influência por parte de funcionários do seminário The News of the World. Funcionários do extinto jornal News of the World se envolveram em escutas telefônicas, suborno policial e influência indevida sobre matérias. (N. E.)

¹⁰⁴ A Tragédia de Hillsborough foi um incidente que ocorreu em 15 de abril de 1989, no Estádio Hillsborough, em Sheffield (Inglaterra), durante o jogo da semifinal da Copa da Inglaterra, entre o Liverpool FC e o Nottingham Forest. Foi o maior desastre do futebol inglês. Durante o incidente, devido à superlotação do estádio, 95 torcedores do Liverpool morreram pisoteados, e outros 766 ficaram feridos. (N. E.)

¹⁰⁵ Jimme Savile (1926-2011). DJ e conhecida figura da mídia britânica. Após sua morte em 2011, centenas de acusações de abuso sexual contra ele foram investigadas. Em 2013, um relatório publicado pela Associação Britânica para a Prevenção do Abuso Infantil, a Sociedade Nacional para a Prevenção da Crueldade contra Crianças e o Serviço de Polícia Metropolitana afirmou que 500 pessoas denunciaram Savile por abuso, entre 1955 e 2009. (N. E.)

¹⁰⁶ Em 1959, as forças coloniais britânicas no Quênia cometeram um massacre

detalhes gráficos sobre o nível de brutalidade do imperialismo britânico no Quênia, e agora é uma história que vai ganhar destaque. Há agora muitos pedidos de compensação. Pessoas foram castradas, outras queimadas vivas por nossos corajosos meninos britânicos.

A outra coisa que é ainda mais significativa são as recentes revelações sobre o papel central da City de Londres¹⁰⁷ no sistema financeiro, na configuração capitalista mundial. Há um livro importante do jornalista do *Financial Times*, Nicholas Shaxson, *Treasure Islands: tax havens and the men who stole the world* (Ilhas do Tesouro: paraísos fiscais e os homens que roubaram o mundo)¹⁰⁸. Ele descreve, em detalhes extraordinários, as profundezas do sistema financeiro no qual ex-colônias do Império Britânico agora são paraísos fiscais, e pelo menos metade da economia mundial passa por esses paraísos fiscais. Em outras palavras, metade dos impostos devidos não estão sendo pagos, enquanto os trabalhadores são solicitados a reduzir seus gastos... Talvez \$5 trilhões não estejam sendo pagos. As revelações desse livro são impressionantes, mesmo para pessoas que acham que estão por dentro do capitalismo.

Já ouviram falar, por exemplo, sobre o Remembrancer? Ele se senta atrás da cadeira do Presidente da Câmara dos Comuns e acompanha toda a legislação que está tramitando, relatando de volta à City. Isso acontece há 500 anos.

A profundidade de tudo isso é espantosa.

A natureza da City de Londres, e as atrocidades e depravações associadas ao Império Britânico estão agora vindo à tona...

durante a rebelião Mau Mau, em um campo de detenção colonial em Hola, uma pequena cidade às margens do rio Tâna. A rebelião Mau Mau (1952-1960) foi uma guerra na Colônia Britânica do Quênia (1920-1963) entre o Exército de Terra e Liberdade do Quênia (Kenya Land and Freedom Army, KLFA), também conhecido como Mau Mau, e as autoridades britânicas. (N. E.)

¹⁰⁷ A City de Londres, frequentemente referida como “The City”, é o centro financeiro e comercial histórico de Londres. (N. E.)

¹⁰⁸ SHAXSON, Nicholas. *Treasure Islands: tax havens and the men who stole the world*. UK: The Bodley Head, 2011. (T. B.)

Terry Brotherstone: E a crise é que isso está vindo à tona. Até agora, tem sido suprimido.

Muitos sabiam sobre Hola Camp, e outros eventos no Quênia, mas agora o judiciário teve que reconhecer isso, e conceder o direito de buscar compensação às vítimas e aos seus familiares.

Clare Cowen¹⁰⁹: Hilary criou Savile, e Dave criou Quênia. Ambos são importantes para mim por causa de conexões pessoais.

Savile primeiro. Há algo ainda mais fundamental do que as coisas terríveis que aconteceram às vítimas. Em que estado estava a sociedade. Pessoas como Janet Street Porter¹¹⁰ e Esther Rantzen¹¹¹, dizem que sabiam que esse tipo de coisa estava acontecendo. Não eram elas que poderiam ter agido, mas testemunham que isso era conhecido. Estávamos em uma sociedade onde essas coisas eram conhecidas e consentidas. Eram aceitas. Isso é importante para o nosso movimento devido à nossa experiência com Healy e seu abuso sexual. Concordo com Harriet Harman¹¹² em um ponto – quando ela diz que

¹⁰⁹ Clare Cowen nasceu na África do Sul, e viveu na Rodésia do Sul antes de ir para a Universidade de Bristol. Trabalhou nos jornais do Partido Revolucionário dos Trabalhadores (Workers Revolutionary Party - WRP), e seu antecessor, o Socialist Labour League, do final dos anos 1960, até o fim do Partido, nos anos 1990. Vive no sudeste de Londres. Foi um dos cinco membros do Partido que secretamente fizeram planos para desafiar Healy (WRP). Em um livro revelador, esclarece tudo. Autora de: *My Search for Revolution & How we brought down an abusive leader*, Matador, 2019. (N. E.)

¹¹⁰ Janet Street-Porter (1946). Jornalista e apresentadora de mídia inglesa. Editora de moda do Evening Standard, apresentadora de rádio da London Broadcasting Company, editora e produtora da série Network 7, no Canal 4, executiva da BBC Television, de 1987 a 1994, editora do The Independent on Sunday, de 1999 a 2002. Desde 2011, ela tem participado regularmente em programas de televisão. (N. E.)

¹¹¹ Esther Louise Rantzen (1940). Jornalista e apresentadora de televisão inglesa. Apresentou a série de televisão *That's Life!*, da BBC, por 21 anos, de 1973 a 1994. (N. E.)

¹¹² Harriet Harman (1950). Advogada e política britânica do Partido Trabalhista. (N. E.)

não precisamos apenas de uma investigação sobre as vítimas, mas sobre que tipo de sociedade era essa que aceitava tais coisas. O que isso diz sobre as relações humanas, sobre as relações na sociedade entre seres humanos?

Penso eu que este também é o caso do Quênia. Não sei até que ponto essas coisas eram conhecidas. Mas uma mulher americana, cujo nome eu esqueci, começou uma tese de doutorado sobre os Mau Mau. Ela estava interessada na maneira como os britânicos estavam fazendo coisas positivas – trazendo mulheres para os campos e as ensinando a costurar, entre outras coisas. Então sua pesquisa mostrou que a história era o oposto. Esses campos eram brutais. Ela escreveu *Britain's Gulag* (Gulag da Grã-Bretanha)¹¹³.

Está saindo agora. Martin Rowson¹¹⁴ fez uma caricatura no *The Guardian* mostrando de um lado a bravura de James Bond, e do outro o campo de detenção no Quênia, com um oficial britânico supervisionando. Não há problema em ficar com Bond, mas dizem que as outras coisas aconteceram há muito tempo.

Mas o que surge é a questão das relações humanas na sociedade em que vivemos. Jimmy Savile é a ponta de um iceberg. Isso nos leva além do nível de discussão de “era aceitável beliscar o bumbum de mulheres nos anos 1950” ou de comparações com o que era o comportamento padrão da polícia naquela época, como retratado naquela popular série de TV¹¹⁵. Tudo isso está emergindo de uma forma muito mais profunda.

¹¹³ ELKINS, Caroline. *Britain's Gulag: The Brutal End of Empire in Kenya*. Londres: Pimlico, 2005. (T. B.)

¹¹⁴ Martin Rowson (1959). Editor cartunista e escritor britânico. Dedicou-se à sátira política. Seus desenhos aparecem, frequentemente, no *The Guardian* e no *Daily Mirror*. Contribuiu para outras publicações, incluindo *Tribune*, *Index on Censorship* e *Morning Star*. (N. E.)

¹¹⁵ Acho que a referência é à *Life on Mars*. (T. B.). *Life on Mars* (Vida em Marte) é uma série de televisão britânica da BBC One, que acompanha a vida de um policial de Manchester, Inglaterra, transmitida entre 2006 e 2007. (N. E.)

E, deixe-me mencionar as Olimpíadas. Londres foi um lugar completamente transformado durante as Olimpíadas¹¹⁶. Realmente havia uma sensação de felicidade. E a cerimônia de abertura: houve um momento. Particularmente a declaração final: “Isso é para todos.” E Berners-Lee¹¹⁷ e a internet. Tudo isso apontando para o tipo de sociedade que poderíamos ter. Ok, foi superficial, foi breve.

Mas o básico de tudo isso é a questão de qual é o nosso relacionamento com as outras pessoas. O que queremos. Não a sociedade individualista Thatcherista. Uma ideia de comunidade está borbulhando sob a superfície. Isso me dá alguma esperança.

Bozena Langley: Quero acrescentar à discussão sobre a situação na Grã-Bretanha. É chocante o que estamos ouvindo agora. Como essas revelações estão impactando e quais são nossas atitudes reais em relação a elas? A investigação sobre Savile trouxe à tona alegações sobre a existência de uma poderosa rede de pedofilia, não apenas na BBC, mas também em Westminster, e até possíveis ligações com o escritório do primeiro-ministro, durante a era Thatcher. Eu trabalho com assistentes sociais e, predominantemente, a explicação seria, bem, era o clima da época. Mas também ouvi que as crianças, nos anos 60 e 70, não tinham realmente direitos e, portanto, era aceitável porque não era ilegal. Alegou-se que havia pressão para eliminar a idade de consentimento completamente.

A questão dos direitos das crianças em todo o mundo, e sua contínua exploração sexual e como trabalhadoras, é importante em tudo isso, embora talvez seja um assunto para outra discussão.

¹¹⁶ Jogos Olímpicos realizados de 27 de julho a 12 de agosto de 2012. (N. E.)

¹¹⁷ Timothy John Berners-Lee (Londres, 1955). Físico, cientista da computação e professor do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (Massachusetts Institute of Technology, MIT). Inventor da Rede mundial de computadores (World Wide Web). Foi homenageado durante a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Londres 2012, onde tuitou ao vivo “This is for everyone” (Isso é para todos). (N. E.)

Liz Leicester: Uma informação. Concordo com Bozena que a questão das crianças, e como elas são tratadas em uma sociedade, é muito, muito importante. Mas quero voltar agora à questão das Olimpíadas.

Eu sei, pelos trabalhadores da saúde com quem estive trabalhando, que o governo tentou muito fazer com que toda a seção sobre o Serviço Nacional de Saúde fosse removida da cerimônia de abertura de Danny Boyle¹¹⁸. Fiquei surpreso por ter passado. Mas, curiosamente – e novamente, eu só sei isso por meio de terceiros, mas de pessoas que participaram, pessoas que representam os trabalhadores de limpeza, enfermeiros, e assim por diante, que estavam envolvidos – que Sebastian Coe, o lorde conservador que estava no comando geral, não concordou com o governo. Só posso pensar que foi porque centenas e centenas de pessoas que haviam sido juradas de segredo teriam visto isso como um escândalo. Então é muito interessante. Como aquela celebração do Serviço Nacional de Saúde conseguiu ser divulgada, mundialmente, exatamente no momento em que a “reforma” do Serviço Nacional de Saúde estava passando pelo parlamento, sem ter sido incluída em nenhum manifesto, mas claramente planejada antes de entrarem no governo? Se estivesse no manifesto do partido dos Tories, provavelmente não teriam sido eleitos. Mas Coe teve que dizer: “Vocês têm que deixar isso acontecer.”

Anton Moctonian: A privatização do NHS¹¹⁹ é um exemplo do que eu quis dizer com o encolhimento do Estado e vem acompanhada de cortes de milhões de libras. É um ataque massivo. E parte da literatura – trabalhos bastante bons dos anos 1970 e 1980 – fala sobre o salário social. Algumas das ideias quando os primeiros cortes começaram, nos anos

¹¹⁸ Danny Boyle (1956). Diretor e produtor de cinema britânico. Dirigiu a cerimônia de abertura das Olimpíadas de Londres de 2012. (N. E.)

¹¹⁹ O NHS, ou National Health Service, é o sistema de saúde pública do Reino Unido. Criado em 1948, o NHS oferece serviços de saúde gratuitos, no ponto de atendimento, para todos os residentes do Reino Unido, financiado por impostos gerais. (N. E.)

1970... Os sindicatos “de esquerda” (os Scanlons e os Joneses) abraçaram isso. Sempre houve uma tensão entre os sindicatos do setor privado e do setor público sobre isso. Uma das ideias que ajudou a curar a divisão – e este governo da Coalizão tem sido muito bom em explorar essa divisão, demonizando o setor público (“pensões douradas” e coisas assim) – foi a ideia do salário social, em outras palavras, o pagamento que todos os trabalhadores recebiam em termos de NHS, educação (compare isso com £9000 por ano agora para estudar para um diploma) e assim por diante. Era uma ideia que ajudava a superar a divisão setorial.

Com relação ao ponto que Liz levantou. Sindicalismo comunitário. Se você recruta membros da comunidade, está desenvolvendo algo além de um sindicato. Sindicatos são organizações para negociação coletiva com o empregador. Estamos falando de recrutar o que poderíamos chamar de proletariado não remunerado. Provavelmente, em termos de defesa dos serviços que o Estado fornece, esse vínculo com a comunidade, com os usuários de serviços, as alianças mais amplas possíveis na comunidade, tornam-se extremamente importantes. O sindicalismo em si, como método de operação, é totalmente inadequado. Não consegue lidar com essas questões. Os sindicatos organizam apenas seções da classe trabalhadora e as organizam dentro de seções. Superar isso e desenvolver formas de organização que sejam adequadas para a tarefa à frente, tanto na defesa das provisões estatais existentes, quanto, ao mesmo tempo, construindo algo melhor – uma «associação livre de produtores», o objetivo dos socialistas e comunistas – desenvolver essas novas formas de organização, é muito importante.

É uma questão que está sendo colocada em todos os lugares. As nossas velhas formas de organização, sejam social-democratas, as seitas em proliferação, que são tão inúteis e cheias de velhos dogmas, são formas adequadas para o que enfrentamos agora? E como inventamos e desenvolvemos no-

vas formas?

O que eu gostei da discussão de hoje é que ela seguiu a linha de algo que li há muito tempo em Mészáros, sobre a “pluralidade” dentro da classe trabalhadora. É um processo muito plural, não é uma questão de uma única forma de organização. Talvez precisemos de formas diferentes para setores diferentes. Há uma enorme diferenciação... e é uma estratégia gerencial incentivar isso. Precisamos pensar muito sobre formas de organização, mas estou certo de que há formas possíveis. Precisamos nos organizar, mas não da maneira antiga.

Dave Temple: Quando chamei Jimmy Savile de “Rasputin”... em termos do Estado britânico, lembrem-se que ele foi convidado de Thatcher, no Chequers¹²⁰. Ele estava envolvido com a família real, com a BBC.

E essa questão dos direitos das crianças. Fizeram um grande alarde sobre a comunidade paquistanesa “aliciando crianças”, e apresentaram isso como uma questão cultural. Mas e a ‘cultura’ que permitiu que Savile agisse assim, quando sabiam o que estava acontecendo? E disseram que era uma ‘escolha de estilo de vida’ dessas crianças fazerem isso... E quanto a esse tipo de cultura?

E quanto à cultura que permitiu, na década de 1970, que enviássemos crianças órfãs para todas as partes da Commonwealth para serem exploradas em fazendas, e de outras formas por padres católicos...!

Não é apenas sobre o Quênia. Muitos de nós sabíamos o que estava acontecendo no Quênia. Lembro-me de ter visto fotografias dos campos [de prisioneiros] na década de 50. Malásia! Tínhamos fotografias deles decapitando os assim-chamados insurgentes na Malásia... Curiosamente, entre trabalhadores que haviam servido na Coreia, e em outros lugares, a execução de

¹²⁰ Chequers. A residência de campo oficial do primeiro-ministro do Reino Unido, localizada no condado de Buckinghamshire, no sul da Inglaterra. (N. E.)

prisioneiros era uma ocorrência cotidiana.

Mas a questão agora é que as pessoas estão cientes de tudo isso. Isso representa uma mudança significativa. Falamos sobre isso na década de 1960, mas ninguém acreditava. Agora as pessoas acreditam. É um enorme avanço.

János Borovi: A experiência na Espanha sobre como se aproximar dos jovens e como organizá-los. Há tantos movimentos sociais de diferentes tipos tentando encontrar maneiras alternativas de organizar a produção, o consumo, a agricultura, questões de energia e assim por diante. Mas quanto ao tipo de organização... não acho que precisamos tentar descobrir algo novo. É uma questão de ir e estar presente, estar envolvido. O mais importante: ser capaz de coordenar grandes manifestações e assim por diante. E é isso que está acontecendo. Primeiro, com o movimento antiglobalização. E depois, com os indignados. E funciona. Precisamos ajudar, mas não dar lições. Aprendemos muito com eles e, nesse contexto, podemos fazer contribuições com nossa própria experiência. Mas se formos lá apenas para ensinar, não estaremos indo a lugar algum.

Cliff Slaughter: Só uma coisa rápida. Sobre os direitos das crianças. Nas atas da Primeira Internacional, você pode ler que o próprio Marx propôs uma longa resolução sobre os direitos das crianças... Mas sou eu novamente usando citações para a ocasião certa!

Terry Brotherstone: Algumas reflexões rápidas e, em seguida, teremos alguns minutos para falar sobre o futuro desta discussão.

O que os conservadores (Tories) se opuseram na seção do NHS, do evento Olímpico de Boyle, alguém disse, foi simplesmente que as camas não tinham um cartaz de “À Venda” nelas.

Hilary se referiu ao artigo do *Le Monde* sobre a crise do Estado britânico. Há outros pontos que poderíamos abordar, mas não tivemos tempo. Veja o que está acontecendo na Grã-Bretanha, no setor de educação superior. A crise é absoluta-

mente profunda. O exercício de privatização da Coalizão na Inglaterra, País de Gales e Irlanda do Norte está implodindo sobre si mesmo. O sistema de taxas e empréstimos estudantis, que eles implementaram, vai custar mais ao “contribuinte” do que o sistema de financiamento estatal anterior.

E essa é uma das maneiras pelas quais as diferenças dentro do Reino Unido, que outrora era altamente unitário, tornam-se significativas. Não falamos sobre – algo que o artigo do *Le Monde* abordou – a independência da Escócia. O interesse não está tanto no fato de que alguns conservadores querem declarar a Escócia, em algum (muito limitado) sentido, como “independente”, enquanto ao mesmo tempo nos asseguram que se submeterão à autoridade da rainha, ao Banco da Inglaterra e, agora, à OTAN¹²¹ (embora preferíssemos não ter seus submarinos nucleares, obrigado!). O que é interessante não é isso em si, mas o fato de que está causando uma enorme agitação. Por que não apenas fazê-lo e seguir em frente como antes? Mas não, o governo de Westminster está agora fazendo da “preservação do Reino Unido”, em sua forma atual, um foco principal de suas atividades. Mesmo mudanças modestas são vistas como potencialmente transformadoras para a fachada de autoridade.

Mas para seguir em frente. Cliff falou sobre “discussões futuras” e não houve discordância. Presumo que estamos a favor de futuras discussões. Mas em que formato? Podemos criar algo que ainda não conseguimos... e Ritchie destacou que o que foi circulado para esta reunião foram documentos formais, em vez de discussões, embora tivéssemos a intenção de que Steve Drury criasse um sistema de comunicação mais interativo, mas infelizmente ele esteve doente... podemos fazer algo que discutimos há muito tempo, que é ter uma presença web dedicada para dar

¹²¹ A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), frequentemente referida pela sigla em inglês NATO (de North Atlantic Treaty Organization), é uma aliança militar intergovernamental, baseada no tratado assinado em 4 de abril de 1949. Surgida no contexto da Guerra Fria, a OTAN constitui um sistema de defesa coletiva, através do qual os seus Estados-membros (América do Norte e Europa) concordam com a defesa mútua. (N. E.)

continuidade a esta discussão? O que significa um camarada ou camaradas administrando isso.

Mais imediatamente, alguns de nós, eu acho, pretendem se encontrar informalmente, amanhã de manhã, para discutir questões desse tipo. E também. Eu tenho cuidadosamente enviado comunicações em cópia oculta para todos até agora, porque sei que algumas pessoas não gostam de ter seus endereços de e-mail divulgados abertamente, sem permissão, em e-mails coletivos. Mas a partir de agora, espero que todos possamos dar permissão para que todos vejam os e-mails uns dos outros, para que possa haver uma discussão interativa geral.

Queremos, acho, garantir que a discussão tenha um futuro, e que isso não acabe sendo apenas uma boa reunião, mas simplesmente mais uma reunião...